



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPGPsiCC

Alvinan Magno Lopes Catão

**Epistemologia da Sexualidade em Psicanálise:
um estudo sobre a constituição histórico-conceitual e a legitimação
epistêmica das formulações freudianas**

Tese de doutorado completa a ser apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, na linha de pesquisa Psicanálise, Subjetivação e Cultura da Universidade de Brasília como requisito para o título de doutor.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliana Rigotto Lazzarini

Brasília
2022

Banca Examinadora:

Presidente: _____

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

Membro Externo: _____

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Membro Externo: _____

Prof. Dr. Cristovão Giovanni Burgarelli

Membro Interno: _____

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes

Membro Suplente: _____

Profa. Dra Márcia Cristina Maesso

Agradecimentos

Agradeço:

**Aos meus pais, Antônio e Maria Francisca, pela vida, educação e sabedoria
concedidas com suor, por vezes, com sacrifícios próprios;**

**Aos meus irmãos, Anderson e Alaine pelas discussões, brigas e pela interlocução de
ideias;**

**Ao amor da minha vida, Carla, pela paciência, dedicação, compreensão e
cumplicidade;**

À minha filha Sarah, pela experiência de paternidade;

**À minha orientadora Eliana pelo acolhimento, intervenções e incentivo
compromissado com a minha pesquisa e formação;**

**Aos professores Richard Simanke, Cristovão Burgarelli, Luiz Augusto M. Celes, Ana
Maria Loffredo e Márcia Cristina Maesso por terem se disposto a contribuir na
qualificação e/ou defesa;**

**Aos meus Colegas da linha de pesquisa Psicanálise, Subjetivação e Cultura pelos
estudos compartilhados, debates e fecundos trabalhos em equipe;**

Á CAPES pela bolsa de estudos;

**Agradeço a todos que de uma ou outra forma estão contribuindo para o
desenvolvimento dessa tese.**

Resumo

Tomando a epistemologia da sexualidade em psicanálise como tema e área de investigação, objetiva-se nessa tese um estudo sobre a constituição e a legitimação epistêmica das formulações freudianas de sexualidade: noções e conjunto conceitual. Assim, optou-se por uma metodologia histórico-conceitual que considera tanto a evolução e reformulação dos conceitos no interior das noções conceituals e teorias ao longo da obra de Freud, quanto o modo de pensar do autor, suas orientações epistêmicas e a relação desta com alguns determinantes sociais, problemáticas de época e influências. A partir da investigação de obras específicas de Freud sobre a sexualidade, as suas noções, seu conjunto conceitual (*Trieb*; apoio; libido; bissexualidade; sexualidade feminina) e também das de outros estudiosos de epistemologia e teoria psicanalítica, procurou-se descrever e discutir as concepções freudianas, buscando relacioná-la com as orientações científicas e/ou filosóficas que as legitimam do ponto de vista epistêmico. A investigação foi dividida em três momentos: a primeira busca descrever e discutir as formulações de sexualidade em Freud das primeiras obras pré-psicanalíticas até o esboço da teoria do sonho-desejo; a segunda parte da formulação da teoria da sexualidade infantil às teorias sistemáticas de *Trieben*; a terceira a partir do esboço da sexualidade feminina, situando as origens, o desenvolvimento, as problemáticas e limites. O estudo permitiu constatar que Freud, ao longo de sua obra, concebe a sexualidade: 1. associada a uma concepção etiológica do trauma que busca explicar os fundamentos das neuroses, em um primeiro momento enquanto teoria da sedução; em um segundo momento, enquanto teoria da fantasia; 2. a partir de uma perspectiva epistemológica monista e por uma ontologia naturalista, que tomam as ciências naturais como único modelo científico; 3. orientada por princípios e concepções físico-químicas clássicas – tais como os da física newtoniana – e biológicas – principalmente darwinianas; 4. como elo conflituoso e/ou convergente entre a dimensão perverso-polimorfa e a função reprodutiva; 5. como um componente teórico-conceitual das teorias sistemáticas de *Trieben*, sendo associada e legitimada pelos conhecimentos, principalmente, da ciência biológica; 6. em sua especificidade feminina, ou seja, como sexualidade feminina, em um primeiro momento, a partir de uma perspectiva do monismo sexual da libido, tratada como única e masculina, legitimada pelo modelo fálico-castrado e definida pela equiparação entre ativo e masculino, passivo e feminino; em um segundo momento a partir de um monismo libidinal, refletindo a complexidade e os limites do problema dessa equiparação. O estudo permitiu constatar que o naturalismo de Freud, entendido como naturalismo aberto ao fenômeno, é determinante para o entendimento e investigação da sexualidade e para a sua evolução teórico-conceitual. Procurou-se evidenciar que o estudo do naturalismo freudiano em uma perspectiva que considera sua dimensão ontológica – conservadorismo ontológico, ontologia do ser natural/sexual, dualismo ontológico – e sua dimensão epistemológica – monismo epistemológico; epistemologia de inspiração naturalista; passagem metodológica – é necessário para apreender o modo de pensar epistêmico do autor, sem a qual uma teoria da sexualidade em psicanálise não seria possível.

Palavras-chave: Epistemologia em psicanálise; Sexualidade; História; Legitimidade Epistêmica; Freud

Abstract

Taking the epistemology of sexuality in psychoanalysis as a theme and area of investigation, this thesis aims to study the constitution and epistemic legitimation of Freudian formulations of sexuality: notions and conceptual set. Thus, we opted for a historical-conceptual methodology that considers both the evolution and reformulation of concepts within the notions of concepts and theories throughout Freud's work, as well as the author's way of thinking, his epistemic orientations and its relationship with some social determinants, problems of the time and influences. From the investigation of specific works by Freud on sexuality, its notions, its conceptual set (Trieb; support; libido; bisexuality; female sexuality) and also those of other scholars of epistemology and psychoanalytic theory, we tried to describe and discuss Freudian conceptions, seeking to relate them to the scientific and/or philosophical orientations that legitimize them from an epistemic point of view. The investigation was divided into three moments: the first seeks to describe and discuss Freud's formulations of sexuality from the first pre-psychoanalytic works to the sketch of the dream-desire theory; the second part of the formulation of the theory of infantile sexuality to the systematic theories of Trieben; the third from the outline of female sexuality, locating the origins, development, problems and limits. The study showed that Freud, throughout his work, conceives sexuality: 1. associated with an etiological conception of trauma that seeks to explain the foundations of neuroses, at first as a theory of seduction; in a second moment, as fantasy theory; 2. from a monistic epistemological perspective and a naturalist ontology, which take the natural sciences as the only scientific model; 3. guided by classical physical-chemical principles and concepts – such as those of Newtonian physics – and biological – mainly Darwinian ones; 4. as a conflicting and/or convergent link between the perverse-polymorphic dimension and the reproductive function; 5. as a theoretical-conceptual component of Trieben's systematic theories, being associated and legitimized by knowledge, mainly, from biological science; 6. in its feminine specificity, that is, as female sexuality, at first, from a perspective of sexual monism of the libido, treated as unique and masculine, legitimized by the phallic-castrated model and defined by the equation between active and masculine, passive and feminine; in a second moment from a libidinal monism, reflecting the complexity and limits of the problem of this equation. The study showed that Freud's naturalism, understood as naturalism open to the phenomenon, is crucial for the understanding and investigation of sexuality and for its theoretical-conceptual evolution. We tried to show that the study of Freudian naturalism in a perspective that considers its ontological dimension – ontological conservatism, ontology of the natural/sexual being, ontological dualism – and its epistemological dimension – epistemological monism; epistemology of naturalistic inspiration; methodological passage – it is necessary to apprehend the author's epistemic way of thinking, without which a theory of sexuality in psychoanalysis would not be possible.

Keywords: Epistemology in psychoanalysis; Sexuality; History; Epistemic Legitimacy; Freud

Zusammenfassung

Ausgehend von der Epistemologie der Sexualität in der Psychoanalyse als Thema und Untersuchungsgebiet zielt diese Arbeit darauf ab, die Konstitution und epistemische Legitimation von Freudschen Formulierungen der Sexualität zu untersuchen: Begriffe und konzeptionelle Menge. Daher haben wir uns für eine historisch-konzeptionelle Methodik entschieden, die sowohl die Evolution und Neuformulierung von Konzepten innerhalb der Konzepte von Konzepten und Theorien in Freuds Werk als auch die Denkweise des Autors, seine erkenntnistheoretischen Orientierungen und ihre Beziehung zu einigen sozialen Determinanten berücksichtigt. Probleme der Zeit und Einflüsse. Ausgehend von der Untersuchung spezifischer Werke von Freud über Sexualität, ihre Vorstellungen, ihren Begriffssatz (Trieb; Unterstützung; Libido; Bisexualität; weibliche Sexualität) und auch die anderer Wissenschaftler der Erkenntnistheorie und psychoanalytischen Theorie haben wir versucht, Freudsche Konzepte zu beschreiben und zu diskutieren, versuchen, sie mit den wissenschaftlichen und/oder philosophischen Orientierungen in Beziehung zu setzen, die sie aus epistemischer Sicht legitimieren. Die Untersuchung war in drei Abschnitte unterteilt: Der erste versucht, Freuds Formulierungen der Sexualität von den ersten vorpsychoanalytischen Arbeiten bis zur Skizze der Traum-Wunsch-Theorie zu beschreiben und zu diskutieren; der zweite Teil der Formulierung der Theorie der infantilen Sexualität zu den systematischen Theorien von Trieben; der dritte aus dem Umriß der weiblichen Sexualität, der Ursprünge, Entwicklung, Probleme und Grenzen aufzeigt. Die Studie zeigte, dass Freud in seinem gesamten Werk Sexualität so konzipiert, dass sie 1. mit einer ätiologischen Konzeption des Traumas verbunden ist, die versucht, die Grundlagen von Neurosen zu erklären, zunächst als Theorie der Verführung; in einem zweiten Moment als Phantasietheorie; 2. aus einer monistischen erkenntnistheoretischen Perspektive und einer naturalistischen Ontologie, die die Naturwissenschaften als einziges wissenschaftliches Vorbild nehmen; 3. geleitet von klassischen physikalisch-chemischen Prinzipien und Konzepten – wie denen der Newtonschen Physik – und biologischen – hauptsächlich Darwinschen; 4. als widersprüchliches und/oder konvergentes Bindeglied zwischen der pervers-polymorphen Dimension und der Reproduktionsfunktion; 5. als theoretisch-konzeptioneller Bestandteil von Triebens systematischen Theorien, assoziiert und legitimiert durch Erkenntnisse vor allem aus der Biowissenschaft; 6. in ihrer weiblichen Spezifität, also als weibliche Sexualität, zunächst unter dem Gesichtspunkt des sexuellen Monismus der Libido als einzigartig und männlich behandelt, durch das phallisch-kastrierte Modell legitimiert und durch die Gleichsetzung zwischen aktiv und männlich definiert, passiv und weiblich; in einem zweiten Moment von einem libidinösen Monismus, der die Komplexität und die Grenzen des Problems dieser Gleichung widerspiegelt. Die Studie zeigte, dass Freuds Naturalismus, verstanden als phänomenoffener Naturalismus, entscheidend für das Verständnis und die Erforschung der Sexualität und für ihre theoretisch-konzeptionelle Evolution ist. Wir haben versucht zu zeigen, dass das Studium des Freudschen Naturalismus in einer Perspektive, die seine ontologische Dimension – ontologischer Konservatismus, Ontologie des natürlichen/sexuellen Wesens, ontologischen Dualismus – und seine erkenntnistheoretische Dimension – erkenntnistheoretischer Monismus; Erkenntnistheorie der naturalistischen Inspiration; methodologische Passage – es ist notwendig, die epistemische Denkweise des Autors zu verstehen, ohne die eine Theorie der Sexualität in der Psychoanalyse nicht möglich wäre.

Schlüsselwörter: Erkenntnistheorie in der Psychoanalyse; Sexualität; Geschichte; Epistemische Legitimität; Freud

Sumário

Introdução.....	10
Algumas considerações iniciais.....	10
Para uma Epistemologia da Sexualidade em Psicanálise: delimitando o tema, conhecendo as produções da área e apresentando os problemas de pesquisa.....	14
Percurso metodológico.....	23
Capítulo 1: As Primeiras Noções teóricas e Teorias da Sexualidade em Freud: das formulações pré-psicanalíticas ao esboço da teoria do sonho-desejo.....	27
1.1 As formulações freudianas sobre a sexualidade e a sua ruptura epistemológica..	27
1.2 Algumas considerações históricas e teórico-metodológicas sobre as noções e formulações de sexualidade nas publicações pré-psicanalíticas, em algumas cartas e nas primeiras publicações psicanalíticas.....	33
1.3 Genealogia de <i>Trieb</i> e a sexualidade a partir das formulações do <i>Projeto</i>.....	58
1.4 A teoria do sonho-desejo e a sexualidade: uma discussão epistêmica sobre as formulações freudianas considerando a análise de Politzer.....	72
1.5 O Caso Dora ou a passagem do <i>Wunsch</i> genérico para um entendimento ou pré-formulação sobre a estrutura e a função da sexualidade.....	89
Capítulo 2: As Formulações sobre a Sexualidade de <i>Trieb</i>: da teoria da sexualidade infantil às teorias sistemáticas de <i>Trieben</i>.....	97
2.1 Uma teoria da sexualidade a partir de <i>Trieben</i>: algumas considerações epistêmicas sobre a primeira edição dos <i>Três ensaios</i>.....	97
2.2 A primeira teoria sistemática de <i>Trieben</i>: sobre a reformulação conceitual, o conservadorismo epistêmico freudiano, as bases biológicas da sexualidade e a formulação teórica de apoio.....	115
2.3 A segunda teoria sistemática de <i>Trieben</i>: sobre a imersão na episteme biológica, o modo de pensar darwiniano e a reafirmação de uma epistemologia naturalista da sexualidade aos moldes freudianos.....	126

Capítulo 3: As Formulações sobre a Sexualidade Feminina: surgimento, desenvolvimento, problemáticas e limites.....	146
3.1 A noção de uma sexualidade feminina na obra freudiana desde as origens.....	146
3.2 O desenvolvimento da concepção de sexualidade feminina: uma discussão sobre a conceituação freudiana e algumas problemáticas 1920-1931.....	151
3.3 A sexualidade feminina propriamente dita: um estudo crítico sobre as últimas concepções freudianas e seus limites.....	174
3.3.1 <i>Sexualidade Feminina</i> ou a consideração da vinculação pré-edipiana e a defesa dos complexos de Édipo e castração e do modelo fálico-castrado.....	175
3.3.2 <i>Feminilidade</i> ou a complexificação da atribuição ativo:masculino e passivo: feminino, a desmasculinização da libido e o conservadorismo epistêmico da falta de pênis.....	188
 Considerações Finais: algumas sínteses dos resultados, limites e perspectivas.....	205
 Referências.....	219

Introdução

Algumas considerações iniciais

Este é um trabalho sobre história e epistemologia da psicanálise. Surge do desejo do pesquisador em compreender e problematizar criticamente os fundamentos epistêmicos de sua abordagem, método e metodologia de profissão - que também orientam a sua visão de homem e mundo, da experiência clínica, das leituras, interpretações e discussões da obra freudiana, realizada desde a graduação em psicologia. Encontra-se também relacionado à experiência formativa e de pesquisa do mestrado em psicologia, cujas principais vertentes foram as bases históricas e epistemológicas da psicologia.

Para o entendimento do tema da presente pesquisa, é importante destacar que a ideia da sexualidade é uma das mais importantes da teoria psicanalítica. É sobre essa que se assenta a base do edifício freudiano (Roudinesco & Plon, 1998; Jorge, 2007). No entanto, essa ideia complexa não pode ser reduzida a um simples conceito ou a uma teoria, uma vez que foi constantemente formulada e reformulada, recebendo diversos entendimentos em diferentes momentos da obra de Freud. Daí um importante motivo para o estudo sobre a constituição histórica da noção de sexualidade e o seu conjunto conceitual ao longo desta para trazer luz ao modo de pensar e aos problemas formulados pelo autor, suas contribuições e limites, a partir de cada momento de sua época. Apesar das constantes formulações da ideia de sexualidade desde os escritos pré-psicanalíticos até os últimos escritos psicanalíticos, Freud não abandona a sua posição monista de ciência (Assoun, 1983; Simanke 2013), oriundo da sua formação enquanto médico e pesquisador, tampouco a sua visão de homem e mundo, ambas marcada pelo naturalismo (Carvalho, 2018; Gabbi Junior, 2003).

Acredita-se que o naturalismo de Freud vai se reconfigurando ao longo de sua obra, o que se expressa no desenvolvimento de uma metapsicologia com a sua nova linguagem

conceitual, na qual a sexualidade e seu conjunto conceitual passam progressivamente a ocupar um lugar de destaque. Essa reconfiguração conceitual metapsicológica pode ser constatada na leitura comparativa de dois textos específicos: *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *A interpretação dos sonhos* (1900). Defende-se, em hipótese, que, de um ponto de vista do modo de pensar, essa reconfiguração não altera o status epistêmico do naturalismo freudiano, mas acrescenta a esse um método específico e uma nova linguagem (meta) psicológica, que Freud também procurará legitimar ancorado nos conhecimentos das ciências naturais, e particularmente os da biologia.

De maneira geral, essa tese toma as formulações sobre a sexualidade em Freud a partir do conjunto conceitual *Trieb* (pulsão/instinto), libido, apoio, bissexualidade, sexualidade feminina como uma importante base teórica da psicanálise e entende a necessidade de um estudo aprofundado de suas concepções por um viés histórico-conceitual que apresente um entendimento de sua complexa constituição e sobre as formas de legitimá-las epistemicamente. É importante destacar que tais concepções estão ligadas à prática clínica, uma vez que essas passam também a operar como uma lupa teórico-metodológica para a leitura e interpretação do indivíduo/sujeito, suas relações com os outros e com o mundo. Acredita-se que este estudo possa trazer esclarecimento e algumas problematizações para pensar as multifacetações da prática clínica psicanalítica contemporânea, uma vez que poderá permitir o entendimento de algumas das múltiplas determinações (histórica, epistemológica, ontológica, social, política) que devem ser consideradas na elaboração do conhecimento que orienta sua práxis.

Um estudo sobre a constituição histórico-conceitual e a legitimação epistêmica da sexualidade e seu conjunto conceitual em Freud pode ser justificado acadêmica e socialmente. Academicamente, pois caminha rumo à produção de um saber que pode vir a contribuir para o entendimento e desvelamento da complexidade teórico-metodológica das formulações

freudianas sobre a sexualidade, trazendo algumas respostas e novas problematizações para a clínica psicanalítica contemporânea. Assim, acredita-se que este possa contribuir ainda para os debates epistêmicos contemporâneos dos quais a psicanálise faz parte.

Um desses debates, tal como bem apresentado por Bezerra Junior (2013), se refere a (re)aproximação da psicanálise das neurociências. Com a chamada “virada naturalista” do final do século XX, oriunda de estudos mais aprofundados sobre estrutura e função cerebral, alguns pesquisadores das neurociências tem se voltado para os textos propriamente neurológicos de Freud, tais como o *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico (1891)* e *Projeto para uma psicologia científica (1895)*. O surgimento da chamada “neuropsicanálise” evidencia a edificação de uma linha tênue entre essas duas áreas do saber humano.

Outro debate epistêmico fecundo e importante da psicanálise contemporânea é em relação às ciências sociais. Autores como Dunker, Safathe e Silva Junior (2018) são alguns exemplos dos que tem se empenhado em estabelecer esse contato, buscando aplicar o leque de possibilidades para além da clínica psicanalítica clássica. Uma das facetas desse debate envolve pensar as contribuições epistêmicas que a psicanálise pode oferecer para uma melhor compreensão dos fenômenos sociais. Outra faceta envolve a leitura psicanalítica das novas configurações psicopatológicas, oriundas das transformações histórico-sociais do capitalismo da segunda metade do século XX. E, particularmente, como essas configurações se constituem fundamentalmente.

Acredita-se que o trabalho possa trazer para o mundo acadêmico algumas elucidações sobre o modo de pensar freudiano em sua articulação interna com a própria teoria considerando também seus determinantes externos históricos e sociais, que estão intimamente ligados à produção e legitimação desta.

No que compete às possíveis contribuições sociais dessa pesquisa, acredita-se que esta possa trazer esclarecimentos e novas problematizações para os fundamentos da clínica

psicanalítica que hoje também faz parte da cultura brasileira. No Brasil, a psicanálise é também uma profissão, estando presente nas chamadas escolas de formação. Acredita-se que a investigação sobre a epistemologia da sexualidade em Freud possa trazer algumas respostas e também novas questões para a compreensão da complexidade do fazer analítico, aprofundando o entendimento dos seus fundamentos que, por vezes, tendem a se perder em um emaranhado teórico sincrético, muitas das vezes sem uma unidade objetiva, o que acaba por sugerir práticas difusas (Roudinesco & Plon, 1998; Tupinambá, 2014).

Um estudo teórico e histórico-conceitual ainda se justifica pela necessidade de apresentar e esclarecer sistematicamente à sociedade e à comunidade acadêmica, as concepções, o modo de pensar do autor e como este reverbera na prática clínica, uma vez que seu manejo é moldado pela teoria e vice-versa. A ideia é possibilitar condições reflexivas para a constante problematização, atualização e reinvenção da psicanálise, enquanto teoria e prática, da qual fala Jorge (2017). No entanto, para que essa reinvenção aconteça de forma autêntica, torna-se necessário compreender a epistemologia da psicanálise, cujo presente estudo se delimitou às formulações da sexualidade em Freud: suas noções e conjunto conceitual.

Para uma Epistemologia da Sexualidade em Psicanálise¹: delimitando o tema, conhecendo algumas produções da área e apresentando os problemas e objetivos de pesquisa

Neste tópico, procurar-se-á apresentar o entendimento do que se denominou como epistemologia da sexualidade em psicanálise. Com isso, além de melhor delinear qual leitura, viés e perspectiva serão utilizadas nas pesquisas, pretende-se delimitar o tema, no intuito de orientar a pesquisa inicial para a construção dos problemas e objetivos dessa. Assim convém apresentar algumas definições de epistemologia e epistêmico para a elucidação de uma definição específica sobre o tema da tese.

De acordo com Abbagnano (2014), epistemologia é um termo de origem grega que apresenta duas acepções principais: a primeira tem sentido sinônimo de gnosiologia ou de teoria do conhecimento; a segunda reporta-se ao sentido de filosofia da ciência. Para efeito de compreensão, de acordo com o autor, é importante dizer que os dois significados estão estreitamente interligados, pois na filosofia moderna e contemporânea o conhecimento está intimamente ligado à ciência. Existem outras especificações que complementam e delimitam o sentido de epistemologia entre ramos da teoria do conhecimento, métodos de estudo ou tipos de abordagem científica de problemas, tais como: epistemologia evolucionista; epistemologia genética; epistemologia pós-positivista; entre outros (Abbagnano, 2014).

Por sua vez, o termo epistêmico se refere a alguns sentidos. Abbagnano (2014) apresenta três: o primeiro refere-se à episteme, tanto no que concerne à concepção epistêmica de ciência, como no que reporta à morte epistêmica do homem; o segundo é concernente ao

¹ Por sugestão da Banca Examinadora, é importante explicar o sentido do título dessa tese para evitar ruídos no entendimento. O mesmo se refere à teoria da sexualidade em Freud. Nesse sentido, o que será investigado nessa tese não é a validade epistêmica da sexualidade nesse autor, nem a sexualidade em geral, mas as concepções teóricas de Freud em relação ao entendimento da sexualidade. Ou seja, trata-se da forma como ele representa a sexualidade nocional e conceitualmente. Assim, poder-se-ia dizer de uma epistemologia da teoria da sexualidade em Freud.

conhecimento ou a justificação das crenças, relacionado, por exemplo, ao “contexto epistêmico”, à “lógica epistêmica” ou à “justificação epistêmica”; o terceiro se refere àquilo que depende do conhecimento, como por exemplo: “a concepção epistêmica da verdade” ou sobre a “concepção epistêmica do realismo”.

Procurar-se-á, nessa tese, usar epistemologia no sentido de teoria do conhecimento ou gnosiologia, na qual entende-se como um ramo da filosofia que se ocupa do conhecimento científico-filosófico e suas formas de legitimação. E epistêmico, a propriedade ou qualidade de um conhecimento justificado, ou seja, referido aos meios metodológicos e lógico-argumentativos que são utilizados para a legitimação de um método, conceito, construção teórica ou teoria como saber e prática verdadeiros. Nesse sentido, compreende-se que a psicanálise freudiana possui uma epistemologia e também uma ontologia, ou seja, existem concepções metodológicas (epistemológicas) e de ser (ontológicas) que orientam às constatações descritivo-analíticas das experiências clínicas. Essas concepções derivam também de alguns núcleos filosóficos e científicos que ora estão explícitos, ora implícito no modo de pensar freudiano.

É importante destacar que o próprio Freud, tal como descreveu Mezan (2011), sempre se reconheceu como um cientista, um pesquisador e um investigador, procurando orientar suas pesquisas e suas formulações ancorado nas ciências naturais, o que Assoun (1983) nomeou como monismo epistemológico. Apesar de Freud não discutir explicitamente ontologia em sua obra, tal como discute os requisitos epistemológicos do método, acredita-se que esta está presente em seu modo de pensar a partir de outros signos e nomes, principalmente quando o autor discute o estatuto dos seres animados e inanimados. Entende-se por ontologia o ramo da metafísica que trata da natureza, da realidade e a existência do ser e suas formas. A partir da modernidade, a concepção ontológica passa a estar intimamente relacionada com a epistemologia, o que envolve pensar a produção do conhecimento em suas

múltiplas determinações (Abbagnano, 2014). E com essa definição de epistemologia, epistêmico e ontologia, buscar-se-á discutir as formulações freudianas de sexualidade, entendendo que essas, na obra freudiana, estão representadas em noções e em um conjunto conceitual (*Trieb*; libido; bissexualidade; apoio; sexualidade feminina), tal como destacou Roudinesco e Plon (1998), que possui uma articulação interna, tal como demonstrou Mezan (2011), e também são efeitos de determinantes sociais e históricos.

Para o entendimento do que se chamou de epistemologia da sexualidade, é importante dizer que esse tema se encontra intimamente relacionado aos estudos sobre a epistemologia psicanalítica, e principalmente sobre a freudiana. No que se refere às contribuições dessa área que toma a psicanálise como objeto de estudo filosófico, vale citar o trabalho de George Politzer (1998) *Crítica dos fundamentos da psicologia – a psicologia e a psicanálise*. Essa obra traz uma importante análise epistemológica do modo de operação epistêmica em Freud, tanto no que compete ao método de investigação que levam às novas descobertas, quanto ao procedimento hermenêutico da interpretação. A partir de uma análise crítica da psicologia clássica, principalmente a de Wundt (1832-1920) e Fechner (1801-1887), o autor analisa a evolução do método psicanalítico em relação ao método introspectivo, apresentando também alguns de seus limites. As análises de Politzer (1998) são importantes, sobretudo, por esmiuçar a constituição dos procedimentos investigativos freudianos que levam também às formulações sobre a sexualidade.

O livro de Assoun (1983), *Introdução à epistemologia freudiana* é, sem dúvidas, um dos principais trabalhos sobre o tema da epistemologia em psicanálise. Nele, o autor procura apresentar a constituição e o modo de operação do pensamento freudiano, seus fundamentos filosóficos e bases científicas legitimadoras. Identifica os fundamentos epistemológicos do freudismo e também os fundamentos históricos da metapsicologia. No que compete aos fundamentos epistemológicos, o autor apresenta a estrutura filosófico-científica do

pensamento freudiano que se conserva ao longo de sua obra. Essa estrutura é apresentada por Assoun (1983) em termos de um monismo e conservadorismo epistemológico, os quais procura evidenciar também para a defesa da constituição de uma epistemologia naturalista em Freud. Em relação à metapsicologia freudiana, o autor procura apresentar as influências de alguns modelos esquemáticos que constituem a processualidade de suas dimensões: da anatômica à tópica – modelo bruckiano; da tópica à dinâmica – modelo harbartiano; e sobre a econômica – modelo fechner-helmholtziano. As análises de Assoun (1983) sobre a constituição da epistemologia freudiana são muito importantes, entre outras contribuições, para se pensar a especificidade epistemológica da sexualidade em psicanálise, uma vez que se propõe abordar extensa e amplamente a epistemologia freudiana.

Os trabalhos de Gabbi Junior (1987; 2003) trazem também muitas contribuições para a epistemologia psicanalítica. Esse autor é um dos percussores dos estudos da epistemologia da psicanálise no Brasil. Foi o autor que traduziu pela primeira vez o *Projeto para uma psicologia científica* de Freud diretamente do alemão. Especificamente, Gabbi junior (2003) investigou as relações epistêmicas entre a psicanálise e a filosofia de John Stuart Mill, admitindo que a primeira possui uma dívida com a segunda. Suas pesquisas a respeito dessa relação culminaram no livro *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*, que apresenta a tradução do *Projeto* do alemão para o português e notas explicativas sobre o texto. Nesse trabalho, Gabbi Junior (2003) discute nas notas os fundamentos utilitaristas da psicanálise a partir da análise dessa obra, escrita por Freud em 1895, mas só publicado postumamente em 1950. Nessa análise, o autor defende a tese de que as formulações metapsicológicas freudianas são tributárias de um projeto para uma psicologia científica de John Stuart Mill. O autor afirma que, conhecendo essas raízes utilitaristas, tornam-se inteligíveis as várias questões sobre a metapsicologia freudiana. As contribuições

de Gabbi Junior (2003) apontam para alguns desvelamentos da epistemologia freudiana e sua íntima relação com a filosofia e, principalmente, com o associacionismo nominalista.

Outra importante contribuição aos estudos da epistemologia freudiana se encontra no livro *Sexualidade e subjetivação: um estudo do Caso Dora* de Celes (1995). Nesse trabalho, o autor desenvolve um estudo aprofundado do caso Dora, iniciado por Freud em outubro de 1900, mas só publicado em 1905 no texto *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Trata-se, na visão de Celes (1995), de um dos mais importantes casos freudianos. No estudo dos processos envolvidos nesse caso, Celes (1995) evidencia que a sexualidade já havia se constituído como um importante objeto de estudo da psicanálise na época, apesar de uma teoria geral ainda não ser formalizada, tal como seria nos *Três ensaios* em 1905. Os estudos do autor levam em consideração as tensões existentes entre o fundador da psicanálise e a paciente Dora entre outras dimensões que perpassam o caso, tais como a singularidade, o conjunto conceitual e a presença do próprio Freud. Celes (1995) procura apresentar o processo de construção e de estruturação da subjetividade a partir de uma leitura do embate analítico entre Freud e Dora, no qual se forma uma compreensão da sexualidade intimamente relacionada ao processo de subjetivação. Entre outras contribuições específicas de Celes (1995), vale destacar que seu livro apresenta uma leitura sobre os fundamentos da reorganização e transição nocional da sexualidade em Freud para o conjunto conceitual da sexualidade que se desenvolveria a partir dos *Três ensaios*.

Nessa mesma linha de analisar a constituição epistêmica e epistemológica do saber psicanalítico, se inserem os trabalhos de Simanke (2009; 2013; 2014a; 2014b). Esse autor, além de discutir a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas na teoria psicanalítica a partir da tomada de posição freudiana por uma epistemologia naturalista (Simanke, 2009), também investiga e problematiza algumas formulações epistemológicas de Lacan, tais como o entendimento de falta e sexualidade, desenvolvendo importantes diferenciações epistêmicas

com as formulações freudianas (Simanke, 2013). No entanto, seus trabalhos sobre o tratamento do *Trieb* freudiano como instinto são, de fato, os mais originais. A partir de uma crítica aos autores pós-freudianos que buscaram afastar o conceito da sua significação biológica, o autor propõe o tratamento e tradução de *Trieb* como instinto. Nesse empreendimento, desenvolve uma argumentação contra as principais críticas ao uso do termo instinto em Freud, apresentando seu sentido semântico em língua alemã e percorrendo os entendimentos epistêmicos freudianos em relação à sexualidade, à reprodução, à agressividade e à autodestrutividade. O autor defende um diálogo entre psicanálise e biologia, essa última que é enfática e explicitamente defendida por Freud. Busca trazer algumas formulações do campo da biologia evolucionária de orientação neodarwinista e da sociobiologia, com o intuito de argumentar sobre a sua compatibilidade e/ou convergência com as teses freudianas (Simanke, 2014a; 2014b). Os trabalhos de Simanke são muito importantes, especificamente, por discutir o campo da biologia e sua relação com a epistemologia naturalista assumida por Freud. Relação essa que se expressa nas formulações de sexualidade.

Outra contribuição epistemológica importante está contida no livro *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências* de Bezerra Junior (2013). Nesse livro, o autor investiga e discute inicialmente a história e o conteúdo da obra *Projeto para uma psicologia científica* de Freud, ao mesmo tempo, evidenciando a importância epistemológica e estratégica desse texto no que tange às possibilidades de aproximação entre as neurociências e a psicanálise contemporânea. O autor apresenta os principais debates contemporâneos entre neurociências e psicanálise, reiterando a possibilidade de se avançar na construção de um campo de interlocução entre essas áreas no que tange a investigação da subjetividade humana. Entre outras contribuições, o autor também apresenta uma bem argumentada crítica ao

materialismo eliminativista, uma tendência radical nas neurociências atuais, que busca reduzir todos os fenômenos mentais às funções e processos neurais.

No que se refere à constituição epistêmica da metapsicologia freudiana destacam os trabalhos de Ferreti e Loffredo (2013) e Loffredo (2017). No primeiro trabalho, os autores investigam a temática darwiniana em Freud, ou seja, como Freud se refere a Darwin ou às suas ideias em sua obra. Essa investigação chegou a importantes resultados, não somente por confirmar a influência de Darwin, mas sobretudo por evidenciar algumas indicações de que Freud tenha buscado em Darwin não apenas subsídios conceituais a respeito da dinâmica anímica do homem – desde a importância do patrimônio instintivo na determinação de suas ações a preceitos sobre o seu funcionamento afetivo – como também um modelo de teorizar. Essa investigação leva a consideração de que Freud reconheceu em Darwin um aliado epistêmico, alçando relações entre psicanálise e evolucionismo, o que pode ser observado na transformação da temática darwiniana no desenvolvimento teórico da psicanálise. Esse trabalho é importante por possibilitar questões sobre a influência darwiniana nas formulações de sexualidade na obra de Freud.

Na mesma linha de investigar as influências de Freud, Loffredo (2017) examina as ideias de John Stuart Mill no pensamento freudiano, considerando principalmente a obra *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Essa investigação procurou demonstrar a importância dessa obra para o estudo dos fundamentos das concepções freudianas sobre a linguagem alçando relações com as concepções vindouras, tal como as inclusas nas formulações metapsicológicas. A autora dá o exemplo da noção de “representação” (*Vorstellung*). Conclui que a perspectiva assumida por Freud seria inspirada por uma filosofia que pretendia atender a sua ambição científicista, o direcionando a uma teoria sobre os atos irracionais articulada a outra, referenciada e amparada pelo associacionismo nominalista de John Stuart Mill.

A tese de Carvalho (2018) apresenta uma importante contribuição ao investigar o território da ciência da natureza em Freud. Partindo da ideia de que Freud, ao longo de sua obra, não abandona a proposta de que a psicanálise é uma ciência da natureza, o autor investiga os argumentos de teor epistemológico, ontológico e metodológico no intuito de compreender a concepção de ciências da natureza em Freud, e também o que essa pode oferecer enquanto versão freudiana do naturalismo. O autor defende que existe em Freud um compromisso ontológico em todas as suas concepções de mente, presente inclusive em seu texto *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Conclui que esse compromisso leva ao entendimento de que os termos ontológicos dos fenômenos psíquicos sejam melhor compreendidos com base no que Freud designa por processo. O autor sugere que, graças ao compromisso ontológico de Freud, torna-se possível compreender o caráter de indispensabilidade da metapsicologia freudiana.

Como constatado: existem importantes estudos sobre a epistemologia da psicanálise que discutem importantes aspectos epistêmicos relacionados à concepção de sexualidade em psicanálise. É a partir também dessas contribuições, problemas, limites e controvérsias que delimitou-se o tema à epistemologia da sexualidade em Freud. Com base nessa pesquisa inicial, é possível afirmar que um estudo específico sobre epistemologia da sexualidade na obra freudiana, considerando a passagem das noções de sexualidade ao conjunto conceitual e às teorias e discutindo a legitimidade epistêmica e o modo de pensar freudiano no que remete a esse tema, ainda não foi desenvolvido. Constata-se também que ainda não existe uma área de pesquisa específica – ao menos nomeada - centrada na relação entre as concepções de sexualidade em psicanálise, epistemologia, ontologia e história que se nomeou nessa tese de epistemologia da sexualidade. Defende-se a epistemologia da sexualidade como uma subárea dessa grande área investigativa e de estudos epistêmicos emergentes, a epistemologia da psicanálise. Trata-se de uma área que se especifica nos estudos referentes às constituições

epistêmicas da sexualidade no interior das teorias psicanalíticas, do ponto de vista da filosofia da ciência, a epistemologia.

Tomando a epistemologia da sexualidade como uma área específica de estudos e investigação do saber psicanalítico, problematiza-se: Como opera o modo de pensar epistêmico de Freud no que tange à sexualidade, a partir das primeiras noções e de seu conjunto conceitual *Trieb*, libido, bissexualidade, apoio e sexualidade feminina? Quais são e como se apresentam as concepções científico-filosóficas que Freud utiliza para legitimar suas concepções sobre a sexualidade por meio das noções e seu conjunto conceitual? Em que termos se é possível pensar uma epistemologia naturalista ou um naturalismo freudiano nas formulações de sexualidade? Qual a relação de tais formulações com o contexto histórico-social no qual elas se desenvolvem?

Esses problemas podem ser transpostos para o seguinte objetivo geral: desenvolver um estudo sobre a constituição histórico-conceitual e a legitimação epistêmica das formulações de sexualidade em Freud, buscando desenvolver uma área específica de investigação em psicanálise, a epistemologia da sexualidade. Tem como objetivos específicos: apresentar as origens e o desenvolvimento das concepções de Freud sobre a sexualidade (libido; bissexualidade; *Trieb*; apoio) desde os escritos pré-psicanalíticos até a consolidação da teoria do sonho-desejo, buscando articular algumas relações com as concepções científicas e/ou filosóficas que ampararam e/ou legitimaram suas formulações; compreender as formulações sobre a sexualidade do *Trieb* (pulsão/instinto), buscando situar a articulação interna da teoria de Freud e também suas relações com o contexto histórico-social; descrever e discutir epistemicamente como aparecem as formulações da sexualidade feminina, origens e desenvolvimento, problemáticas e limites.

Percurso metodológico

O papel da metodologia em uma pesquisa científica é de extrema importância, sobretudo por dispor os procedimentos que lhe norteia na consecução dos objetivos propostos. De acordo com Abbagnano (2014), o termo metodologia se refere a quatro significados diferentes: o primeiro está relacionado à lógica ou parte dessa disciplina que estuda o método; o segundo remete à lógica transcendental aplicada; o terceiro ao conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências; o quarto à análise filosófica de tais procedimentos. No que se refere ao método o autor designa dois significados fundamentais: 1. qualquer método ou orientação de pesquisa; 2. um procedimento organizado de investigação repetível e autocorrigível que garante uma orientação particular de pesquisa. Nessa pesquisa, tomou-se a metodologia como um conjunto de procedimentos metodológicos, envolvidos em uma pesquisa teórica. E método como uma orientação particular de pesquisa, aqui denominado como “método histórico” e especificamente “método histórico-conceitual”, tal como sugerem Mezan (2011) e Simanke & Caropreso (2018).

Entende-se que o método histórico-conceitual, a ser utilizado nessa pesquisa, representa um caminho para acessar o surgimento e o desenvolvimento de um conceito ou de uma teoria tanto no que concerne a sua articulação interna da obra de um autor, quanto no que compete ao contexto sociocultural no qual esse está inserido esse último. Com esse método, é possível adentrar no sentido de um conceito ou teoria e também no modo de pensar do autor, situando-o em uma processualidade histórica dinâmica (Mezan, 2011; Simanke & Caropreso, 2018). Trata-se, como descrevem Simanke e Caropreso (2018), de um dos meios de investigação da pesquisa teórica em psicanálise. Meio este que se conecta com a epistemologia da psicanálise, uma vez que possibilita viajar nas distâncias temporais e espaciais para acessar as suas origens e também as formas de legitimação epistêmica do(s) autor (es).

Nesse percurso é necessário ressaltar que, por se tratar de um autor nascido no século XIX e falecido no século XX e de ter produzido uma vasta obra e possuir ampla documentação sobre a sua existência, Freud pode ser estudado pelo método histórico-conceitual. Assim, a conceituação e concepções desse autor são tomadas como objetos de estudo histórico e epistêmico dessa tese. Outra ressalva importante, no que compete ao método, é a relação entre o olhar do presente sobre uma produção do passado. Buscando escapar das chamadas tendências ou interpretações presentistas, procurar-se-á trazer as concepções tal como formuladas e pensadas pelo autor da maneira mais próxima possível das suas conceituações originais em relação ao contexto de época. No entanto, essa atividade não será realizada de forma totalmente historicista, uma vez que se reconhece a inevitável participação da subjetividade do pesquisador na construção do sentido.

Desse modo, optou-se, de maneira geral, por um modo proceder investigativo de cunho descritivo-analítico, buscando, inicialmente, descrever as formulações do autor, como um outro do passado, tratamento sugerido por Certeau (2002), para assim analisá-las e/ou discuti-las em diferentes aspectos que são objetos de escolha do pesquisador. Dentre essas estão: concepções epistemológicas e ontológicas do autor; comparação diacrônica das formulações nas obras, buscando entender a conservação ou transformação de uma formulação teórica; contradições no modo de pensar do autor; influências científico-filosóficas externas; relação com o contexto histórico-social, entre outras.

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, no interior do método histórico-conceitual, serão utilizados outros procedimentos da pesquisa teórica. De acordo com Demo (2000), essa modalidade de pesquisa visa reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar os fundamentos teóricos. Assim vale destacar que tal metodologia além de discutir os fundamentos de determinadas teorias,

possibilita uma discussão sobre os contra-argumentos, levando também, assim, ao questionamento de hipóteses.

A pesquisa histórico-conceitual do presente trabalho se especifica por ser realizada em psicanálise sendo, assim, uma pesquisa em psicanálise. Quanto a isso vale destacar que, de acordo com Figueiredo e Minerbo (2006), essa se diferencia do método psicanalítico de análise clínica, uma vez que trata a psicanálise como objeto. No método psicanalítico de análise clínica, de acordo com esses autores, o que é tratado como objeto são os processos inconscientes, tal como sugeriu Freud. Na pesquisa teórica, investigam-se aspectos teóricos da psicanálise. É nessa linha de pesquisa que se insere a investigação histórico-conceitual da epistemologia da sexualidade em psicanálise.

Quanto ao procedimento metodológico, a pesquisa foi dividida em cinco momentos: mapeamento de trabalhos mais recentes sobre história e epistemologia da psicanálise; mapeamento das noções e do conjunto conceitual da sexualidade nas obras de Freud e outras fontes; leitura, análise e interpretação do material mapeado; organização e sistematização dos resultados; escrita.

Para o mapeamento de trabalhos e registro das informações foi utilizada a metodologia da pesquisa bibliográfica. Quanto à essa modalidade de pesquisa, Lakatos e Marconi (2011) afirmam que a mesma é o primeiro passo de praticamente quase todas as pesquisas, sendo que algumas são desenvolvidas exclusivamente por esse meio. É uma pesquisa que possibilita ao pesquisador e, posteriormente, ao leitor, tomar conhecimentos, por meio de fontes bibliográficas, das principais teorias, concepções e descobertas sobre o tema estudado. No que tange ao mapeamento da literatura mais recente, a pesquisa bibliográfica foi realizada em sites acadêmicos, bibliotecas físicas e virtuais. O mapeamento das noções e conjunto conceitual da sexualidade foi realizado nas obras de Freud (Edição Standard Edition;

Obras psicológicas de Sigmund Freud; Autêntica) nas cartas de Freud a Fliess (Masson 1986) e outras fontes bibliográficas sobre história e epistemologia da psicanálise.

Tendo mapeado, analisado e organizado os resultados da pesquisa, passou-se para o último nível: a escrita da pesquisa. Esta foi desenvolvida de forma criativa no intuito de possibilitar novas leituras, revisões e análises corretivas dos resultados. Essa escrita está organizada em três capítulos e as considerações finais, onde se procura fazer uma síntese dos estudos, apresentando contribuições e limites.

No primeiro capítulo, procura-se apresentar as primeiras formulações de sexualidade em Freud partindo das primeiras noções, passando pelas publicações pré-psicanalíticas até o esboço da teoria do sonho-desejo. Neste capítulo serão estudadas as primeiras noções e conceitos formulados por Freud a partir de um viés epistemológico, procurando elucidar suas principais concepções epistêmicas de sexualidade. No segundo capítulo serão descritas e discutidas epistemologicamente as formulações da sexualidade do *Trieb*, partindo dos *Três ensaios* às teorias sistemáticas dos *Triebes*. Em um terceiro capítulo, pretende-se descrever e discutir criticamente as formulações de sexualidade feminina de Freud, apresentando seu surgimento e desenvolvimento em sua obra, assim como suas principais problemáticas e limites.

Capítulo I

As Noções Teóricas e as Primeiras Teorias da Sexualidade em Freud: das formulações pré-psicanalíticas ao esboço da teoria do sonho-desejo

Neste capítulo serão apresentadas e discutidas as primeiras formulações de sexualidade de Freud a partir de um estudo histórico-conceitual. Para tanto, buscar-se-á seguir o rastro de suas noções teóricas e seu conjunto conceitual: *Trieb*, bissexualidade, libido apoio, desde as publicações pré-psicanalíticas até o esboço da teoria sistemática do sonho-desejo. Inicialmente, apresentar-se-á algumas linhas sobre a ruptura epistemológica operada pelas as formulações freudianas de sexualidade. Posteriormente, será apresentado o estudo sobre como essas aparecem desde as primeiras noções até o desenvolvimento da primeira teoria da sexualidade propriamente dita. Reconhecida a importância do conceito de *Trieb* e sua íntima articulação teórica com a sexualidade, será desenvolvido um estudo sobre a origem do termo/conceito a partir do *Projeto para uma psicologia científica*, buscando situar e discutir as principais concepções epistêmicas de Freud sobre a sexualidade, assim como as perspectivas filosófico-científicas que as amparam. E, por último, buscar-se-á desenvolver um estudo sobre as formulações do sonho-desejo e sua relação com a sexualidade a partir da leitura e discussão de *A interpretação dos sonhos*, tomando como principal referência a análise crítica de Georges Politzer.

1.1 As formulações freudianas sobre a sexualidade e a sua ruptura epistemológica

As formulações sobre a sexualidade representam um importante arcabouço teórico da psicanálise no qual está inscrito a ruptura epistemológica de Freud em relação a muitos paradigmas e pressupostos da sexologia do século XIX. Trata-se de uma nova conceituação

que é oriunda de fazer epistêmico, ou seja, de uma atitude de problematização e pesquisa (Roudinesco & Plon, 1998; Ellenberger, 1970).

O interesse de Freud pela sexualidade e pelas ciências naturais deriva de sua formação médica. Como estagiário do professor de anatomia comparada Carl Claus (1835-1899), inicialmente fez suas pesquisas sobre reprodução sexual de enguias. É também durante a sua formação médica que Freud entra em contato com Ernst Brücke (1819-1892), tornando-se seu aluno e contribuinte de laboratório por seis anos. A perspectiva epistemológica de Brücke, um grande representante da escola fisiológica de Herman von Helmholtz (1821-1894), estava relacionada à rejeição de qualquer tipo de finalismo e vitalismo na ciência, e se expressava em um esforço em reduzir os processos psicológicos às leis fisiológicas e essas às leis físicas e químicas. Esse cientista escreveu sobre os princípios científicos das artes plásticas, a base fisiológica da filosofia alemã e ainda sobre a *pasigraphia*, uma espécie de escrita universal supostamente aplicável a todas as línguas do mundo. Freud adotou Brücke como um venerado professor (Ellenberger, 1970). A influência epistemológica específica de Brücke pode ser constatada em várias obras de Freud (1895/1996d) e, especificamente, no *Projeto para uma psicologia científica*, o qual algumas noções seriam conservadas, outras substituídas e constituiriam as bases do pensamento psicanalítico, repercutindo também nas formulações de sexualidade.

É durante a sua estadia como discípulo e contribuinte de Brücke que Freud conheceu Josef Breuer tornando-se seu parceiro nas pesquisas e amigo pessoal (Roudinesco e Plon, 1998). Breuer o ajudou com empréstimos substanciais de dinheiro e despertou a sua curiosidade com a história de cura de uma paciente histérica que ficaria conhecida pelo pseudônimo de Ana O. (Ellenberger, 1970) Esse caso, registrado nos *Estudos sobre histeria* de Breuer e Freud (1896/1895), é importante por ser uma das inspirações para investigações mais precisas que culminariam no desenvolvimento de um novo método clínico: a associação

livre. Esse que também deriva do amadurecimento das formulações de sexualidade que constituem um dos alicerces que sustentam o edifício teórico freudiano.

De acordo com Roudinesco e Plon (1988), Freud foi o único teórico de sua época a inventar uma nova conceituação para o fenômeno da sexualidade, buscando traduzir, nomear ou até mesmo construir uma prova sobre a mesma. Esses autores afirmam que não é tanto a sexualidade, entendida isoladamente, o mais importante e relevante na obra freudiana, mas o conjunto conceitual que permite representá-la (*Trieb*; libido; bissexualidade; apoio). A elaboração dessa nova conceituação sobre a sexualidade surge a partir da experiência clínica de Freud e de suas pesquisas sobre a histeria, pautadas na escuta do sujeito. Esses fatos foram determinantes para que Freud rompesse com a tradição teórica e epistemológica da sexologia, ciência biológica natural do século XIX que estudava o comportamento sexual (Roudinesco & Plon, 1998), transformando, assim, esse campo do saber.

Até mesmo alguns críticos da elaboração freudiana reconheceram o valor teórico-epistemológico subversivo de sua teoria da sexualidade (Foucault, 1998; Politzer, 1998). Dentre esses, vale citar o filósofo Politzer (1988) que aponta para a subversão² de Freud no que compete aos valores da medicina conservadora de sua época. Com base nesses valores (representações coletivas), Politzer (1988) sugere o porquê da teoria da sexualidade infantil ter encontrado tantas dificuldades de ser admitida: "é precisamente porque médicos e psicólogos só quiseram ver na criança o que ela deve ser, de acordo com certas representações coletivas bem conhecidas" (p. 96). Ou seja, os médicos e psicólogos não puderam ir além do significado convencional, institucionalizado pelo modelo de ciência e cultura da época. Foucault (1998) entende a teoria da sexualidade freudiana em uma situação paradoxal: ao

² De acordo com Dunker (2011), subversão significa inverter e deslocar o sentido de um processo, que implica não somente a passagem ao contrário, mas esta passagem acrescida de um deslocamento novo. A psicanálise, para esse autor, subverte o estatuto dos parâmetros da clínica da qual a mesma se originou, trazendo uma nova prática de clínica que substitui a clínica do olhar pela clínica da escuta.

mesmo tempo em que tal teoria seria normalizadora, por partir das construções do discurso médico, no qual a própria ideia da sexualidade é fundada, instaurando uma nova divisão entre a norma e o desvio, seria também um instrumento de contestação permanente da norma.

Apesar de ter operado uma verdadeira transformação epistemológica e teórica com a sexologia e com algumas teorias biológicas do século XIX, Freud, no decorrer de sua obra, conserva o modelo e a posição epistemológica das ciências naturais de seus antigos mestres e não estabelece uma distinção ou diferenciação desse com o das ciências do espírito ou humanas (Assoun, 1983; Simanke, 2009). Essa orientação e/ou concepção de ciência, que Freud, por vezes, tentou atribuir à psicanálise, conserva algumas formulações clássicas, pertencentes à sua formação científico-filosófica, o que Assoun (1983) nomeou de conservadorismo epistemológico.

De acordo com Assoun (1983), Freud entende que a psicanálise não constitui um intermediário na encruzilhada entre a esfera das ciências do espírito (ou humanas) e das ciências naturais, mas ela se encontra inteiramente, por essência, tendendo do lado da natureza. Vale aqui apontar que essa concepção e/ou modelo de ciência de Freud tem uma de suas influências principais no naturalismo evolucionista de Charles Darwin (1809-1882). De acordo com Roudinesco e Plon (1988), Freud, inspirado pelo modelo darwinista, quis incluir a psicanálise entre as ciências naturais, ou pelo menos lhe conferir um estatuto de ciência dita natural. Segundo Schultz e Schultz (2005), Freud, ao fim da vida, chegou a afirmar que o estudo da teoria da evolução de Darwin foi parte fundamental no programa de formação de psicanalistas. Esses autores ainda destacam que o modelo naturalista de Charles Darwin já havia discutido algumas noções, consideradas centrais pela psicanálise, tais como: os conflitos e processos inconscientes; o significado dos sonhos; o simbolismo oculto de alguns comportamentos; a importância do impulso sexual; o desenvolvimento infantil.

A íntima relação com o darwinismo, oriunda principalmente da sua formação médica e como pesquisador das ciências naturais, cuja influência remete a Brücke e a escola fisiológica de Helmholtz, a concepção de uma sexualidade também orientada por um viés naturalista que engloba o indivíduo humano e o desejo de Freud de conferir o título de ciência natural ao seu sistema clínico-psicológico, são algumas das condições que estão, possivelmente, ligadas à sua resistência e ao seu afastamento da filosofia. Assim como pondera Mezan (2011), Freud encarava com desprezo a filosofia e os filósofos, satirizando a pretensão do saber absoluto, o dogmatismo e a indiferença que, em sua maneira de pensar, são marcas registradas da filosofia. Segundo o mesmo autor, Freud alude à idiosincrasia dos filósofos, tratando-os como uma elite reduzida, sem qualquer influência sobre a maioria dos homens, embora eles consigam - com facilidade - transformar uma resistência interna em uma contradição lógica. Mas, ao que parece, Freud se referia a alguns filósofos, possivelmente abstracionistas e idealistas, pois, como apresentado acima, se interessava muito pela filosofia utilitarista de Stuart Mill a quem, de acordo com Gabbi Junior (2003), Freud teria uma dívida com as suas formulações utilitaristas, determinantes para constituição do método psicanalítico da associação livre.

Apesar dos limites que derivam de algumas orientações epistêmicas freudianas, é inegável que Freud (1905/1996) inaugura um novo conceito e também um novo estatuto de sexualidade. O amadurecimento epistêmico desse estatuto é expresso em termos de noções, posteriormente de conceitos e de uma teoria original. Essa representou um grande avanço, uma ruptura epistemológica com as formulações científicas anteriores. De acordo com Jorge (2007), não havia um conceito clínico, propriamente dito, sobre a sexualidade antes das formulações freudianas. Os autores sexólogos simplesmente expunham descritivamente seus casos clínicos sem qualquer teorização que remontassem à etiologia e explicassem os seus fundamentos, tais como a degenerescência de Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) e a

psicologia associativa de Alfred Binet (1857-1911). De acordo com Jorge (2007) estas duas concepções são simplistas, pois apenas aplicam a antiga dicotomia médica hereditário/adquirido aos problemas levantados pela sexualidade.

O mérito desses autores foi, em primeiro lugar, o de ter aberto o diálogo sobre a sexualidade para o campo da ciência, e em segundo, o de ter tornado evidente, com seus trabalhos, a enorme frequência das chamadas “aberrações sexuais”. Não é a toa que este é o título do primeiro ensaio que abre a obra de Freud, fazendo referência aos autores mais importantes de sua época que tratavam do assunto. É sobre eles que Freud vai instaurar um corte. Este corte é conceitual e tem um nome: pulsão (Jorge, 2007, p. 31).

É certo que o *Trieb* (pulsão; instinto) representa um importante conceito no desenvolvimento da teoria da sexualidade, que traduz em uma nova linguagem a ruptura epistemológica das formulações freudianas no que compete às teorias da sexologia do século XIX. É a partir dele que Freud (1905/1996) irá discutir as ditas aberrações sexuais de sua época e também as gêneses da sexualidade infantil, uma de suas mais importantes e impactantes formulações sobre a sexualidade. O conceito de *Trieb* torna-se um dos principais conceitos da psicanálise a partir dos *Três ensaios*. No entanto, sua noção é anterior e reporta ao período pré-psicanalítico, assim como as outras demais noções de sexualidade. Esses assuntos serão abordados nos dois próximos tópicos.

1.2 Algumas considerações históricas e teórico-metodológicas sobre as noções e formulações de sexualidade nas publicações pré-psicanalíticas, em algumas cartas e nas primeiras publicações psicanalíticas

É consenso entre estudiosos da obra de Freud que, do ponto de vista da evolução teórico-conceitual, as formulações psicanalíticas sobre a sexualidade se desenvolveram a partir do abandono e/ou afastamento de métodos de pesquisa e de tratamentos da medicina e da psicologia clássica (Assoun, 1983; Politzer, 1998; Roudinesco & Plon, 1998; Mezan, 2011). Alguns estudiosos, como Politzer (1998) por exemplo, defendem que na operação epistemológica de Freud existe um avanço, mas também um retorno às concepções clássicas; outros como Assoun (1983) defendem um conservadorismo epistemológico em suas concepções derivado de sua formação médico-científica do século XIX.

O abandono e/ou afastamento metodológico de Freud decorre de um processo de formulação e reformulação teórica que se dá principalmente a partir das descobertas de sua experiência clínica sobre o fenômeno da neurose e, particularmente, sobre a histeria (Freud, 1896/1996; Roudinesco & Plon, 1998; Mezan 2011; Dunker, 2011). Esse processo pode ser constatado a partir de uma comparação entre as publicações pré-psicanalíticas, ou seja, em trabalhos nos quais o método e as teorias psicanalíticas ainda não haviam sido desenvolvidas, e as primeiras publicações psicanalíticas, trabalhos nos quais o autor já sinaliza para o abandono dos métodos clássicos e para o desenvolvimento de um método particular de tratamento, nomeado pela primeira vez, por Freud (1896/1996g) como “psicanálise” em 1896.

O entendimento freudiano de sexualidade, ao longo de sua obra, não é expresso em um único conceito ou teoria. Esse vai se desenvolvendo a partir das descobertas da experiência clínica, reformulando-se. Além disso, concordando com Roudinesco e Plon (1998), o mais importante no entendimento freudiano não é a sexualidade pensada isoladamente, mas a forma como essa é representada por meio de noções teóricas e do conjunto conceitual (*Trieb*;

libido; bissexualidade; apoio; sexualidade feminina). Nesse sentido, entende-se que para compreender o modo de pensar a sexualidade em Freud, seja necessário evidenciar a sua operação epistêmica inclusa tanto nas primeiras noções de sexualidade, quanto no conjunto conceitual. É necessário pontuar que os estudos dos primeiros textos de Freud, além de permitirem entender a evolução das noções de sexualidade e do método psicanalítico, permitem também apreender o que se conserva no modo de pensar epistêmico do autor.

Como já abordado, o interesse de Freud pela sexualidade é antigo e reporta-se à sua formação médica de 1873 a 1881, período em que começou também a se interessar pelas ciências naturais, realizando estudos intensivos, particularmente em zoologia, fisiologia e anatomia. Enquanto estagiário de Carl Claus, adquiriu uma bolsa de estudos para realizar pesquisas zoológicas em Trieste investigar a vida sexual das enguias machos de rio. As experiências dessas pesquisas culminaram na publicação do seu primeiro artigo científico (Ellenberger, 1970; Ades, 2001). Nesse artigo intitulado, *Observações sobre a configuração e a estrutura fina dos órgãos lobados, descritos como sendo os testículos das enguias*, Freud (1877) procurou dissertar sobre o caráter anatômico e a função sexual das enguias. O objetivo geral do autor era demonstrar, através dos resultados de dissecações de enguias em diversas fases do desenvolvimento, que os órgãos lobados eram, de fato, testículos das enguias machos.

Um dos elementos que chama a atenção na escrita do artigo sobre o órgão sexual das enguias macho é a organização criteriosa da exposição científica de Freud (1877), tanto no caráter técnico das descrições científicas e discussões dos resultados, como também na construção de desenhos utilizados para representar os órgãos sexuais dos peixes. Nesse artigo, é possível observar um Freud biólogo, cientista natural implicado com a investigação da sexualidade animal. Nele perpassa uma epistemologia declaradamente naturalista e evolucionista que remete à influência expressiva de Charles Darwin. Embora o artigo não

expresse uma aplicação metodologicamente precisa dos princípios da seleção natural, pois, de acordo com Ades (2001), não havia a variedade suficiente de espécies em comparação, nem o enfoque ecológico que esta aplicação requer, esse é perpassado pelo uso de ideias, raciocínios e pelo modo de pensar evolucionário, considerando os determinantes históricos e possibilidades de uma estrutura se transformar em outra por meio das forças da natureza. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), esse artigo já anuncia que Freud trabalhava na elaboração de uma teoria do funcionamento específico das células nervosas, os futuros neurônios.

Outro trabalho de Freud, anterior ao desenvolvimento da psicanálise foi realizado entre 1879 e 1880, período que o autor cumpriu o serviço militar obrigatório: trata-se da tradução de um volume das obras completas do filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873), teórico do liberalismo político. Na época, essa tradução foi dirigida por Theodor Gomperz (1832-1912), escritor helenista austríaco responsável pela publicação alemã das obras completas de Mill (Roudinesco & Plon, 1998; Ellenberger). Como já abordado, a influência do pensamento de John Stuart Mill sobre Freud pode ser constatada no caráter associacionista do método psicanalítico. No que compete a esse tema, os estudos de Gabbi Junior (2003) corroboram ao constatarem que a metapsicologia freudiana possui uma de suas origens nas formulações desse filósofo, sobretudo no seu caráter utilitarista.

Outro trabalho pré-psicanalítico importante, sobretudo por apresentar as concepções epistemológicas e noções de sexualidade em Freud (1888/1996a) é o verbete *Histeria*, publicado em 1888 na *Enciclopédia de Villaret*, um livro enciclopédico de patologias médicas. Trata-se de um trabalho meramente descritivo, classificatório e nosográfico, centrado no ser da doença. Nesse trabalho, Freud (1888/1996a) expressa a seguinte concepção sobre a histeria:

... baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso. Uma fórmula fisiopatológica desse tipo, no entanto, ainda não foi descoberta; por enquanto, devemos nos contentar em definir a neurose de um modo puramente nosográfico... (p. 77).

Nesse exposto, evidencia-se uma concepção fisiologista e mecanicista que considera o sistema nervoso como mecanismo articulador e condutor da histeria. Há nela o entendimento de que tal neurose poderia ser explicada pelos estados fisiológicos e suas modificações. O sentido da histeria deveria ser formulado levando em consideração as diferentes partes do sistema nervoso, de um ponto de vista fisiológico. No entanto, essa formulação, do ponto de vista empírico, não era necessariamente evidente pelos pesquisadores da época, o que levava os médicos a definirem a neurose histérica a partir de sua aparição enquanto fenômeno, representação escrita, descrição e classificação. De acordo com Bezerra Junior (2013), o paradigma mecanicista, aplicado também aos estudos do corpo humano e da vida psíquica, era hegemônico entre os cientistas na segunda metade do século XIX, e Freud não pôde evitá-lo. Esse esforço em procurar as causas mecânicas das neuroses aparece em outros trabalhos freudianos pré-psicanalíticos.

Apesar dessa concepção mecanicista estar presente nas formulações de *Histeria*, Freud (1888/1996a) traz outro entendimento ao abordar sobre o tratamento dessa neurose. De acordo com o autor, o tratamento direto consiste na remoção das fontes psíquicas que estimulam os fenômenos histéricos, processo este que, em seu modo de pensar, se torna compreensível quando se busca as causas da histeria na vida ideativa inconsciente. Ao discutir os efeitos de tal método, o autor expressou o seguinte:

... o efeito se torna maior se adotarmos um método posto em prática, pela primeira vez, por Joseph Breuer, em Viena, e fizermos o paciente, sob hipnose, remontar à pré-história psíquica da doença, compelindo-o a reconhecer a ocasião psíquica em que se originou o referido distúrbio... (p. 93)

Como observado em *Histeria*, Freud (1888/1996a) procura conjugar duas etiologias: uma que relaciona a neurose histérica às suas bases fisiológicas, ou seja, em uma dimensão físico-química; e outra que, relacionada ao tratamento psicoterápico, procura as causas na vida ideativa inconsciente do paciente, remontando a pré-história da doença. É possível evidenciar na leitura do verbete a forte influência de Martin Charcot (1825-1893). Em muitas passagens do verbete, Freud simplesmente reproduz os pontos de vistas desse autor, cuja teoria enfatiza a hereditariedade das neuroses, o que revela a forte influência das concepções charcotiana naquela época.

Quanto às noções de sexualidade em *Histeria*, pode-se dizer que essas se encontram reduzidas ao plano descritivo do fenômeno, raras algumas alusões pontuais. Dentre essas se inclui a seguinte passagem na qual Freud (1888/1996a) admite que “as condições *funcionalmente* relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), e isto se dá em virtude da elevada significação psíquica dessa função, especialmente no sexo feminino” (p. 87). Nessa passagem, embora não se possa pontuar uma etiologia da sexualidade propriamente dita, é possível constatar a preocupação e o reconhecimento da importância das condições e funções da sexualidade na etiologia das neuroses. No entanto, esse reconhecimento ainda se encontra relacionado ao caráter descritivo e classificatório da psicopatologia de Charcot, cuja etiologia das neuroses se centrava na hereditariedade. Assim, é possível dizer que o sexual é tratado no verbete *Histeria* como um aspecto descritivo do fenômeno histérico, que seria alterado patologicamente em

função da moléstia, cujas causas seriam orgânicas. Essa concepção chacotiana seria abandonada por Freud à medida que esse avança nos estudos da histeria e no amadurecimento de novos métodos de tratamento.

Além do método hipnótico de Charcot, outros também são abandonados ou afastados por Freud, dentre os quais podem ser citados: o método da introspecção de Wundt e Fechner e o método catártico de Breuer. O método hipnótico de Charcot é meramente demonstrativo, o segundo de investigação psicológica e o terceiro de investigação e tratamento clínico. A respeito do método catártico, o próprio Freud chegou a considerá-lo como importante na constituição de seu próprio método, “psicanálise”, por se mostrar fértil para o acesso as vias obscuras da ideiação inconsciente (Freud, 1896/1996g).

Tal como demonstrou Mezan (2011), o método catártico de Breuer se mostrou para Freud teoricamente eficaz no tratamento da histeria por apresentar o fator acidental, obtendo também certa praticidade clinico-terapêutica. Esse método, que corresponde a uma versão modificada da hipnose de Charcot, se resumia a um procedimento investigativo e psicoterápico que consistia em hipnotizar o paciente com o objetivo de interrogá-lo sobre a origem do sintoma, o trauma psíquico ou a série de traumas que o provocaram (Breuer & Freud, 1893/1996; Mezan, 2011).

Apesar das vantagens do método catártico em relação ao de Charcot, Mezan (2011) afirma que esse não havia solucionado o problema etiológico das histerias: o fator que a diferenciava das demais. Além do mais, de acordo com esse autor, esse método não possuía uma efetividade objetiva, dado que nem todos os pacientes eram passíveis de ser hipnotizados. Estes são alguns dos motivos que teriam levado Freud ao abandono do método hipnótico. Em *A psicoterapia da histeria*, quarto capítulo dos *Estudos sobre a histeria*, Freud (1895/1996d) descreve dois métodos de intervenção que são intermediários ao método

catártico de Breuer: um de concentração voluntária e o outro sugestivo com o uso da pressão da mão do médico na testa do paciente.

Em *Comunicação preliminar*, Breuer e Freud (1893/1996), a partir da análise dos casos clínicos, chegaram à conclusão de que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando se conseguia trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado, despertando o afeto que o acompanhava. Esse processo ocorria quando o paciente descrevia o acontecimento com o maior número de detalhes possíveis, traduzindo o afeto em palavras. A efetividade desse método era explicada pelos autores pela teoria da ab-reação. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), a ab-reação foi utilizada na *Comunicação preliminar* para teorizar o processo de descarga emocional que, ao liberar a lembrança de um trauma, anulava seus efeitos patogênicos.

Breuer e Freud (1893/1996) também concluem que o método catártico:

... põe termo à força atuante da representação que não fora ab-reagida no primeiro momento, ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala; e submete essa representação à correção associativa, ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve) ou eliminá-la por sugestão do médico, como se faz no sonambulismo acompanhado de amnésia (pp. 52-53, itálico no original).

Nesse trecho é possível destacar alguns germes nocionais da teoria psicanalítica da associação e do recalque, que culminariam nas formulações teóricas e no método psicanalítico da associação livre. No entanto, do ponto de vista da constituição epistêmica, faltam importantes formulações que viriam a compor a teoria psicanalítica, formulações sobre a sexualidade (*Trieb*; libido; apoio; bissexualidade), o inconsciente, e também uma melhor delimitação de objetos epistêmicos (os sonhos, por exemplo). Mezan (2011) destaca que é justamente a vinculação entre a etiologia sexual, a noção de defesa (recalque) e o método

terapêutico que culminariam no método da associação livre. Essa vinculação teórico-metodológica não estava posta em 1893, no contexto da *Comunicação preliminar* tampouco no do artigo *As neuropsicoses de defesa* de 1894 (Breuer & Freud, 1893/1996; Freud, 1894/1996c), apesar desse último já conter uma bem elaborada teoria da defesa.

Embora existam noções teóricas de sexualidade na *Comunicação preliminar* de 1893, essas ainda não compunham uma teoria: o dado sexual era apenas um elemento descritivo a ser explicado pela teoria da ab-reação que procurava legitimidade e efetividade no método catártico de Breuer (Breuer & Freud, 1983/1996). Uma dessas noções teóricas aparece em uma constatação dos autores expressa na seguinte formulação:

Verificamos, todavia, que um trauma grave (tal como ocorre numa neurose traumática) ou uma supressão trabalhosa (como a de um afeto sexual, por exemplo) podem ocasionar uma divisão expulsiva de grupos de representações mesmo em pessoas que, sob outros aspectos, não estão afetadas; e esse seria o mecanismo da histeria *psiquicamente adquirida* (Breuer & Freud, 1983/1996, p. 48, grifado no original).

Apesar de haver uma preocupação com o afeto sexual, revelando a sua importância para uma teoria da etiologia do trauma, esse aparece relacionado à teoria da ab-reação e dos estados hipnoides, que parte da concepção da divisão da consciência. No *Esboço para a "Comunicação Preliminar" de 1893*, manuscrito escrito por Freud em 1892, é apresentada uma definição desses estados e sua relação com a divisão da consciência. De acordo com Freud (1892/1996b), a característica essencial dos estados hipnoides é o fato de seu conteúdo estar desconectado do conteúdo restante da consciência, encontrando-se privado da possibilidade de ser liberado pelas associações. O autor dá o exemplo dessa desconexão ou dissociação comparando o estado onírico com o estado de vigília: "... um modelo de dois

estados que diferem entre si, não estamos inclinados a fazer associações de um estado para o outro, mas apenas associações dentro de cada um deles em particular” (p. 194).

Embora Freud não se refira a uma etiologia da sexualidade propriamente dita, na *Comunicação preliminar*, é possível dizer que o autor já tivesse em mente uma concepção etiológica da sexualidade. Essa que pode ser evidenciada nas cartas enviadas a Wilhelm Fliess (1858-1928), com quem, de acordo com Bezerra Junior (2013), Freud manteve uma afetuosa amizade baseada na confiança de 1887 até 1904. Uma das primeiras referências à etiologia sexual é expressa em uma carta datada de 30 de maio de 1893 (Freud, 1986a). Nessa, Freud, entre outros assuntos, afirma que a ligação com a sexualidade estava ficando cada vez mais estreita em seus atendimentos e lamenta o fato de não estar trabalhando nos mesmos casos que Fliess. Em outra passagem dessa carta, ele descreve o seguinte:

...Vejo uma boa possibilidade de preencher mais uma lacuna na etiologia sexual das neuroses. Creio compreender as neuroses de angústia das pessoas jovens, presumivelmente virgens, que não foram submetidas a abusos. Analisei dois casos desse tipo; havia um pavor presciente da sexualidade e, por trás dele, coisas que as pessoas tinham visto ou ouvido e entendido mal — portanto, a etiologia é puramente emocional, mas, mesmo assim, de natureza sexual (Freud, 1986a, p. 49).

Esse trecho comprova que, antes mesmo da primeira publicação dos *Estudos sobre a histeria* de 1895, Freud já demonstrava interesse pela etiologia sexual geral das neuroses, incluindo também a histeria nesse entendimento. Em maio de 1893, ele já concebia o emocional relacionado à natureza sexual, não os separando em categorias de excitações afetivas. O interesse de Freud pela neurose de pessoas jovens, presumidamente virgens, que não foram submetidas a abusos sexuais, sinaliza para a sua persistência (obsessiva) em compreender uma etiologia da sexualidade para além do trauma sexual. No entendimento de

Freud, existe a preocupação com o papel da etiologia da sexualidade na constituição da neurose e também, tal como sugere, com o processo perceptivo relacionado aos sentidos (ver; ouvir), e de produção simbólica (mal-entendido) diante das experiências. Processo este que o autor parece relacionar à etiologia sexual das neuroses de angústia. É possível inferir também que já existia na época, embora nocional e rudimentarmente, a preocupação de Freud com uma função simbólica relacionada à sexualidade, o que seria mais tarde esboçada na teoria da fantasia, substituta da teoria da sedução.

Um trecho de outra carta enviada a Fliess, datada de 30 de janeiro de 1894, evidencia um modo de pensar que considera a etiologia da sexualidade como base explicativa da teoria das neuroses:

... o vínculo entre a neurose obsessiva e a sexualidade nem sempre é tão óbvio. Posso assegurar-lhe que, em meu caso (premência urinária), também não foi fácil de localizar; alguém que não o tivesse buscado tão sistematicamente quanto eu tê-lo-ia deixado passar despercebido. Nesse caso, que vim a conhecer minuciosamente durante um tratamento para ganhar peso com duração de vários meses, o [fator] sexual simplesmente domina todo o cenário! — Seu caso da mulher enfasiada e divorciada é bem passível de produzir um resultado idêntico, mediante análise rigorosa (Freud, 1986b, p. 66).

Nesse trecho fica ainda mais evidente a persistência de Freud em procurar e encontrar a etiologia sexual das neuroses. A sua constatação de que o fator sexual domina todo o cenário, também aponta para a persistência e o enfoque freudiano em compreender o papel da sexualidade. Nesse período, no modo de pensar de Freud, a sexualidade já ocupava um lugar de destaque, não apenas como componente descritivo da teoria do trauma, mas como um processo que, ao ser investigado, poderia fornecer informações sobre as causas deste e, em

geral, sobre o funcionamento e fundamentos das neuroses. A partir dessa constatação é possível concordar com as análises de Mezan (2011) que também situam a presença de uma etiologia da sexualidade em Freud entre os anos de 1893 e 1894. Para o autor, nesse período, Freud já contava com a etiologia sexual como a sua descoberta mais importante, o que também representava um precioso instrumento para a terapia.

Nos *Esboços para a Comunicação Preliminar*, escritos em 1892, por exemplo, existe apenas duas menções ao sexual, e essas não se encontram relacionadas a uma concepção etiológica de sexualidade. Na primeira referência, Freud (1892/1996b) identifica que a vida sexual é especialmente apropriada para proporcionar o conteúdo dos traumas da histeria, devido ao contraste muito grande que representa para o restante da personalidade e por ser impossível reagir às suas ideias. Em outro momento, o autor se refere ao papel das impressões sexuais, ao refletir sobre as experiências psíquicas que formam o conteúdo dos ataques histéricos. De acordo com o autor, essas:

... são impressões que não conseguiram encontrar uma descarga adequada, seja porque o paciente se recusa a enfrenta-las, por temor de conflitos mentais angustiantes, seja porque (tal como ocorre nos caso de impressões sexuais) o paciente se sente proibido de agir, por timidez ou condição social, ou, finalmente, porque recebeu essas impressões num estado em que seu sistema nervoso estava impossibilitado de executar a tarefa de eliminá-la (p. 199, grifos do autor).

Como constatado, as impressões sexuais aparecem relacionadas à dificuldade de descarga adequada. Apesar da base biológica, as impressões sexuais são concebidas como uma das formas de impressão em meio a outras que serviam de exemplo para explicar a recusa do paciente e a não consecução adequada da descarga. Nessa época, Freud (1996/1892b) aceita os princípios da teoria e da terapia de Breuer que “consiste em remover o

resultado das idéias (sic) que não sofreram ab-reação, seja num estado de sonambulismo, e então ab-reagindo e corrigindo-o, seja trazendo-o para o plano da consciência normal, sob hipnose relativamente superficial” (p. 195). Assim, o trauma era entendido a partir da hipótese teórico-clínica dos estados hipnoides. Essa hipótese, tal como ressalta Gabbi Junior (2003), impedia que se pudesse chegar a uma concepção psicológica legitimadora da formação dos símbolos histéricos.

A etiologia do trauma é assim expressa por Freud (1996/1892b): “*transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora*” (p. 199, grifos do autor). Nessa proposição, está inscrito uma concepção físico-química do sistema nervoso que procura explicar o pensamento associativo a partir das noções de movimento, relacionando-o à forma de abolir uma impressão ou de uma ação motora por descarga. Nessa lógica, o trauma estaria relacionado à dissociação da consciência. Aqui, constata-se algumas compreensões epistêmicas do autor que seriam melhor teorizadas no *Projeto*, aproximadamente dois anos depois. Para Gabbi Junior (2003), a aposta nesse último trabalho, reside na crença de que seja possível expressar o vocabulário psicológico na linguagem quantitativa de uma psicologia naturalista.

É possível constatar uma formulação etiológica da sexualidade de Freud no texto *Psicoterapia da histeria* de 1895. Nesse, Freud (1895/1996d), ao relatar a sua experiência de tratamento da histeria a partir do método catártico, faz algumas considerações sobre a etiologia e o mecanismo das neuroses em geral. A esse respeito, escreveu:

... fui obrigado a reconhecer que, na medida em que se possa falar em causas determinantes que levam à *aquisição* de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores *sexuais*. Seguiu-se a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido

geral, produzem diferentes quadros de distúrbios neuróticos. Tornou-se então possível, na medida em que essa relação era confirmada, correr o risco de utilizar a etiologia com o objetivo de caracterizar as neuroses e de fazer uma distinção nítida entre os quadros clínicos das várias neuroses. Quando as características etiológicas coincidiam sistematicamente com as clínicas, isso era naturalmente justificável (p. 283, grifado no original).

Aqui Freud trata os fatores sexuais como um importante determinante a ser considerado na constituição etiológica das neuroses. O autor apresenta um procedimento comparativo das características etiológicas com a experiência clínica, buscando, a partir das coincidências entre ambas, a legitimidade para justificar os métodos de tratamento e suas emergentes teorias. Freud (1895/1996d), ao discutir o quadro de sintomas da neurastenia, refere-se ao acúmulo de tensão física como sendo também de origem sexual. O autor ainda desenvolve algumas formulações sobre o abuso e o trauma sexual na infância, buscando relacioná-la com a constituição das neuroses. Ao analisar o caso de uma senhora que sofria de obsessões e fobias, identificou, a partir das associações dessa, uma experiência de abuso, sofrida por essa e sua irmã na infância.

Na leitura de *Psicoterapia da histeria* constatou-se as novas formulações teóricas e metodológicas de Freud (1895/1996d) que, apesar de considerar o método catártico de Breuer e a sua teoria da ab-reação e dos estados hipnóides, se orientam por outro caminho, cujo destino era representar as neuroses a partir de uma etiologia sexual e de uma já avançada conceituação da defesa e da resistência, se valendo do método da concentração e do método da pressão para tal. A esse respeito, Freud (1895/1996d) expressou tal conceituação da seguinte forma: “Quando eu me esforçava por dirigir a atenção do paciente para ele, apercebia-me sob a forma de resistência, da mesma força que se mostrara sob a forma de

repulsão quando o sintoma fora gerado” (p. 294). Aqui é possível constatar a formulação teórica do recalque/repressão que se desenvolve conjuntamente a etiologia sexual.

Apesar de a etiologia sexual estar presente nas publicações anteriores, Freud (1896/1996f) só desenvolveu uma teoria da sexualidade propriamente dita, a ser denominada de teoria da sedução em 1896, um ano depois da publicação *dos Estudos sobre a histeria*, nas chamadas primeiras publicações psicanalíticas. Essa teoria foi esboçada pela primeira vez no artigo: *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Nele, o autor utiliza pela primeira vez o termo “método de psicanálise” (p. 165) em um artigo escrito em alemão, destacando que o seu propósito seria “tornar consciente o que era até então inconsciente” (p. 167). Nesse trabalho está explícita a formulação de que as neuroses possuem em sua etiologia um abuso sexual real que ocorreria na infância por meio da sedução de um terceiro. No que compete aos traumas sexuais que causam a histeria, o autor afirmou que esses “*devem ter ocorridos na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação)*” (p. 166, grifado no original). É importante dizer que a sexualidade era compreendida, nessa época, como ausente na infância e reconhecida apenas na puberdade. Ou seja, Freud ainda não concebia uma sexualidade infantil.

A etiologia da neurose obsessiva também é encaixada por Freud (1896/1996f), no artigo *Observações nos moldes da teoria da sedução*, entendendo que as ideias obsessivas são “*invariavelmente, auto-acusações transformadas que emergiram do recalcamto e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância*” (p. 171, grifado no original). Esse ato sexual é concebido como conseqüente de uma situação de sedução da criança, ocasionada por um terceiro, geralmente um adulto, adolescente ou ainda uma criança que teria sido seduzida anteriormente por um adulto. A mesma formulação etiológica do abuso sexual real na infância é aplicada à paranóia crônica. Em uma comparação

dessa moléstia com a neurose obsessiva, Freud (1896/1996f) se expressou da seguinte forma: “em ambas mostrou-se que o recalçamento é o núcleo do mecanismo psíquico, em ambas, o que foi recalçado é uma experiência sexual na infância” (p. 184). Em todo o artigo, o autor defende a tese do retorno ao recalçado, buscando relacioná-la à sua formulação teórica da sedução.

A teoria da sedução foi substituída pela teoria da fantasia em meados de 1897, após Freud constatar que as pacientes histéricas poderiam fantasiar a partir de suas experiências reais da infância, o que não implicaria na realidade do fato narrado, mas na realidade psíquica. Ou seja, trata-se da forma imaginária na qual o sujeito representa para si a história de suas origens, o que seria tratado como fantasia primária. (Masson, 1986; Roudinesco & Plon, 1998). A renúncia da teoria da sedução foi anunciada por Freud, em uma Carta a Fliess datada de 21 de setembro de 1897 (Freud, 1986e). Nesse documento, o autor realiza uma autocrítica, reconhecendo os erros de sua teoria. Ele apresenta importantes argumentos para que a teoria da sedução – sua primeira teoria etiológica da sexualidade – fosse considerada falsa.

Um desses argumentos é que o próprio autor teria sido conduzido nessa teoria, por vezes acriticamente, pelo discurso de suas pacientes, tratando-os como fidedignos e verdadeiros. Outro argumento parte de uma constatação de Freud sobre uma formulação genérica sua que explica as afecções neuróticas das pacientes histéricas como sendo produzidas pelo abuso de pais perversos. A esse respeito, escreveu o autor “... a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu tinha que ser acusado de perverso — a percepção da inesperada frequência da histeria, com predomínio precisamente das mesmas condições em cada caso...” (Freud, 1986e, p. 265). Ao questionar a concepção teórica da sedução, o autor contrargumenta que as perversões tão generalizadas contra as crianças eram pouco prováveis ou, como ponderam Roudinesco e Plon (1998), nem todos os pais eram abusadores. Freud entende que, para que a teoria da sedução fosse legítima, a incidência da

perversão teria de ser muito mais frequente do que a histeria dela originária. A explicação dessa afirmação, estaria no argumento de que a histeria só ocorre quando há um acúmulo de acontecimentos e um fator contributivo que enfraquece as defesas psíquicas, que nesse contexto eram entendidas e explicadas pela formulação do recalque.

Na carta a Fliess de 30 de setembro de 1897, Freud argumenta que não haveria indicação de realidade no inconsciente, o que tornaria impossível a distinção entre a verdade e a ficção, pois estas teriam sido catexizadas pelo afeto da paciente. Assim, segundo o autor “restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais” (Freud, 1986e, p. 266). Nesse argumento, Freud trás o conceito de inconsciente para deslegitimar a teoria da sedução, e conseqüentemente criar condições legítimas para outra que viria a ser formulada: a fantasia sexual. Aqui é observada mais uma evidência de que Freud procurava e perseguia o “sexual” em suas formulações teóricas. Como estudado, o tema da sexualidade se encontra presente na obra freudiana desde o primeiro artigo de Freud (1877), no qual o autor, a partir de uma perspectiva biologicista, apresenta os resultados de suas investigações sobre os testículos das enguias.

Outro argumento, levantado por Freud na carta de 30 de setembro de 1897, é de que “...na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio...” (Freud, 1986e, p. 266). Nesse entendimento, está implícito uma comparação entre neurose e psicose. Os segredos das experiências da infância – que o autor procura também manter relação com a sexualidade – constituem também a psicose e não se revelariam em um surto psicótico, o que sugere o domínio do inconsciente sobre a consciência e também, ao que tudo indica, a força das defesas do recalque também associadas à psicose. Nessa linha de raciocínio, Freud (1986e) afirma que “... o inconsciente jamais supera a resistência da

consciência a expectativa de que o inverso venha a acontecer no tratamento, a ponto de o inconsciente ser completamente domado pela consciência, também diminuirá” (p. 266).

O reconhecimento de Freud de que a teoria da sedução, particularmente a sua primeira teoria da sexualidade, possuía graves equívocos vem acompanhado de outra pré-formulação substitutiva. Ou seja, o aspecto sexualista não é retirado da teoria geral, mas sim o seu entendimento causal, mecânico e simplista, no qual a sexualidade externa do indivíduo abusador e a relação sexual precoce são concebidas como partícipes fundamentais da constituição da neurose. Pode-se dizer de uma passagem ou de um deslocamento de uma formulação teórica (teoria da sedução) para outra em desenvolvimento (teoria da fantasia sexual). A teoria da sedução necessitava da constatação de um acontecimento real em uma perspectiva de fora para dentro, de causa e efeito: a neurose seria efeito e o abusador, a causa.

A formulação da teoria da sedução, como será discutido no estudo do *Projeto*, deriva de uma concepção de que a sexualidade estaria ausente na infância e presente/manifesta somente na puberdade. Na teoria da sedução, a relação sexual precoce, produzida por um abusador adulto, afetaria a constituição psíquica da criança, o que provocaria neuroses futuras, principalmente na puberdade, na qual a sexualidade se expressaria. Assim, para que o tema da sexualidade fosse mantido nas formulações de Freud seria necessária outra formulação que o legitimasse dentro do conjunto de indícios e evidências clínico-teóricas já organizadas até aquele momento. Levanta-se a hipótese que o autor, no intuito de atender a demanda de procurar e achar o sexual, desenvolve um entendimento que desloca a explicação do fator causal mecânico para outra que considera o fator da complexidade da fantasia. Esse processo pode ser reconhecido no trecho seguinte:

Eu estava a tal ponto influenciado |por isso| que estava pronto a desistir de duas coisas: da resolução, completa de uma neurose e do conhecimento seguro de sua

etiologia na infância. Agora, não tenho a menor idéia de onde me situo, pois não tive êxito em alcançar uma compreensão teórica do recalçamento e de sua inter-relação de forças. Mais uma vez, parece discutível que somente as experiências posteriores dêem ímpeto às fantasias, que [então] remontariam à infância, e, com isso, o fator da predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo — em prol do esclarecimento da neurose (Freud, 1986e, p. 266).

Como observado no trecho, Freud, descrente com a sua teoria da sedução, reafirma o seu objetivo frustrado de compreender o recalque em sua inter-relação com outras forças. Essa compreensão poderia possibilitar um entendimento claro e seguro da etiologia na infância, o que, naquele momento, não estava devidamente articulado em seu pensamento. No entanto, o autor sinaliza o caminho teórico que iria seguir. Ele diz, em outras palavras, que somente as experiências posteriores poderiam impulsionar as fantasias, que remontaria à infância. Ele reconhece o fator da predisposição hereditária – ao que tudo indica – no que diz respeito à constituição das neuroses. Esse fator, defendido por Fliess, em sua perspectiva biologicista, é novamente ressignificado por Freud na esfera de influência, ou seja, poderia ser um determinante na constituição da neurose. É possível afirmar que o autor se orientava por aquela perspectiva naquele momento. A hipótese é que, possivelmente, estivesse pedindo desculpa a Fliess por ter se desviado do seu entendimento biologicista (predisposição hereditária), não considerado em sua teoria da sedução, cuja causalidade é tratada como meramente empírica.

Ainda a partir do último trecho, é importante refletir que apesar de Freud ter uma etiologia sexual em suas formulações teóricas desde meados de 1894, não existe ainda uma teoria da sexualidade infantil, mas apenas noções dessa. Embora, na carta de 30 setembro de 1897, o autor aluda sobre a fantasia sexual e sua relação com o “tema dos pais” e sobre a

etiologia (sexual) na infância, não se trata, naquele momento, de uma teoria. Se trata de noções e concepções que, no conjunto da obra, podem ser entendidas como intermediárias e que representam a passagem para o momento da teoria da sexualidade. No entanto, naquele momento não encontraram argumentos coerentes para se edificarem em uma teoria, apesar do desejo de Freud. A substituição da teoria da sedução pelas noções de fantasia pode ser observada na nova abordagem inclusa, por exemplo, em *A sexualidade na etiologia das neuroses* de 1898, artigo no qual autor apresenta uma bem desenvolvida teoria etiológica da sexualidade, considerando a noção de fantasia como fundamento geral das neuroses (Freud, 1898/1996h).

Na investigação das formulações sobre a sexualidade nas publicações pré-psicanalíticas, nas primeiras psicanalíticas e nas *Cartas de Freud a Fliess*, foi possível constatar que o termo de origem latina “libido” aparece algumas vezes sem, necessariamente, ocupar a preocupação teórico-conceitual de Freud naquela época. O que se sabe a respeito desse termo e seu uso por Freud, é que o autor tenha o apropriado de autores sexólogos, tais como Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) e Albert Moll (1862-1939) (Roudinesco & Plon, 1998; Lopes 2011). Embora o próprio Freud (1923/1996m), em um verbete, tenha atribuído a Moll a introdução desse termo na psicanálise a partir do ano de 1898, ele já havia utilizado o termo em artigos e documentos anteriores. Em uma carta enviada a Fliess, datada de 18 de agosto de 1894, Freud lhe relata o caso clínico do Senhor K, que qualificou como neurose de angústia. A referência ao termo aparece na seguinte descrição: “Observa que sua *libido* diminuiu muito há mais ou menos um ano. Ficava muito excitado, sexualmente, em seu relacionamento com a moça (sem tocá-la ou coisa parecida)” (Freud, 1986c, p. 91, grifo meu). Aqui o autor parece utilizar “libido” em um sentido relacionado à energia sexual, exclusivamente vinculado com o sexo propriamente dito, sem necessariamente se tratar de um conceito ou teoria.

Lopes (2011) levanta a hipótese de que Freud teria lido o termo “libido” nos textos dos demais sexólogos da época, ou mesmo nos dos autores latinos antigos. Argumenta que se a publicação de Moll foi posterior ao emprego da palavra libido por Freud, a suspeita recairia sobre outro médico que utiliza a palavra libido e sem qualquer definição: Krafft-Ebing. Considerado um dos fundadores da sexologia ao lado de Moll e Havelock Ellis (1862-1939) e um dos introdutores dos conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo do comportamento sexual, Krafft-Ebing (1894/2012) escreveu *Psychopathia Sexualis*, importante livro sobre patologias sexuais, cuja primeira edição foi publicada em 1886. Freud teve um exemplar desse livro, datado de 1892, que hoje se encontra disponível no *Museu Freud de Londres*, (Davies & Fischer, ed., 2004; Lopes 2011). De acordo com Lopes (2011), essa obra foi, originalmente, publicada em latim e, mesmo na edição inglesa, a palavra libido é citada 129 vezes. Krafft-Ebing é citado por Freud em alguns de seus trabalhos posteriores sobre a sexualidade, dentre os quais vale citar os *Três ensaios*. (Freud, 1905/1996l).

No que compete à noção de bissexualidade e sua relação com os primeiros escritos de Freud, pode-se pontuar que essa chega a Freud principalmente por via de Fliess. Assim como a libido, essa noção é oriunda da sexologia do final do século XIX (Roudinesco & Plon, 1998; Masson, 1986; Carneiro, 2017). O interesse de Freud por essa noção tem um de seus primeiros registros em uma carta enviada a Fliess de 6 de dezembro de 1896, tradicionalmente chamada de Carta 52. Nessa carta, Freud aborda temas como desenvolvimento e periodicidade sexual (fases/estádios), pré-consciente, inconsciente, consciência, percepções e traços mnemônicos, se valendo também da teoria de Fliess do biorritmo que postula os processos vitais (os patológicos incluídos) se desenvolveriam segundo em um ciclo que duraria 28 dias nas mulheres e 23 dias nos homens. A referência à bissexualidade aparece no seguinte trecho:

Para explicar porque o efeito |da experiência sexual prematura| é, ora a perversão, ora a neurose, valho-me da **bissexualidade de todos os seres humanos**. Num ser puramente masculino, haveria um excesso de descarga masculina também nas duas fronteiras sexuais — isto é, haveria geração de prazer e, por conseguinte, perversão; em seres puramente femininos (sic), haveria nessas ocasiões um excesso de substância desprazerosa. Nas primeiras fases, as descargas seriam paralelas: em outras palavras, produziriam um excesso normal de prazer. Isso explicaria a preferência das mulheres verdadeiramente femininas pelas neuroses de defesa. Desse modo, a natureza intelectual dos homens ficaria confirmada, com base em sua teoria (Freud, 1986d, p. 213, grifo meu).

Nesse trecho constata-se a adesão de Freud à ideia da bissexualidade inerente a todos os seres humanos, ou seja, a bissexualidade universal, desenvolvida por Fliess. Freud parte das concepções de Fliess, que seriam lançadas por esse último autor no ano seguinte no livro: *As relações entre o nariz e os órgãos genitais femininos, apresentadas segundo suas significações biológicas* (Roudinesco & Plon, 1998), procurando conciliá-las com os seus próprios conceitos e noções. Ao buscar explicar os efeitos da experiência sexual prematura (neurose e perversão) - naquela época concebida pelo viés da teoria da sedução - ele expressa a noção das diferenças sexuais entre homens e mulheres, relacionando-as a tipos de patologias. Nesse modo de pensar, a bissexualidade estaria presente em ambos os sexos desde o nascimento e provocaria, ao longo do desenvolvimento e da constituição psíquica do indivíduo, um tipo de orientação sexual: heterossexual, homossexual ou bissexual. É justamente sobre o processo da experiência sexual prematura que pairavam as principais teses de Freud sobre a etiologia sexual das psicopatologias em meados de 1896. A bissexualidade universal e a teoria do biorritmo – utilizada especulativamente pelo próprio Freud – eram

algumas dessas teses que se conglomeravam para explicar os processos psicopatológicos neuróticos e perversos.

Ainda na carta de 6 de dezembro de 1896, é possível constatar a presença de uma importante noção do conjunto teórico da sexualidade que iria, futuramente, compor a teoria geral. Trata-se da noção de zonas erógenas. Freud (1986d), naquele momento, representa nessa noção como as “inúmeras partes do corpo as quais, em épocas posteriores, só conseguem liberar a substância da angústia de 28 [dias], e não as outras.” (p. 213). No entendimento do autor, durante a infância a descarga sexual parece ser obtida a partir dessas zonas erógenas. Aqui, observa-se que Freud, naquela época, não tinha certeza quanto à função das zonas erógenas e sua relação com a infância. Ele especula a possibilidade de ser por meio dessas primeiras que a criança alcançaria a descarga sexual, o que no puberto e no adulto aconteceria depois de 28 dias (liberação da substância da angustia). É possível dizer que o entendimento freudiano de zonas erógenas e da sexualidade esteja combinado a teoria do biorrítmo de Fliess. Isso evidencia a influência teórico-conceitual desse último autor sobre Freud. Nessa carta, Freud (1986d) ainda escreveu:

...Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada quanto depois, de modo que as zonas que são abandonadas mais tarde (e talvez também toda a superfície do corpo) também provocam algo que é análogo à liberação posterior da sexualidade. A extinção dessas zonas sexuais iniciais teria seu equivalente na atrofia de certos órgãos internos ao longo do desenvolvimento. A liberação da sexualidade (como você sabe, tenho em mente uma espécie de secreção que é justificadamente sentida como o estado interno da libido) é promovida, portanto, não só (1) através da estimulação periférica dos órgãos sexuais, ou (2) através das excitações internas provenientes desses órgãos, mas também (3) das idéias, ou seja,

dos traços mnêmicos — logo, também por intermédio da ação retardada. (Você já está familiarizado com essa linha de raciocínio (pp. 280-281).

Nesse trecho é possível observar aspectos do modo de pensar freudiano que sinalizam que autor já possuía algumas noções de sexualidade infantil em 1896. No entanto, faltam pelo menos três importantes atitudes para a formulação de uma teoria: 1: a articulação de uma concepção desenvolvimentista da sexualidade – normal e não apenas patológica - que conecta a etiologia sexual infantil às transformações da puberdade; 2. A concepção do *Trieb* como sexual e da libido com manifestação do *Trieb* sexual; 3. O afastamento da influência de Fliess. Como observado no trecho, o entendimento de uma sexualidade geral em Freud nesse momento da obra, parece ainda estar atravessado pela concepção do trauma sexual (o abuso real), que se expressaria por intermédio da ação retardada, provendo a liberação posterior da sexualidade. A articulação dessas atitudes e outras levariam ao desenvolvimento de uma teoria da sexualidade nos *Três ensaios*.

A partir da descrição e da análise de como aparece as noções, as concepções sexuais e o conjunto conceitual da sexualidade nas publicações pré-psicanalíticas, nas primeiras publicações psicanalíticas e nas *Cartas de Freud a Fliess*, constatou-se que Freud progressivamente foi desenvolvendo a sua concepção de sexualidade e etiologia sexual na medida em que se exercia uma investigação descritivo-analítica, cuja fonte empírica e material provinha da clínica. Ou seja, esse desenvolvimento se deu necessariamente por via da experiência de investigação e tratamento das neuroses. O procedimento de legitimação das primeiras formulações teóricas sobre sexualidade, nos escritos pré-psicanalíticos e nos primeiros psicanalíticos, se realizava a partir de uma perspectiva metodológica empiricista experimentalista, que procurava fundamentar uma teoria a partir dos dados coletados da clínica. O que Mezan (2011) chamou de tentativa erro. A teoria, entendida como esse registro

explicativo da experiência, era sempre confrontada com novas evidências que poderiam levar a sua sustentação ou ao declínio da teoria. A teoria da sedução passa por esse processo.

Nos *Estudos sobre histeria* e nas primeiras publicações psicanalíticas, Freud procurava legitimar suas formulações por um viés descritivo, técnico, pragmático e utilitarista, cuja fonte empírica provinha da experiência clínica. Quanto ao processo epistemológico que ampara as práticas de investigação, constata-se em Freud a preocupação em legitimar suas pesquisas e experiências pelas vias metodológicas das ciências naturais: tanto no que compete à experiência clínica e verificação técnica desse saber em uma vertente empirista, quanto no que tange ao ato de relacionar suas descobertas às teorias científicas reconhecidas e aceitas pelos pesquisadores “naturalistas” da época, tais como físicas, química, biológicas e neurofisiológicas.

Nos escritos pré-psicanalíticos e nos primeiros psicanalíticos foi possível evidenciar a preocupação e o esforço científico-epistemológico de Freud, relacionando com os bastidores nas *Cartas de Freud a Fliess*. Essa preocupação e esse esforço se orientam para a construção e legitimação de um método psicoterápico. No entanto, é importante dizer que, o modo de pensar e fazer epistêmico freudiano também possui uma orientação ontológica (visão de homem e mundo; concepção de ser) mais ampla que está implícita em sua obra e intimamente relacionada a tal preocupação e esforço. A partir dessa orientação, Freud já atribui um sentido apriorístico ao ser: para o autor os seres são naturais, ou seja, estão sobre o domínio das forças físico-químicas e biológicas da natureza.

Apesar de o autor não discutir explicitamente sobre ontologia e sobre outros modos de conceber e representar os objetos epistêmicos, sua visão de homem e mundo naturalista já determina um caminho *a priori* pelo qual suas investigações deveriam seguir. Isso pode ser efeito da sua posição monista frente ao debate epistemológico entre ciências naturais e ciências do espírito ou ciências humanas. Tal como evidenciou Assoun (1983), Freud fez a

escolha a favor das ciências naturais. Pode-se afirmar que existe uma concepção ontológica de natureza implícita em seu modo de pensar que procurar-se-á evidenciar ao longo desse trabalho por meio das noções e, sobretudo, do conjunto conceitual da sexualidade. Essa concepção está intimamente ligada ao desenvolvimento do método e às formulações epistêmicas.

Com o afastamento progressivo de suas influências iniciais, a construção de um novo método e o desenvolvimento de uma teoria etiológica da sexualidade, Freud constrói uma posição bastante singular. Bezerra Junior (2013) afirma que o autor inova a maneira de pensar a experiência humana, inclusive a forma de formular o problema em torno da subjetividade a partir da vida material e orgânica. Embora seja uma posição monista e naturalista, implicando também uma ontologia do ser sexual e natural, o que se pode chamar de naturalismo freudiano, não se trata de um naturalismo fechado. Como explicitou Carvalho (2018): trata-se de um naturalismo orientado pelo fenômeno, o que nomeou-se essa tese de naturalismo aberto ao fenômeno. Acrescenta-se a esse entendimento, que o naturalismo freudiano procura se orientar para o concreto da experiência, não se limitando somente ao registro da observação, mas principalmente ao da escuta, sem descartar o acontecimento psíquico, interno ao indivíduo, possível de ser apreendido graças a essa última.

Para compreender melhor o modo de legitimação epistêmica de Freud (1895/1996e), em meados da última década do século XIX, é importante realizar um estudo sobre o *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, sobretudo porque, nessa obra, o autor apresenta de forma organizada e sistematizada esse modo, mesmo que especulativamente. Tendo conhecimento que é nessa obra onde aparece pela primeira vez aparece o termo *Trieb* relacionado a uma teoria sistematizada, procurar-se-á desenvolver um estudo sobre o seu sentido na obra, partindo inicialmente da noção geral. Procurar-se-á também identificar como aparecem as noções e concepções de sexualidade.

1.3 Genealogia de *Trieb* e as concepções de sexualidade a partir das formulações do *Projeto*

A noção de *Trieb* está presente na tradição médico-psiquiátrica alemã e nas formas de tratamento das doenças mentais desde o século XIX, também relacionada às noções de sexualidade (Roudinesco & Plon, 1998). De acordo com Hans (1996), a tradução de *Trieb* é uma das mais polêmicas por envolver uma extensa gama de significados e conotações, particulares do termo em alemão, e também devido às peculiaridades do seu emprego freudiano. Esse autor afirma que em livros de medicina preponderava, há séculos, uma equivalência entre *Trieb*, *Instinkt* (instinto) e *Drang* (espécie de pressão desagradável interna).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), a escolha do neologismo “pulsão” para traduzir o alemão *Trieb* seria para evitar a confusão entre “instinto” (*Instinkt*) e “tendência” (*Trend*), uma vez que tais significados também são possíveis. Esses autores pontuam que essa opção de tradução corresponde ao sentido atribuído por Freud que buscou representar a especificidade do psiquismo humano, deixando o termo “*Instinkt*” para qualificar os comportamentos animais. Gomes (2001) destaca que as poucas vezes que Freud utilizou esse último termo em sua obra, foi para se referir a um conhecimento ou significado inato dado pela hereditariedade em oposição a um conhecimento ou significado dado pela experiência individual. No entanto, de acordo com Hans (1996) e Simanke (2014a), Freud, em muitos momentos da obra, usa os termos *Trieb*, *Instinkt* e *Drang* em uma acepção sinônima, sem estar preocupado com uma diferenciação. Assim, não seria possível aplicar uma diferenciação ao termo sem antes compreender o contexto no qual este está inserido.

Para escapar desses problemas oriundos da tradução, optou-se na escrita desse estudo em não traduzir *Trieb* no corpo do texto, deixando a tradução somente restrita às citações

diretas, uma vez que foram usadas mais de uma tradução. Dessa forma, o termo alemão *Trieb* será usado para o singular (instinto/pulsão) e *Trieben* para o plural (instintos/pulsões). O motivo desta escolha está no esforço de manutenção da tensão entre instinto e pulsão que o *Trieb* freudiano sugere, não separando o biológico do psicológico/simbólico, mas sempre pressupondo uma relação necessária entre ambos.

Para muitos estudiosos da obra de Freud, o termo *Trieb* tem o seu primeiro esboço teórico no *Projeto para uma psicologia científica* em 1895, manuscrito sobre neurologia que só foi publicado tardiamente (Rudensco; Plon, 1998; Gomes, 2001; Gabbi Junior, 2003; Mezan, 2011). Gomes (2001) pondera que tal conceito não teria surgido nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, tal como descrevem alguns autores. É importante argumentar que, no *Projeto*, o termo *Trieb* não se tratava ainda de um conceito, mas de uma noção teórica, que viria a se tornar um ao longo de sua obra. No entanto, naquele trabalho, tal noção estava atrelada a outros conceitos que compunham uma teoria histológica especulativa articulada. Tratava-se de um germe teórico em estado embrionário que se desenvolveria em formulações teóricas posteriores (Freud, 1895/1996e). Para compreender como Freud concebia a sexualidade e *Trieb* naquele trabalho, é necessário entender a situação e contexto históricos, o objetivo e, principalmente, o entendimento epistemológico do autor.

O *Projeto* não chegou a ser publicado por Freud na época, mas as suas formulações foram expostas em correspondências com Wilhelm Fliess. Somente na década de 1950, onze anos depois da morte de Freud, esse trabalho foi publicado (Gabbi, Junior, 2003; Vieira, 2005; Bezerra Junior, 2013). De acordo com Bezerra Junior (2013), Freud não desejava que o manuscrito fosse publicado e resistiu para que esse permanecesse no anonimato. Seu desejo possivelmente era destruí-lo. Depois de descobrir que a correspondência estava intacta e em posse da viúva de Fliess, Freud pediu a Marie Bonaparte, que à época estava articulando a compra do material, que ele próprio participasse da compra. Por sorte, Freud não participou

do processo e só depois de sua morte, graças à permissão da filha Anna Freud, o manuscrito foi oficialmente publicado (Bezerra Junior, 2013). Gabbi Junior (2003) expõe um importante motivo para que Freud quisesse a destruição do manuscrito e das correspondências de Fliess: nesses materiais continham várias passagens sobre a sua vida íntima.

Na época da escrita do *Projeto*, Freud tinha 39 anos e gozava de uma vida familiar estável e uma carreira promissora. Já havia desenvolvido conceituados estudos e suas atividades profissionais eram muito sólidas. Nesse período, havia conquistado notoriedade no campo da psicopatologia (Bezerra Junior, 2013). Para fins de compreensão do contexto e da situação intelectual de Freud na época da publicação do manuscrito, é importante dizer que o autor já havia formulado a hipótese de uma energia própria da vida psíquica semelhante às forças físico-químicas inerentes à matéria, inspirada principalmente nas formulações do físico e fisiologista alemão Du Bois-Rey (1818/1896) (Anzieu, 1989).

Quanto à estrutura desse trabalho, trata-se de um manuscrito de texto corrido, originalmente, sem capítulos ou subdivisões temáticas, dividido em três partes. A inserção de títulos e subtítulos foi realizada pela *Standart Edition* (Gabbi Junior, 2003; Bezerra Junior, 2013). A primeira parte é dedicada a apresentação de uma hipótese especulativa sobre o funcionamento do sistema nervoso e, de acordo com Freud (1895/1996e), modelado e corrigido segundo várias experiências concretas. A segunda parte procura inferir, pela análise dos processos patológicos, alguns determinantes adicionais do sistema, fundamentados hipoteticamente nas formulações da primeira parte. Por sua vez, a terceira parte busca estruturar, a partir das duas anteriores, as características do curso psíquico normal. Em resumo, Freud (1895/1996e), em um projeto audacioso, desenvolve uma hipótese histológica especulativa e procura relacioná-la com suas formulações oriundas da clínica, buscando legitimidade lógico-argumentativa para essa última.

No *Projeto*, Freud (1895/1996e) objetivou prover uma psicologia que fosse ciência natural, procurando “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando esses processos claros e livres de contradição” (p. 355). No único parágrafo da introdução, o autor já anuncia de forma clara e direta a perspectiva científico-naturalista que orientará a exposição de seu entendimento. De acordo com Bass (1997), Freud, nesse trabalho, estava preocupado em conferir status de ciência à psicologia, tal como a física que, na época, seguia os paradigmas clássicos de Newton. Estes que eram aceitos pela comunidade científica mundial no final do século XIX.

Gabbi Junior (2003) explica que o *Projeto* é uma tentativa de descrever empiricamente o funcionamento da mente humana de acordo com causas naturais, não recorrendo à teologia divina nem aos princípios inatos. É a partir desses pressupostos que Freud (1895/1996e) epistemologicamente constrói suas formulações de uma psicologia como ciência natural. Nessa perspectiva, o autor procura se afastar tanto dos princípios inatos quanto dos apriorísticos, buscando fundamentar suas formulações a partir de uma orientação empirista. É justamente a partir dessa que autores como Gabbi Junior (2003) e Loffredo (2017) procuram relacionar com a filosofia de Stuart Mill, apresentando sua operação lógico-argumentativa.

As principais ideias desenvolvidas no *Projeto* são duas: a primeira diz que a atividade do repouso deve ser considerada como “Q” (quantidade em geral, de ordem de magnitude no mundo externo), sujeita às leis gerais do movimento. E a segunda que os neurônios devem ser encarados como partículas materiais (Freud, 1895/1996e). De acordo com Bass (1997), Freud, ao se referir às leis de movimento, estava aplicando o princípio mecânico clássico da inércia dos corpos em movimento, mais conhecido como Primeira Lei de Newton. Essa Lei diz que: *“Todo corpo continua em seu estado de repouso ou de movimento uniforme em uma linha reta, a menos que ele seja forçado a mudar aquele estado por forças imprimidas sobre ele”* (Newton, 1687/2016, p. 53, grifado no original). Essa lei é uma das bases epistemológicas que

orientam a especulação freudiana sobre a estrutura e o funcionamento dos neurônios e sobre o desenvolvimento do sistema nervoso em geral no *Projeto*.

Carvalho (2018) destaca que, além da física clássica, Freud procurou legitimação na ciência biológica, inter cruzando a lei do movimento (inércia) e a matéria orgânica (neurônio). De acordo com esse autor, ao colocar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais, capazes de serem especificadas, e ao tratar o neurônio como partículas materiais, Freud procurou legitimar suas formulações psicológicas a partir de um naturalismo fisicalista e materialista, o qual procurou convergir ontológica e epistemologicamente método de investigação e teoria de modo a não produzir contradições. Na época, as ciências da natureza tinham boa reputação entre os neurologistas (Carvalho, 2018), o que permite supor que esse seja um dos motivos que levaram Freud às implicadas formulações do *Projeto*. No que tange à legitimação pelos conhecimentos e postulados da ciência biológica da época, de acordo como Mezan (2011), Freud se serve nesse trabalho do modelo da necessidade biológica, em especial do modelo da fome que, como todo estímulo endógeno, só se torna acessível à consciência após transpor certo limiar de intensidade.

Ainda dentro das teorias e dos conhecimentos da ciência biológica de sua época, Freud (1895/1996e) se orienta também por um viés darwiniano em suas formulações do *Projeto*. De acordo com Mezan (2011), nesse trabalho, Freud concebe que a função elementar do psiquismo é servir ao corpo como meio de defesa contra seus inimigos, na esfera da vida. O indivíduo para se manter vivo precisa neutralizar o perigo constante. Nesse sentido, existe a concepção nas formulações do *Projeto* de que o organismo que não está apto à luta pela existência é vencido por ela (Freud, 1895/1996e; Mezan, 2011). Essa concepção expressa um importante fundamento basilar da teoria da seleção natural de Darwin (1859/2004).

A partir dessa perspectiva epistêmica naturalista, que procura legitimidade na física clássica e na biologia, Freud procurou formular uma teoria ou um princípio da inércia

neuronal que descrevesse os neurônios e os processos psíquicos como diferenças quantitativas (Freud, 1895/1996e; Gabbi Junior, 1987; Gabbi Junior, 2003; Bezerra Junior, 2013). Através da concepção desse princípio, Freud (1895/1996e) formula que os neurônios tendem a se livrar de Q, partindo da suposição de que esse princípio básico abrange toda a funcionalidade do sistema nervoso com a complementação de outras noções, que ele desenvolve a partir de problematizações ao longo da obra.

No que compete à formulação sobre a estrutura e as funções neuronais, Freud (1895/1996e) distinguiu dois tipos de neurônios: os sensoriais e os motores. Seguindo o postulado fisicalista da inércia, o autor apresenta a íntima correspondência que existe entre esses, explicitando que qualquer excitação que atinja os neurônios sensoriais é descarregada de imediato nos motores, retornando ao estado repouso, ou seja, sem Q. Bocchi e Viana (2012) dão uma interessante ilustração sobre essa formulação freudiana: “Um organismo primitivo recepcionaria Q ambiental e a eliminaria através de mecanismos musculares, conservando-se, portanto, sem estímulo (daí a ideia da inércia)” (pp. 483-484). A eliminação de Q e o retorno à inércia são ações produzidas pela função primária do sistema nervoso.

Quanto ao entendimento do desenvolvimento e evolução do sistema nervoso (primário; secundário), Freud (1895/1996e) formulou a hipótese de que o primário se desenvolve a partir da recepção e da descarga de quantidades (Q; Qn), compreendendo que a descarga representa a função primária do sistema nervoso. Esta que teria o objetivo de manter afastada a Qn desse sistema. Com base nesse entendimento, ele parte para uma especulação sobre a função secundária que, na ordem evolutiva e no desenvolvimento, teria surgido a partir da primária, sendo responsável, entre outras, pela memória. De acordo com o autor, entre as vias de descargas, existem as que são preferidas e conservadas por envolverem a cessação do estímulo, a fuga dos estímulos. Ele explicita sobre um mecanismo de retenção que começa a surgir no sistema nervoso:

Desde o início, porém, o princípio da inércia é rompido por outra circunstância. À proporção que [aumenta] a complexidade interior [do organismo], o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático – os estímulos endógenos – que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que se faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a Q deles para a fuga do estímulo. Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição.) Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de “específica”), requer-se um esforço que seja independente da Q_n endógenas e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como as *exigências da vida*. Em consequência, o sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, a reduzir o o nível [da Q_n a zero). Precisa tolerar [a manutenção de] um acúmulo de Q_n suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica. Mesmo assim, a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste, modificada pelo empenho de ao menos manter a Q_n no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante (Freud, 1915/1996e, p. 357, *italico no original*).

Nesse exposto constata-se uma das primeiras pré-formulações sobre o que viria a ser agregado à formulação do conceito de *Trieb*, mas que no texto encontra-se representado pela designação de “estímulos endógenos”. Trata-se de um dos percussores ou germes teóricos desse conceito, que viriam a ser desenvolvido na primeira e na segunda teoria de *Trieben*. Um exemplo são as formulações da impossibilidade de fuga e esquiva dos estímulos endógenos e

sua necessidade de realização no mundo externo, que são atribuídos mais tarde por Freud (1915/2004b) à conceituação de *Trieb*, presente no artigo *Pulsões e Destinos da Pulsão*. Os estímulos endógenos, que também precisam ser descarregados, são entendidos como elementos somáticos (corpo), originando-se das células, e criando, assim, as grandes necessidades como a respiração e a sexualidade. É importante pontuar que, embora não houvesse ainda uma teoria da sexualidade consolidada e mesmo que o autor estivesse caminhando em direção à formulação da teoria da sedução, que seria esboçada no ano seguinte 1896, os estímulos endógenos compunham as especulações neurológicas de Freud, estando intimamente relacionados às noções de *Trieb*, um importante elemento epistêmico na base explicativa empreendida no *Projeto*.

É importante dizer que Freud concebe a fome, a respiração e a sexualidade como impulsos de vida do sistema nervoso, pensados em termos de exigência ou necessidades. No decorrer do *Projeto*, a fome é revelada como impulso organizador do aparelho psíquico normal. A respiração aparece interligada ao modelo da angústia e na explicação de determinados sintomas (Freud, 1915/1996e; Gabbi Junior, 2003). Já a sexualidade é concebida em uma perspectiva psicopatológica, estando ausente na infância normal e desperta na puberdade. Desse modo, de acordo com Gabbi Junior (2003), essa não pode organizar o psiquismo normal, sendo seus efeitos destacados no caso das psiconeuroses.

Outro aspecto de valor epistemológico, presente no último exposto, é a introdução de uma noção complementar para explicar a função secundária: a constância. No entendimento de Freud (1895/1996e) existe uma problemática: em um determinado momento, ele trata a constância como rompimento e/ou modificação nos mecanismos que regem o princípio da inércia, no entanto, do ponto de vista epistemológico, não ocorre uma nova postulação, uma vez que Freud não edifica no *Projeto* um princípio da constância, tal como seria postulado em *Além do princípio do prazer*. Esse entendimento discorda dos empreendidos por Gabbi Junior

(2003) e Bezzera Junior (2013) que situam um princípio da constância no *Projeto*. A base do raciocínio de Freud são as formulações científicas clássicas e o autor procura realizar suas especulações dentro destas, não estabelecendo críticas aos modelos existentes. Assim, a constância, no modo de pensar de Freud (1895/1996e), expresso no *Projeto*, seria um complemento do princípio da inércia neuronal. É necessário pontuar que a constância não modifica o princípio da inércia, pois é tratada como um aspecto do próprio princípio da inércia. O que, de fato, modifica o princípio da inércia é a introdução do problema da complexidade dos estímulos endógenos, que não poderiam ser encaixados nos paradigmas da física clássica sem gerar problemas ou contradições.

Freud (1895/1996e) entende que o mecanismo da inércia neuronal explica a dicotomia entre neurônios sensoriais e motores, porém essa não é plenamente suficiente para explicar a função secundária, caracterizada pela presença de estímulos endógenos (noções de *Trieb*) que surgem no interior do organismo. Esses estímulos são oriundos do aumento da complexidade do organismo em seu processo evolutivo e de desenvolvimento. Diferente dos estímulos externos, que possuem uma via mecânica de impacto, do repouso ao movimento, os estímulos endógenos operariam por um processo de somação ou acumulação, mantendo constante certa quantidade de Qn.

Esse processo de somação e acumulação, como explicitado por Freud (1895/1996e) no capítulo 11 do *Projeto*, “A experiência da satisfação”, só é interrompido quando ocorre a produção de uma ação específica mediante certas condições do mundo externo e sob as exigências de vida, requerido uma intervenção (fornecimento de viveres; aproximação do objeto sexual). Essa ação específica representa a forma de fazer cessar o acúmulo de estímulos endógenos a partir de uma modificação no mundo externo. Essa cessação é provisória e seria provida pelas exigências de vida. Por exemplo, a fome é o acúmulo de estímulos endógenos e um sinal do sistema nervoso pra cumprir uma exigência de vida, que

resultaria no ato de comer (ação específica) e, conseqüentemente, na descarga de tal acúmulo. Da mesma forma, a partir do modo de pensar freudiano inscrito no *Projeto*, pode-se exemplificar a sexualidade: o acúmulo dos estímulos endógenos resultaria em atos sexuais no mundo externo, a princípio o ato sexual (ação específica). A totalidade ou completude desses processos é concebida por Freud (1985/1996e) como “experiência de satisfação”.

É importante para o entendimento dos estímulos endógenos, enquanto noções de *Trieb*, ressaltar que esses compõem um elemento do que Freud (1895/1996e) chamou de sistema psi. Esses estímulos estariam em contato incisivo com os neurônios denominados psi do núcleo, um grupo de neurônio que compõem o sistema psi, ao lado dos neurônios denominados psi do *pallium*, que estão ligados a fi, que é concebido como um sistema permeável. Já o sistema psi é impermeável, ou seja, nele estão presentes as chamadas barreiras de contato que são responsáveis pelo acúmulo de quantidades (Q_n). Ao incidirem sobre os neurônios psi do núcleo, os estímulos endógenos não são automaticamente convertidos em estímulos psíquicos, pois sua magnitude é pequena. No entanto, após certa quantidade e frequência no fluxo, vencem as barreiras de contato do sistema psi, levando a um acúmulo de Q_n . A esse respeito, escreveu Freud (1895/1996e):

... as barreiras de contacto (sic) Ψ são, em geral, mais altas do que as vias [endógenas] de condução, de modo que nos neurônios nucleares possa produzir-se uma nova acumulação de Q_n . No momento em que a via de condução é re-ajustada, nenhum limite adicional é fixado para essa soma. Aqui, Ψ está à mercê de Q , e é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda atividade psíquica. Conhecemos essa força como vontade — o derivado das pulsões (p. 378).

Nesse exposto constata-se uma das raras aparições do termo *Trieb* nas obras freudianas pré-psicanalítica. Constata-se que Freud o entende como impulso motor do

mecanismo psíquico do qual deriva a vontade. Esse impulso se origina de um complexo processo de acúmulo de Qn, que resulta na superação das barreiras de contato do sistema psi pelos estímulos endógenos. Mezan (2011) expressa essa superação nas seguintes palavras “é preciso uma somação de excitações para varar as barreiras de contato do sistema Ψ . Eis mais um exemplo do duplo registro, mecânico e biológico, que o *Projeto* se articula” (pp. 32-33).

É importante pontuar que a segunda parte do *Projeto* representa um hiato entre a primeira e a terceira. Dois elementos podem justificar essa afirmação: 1) Na segunda parte, Freud (1895/1996e) suspende, provisoriamente, as formulações especulativas (metapsicológicas) para analisar os processos psicopatológicos, tais como a compulsão histérica a partir de um viés clínico; 2) O tema da etiologia sexual na constituição dos sintomas neuróticos, ou seja, a sexualidade aparece teoricamente relacionada às origens dos processos psicopatológicos. Esses dois elementos não estão presentes na primeira e terceira parte. Assim concorda-se com Garcia-Roza (1991) que afirma que os temas clínica e sexualidade tornam a segunda parte independente das demais.

Ao discutir as gêneses da compulsão histérica nessa segunda parte, Freud (1895/1996e) apresenta dois fatos, apreendidos na experiência clínica: “Primeiro, que o recalçamento é invariavelmente aplicado a idéias que despertam no *ego* um afeto penoso (de desprazer) e segundo, a idéia[s] provenientes da vida sexual” (p. 414). Aqui o autor procura apresentar que a ideia para ser recalcada tem de ser penosa e sexual ao mesmo tempo. Freud (1895/1996e) demonstra, ao longo de suas explicações, que nem todas as ideias penosas ou desprazerosas são recalcadas pela defesa patológica. Assim, ele destaca que para uma ideia ser recalcada, ela tem de ser uma representação sexual, levando em consideração o fato de que a sexualidade humana só pode emergir de forma plena e integrada na puberdade. Na época, o autor concebia que a excitação e a liberação sexual estão intimamente ligadas a essa, o que tenderia a transformar recordações de conteúdos sexuais anteriores, que não possuíam ainda

caráter de excitação nem de compreensão sexual em angustias traumáticas por ação retardada. Ou seja, o trauma se constituiria *a posteriori* por uma lembrança, evocada na puberdade, sendo um efeito novo que a experiência primeira não havia produzido.

Para exemplificar essa tese, Freud (1895/1996e) cita o caso da paciente Emma, uma mulher descrita como “dominada ... pela compulsão de não poder entrar nas lojas *sozinha*” (p. 417). O autor, inicialmente, apresenta uma lembrança da época em que ela tinha 12 anos, pouco depois da puberdade: “ela entrou em uma loja pra comprar algo e viu dois vendedores – um dos quais ela ainda se lembrava – rindo juntos, e saiu correndo em seguida, tomada por uma espécie de ‘*afeto de susto*’” (p. 418, grifado no original). Ela acabou ficando com a recordação de que os dois estavam rindo das suas roupas, e que um deles a havia agradado sexualmente. Com o desenvolver das investigações, Emma relatou outra lembrança: “Aos oito anos de idade, ela esteve numa confeitaria em duas ocasiões para comprar doces, e na primeira o proprietário agarrou-lhes as partes genitais por cima da roupa” (p. 418).

No entendimento de Freud (1895/1996e), o que provocou a excitação/liberação sexual e sua conseqüente transformação em angústia em Emma, não foi a primeira cena (confeitaria), mas a sua recordação evocada pela experiência da segunda cena (vendedores). A esse respeito, escreveu o autor: “... Devido a essa angústia, ela temeu que os vendedores da loja pudessem repetir o atentado e saiu correndo” (p. 419). Pelo menos dois fatos permitem a associação da primeira com a segunda cena: o riso dos vendedores da segunda cena que evoca o sorriso do dono da confeitaria; as roupas que lembram o dono da confeitaria que a abusou sexualmente, e que remetem ao riso dos vendedores na segunda cena.

A partir da descrição e análise de como aparecem às noções de *Trieb*, seu termo e sentido e a concepção de sexualidade de Freud (1895/1996e) no *Projeto*, evidencia-se que o germe conceitual, os estímulos endógenos, são desenvolvidos e sustentados epistemologicamente a partir de uma concepção físico-química e biológica clássica associada

à complementação nocional da constância. No entendimento freudiano, a formulação dos estímulos endógenos não representa uma oposição radical de maneira a inviabilizar epistemologicamente as teorias mecânicas de sua época, tal como o princípio da inércia, uma vez que suas análises partem delas. Embora estabeleça uma formulação sobre modificação do princípio da inércia, não se trata, de acordo com o raciocínio do autor, de introdução ou substituição de outro princípio, trata-se de uma complementação. Ou seja, a noção de constância, no modo de pensar epistêmico de Freud, inscrito no *Projeto*, não inviabilizaria epistemologicamente o princípio da inércia.

A noção de constância no *Projeto* surge da necessidade de explicar especulativamente a função secundária do sistema nervoso, que, no modo de pensar de Freud, não poderia ser entendida somente pelo princípio da inércia. É graças à introdução da noção de constância que se constrói um entendimento sobre a conservação e acumulação de quantidades (Q_n) que permitiu as primeiras noções do *Trieb* (estímulos endógenos; impulso) em uma teoria sistemática, explicando a função secundária do sistema nervoso do organismo humano e indo além dos princípios da física clássica. No entanto, essas formulações contradizem os princípios mecânicos dos quais ela parte, criando um problema, não enfrentado por Freud, que segue o caminho da complementação do princípio da inércia pela noção de constância e pelos estímulos endógenos, tornando este princípio modificado. É como se Freud não tivesse ainda uma permissão ou autoridade para ir além dos paradigmas clássicos de sua época, o que o leva a uma complementação problemática e contraditória do ponto de vista dos fundamentos epistemológicos.

Para a compreensão dos limites do empreendimento epistêmico do *Projeto*, vale pontuar que a estrutura do neurônio, tal como a conhecemos hoje pelas pesquisas microscópicas e de imageamento, não existia na época de Freud. Não se tinha uma ampla conceituação anatômica do sistema nervoso e o seu funcionamento também era incerto. Esses

problemas teriam levado Freud a usar os recursos epistêmicos que tinha em mãos, tais como os modelos físico-químico e o biológico, de forma especulativa, buscando se aproximar da estrutura e do funcionamento do sistema nervoso em uma perspectiva complexa e dinâmica. Assim como no texto *Sobre a concepção das afasias* (Freud, 1891/2016), o autor não reduz as funções mentais/cognitivas ao aparato anatômico do cérebro, tais como outros localizacionistas de sua época (Bezerra Junior, 2013), ao contrário busca uma integração dinâmica entre mente, cérebro e natureza (física e biológica).

Pode-se afirmar que no *Projeto* está implícito as bases da metapsicologia freudiana, que seria desenvolvida em *A interpretação dos sonhos*. No entanto essa metapsicologia primeva é expressa por meio de uma linguagem neurobiológica, que poderia ser representada em uma disciplina geral: a neurologia dinâmica. É sobre a ótica dessa neurologia dinâmica que é utilizado o termo *Trieb* pela primeira vez em uma teoria freudiana, concebido como sustentáculo de toda atividade psíquica. No entanto, tal como pontuado, no *Projeto* esse termo é uma noção que compõe outros conceitos e formulações, utilizados para especular sobre a estrutura e funcionamento do sistema nervoso. Como apresentado, tais noções compõem uma teoria especulativa e histológica sobre a complexidade do comportamento humano. O *Trieb* é entendido como um impulso que surge no interior do sistema nervoso, oriundo da relação entre as quantidades (gerais ou de magnitude do mundo externo) e o sistema de neurônios impermeáveis (sistema psi). É importante dizer que, no *Projeto*, as noções de *Trieb* ainda não possuem uma significação estritamente sexual, ou seja, não havia diferenciação entre as características e/ou tipos de *Trieb*. Naquela época, se tratava de um impulso que sustenta a atividade psíquica. Embora existam, na primeira parte do *Projeto*, algumas explicações sobre o funcionamento da sexualidade nesse trabalho, como a ideia da satisfação, *Trieb*, vontade, estas não compunham uma teoria articulada.

Quanto às formas de como aparece a sexualidade no *Projeto*, essas são tratadas em duas concepções principais: 1. A primeira mais genérica, como uma atividade dos organismos complexos a ser inicialmente explicada pela teoria da estrutura e do funcionamento neuronal; 2. A segunda como uma concepção psicopatológica relacionada a etiologia do trauma histórico. É importante lembrar que mesmo estando relacionada à etiologia do trauma histórico, a concepção de Freud (1895/1996d) na época é de que a sexualidade está ausente na infância não podendo organizar o aparelho psíquico de pessoas normais. O autor procura relacionar esse entendimento de sexualidade ao conjunto teórico-conceitual do *Projeto*, nos quais a legitimidade epistêmica é direcionada à física, à química e à biologia de um ponto de vista neurológico dinâmico.

Para compreender o que se transforma e o que se conserva das concepções epistêmicas (ontológicas e epistemológicas) do *Projeto* no modo de pensar freudiano, alçando relações com a sexualidade e seu conjunto conceitual, é necessário direcionar este estudo para *A interpretação dos sonhos*, obra pioneira por apresentar um novo método de investigação e tratamento, um novo objeto epistêmico e uma nova direção para as pesquisas e práticas psicanalíticas.

1.4 A teoria do sonho-desejo e a sexualidade: uma discussão epistêmica sobre as formulações freudianas considerando a análise de Politzer

A interpretação dos sonhos é considerada uma das principais obras de Freud, sobretudo por ser referida à fundação da psicanálise. Lançada na segunda metade do ano de 1899 com a data para 1900, foi projetada pelo autor para ser a obra do novo século (Masson, 1896; Strachey, 1996a). É também, de acordo com Strachey (1996a), uma das obras que mais recebeu atualizações sistemáticas nas edições posteriores. O próprio Freud (1923/1996n) atribui o nascimento da psicanálise a essa obra, por emergir “perante o mundo como algo

novo” (p. 217). Convém destacar que, apesar dessa obra ter sido importante para o surgimento da psicanálise como uma abordagem e/ou ciência autônoma, de acordo com Bezerra Junior (2013), seu desenvolvimento ocorreu em meio a idas e vidas, revisões e acréscimos, avanços e retrocessos, que se iniciaram na última década do século XIX. Muitas das principais formulações que compõem essa obra já estavam presentes no *Projeto* por meio de uma linguagem físico-química e neurobiológica (Freud, 1895/1996e; Strachey, 1996; Gabbi Junior, 2003; Bezerra Junior, 2013).

Na nova linguagem de *A interpretação*, Strachey (1996) esclarece que os sistemas de neurônios do *Projeto* foram substituídos por sistemas ou instâncias psíquicas; a quantidade física foi substituída pela catexia hipotética da energia psíquica; a noção de inércia tornou-se a base do princípio prazer/desprazer. Esse autor ainda afirma que alguns dos relatos psíquicos apresentados no capítulo VII dessa obra devem muito às formulações fisiológicas do *Projeto*, podendo ser entendidas quando submetido ao mesmo raciocínio presente nessa última obra. Como exemplos dessas formulações, podem ser citadas: a descrição do armazenamento dos traços de memória nos sistemas mnêmicos, o exame da natureza do desejo e as diferentes formas de satisfazê-los, a teoria do sonho como realização do desejo e a ênfase dada ao papel desempenhado pelos processos verbais de pensamento na adaptação às exigências da realidade (Strachey, 1996).

Freud (1900/1996i; 1900/1996j) substituiu alguns termos da linguagem neurofisiológica do *Projeto* por termos e conceitos metapsicológicos propriamente ditos, no entanto é possível dizer que o autor não modifica a sua orientação naturalista de ciência, conservando também a sua concepção ontológica, ou seja, a sua visão de homem e mundo. Isso sinaliza para a validade da tese de Assoun (1983) sobre o conservadorismo epistemológico freudiano. No entanto, defende-se, nessa tese, que seria mais um conservadorismo ontológico de visão de homem e mundo. Visão essa que se mantém orientada pelo fenômeno, aprioristicamente

tratado como natural. Freud não rompe com as suas convicções naturalistas, ele apenas as transcreve em outra linguagem por meio de uma nova metodologia e pela escolha de outro objeto epistêmico, os sonhos. Com isso, o autor atinge a experiência concreta propriamente dita que, no *Projeto*, apesar de ter a clínica como pano de fundo, por vezes se restringe a um exercício do pensar, ou seja, a uma espécie de sistema filosófico especulativo sobre a estrutura e funcionamento do sistema nervoso e sua relação com as representações mentais. Além do mais, vale apenas destacar, tal como pontua Mezan (2011) que a consideração da importância do fator econômico no psíquico, exposta no *Projeto*, persistirá em toda a sua obra compondo um importante aspecto da teoria psicanalítica.

Se antes os objetos de investigação da psicologia científico-naturalista freudiana eram o sistema nervoso e os neurônios, na *A interpretação* ela assume outro objeto: os sonhos. De acordo com Carvalho (2018), seria através desse objeto que Freud encontra a via de acesso para expor o seu novo programa teórico-conceitual, apresentando, nessa empreitada, o seu modo de dimensionar as ciências da natureza e também reconhecendo o fato de estar diante de um dilema de difícil resolução. Nesse trabalho, Freud (1900/1996i; 1900/1996j) assume, de forma explícita, a metapsicologia como forma de entendimento e representação dos processos psíquicos da atividade onírica. No entanto, trata-se de uma metapsicologia altamente referenciada por princípios naturalistas.

No primeiro capítulo de sua obra sobre os sonhos, Freud (1900/1996i; 1900/1996j) apresenta uma extensa pesquisa sobre a literatura científica de obras que tratam deste assunto até meados de 1900. Nessa pesquisa são discutidas as produções de reconhecidas autoridades, principalmente no que se refere à temática da relação dos sonhos com o estado de vigília. No segundo capítulo, o autor continua a discussão e, posteriormente, apresenta um sonho modelo e o novo método de interpretação. Trata-se de um sonho do próprio Freud, ocorrido entre os dias 23 e 24 de junho de 1895, conhecido como “A injeção de Irma”, o primeiro sonho a ser

interpretado pormenorizadamente pelo autor. No terceiro capítulo, o autor apresenta a sua principal teoria do livro: a teoria do sonho-desejo, que diz que o sonho é a realização de um desejo, apresentando análises pessoais e de familiares. No quarto e quinto capítulos são abordados a explicação da distorção do material onírico e as fontes do sonho. No sexto, são discutidos os trabalhos do sonho, tais como condensação, deslocamento, o simbolismo, entre outros. No sétimo, o autor desenvolve a chamada psicologia dos processos oníricos abordando os mecanismos de defesa expressos no sonho e apresentando a teoria do inconsciente.

Quanto à forma como está organizada a apresentação da obra, é necessário dizer que Freud prepara metodológica e ontologicamente o solo para a apresentação das formulações sobre o inconsciente. Carvalho (2018) destaca que, nos capítulos que antecedem ao sétimo, Freud procura legitimar cientificamente o método da interpretação para lançar luz aos aspectos ontológicos do território desconhecido. Essa legitimação se dá pelo viés da ciência natural: os sonhos são entendidos como fenômenos naturais e materiais que poderiam ser interpretado por um método científico desde que esse adentrasse na lógica de sua estrutura e funcionamento.

Apesar de existirem concepções e noções de sexualidade nas formulações de *A interpretação*, essas não aparecem organizadas em uma teoria explícita da sexualidade. As noções teóricas e entendimentos de sexualidade, ao longo da obra, parecem estar implícitos na teoria do sonho-desejo, no entanto não ocupam um lugar de destaque na conceituação dos termos freudianos utilizados para representar os processos oníricos. Prova disso é o uso não expressivo do conjunto conceitual *Trieb*, libido, bissexualidade e apoio e outras noções que viriam a caracterizar a teoria da sexualidade infantil a partir dos *Três ensaios*. No entanto, o autor já se expressava da seguinte forma sobre esse assunto: “... foi sobretudo nas crianças que encontramos sonhos de desejo não distorcidos; embora *breves* os sonhos fracamente de desejo *pareceram* (e ênfase esta ressalva) ocorrer também nos adultos” (Freud, 1990/1996i,

pp. 576-577, grifado no original). Com essa hipótese, ele destaca o papel da censura na produção dos sonhos distorcidos, essa que operaria mais nos adultos e menos nas crianças.

Em *A interpretação*, o *Wunsch* (desejo) é apresentado em sua complexidade como um conceito central, que interliga à configuração da experiência individual do sonhador, na perspectiva de primeira pessoa - tal como bem apresentou Politzer (1998) - em clara oposição às perspectivas epistêmicas que tratam o sonho em terceira pessoa, de fora para dentro. De acordo com Hanns (1996), o uso do termo *Wunsch* no texto freudiano vincula-se a determinadas palavras do campo representacional e se diferencia de *Lust* (vontade/desejo/prazer) e de *Begierde* (desejo intenso/sofreguidão). É importante destacar que um dos sentidos de desejo em português refere-se ao desejo sexual ou libidinal. Essa acepção não está presente em *Wunsch*, conceituado em *A interpretação*. Hanns (1996) explica que esse termo no original tem caráter fortemente imaginário, remete ao ideal, ao sonho e a objetivos mais distantes e almejados. Em português desejo é de uso mais extenso, referindo-se também à sexualidade e ao querer mais imediato. O caráter sexual do desejo não está contido na semântica da palavra alemã *Wunsch*, e também não está diretamente relacionada às formulações freudianas sobre os sonhos (Hanns, 1996). A interpretação para esse fato pode ser relacionada à ausência de um entendimento integrado sobre a sexualidade *infantil*, o que viria a ser desenvolvido teoricamente nos *Três ensaios*, não estando entendida nem subentendida em *A interpretação*. Um exemplo da forma como Freud utiliza conceitualmente o termo *Wunsch* nessa obra pode ser extraído do seguinte trecho do Capítulo VII:

... eu proporia pôr de lado a afirmativa feita há pouco, de que a procedência dos desejos [Wünsche] oníricos é indiferente, e substituí-la por outra com o seguinte teor: *o desejo [Wunsch] que é representado num sonho tem de ser um desejo infantil*. No caso dos adultos, ele se origina do *Ics*. [inconsciente]; no caso das crianças, onde

ainda não há divisão entre *Pcs.* [pré-consciente] e o *Ics.*, ou onde essa divisão se está apenas instituindo gradualmente, trata-se de um desejo não realizado e não recalçado na vida de vigília. Estou ciente de que não se pode provar que esta asserção tenha validade universal, mas é possível provar que ela se sustenta com freqüência, até mesmo em casos onde não se suspeitaria disso, e não pode ser contestada enquanto proposição geral (Freud, 1900/1996i, p. 579, grifado no original).

Nesse exposto é possível constatar o conjunto conceitual usado por Freud para explicar a complexidade de *Wunsch*. Aqui não é possível dizer que haja uma apresentação de um entendimento teórico explícito de sexualidade, tampouco de que essa esteja no cerne desses processos. Dois fatos ilustram essa proposição: a primeira é atribuição de *Wunsch* em um sentido representacional, cujo uso freudiano busca aproximação entre aquilo que é alucinado, desejado e pensado e que não necessariamente e diretamente se refere ao desejo sexual, uma vez que o alemão não possui essa acepção para esse termo, tal como demonstrou Hanns (1996). Para Freud (1900/1996i), o pensamento não passa de um substituto do desejo alucinatório, no sonho, por exemplo, o que é pensado ou desejado é apresentado de maneira alucinatória. O segundo fato é o uso do conjunto conceitual dos sistemas inconsciente (*Ics*) e pré-consciente (*Pcs*) sem necessariamente utilizar ou se referir ao conjunto conceitual próprio da sexualidade (*Trieb*, libido, apoio, bissexualidade). Apesar de *Trieb* aparecer ainda no *Projeto* e também em algumas passagens de *A interpretação* seu entendimento ainda não se encontrava relacionado a uma teoria da sexualidade infantil. Nessa última obra, *Wunsch* é tratado como a única força impulsora psíquica para a formação dos sonhos (Freud, 1900/1996i).

Para um maior entendimento, aprofundamento e discussão epistêmica sobre a teoria do sonho-desejo e a sexualidade nessa obra, apresentar-se-á a análise de Politzer (1998) que toma

A interpretação dos sonhos como modelo para discutir as contribuições epistemológicas e os limites do método e da teoria psicanalítica de Freud. Tomando a psicanálise como a mais importante das tendências ou abordagens psicológicas, o autor realiza uma crítica dos fundamentos da psicologia clássica. Na compreensão de Politzer (1998), seria em *A interpretação* onde aparece o sentido da psicanálise, "onde são mostrados com um cuidado e uma clareza extraordinários seus procedimentos constitutivos" (p. 51), o que permite identificar as principais diferenças entre as concepções psicanalíticas e as concepções da psicologia clássica. O autor entende por psicologia clássica a disciplina científica, fundada nas últimas décadas do século XIX por Wundt e Fechner.

Ao discutir as descobertas de Freud, Politzer (1998) procura evidenciar os erros fundamentais dos postulados da psicologia clássica a partir da inspiração para o concreto, qualidade que o autor atribui à atitude metodológica psicanalítica. Para o entendimento desse quadro, convém destacar que, de acordo com Gabbi Junior (1998), autor do prefácio da tradução brasileira da obra de Politzer (1998), que tal atitude rompe, principalmente, com o postulado da psicologia clássica consistente na crença de que o psíquico resulta de processos mentais e não de atos de pessoas concretas. Tal crença é oriunda do tratamento dos fatos psicológicos como conteúdos que se processam no interior da mente, o que leva a generalização do psíquico e a elevação do sujeito pesquisado a um psicólogo, ou seja, pesquisador externo de seus próprios processos oníricos internos.

No que compete a esse modo de pensar e fazer epistemológico do psicólogo introspectivo (clássico), Politzer (1998) afirma que esse último "... espera do seu sujeito um estudo já psicológico, ele é sempre obrigado a supor um psicólogo no seu sujeito" (p. 86). E seria nesse modo que residiria "uma diferença enorme com o que acontece nas outras ciências: o matemático não pede a uma função que ela seja 'matemática', mas que seja

simplesmente função, e o físico não procura na bobina de Ruhmkorff outro físico, mas apenas a uma bobina de indução” (Politzer, 1998, p. 86).

A partir dessa concepção que generaliza o psíquico da psicologia clássica e exclui o sujeito de seus atos concretos, tratando-o em terceira pessoa, não existe a possibilidade para a compreensão, aprofundamento e explicação dos sonhos. De acordo com Politzer (1998), os psicólogos clássicos não visualizam o sonho como um fato psicológico, mas como uma reação fisiológica que distorce a realidade do mesmo. Essa reação fisiológica pode ser observada na ampla pesquisa bibliográfica sobre autores que estudaram os sonhos e os processos oníricos, apresentada e discutida por Freud (1900/1996i) nos primeiros capítulos da sua obra.

Sendo considerado pela maioria dos estudiosos do século XIX como um mero conteúdo fisiológico, o sonho é incluído na lógica da impessoalidade, na qual o sonhador não participa ativa e/ou dinamicamente. Tal lógica consiste em tratar o sonho como um conjunto de estados, tendo causas mecânicas e sendo uma entidade que existe em si mesma. Dessa forma, não é considerado como atos de pessoas concretas, mas enquanto conteúdo ou reflexo fisiológico. A primazia do conteúdo e do reflexo produz uma classificação do geral, o que anula a particularidade do sonho e sua relação com o sonhador. Assim, a preocupação epistêmica tende a recair, por exemplo, sob a imagem dos sonhos e os estados afetivos do um ponto vista da classificação. Nessa forma de entender e representar os processos oníricos, a individualidade e o sentido que o sonho tem para o sonhador são desconsiderados, ocasionando uma separação entre ambos. Etiologicamente, o sonho é representado, na psicologia clássica, por causas impessoais e não pelo sujeito que sonha (Politzer, 1998; Pastre, 2006; Catão 2018).

Para o entendimento da contribuição da teoria dos sonhos, é importante dizer que, de acordo Roudinesco e Plon (1998), Freud foi o primeiro a conceber um método de

interpretação para o sonho baseado não em referências estranhas ao sonhador, tal como supunha a psicologia clássica, mas nas livres associações que o sonhador pode fazer a partir do seu relato. A concepção do método do relato é oriunda do rompimento, principalmente com o postulado que afirma que o psíquico resulta de processos mentais e não de atos de pessoas concretas. Esse postulado procura fundamentar o método psicológico clássico conhecido como introspecção (Politzer, 1998; Pastre, 2006; Catão, 2018).

A partir da análise crítica de Politzer (1998), é importante destacar que no método da introspecção, o psicólogo abandona o plano intencional, ou seja, o plano dos atos, e coloca-se no ponto de vista realista e formal, substituindo o primeiro relato, significativo, por um segundo relato, que nada mais tem a ver com a teleologia das relações humanas. Assim, tal método seria um segundo relato. De acordo com essa perspectiva, a grande contribuição metodológica de Freud estaria em substituir o método introspectivo da psicologia clássica, o relato em terceira pessoa, pelo método do relato em primeira pessoa, ou seja, a associação livre e a interpretação. Assim, Freud efetua uma transformação do ponto de vista subjetivo para o objetivo, da intuição para o comportamento (Freud, 1900/1996i; Freud, 1900/1996j; Politzer, 1998; Pastre, 2006; Catão, 2018).

Para Politzer (1998), a grande contribuição epistemológica de Freud seria a consideração do sonho enquanto fato psicológico, justamente pelo tratamento do mesmo como atos pessoais de indivíduos concretos. Freud (1900/1996i; 1900/1996j) retira o sonho da lógica da impessoalidade (terceira pessoa) e o insere na lógica da pessoalidade (primeira pessoa), na medida em que o significa como a realização ou concretização de um desejo. Consequentemente, o sonho deixa de ser um mero processo mental e/ou fisiológico, um conteúdo, e passa a ser entendido e representado como um ato, a realização de um desejo, sendo significado como um segmento ou continuidade da vida particular do indivíduo. Assim:

... o desejo não liga o sonho ao indivíduo do ponto de vista do conteúdo, mas porque assegura ao sonho essa continuidade do *eu*, sem a qual o fato psicológico é apenas uma criação mitológica. Se o sonho é a realização de um desejo, não é senão uma modulação do "eu" que o tem e que, conseqüentemente, está presente. O desejo assegura ao sonho a continuidade dessa presença do *eu*. Resumindo, *pela teoria do sonho-desejo, o sonho passa a ser um ato* (Politzer, 1998, p. 77, grifado no original).

A teoria do sonho-desejo, exposta por Freud (1900/1996i; 1900/1996j) em sua obra, coloca o sonhador como protagonista, “autor” e “ator” de seu próprio sonho, ou seja, de seu ato. O sonhador não é mais concebido como espectador de seu próprio sonho tal como descrevia a psicologia clássica com seus postulados que procuravam fundamentar os processos oníricos a partir de uma lógica por vezes impessoal. Convém destacar que para Freud (1900/1996i) os sonhos não são destituídos de sentidos e não implicam também que uma parcela de reserva de representações esteja adormecida, enquanto outra começa a despertar, mas “são fenômenos psíquicos de inteira validade — realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa” (p. 157). Freud deu outra significação para o sonho, justamente, por considerá-lo em primeira pessoa como segmento da vida dramática do sonhador, ou seja, por concebê-lo como ato, permitindo assim o seu estudo e racionalidade. É essa noção de ato que Politzer (1998) significa como fundamental da psicologia concreta. O autor afirma que “o ato é a única noção inseparável do *eu* em sua totalidade, único entre todas as noções, só se concebe como a *intervenção atual do eu*” (Politzer, 1998, p. 77-78, grifado no original). Para o autor, a psicologia concreta só pode reconhecer como fato psicológico real o ato.

Outra contribuição do método e da teoria psicanalítica é apresentada por Politzer (1998), sobretudo por romper o postulado da convencionalidade do significado. De acordo com o autor, é a partir da intervenção sobre esse postulado que Freud conclui que a psicologia clássica só quer considerar o conteúdo manifesto. Tal postulado consiste em conceber em terceira pessoa, numa lógica convencional, os acontecimentos vivenciados pelo indivíduo. Sobre esse assunto, ele continua:

Tudo acontece para ela [psicologia clássica] como se todas as consciências individuais tivessem o mesmo conteúdo de significações, como se cada consciência individual fosse apenas uma intuição de significações sempre as mesmas para todo mundo; significações que a intuição só captaria, sem nada alterar. É evidente que nessas condições só há conteúdo manifesto, isto é, significações convencionais... (Politzer, 1998, p. 94).

Nesse postulado está inscrito que o valor coletivo da linguagem e dos atos são fatos espirituais ou gerais, ou seja, conteúdo manifesto. Essa proposição pode ser observada na dupla significação onírica atribuída pela psicologia clássica aos processos oníricos: o sonho teria uma significação ordinária (convencional), ou seja, uma significação pública e também teria uma significação individual, esta que envolveria o indivíduo particular (Pastre, 2006). Politzer (1998) afirma que a psicologia clássica, em uma “atitude realista ingênua” (p. 95-96), desdobra a significação convencional, projetando-a no interior do indivíduo e, não indo além da mesma, elimina o problema do sentido que se situa nos atos desse indivíduo. Esse entendimento opera como se o indivíduo não passasse de uma realização das exigências sociais em uma perspectiva antropomórfica, ou seja, a partir da inserção de um significado convencional externo no plano individual.

Politzer (1998) afirma que, com o emprego do postulado da convencionalidade do significado, a psicologia clássica prolongou a atitude do realismo ingênuo, atitude essa que as demais ciências de sua época não mais conservavam. Em seu entendimento, essa atitude, nutrida pelos valores da sociedade (senso-comum), representa um empecilho para o desenvolvimento das ciências. Com base na leitura dos valores conservadores e representações coletivas da sociedade, o autor sugere o porquê da teoria freudiana da sexualidade infantil, apresentada nos *Três ensaios*, ter encontrado tantas dificuldades de ser admitida: "é precisamente porque médicos e psicólogos só quiseram ver na criança o que ela deve ser, de acordo com certas representações coletivas bem conhecidas" (Politzer, 1998, p. 96).

A convencionalidade do significado, para Politzer (1998), não tem relação com a experiência concreta. É oriunda do uso de dialéticas convencionais que, segundo o autor, a psicologia clássica compreende como as únicas existentes. Assim também são concebidos os demais postulados dessa, como construções teóricas de tais dialéticas. A crença neles não é formulada pela experiência. Para o autor, a crença nesses postulados corresponde ao motor do método introspectivo da psicologia clássica. Em sua compreensão, tal método tem como característica central a transformação dos acontecimentos vividos (atuados) pelo homem em processos que acontecem no interior da mente (conteúdos mentais) - realismo - processos substantivados - abstracionismo - que são tratados como classes de fenômenos psíquicos, perdendo toda a significação individual (Politzer, 1998; Pastre, 2006; Catão, 2018).

Embora a psicanálise efetue uma verdadeira transformação epistemológica dos postulados da psicologia clássica com o método do relato, Politzer (1998) afirma que Freud abandona a sua inspiração para o concreto e recai na atitude da psicologia clássica, na medida em que utiliza especulações teóricas a partir de um procedimento metapsicológico. Essas especulações são realizadas tomando como referência o conceito e noção de inconsciente.

Assim, Freud retornaria ao pressuposto da psicologia clássica "presunção de que existe uma vida interior", retomando, segundo Politzer (1998), a abstração e o realismo que lhes são próprios. Pois, de acordo com o autor, o inconsciente em Freud é concebido como uma entidade interior que possui vida própria. Politzer (1998) entende que:

... a hipótese do inconsciente não significa para a psicologia essa grande conquista que habitualmente se vê que, por outro lado, a novidade e a originalidade da psicanálise não podem residir na descoberta e na exploração do inconsciente, pois, em certo sentido, o inconsciente só representa na psicanálise a medida da abstração que sobrevive no interior da psicologia abstrata (Politzer, 1988, p. 131).

Tomando o inconsciente como uma espécie de retorno à psicologia abstrata, Politzer (1988) reconhece uma dualidade na psicanálise: a dualidade do concreto e do abstrato. Do concreto, pois o seu aporte metodológico, inspirado em um problema real, evidencia criticamente os principais equívocos da psicologia clássica, revelando, assim, o fato psicológico. Do abstrato, pois quando Freud recorre a uma explicação metapsicológica dos fatos, ele rompe com a inspiração que o levou ao método, incorrendo na atitude da psicologia clássica. Esse contraste entre abstrato e concreto pode ser explicado pela maneira como Freud concebe as relações entre psicologia e psicanálise. Politzer (1998) afirma que para Freud, “psicologia e psicanálise estão em planos diferentes: a atitude psicanalítica não é a busca da própria psicologia dos fatos e, por outro lado, a busca da explicação psicológica implica o abandono da atitude propriamente psicanalítica” (p. 165).

Politzer (1998) procura demonstrar tal afirmação considerando o movimento que Freud faz da psicanálise à psicologia e, depois, da psicologia à psicanálise. Para ele, o movimento que Freud faz da psicanálise à psicologia se dá quando este procura explicar suas descobertas. A busca da explicação psicológica implica o abandono da atitude propriamente

psicanalítica. Assim, para Freud, explicar o fato psicológico significa encaixá-lo em leis conhecidas da psicologia. Nesse sentido, Freud pelo simples fato de procurar a explicação é levado de volta à psicologia clássica (Pastre, 2006; Catão, 2018).

Vale frisar que, para Politzer (1998), a grande contribuição de Freud está nas suas descobertas realizadas graças ao método do relato: este que trata os atos individuais como fatos psicológicos. Tais descobertas decorrem de sua atitude empírica: problematização e pesquisa. No entendimento de Politzer (1998), a psicanálise, ao lado das demais tendências psicológicas (teoria da Gestalt; behaviorismo), anuncia a psicologia concreta. O método do relato é a evidência dessa anunciação. No entanto, de acordo com o autor, a psicanálise retorna à abstração e ao formalismo, na medida em que procura explicar o relato a partir da concepção do inconsciente, traçando o caminho inverso ao de sua atitude, inspirada para o concreto.

De maneira geral, a análise crítica de Politzer (1998) do modo de pensar e de investigar de Freud a partir de *A Interpretação*, é muito importante, sobretudo por apresentar as contribuições epistemológicas e alguns limites epistêmicos da atitude freudiana. Nessa análise crítica, o autor insere a psicanálise entre as ciências positivas e a partir de uma comparação identifica as principais diferenças e semelhanças do método freudiano com o da psicologia clássica, que considera como uma “pseudo-ciência”.

Concorda-se que as contribuições científico-epistemológicas da psicanálise são oriundas do desenvolvimento do método do relato, cujo mérito está em tratar os sonhos como expressões materiais e concretas da vivência do sonhador. A partir da leitura de *A interpretação* e da análise de Politzer (1998), pode-se reforçar a categorização de duas dimensões na atitude freudiana: uma epistemológica e a outra ontológica. Ambas as dimensões direcionam para as formulações da teoria geral dessa obra. A dimensão epistemológica de Freud se refere a sua atitude metodológica de desenvolver e apresentar um

novo método para a interpretação dos sonhos. Essa dimensão se constrói principalmente nos seis primeiros capítulos de *A interpretação*, onde Freud parte de uma ampla revisão bibliográfica e busca se fundamentar em experiências concretas: tanto as dele próprio – a análise do sonho “A injeção de Irma”, por exemplo – quando a de seus pacientes. A dimensão ontológica da atitude freudiana, implícita na concepção de ser dos sonhos, é naturalista, isto é, parte de uma visão de homem e mundo como seres naturais. O sonho é entendido como um fenômeno natural que é regido pelas leis da natureza. Essa dimensão não se inicia em *A interpretação*, como apresentada anteriormente no *Projeto* e em outras publicações pré-psicanalíticas.

É importante lembrar, tal como bem elucidou Strachey (1996), que em *A interpretação* ocorre a substituição de alguns conceitos e noções neurológicas – ou da neurologia dinâmica – por conceitos e noções metapsicológicas, propriamente ditas. No entanto, pode-se afirmar, concordando com a leitura de Monzani (1989), que não se trata necessariamente de uma ruptura, mas de uma nova roupagem teórico-metodológica. Esse autor cria condições para alguns questionamentos da leitura clássica sobre a passagem das formulações do *Projeto* para as de *A interpretação*. Dentre essas leituras, está a concepção de um modelo naturalista e explicativo na primeira obra e de outro não naturalista e interpretativo na segunda. Defende-se, nessa tese, que essa concepção é equivocada, pois parte de uma leitura que não considera o modo de pensar freudiano em sua dimensão histórica, epistemológica e ontológica ao longo da obra. Assim, sustenta-se que as formulações freudianas são naturalistas desde o início das pesquisas do autor, tais como as realizadas com as enguias macho em Trieste.

Nessa linha de raciocínio, não seria o plano ontológico, ou seja, a concepção de ser, que se modificaria na passagem do *Projeto* para *A interpretação*, mas o método que constrói e acessa o objeto epistêmico, os sonhos. Trata-se de um método de interpretação específico para

investigação e legitimação desse objeto. Em outras palavras, pode-se dizer que esta modificação é de ordem epistemológica e não ontológica. No entanto, é importante destacar, tal como bem expressou Carvalho (2018), que o naturalismo freudiano não é totalmente rígido, ou seja, não segue rigorosamente os princípios das ciências de sua época, mas é orientado pelo fenômeno. Mesmo assim já está pré-moldado no modo de pensar de Freud uma concepção de ser, uma visão de homem e mundo (homem-natureza) antes mesmo do contato com a experiência, que se pode chamar aqui de concepção apriorística. Nesse modo de pensar estão as bases que irão orientar a sua experiência de investigação e a construção da metodologia para acesso a seus objetos epistêmicos.

Assim, conclui-se que o naturalismo freudiano não se resume ao método, mas está implícito na visão de homem e mundo do autor, para a qual o homem é um ser natural que se situa em mundo-natureza, mediado por forças externas. Embora não necessariamente explícita, no que compete ao plano epistemológico, a análise de Politzer (1998) permite entender os avanços de Freud que se expressam no deslocamento dos conceitos e noções do *Projeto* para *A interpretação*, cuja legitimidade é garantida por um método de investigação, o método do relato. No entanto, a análise de Politzer não adentra necessariamente o plano ontológico, ou seja, a visão de homem e mundo e a concepção de ser de Freud. Essa que já estava posta no *Projeto*, porém ainda não possuía um método que produzisse condições para a sua legitimação, uma vez que o objeto epistêmico, os neurônios, não poderiam ainda ser acessados por uma metodologia empírica. Ou seja, tal como bem demonstrou Bezerra Jr. (2013), na época em que Freud escreveu o *Projeto* não existiam ainda instrumentos técnicos – tal como os da neuroimagem, disciplina da medicina, - necessários para o entendimento funcional da complexa estrutura cerebral.

A partir desses entendimentos, pode-se afirmar que a metapsicologia freudiana, cujas origens remontam ao *Projeto*, surge diante de um limite da ciência positivista da época (a

impossibilidade de estudar os neurônios por via empírica), o que pode ser evidenciado na especulação de Freud (1895/1996e) sobre a lógica da estrutura e funcionamento neuronal, recorrendo à filosofia utilitarista de Stuart Mill e a neurologia dinâmica de John Hughlings Jackson. O ser da metapsicologia é oriundo de uma tentativa de conciliar a empiria da clínica, cuja efetividade se dava pela observação e escuta clínica, com as bases orgânicas dos processos mentais, cuja legitimidade era uma exigência das ciências naturais da época. Essa metapsicologia, que representa a tensão entre orgânico-biológico e os processos mentais, tem a sua continuidade em *A interpretação*, mesmo com a eleição de outro objeto epistêmico, os sonhos. Ela se encontra intimamente relacionada com a visão de homem e mundo de Freud, ou seja, ao caráter ontológico do modo de pensar freudiano, e pode ser apreendida no capítulo VII de *A interpretação*, cuja principal inovação estaria no recurso da teoria inconsciente para explicação dos processos oníricos.

É importante ressaltar que, no contexto da primeira edição de *A interpretação*, os sonhos representam o objeto epistêmico e as construções sobre o inconsciente uma teoria que permite explicar a psicologia dos processos oníricos. Nesse sentido, a leitura dessa obra pode ser realizada em duas partes, tal como a realizada por Politzer (1998): a primeira parte (do primeiro ao sexto capítulo) que procura apresentar do método do relato, partindo da literatura científica e defendendo a tese de que o sonho é a realização de um desejo; a segunda parte (capítulo VII) que procura apresentar a teoria do inconsciente como uma base fundamental para a psicologia dos processos oníricos. Freud (1900/1996j; 1900/1996i) reserva o capítulo VII exclusivamente para apresentação dessa teoria, não sendo esta mencionada nos capítulos anteriores.

Quanto à forma como aparece a sexualidade, suas noções e conjunto conceitual, existe um entendimento teórico implícito nas formulações, mas o mesmo não é apresentado como uma teoria da sexualidade. É importante destacar que na concepção de Freud (1900/1996i;

1900/1996j) não existe uma diferenciação real entre sexos até a puberdade, ou seja, não havia ainda distinção categórica entre o masculino e o feminino. Não existe também uma definição precisa quanto à relação do complexo de Édipo com o complexo de castração nos dois sexos. Isso vem a evidenciar a ausência de uma teoria da sexualidade propriamente dita, nas formulações de *A interpretação*.

Como estudado, *Wunsch* é um dos conceitos centrais de *A interpretação*, representando a única força impulsora psíquica para a formação dos sonhos, se diferenciando do entendimento de *Trieb* do *Projeto*. Nesse último, *Trieb* refere-se a algo da qual deriva o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Tal impulso também é concebido como vontade. Pode-se afirmar ainda que não havia uma teoria da sexualidade infantil em ambos os momentos, daí também a utilização mais geral desses termos. Compreender como aparece o *Trieb* e demais conceitos do conjunto conceitual da sexualidade a partir dos *Três ensaios*, livro no qual Freud apresenta a teoria da sexualidade infantil, buscando alçar também discussões epistêmicas com escritos anteriores, será um dos objetivos do capítulo 2. Antes desse, serão apresentadas algumas considerações sobre o Caso Dora, este que, em termos epistêmicos e metodológicos, representa um esforço freudiano inserir a sexualidade no cerne das preocupações, formulações e conceituações psicanalíticas.

1.5 O Caso Dora ou a passagem do *Wunsch* genérico para um entendimento ou pré-formulação sobre a estrutura e a função da sexualidade

O Caso Dora é, sem dúvidas, um dos casos clínicos mais importantes da obra freudiana, não somente por apresentar aspectos do modo de pensar freudiano, mas sobretudo por expressar aspectos da orientação metodológica do manejo clínico psicanalítico. Este que, como em quase todos os momentos da obra freudiana, não se fecha a uma ou outra tendência, mas se mantém ligado ao campo da experiência, da descoberta, sendo lançado, por vezes, a

inúmeras reflexões críticas por parte de autor. Nesse tópico, procurar-se-á apresentar como as concepções de sexualidade aparecem no modo de pensar freudiano no momento quando escreveu o Caso Dora.

É importante destacar que embora não haja, de fato, uma teoria da sexualidade propriamente em *A interpretação*, os assuntos de interesse dessa (etiologia sexual; relação entre neurose e sexualidade; trauma; fantasias) povoavam intensamente o modo de pensar freudiano na época do tratamento de Dora e da escrita do caso. Como se sabe a maior parte desse foi escrito em janeiro de 1901, aproximadamente um ano depois do livro dos sonhos. No entanto, a sua publicação ocorreu somente em outubro e novembro de 1905 com o título de “*Fragmento da análise de um caso de histeria*”. (Strachey, 1996b).

Em outubro de 1899, alguns meses depois do lançamento de *A interpretação*, Freud, em uma carta datada do dia 11, anuncia a Fliess uma das possíveis herdeiras desse trabalho: “É possível que uma teoria da sexualidade seja a sucessora imediata do livro dos sonhos. Hoje me ocorreram diversas coisas muito estranhas, que ainda não entendo propriamente” (Freud, 1986f, p. 380). Nesse documento, o autor não diz que coisas são essas, no entanto é importante destacar que o termo sexualidade aparece inserido em um esquema na primeira linha da carta: Aparelho psíquico, histeria, Clínica, sexualidade e orgânico. Ao que tudo indica, o autor já tinha em mente que o próximo passo de seu percurso teórico seria o desenvolvimento de uma teoria da sexualidade. Esse empreendimento, de fato, não está evidente no livro dos sonhos, cujo principal enfoque está sobre no termo *Wunsch*, tratado em sua genericidade, que é considerado na experiência infantil, sem necessariamente articular essa à sexualidade.

Como se sabe, nas formulações freudianas até 1900, não existe ainda uma teoria da sexualidade infantil propriamente dita: os desejos recalcados se tornariam problemáticos somente com as transformações da puberdade, uma vez que a sexualidade era concebida

como inoperante na infância. Essa perspectiva representa a extensão de um entendimento freudiano expresso no *Projeto* que é conservado em *A interpretação*. No momento do atendimento e escrita do Caso Dora, Freud já possuía uma concepção da etiologia da sexualidade no que se refere à constituição das neuroses, ou seja, trata-se de uma concepção psicopatológica da sexualidade. A sexualidade do indivíduo – concebida a partir da puberdade e evidente no adulto – seria também efeito das experiências infantis que somente se tornariam “sexuais” a partir desse momento do desenvolvimento humano.

A etiologia sexual, no modo de pensar freudiano em meados de 1901, seria uma ferramenta teórico-metodológica para compreender os processos constitutivos da psicopatologia neurótica. Como se observa nessa fórmula, o enfoque freudiano, nesse momento, está sobre a psicopatologia, e o sexual seria um componente de uma concepção e de uma metodologia etiológica que possibilitaria a compreensão de seus fundamentos. Evidentemente que o objetivo dessa etiologia sexual era fundamentar como as experiências sexuais precoces e fantasias sexualizadas da infância afetariam a constituição do indivíduo, no entanto não se trata ainda de uma concepção ou teoria da sexualidade infantil, mas de noções teóricas que viriam a ser complementada a partir do Caso Dora.

Em uma carta a Fliess de 14 de outubro de 1900, Freud faz uma breve alusão ao caso: “Esse tem sido um período animado e me trouxe uma nova paciente, uma jovem de dezoito anos que se abriu suavemente com a coleção existente de gazuas” (Freud, 1986g, p. 428). Outra referência ao Caso aparece em uma correspondência de 10 de janeiro de 1901: “... estou escrevendo dois ensaios simultaneamente, isto é, fazendo um competir com o outro: além do “Cotidiano”, ‘Sonhos e Histeria: Fragmentos de uma Análise’. Ainda não resolvi onde publicá-lo.” (Freud, 1986h, 433). Por “Cotidiano”, Freud está se referindo a *Psicopatologia da vida cotidiana*, obra que trata dos “atos falhos” e que seria lançada naquele mesmo ano, o

que não ocorreu com *Sonhos e histeria*, primeiro título para o então Caso Dora, que, como já mencionado, só seria publicado em 1905.

Outra Carta de Freud a Fliess revela um pouco da forma com Freud visualiza esse trabalho no conjunto de sua obra:

Terminei ontem “*Sonhos e Histeria*”, e hoje já estou sentindo falta de um soporífero. Ele é um fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho. Além disso, contém resoluções de sintomas histéricos e vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto. É a coisa mais sutil que escrevi até agora e vai desconcertar as pessoas ainda mais do que de hábito. O ensaio já foi aceito por Ziehen, que não se dá conta de que logo lhe infligirei também a “*Psico-patologia da Vida Cotidiana*”... (Freud, 1986i, p. 433)

Nesse trecho, é possível observar que Freud concebe o ensaio sobre o tratamento de Dora como uma extensão continuada de *A interpretação*. De acordo com Celes (1995), pode ser anexado a essa obra quando considerado dois aspectos: 1. como prologamento ou complemento de *A interpretação*, no qual o caso de Dora é tratado como mais um exemplo do uso método de interpretação de sonhos; 2. como aplicação clínico-prática, derivada de *A interpretação*. No Caso Dora, Freud procura, criar condições teórico-conceituais para legitimação do método de interpretação dos sonhos, reafirmando os sonhos como objeto epistêmico da psicanálise e procurando desenvolver o entendimento da psicologia dos processos oníricos. Adentrando nas profundezas do problema dos sonhos, tal psicologia poderia trazer algumas resoluções dos sintomas da histeria, no entanto se conectando apenas parcialmente com seus fundamentos orgânicos e sexuais. Observa-se, no discurso de Freud, o intuito de chocar ou desconcertar as pessoas por meio de teorias ousadas. Freud alude o

“como o orgânico” aparece no Caso – e de fato essa preocupação está presente em seu registro – e em outra carta endereçada a Fliess de 30 de janeiro de 1901. Nesse documento, Freud afirma ao amigo que o ensaio não irá desapontá-lo, pois:

...o principal nele é, mais uma vez, a psicologia, a utilização dos sonhos e algumas peculiaridades dos processos inconscientes de pensamento. Há apenas vislumbres [de elementos] do orgânico, isto é, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas a bissexualidade é mencionada e especificamente reconhecida de uma vez por todas, e está preparado o terreno para um exame pormenorizado dela em outra ocasião. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, ambas as quais podem ser rastreadas até o caráter da sucção do bebê, e a questão principal nos processos de pensamento conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma inclinação para as mulheres (Freud, 1986j, p. 435).

Aqui são observados dois importantes aspectos da atitude de Freud. O primeiro se refere ao tratamento do sonho como material de análise, a psicologia dos processos oníricos que se moveria em uma direção teórico-metodológica diferente ao orgânico (biológico) propriamente dito, e as características dos processos inconscientes, que foram anunciadas teoricamente em *A interpretação*. Por direção diferente ao orgânico, é preciso destacar que se trata de um entendimento freudiano que considera o sonho a partir de suas manifestações fenomênicas e, apesar de não descartar ou desconsiderar o orgânico, não se situa sobre esse, ou seja: o que interessa a Freud é mais o seu sentido via relato do que os fatores orgânicos que, também, são determinantes para a vida onírica. Constatou-se, por via do estudo da passagem do *Projeto* para *A interpretação*, que a modificação não é em relação a concepção ontológica naturalista, mas em relação ao objeto epistêmico e o seu tratamento metodológico.

O segundo aspecto da atitude de Freud no trecho se refere ao seu esforço em se justificar ao amigo e confidente teórico no que tange ao uso da teoria da bissexualidade, a qual Fliess é precursor teórico. Nas *Cartas de Freud a Fliess* (Masson, 1986), não é a primeira vez que Freud se justifica ou mesmo reconhece as teorias do amigo como legítimas, deixando exposto que as aceita e as utiliza em seu trabalho clínico. Isso vale tanto para a bissexualidade de todos os seres, a teoria do biorritmo humano e da neurose nasal – essa última que representa o entendimento de Fliess de que havia uma conexão entre a mucosa nasal e os órgãos genitais. Uma maneira eficiente de curar a neurose histérica, de acordo com Fliess, seria retirar parte da mucosa e ossos do nariz (Masson, 1986).

O esforço de Freud em justificar a Fliess encontra-se relacionado à intimidade da amizade e também ao respeito, à admiração e ao apreço do primeiro em relação ao segundo. É por meio desses requisitos que se torna possível evidenciar uma relação transferencial entre Freud com Fliess. Esse último assume para o primeiro o papel de autoridade de saber. Essa relação, como observado nas cartas (Masson, 1986), favorece o desenvolvimento primordial da psicanálise e a teoria da sexualidade. No entanto, não será pela validade ou legitimidade epistêmica das teorias de Fliess, uma vez que Freud não iria mais aceitá-las legitimamente, mas desprezá-las, negá-las e/ou transformá-las, tal como é o caso da teoria da bissexualidade. O que se pode dizer da contribuição de Fliess para a epistemologia da sexualidade é que, além de um interlocutor teórico interessado na temática da sexualidade e de sua relação com o biológico, ele foi literalmente o Outro para Freud.

O interesse compartilhado de Freud e Fliess por esse tema possibilitou uma fecunda troca de idéias e a formulações de questões e hipóteses sobre a etiologia da sexualidade. No entanto, seria somente posterior ao rompimento dessa amizade, que Freud (1905/1996m) avançaria em uma direção original – independente de Fliess - desenvolvendo uma teoria da sexualidade propriamente dita, o que pode ser constatado nos *Três ensaios*. Freud iria

conservar a noção de zona erógena, mas não iria atribuí-la fixadamente ao nariz como fez Fliess, mas, sobretudo, a boca, ao ânus e aos órgãos genitais em geral. A temática da zona erógena oral já estava presente nas *Cartas de Freud a Fliess*, antes e no momento da escrita da maior parte do Caso Dora (1901) e foi amplamente expressa na correspondência.

Diferentemente de *A Interpretação*, cujo sonho de Freud “A Injeção de Irma” é um modelo basilar para edificação e legitimação do método de interpretação dos sonhos, no Caso Dora, o autor procura a legitimidade em, basicamente, dois sonhos de sua paciente adolescente. Apesar de não existir ainda uma teoria da sexualidade e de não haver referência ao *Trieb* sexual, o que, tal como será estudado, é constatado nos *Três ensaios*, é possível afirmar que no modo de pensar freudiano, na época em que começou a escrever o Caso Dora, além de haver a concepção de uma etiologia sexual da neurose histérica, havia uma aproximação teórico-nocional dessa com a psicologia dos processos oníricos, o que não é observado em *A interpretação*.

Trata-se da passagem do entendimento do *Wunsch* genérico para outra noção, expressa em uma pré-formulação sobre a estrutura e função da sexualidade. E como se o *Wunsch* saísse de sua delimitação genérica, de sua espiritualidade semântica, expressada em língua alemã, e adentrasse a especificidade da materialidade sexual, no entanto sem adquirir o estatuto formal de um conceito. Ou seja, no Caso Dora ainda não havia uma teoria da sexualidade propriamente dita.

Celes (1995) trás um interessante argumento que ajuda esclarecer como aparece a noção de sexualidade no Caso Dora. O autor afirma que por mais que os sonhos tenham sido proeminentes nesse caso, a parcela mais difícil do trabalho técnico sempre esteve de fora. Ele levanta a hipótese de que é justamente pela importância que Freud dá aos sonhos no Caso Dora que a parte mais difícil do trabalho ficou excluída. Para o autor, trata-se do fator da

transferência. Nessa linha de raciocínio, Freud não teria cuidado de sua relação transferencial com Dora, o que de fato levou ao fracasso do tratamento.

Mesmo concordando como Celes (1995) que, do ponto de vista do tratamento clínico, ocorreu um fracasso no Caso Dora por ter ficado de fora das análises de Freud a sua própria transferência, é importante destacar que, do ponto de vista epistêmico, o esforço freudiano consiste em acrescentar a sexualidade na maneira como se entende e como se apreende os sonhos. Isso permite sustentar a hipótese de que o esforço freudiano em inserir a sexualidade na analítica onírica no Caso Dora representa a passagem do *Wunsch* genérico para uma pré-formulação sobre a estrutura e a função da sexualidade. Ou seja, é como se Freud sexualizasse o *Wunsch* para além do seu limite semântico do alemão, subvertendo o seu sentido e criando condições para a sua integração à concepção de *Trieb* sexual. Assim, o autor prepara o solo para uma teoria mais legítima e original sobre a sexualidade. Teoria essa que será estudada no próximo capítulo.

Capítulo 2

As Formulações sobre a Sexualidade de *Trieb*: da teoria da sexualidade infantil às duas teorias sistemáticas de *Trieben*

Nesse capítulo, apresentar-se-á um estudo histórico-conceitual que discute teórica e epistemologicamente o desenvolvimento das formulações de sexualidade e seu conjunto conceitual a partir do momento em que Freud desenvolve uma teoria da sexualidade com enfoque no *Trieb*. Inicialmente, procurar-se-á descrever e discutir as concepções de sexualidade e seu conjunto conceitual oriundas dos *Três ensaios*, publicação onde Freud apresenta o resultado de suas pesquisas psicanalíticas no que tange às “aberrações sexuais”, à sexualidade infantil e às transformações da puberdade. Em um segundo momento, procurar-se-á apresentar um estudo sobre as concepções de sexualidade a partir da formulação da primeira teoria sistemática de *Trieben*. Em um terceiro momento, buscar-se-á descrever e discutir epistemologicamente a segunda teoria sistemática de *Trieben*. Em ambos os momentos desses estudos, procurar-se-á situar as bases epistêmicas do modo de pensar freudiano incluso nos trabalhos estudados, apresentando também as semelhanças e diferenças com as formulações passadas, na tentativa de apreender como Freud procura legitimar o seu objeto epistêmico.

2.1 Uma teoria da sexualidade a partir de *Trieb*: algumas considerações epistêmicas sobre a primeira edição dos *Três ensaios*

Embora sua noção seja anterior, *Trieb*, um dos pilares para a evolução das concepções e teorias da sexualidade em psicanálise, tem o seu desenvolvimento teórico-conceitual iniciado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, obra ensaística publicada originalmente em 1905. Essa obra é considerada uma das maiores e mais influentes de Freud.

Ao lado de *A interpretação dos sonhos*, foi uma das que mais recebeu modificações e adendos ao longo de suas edições (Ellenberg, 1970; Freud, 1905/1996m; Strachey, 1996b). Compreender como opera o entendimento epistemológico freudiano de sexualidade e *Trieb* e a sua relação com o contexto de época, eis alguns dos desafios dessa etapa.

Para compreensão do sentido original desta obra é importante dizer que, de acordo com Amaral (1995) e Strachey (1996b), essa foi reformulada por Freud em quatro edições posteriores nos anos de 1910, 1915, 1920 e 1924. Essa reformulação se deu através da inserção de notas com justificativas elaboradas por Freud a partir das pesquisas e formulações em cada época das edições posteriores. Trata-se de uma releitura da obra que envolve algumas modificações na reformulação do conceito de *Trieb* e da teoria da sexualidade em geral. Existem inúmeras interpretações desta obra, muitas que não consideram o conteúdo e o contexto da primeira edição e também o contexto no qual foram realizadas as modificações (Freud, 1905/1996; Strachey, 1996b). Devido às várias modificações editoriais, Ellenberg (1970) destaca que para compreender o sentido original da obra seria necessária a leitura da edição de 1905. Assim, seguindo essa perspectiva e atentando-se aos detalhes das modificações, procurar-se-á reconstituir uma discussão da teoria da sexualidade da primeira versão à luz de seu contexto.

Como sugerido no título, os *Três ensaios* são divididos em três partes. A primeira é dedicada às aberrações sexuais, termo cunhado por médicos e autores da época para descrever as parafilias ou psicopatologias sexuais. A segunda dedica-se à sexualidade infantil. A terceira, às transformações da puberdade. Nesses ensaios, Freud (1905/1996j), no intuito de compreender e explicar o funcionamento da sexualidade humana, inicia o desenvolvimento teórico do conceito de *Trieb*, atribuindo-lhe um sentido sexual. É a partir dessa conceituação inicial que ele descreve no primeiro ensaio os desvios em relação ao objeto sexual. Esses “desvios” incluem a “inversão”, os “imatuross sexuais” e “animais tomados como objetos

sexuais". Nessa terminologia, Freud (1905/1996m) designa três formas de comportamentos sexuais, consideradas "taras" pelos médicos do fim do século XIX. São essas: a homossexualidade, a pedofilia e a zoofilia.

No primeiro ensaio, é importante destacar que Freud (1905/1996m) parte de um pressuposto biológico ao sugerir que as necessidades sexuais do homem e do animal são características do *Trieb* sexual. No entanto, suas formulações apontam para a concepção de que o objeto sexual do *Trieb* não é necessária e unicamente pré-determinado biológica ou geneticamente, sustentando, desde o início da primeira edição, que as tendências perversas fazem parte da gênese, constituição e desenvolvimento do *Trieb* sexual e, em geral, da sexualidade humana. Nesse sentido, o autor leva também em consideração os fatores acidentais que estão no cerne desses processos. A esse respeito, para ilustrar esse entendimento, convém citar um exemplo em que o autor apresenta uma explicação para a inversão:

Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação desse último fato, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível (Freud, 1905/1996j, p. 133).

É possível perceber no exposto a preocupação de Freud com a problematização dos caracteres inato e adquirido da inversão. Ele entende a necessidade de compreender o que é inato nela, para evitar uma explicação rudimentar sobre o vínculo do *Trieb* sexual com

determinado objeto. No entanto, entende que a explicação somente pela acidentalidade da aquisição por via das influências (externas) também se mostra problemática, pois não consideraria elementos que estão no próprio indivíduo e que iriam ao encontro de tais influências. Problemas referentes às diferenças individuais e culturais são ressaltadas por Freud (1905/1996m), anteriormente, quando o mesmo discute a atribuição de degeneração (ou psicopatologia) ao fenômeno da inversão. Entre os problemas que inviabilizariam essa atribuição, ele aponta alguns exemplos nos quais a inversão está presente: em pessoas que não exibem nenhum desvio grave da norma; em pessoas que se destacam por um desenvolvimento intelectual e cultura ética, particularmente, elevadas; nos povos antigos, no auge da sua cultura, era um fenômeno frequente, quase que uma instituição dotada de importantes funções; em muitos povos selvagens e antigos, ao passo que a inversão costuma se referir à “civilização elevada”.

A partir das análises dessas e outras experiências, Freud (1905/1996m) procura apresentar que as características da inversão estão também presentes nos casos normais, e não somente nos patológicos. Dessa forma, ao fim da investigação sobre a inversão, o autor conclui que nos casos anormais existe apenas uma solda entre a *Trieb* sexual e o objeto sexual, o que não era percebido em consequência da uniformidade do quadro normal. Nesse último, ele destaca que o *Trieb* parecia trazer consigo o seu objeto. Mas essa proposição é colocada em questão. As experiências levam Freud (1905/1996m) a afrouxar o vínculo entre o *Trieb* sexual e o seu objeto e sugerir a possibilidade da primeira ser independente do segundo. Conclui ainda que o *Trieb* poderia não ter a sua origem a partir dos encantos do objeto.

A concepção de *Trieb* como, inicialmente, desprovida de um objeto determinado *a priori* perpassa os demais “desvios”, analisados por Freud (1905/1996j): a pedofilia e a zoofilia. A esse respeito, escreveu: “... é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome,

muito mais energicamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos...” (p. 140). Nessa afirmação, nota-se a preocupação do autor em diferenciar o *Trieb*, caracterizado como sexual, do instinto da fome a partir do entendimento de que este último estaria mais fixado a seu objeto original, possivelmente por exigências de vida.

A constatação e análise dessa preocupação são importantes, sobretudo, porque essas apresentam a concepção freudiana da multiplicidade de variações do *Trieb* sexual humano em relação a seu objeto. Ela sugere que os objetos e alvos do *Trieb* sexual não são determinados biológica ou geneticamente, mas que dependem da experiência para se configurar. Essa concepção é a tese do primeiro ensaio no texto original de 1905. A partir dela são discutidos: as perversões; os alvos sexuais; o uso sexual da boca e do ânus; o fetichismo; as fixações; entre outros. O esforço de Freud (1905/1996m) é demonstrar que os desvios sexuais não se encontram unicamente na loucura e outros casos ditos anormais, tratados pela medicina da época como “aberrações sexuais”, mas também nos casos ditos normais, fazendo parte da gênese da sexualidade humana e possuindo determinadas configurações. Esse entendimento é novo, sobretudo quando comparados com as concepções de sexualidade do *Projeto* e das primeiras publicações psicanalíticas que tendiam associar a sexualidade e a etiologia sexual unicamente aos processos patológicos.

No que compete às perversões do sadismo e do masoquismo, Freud (1905/1996m) procura estabelecer uma relação entre essa dupla de opostos com as posições ativa e passiva da sexualidade. Supõe que a posição ativa na maioria dos homens adultos normais exibiria uma mescla de agressão, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica residiria na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual, de maneira que não fosse mediante ao ato de cortejar. Nessa linha de pensamento, insere o sadismo como correspondente a um componente autonomizado e exagerado do *Trieb*, movido por deslocamento para o lugar preponderante. Em uma especulação sobre a gênese dessas perversões, Freud (1905/1996m)

estabelece uma hipótese em que o componente agressivo do sadismo adviria de desejos canibais primitivos. A esse respeito, escreveu: “... essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga ...” (p. 151).

Ainda no que compete à caracterização conceitual da multiplicidade do *Trieb* sexual no primeiro ensaio, Freud (1905/1996m) expõe que essa é contingente, sendo seus alvos diversos e variados. Ele supõe que este *Trieb* surge dos órgãos somáticos nas denominadas “zonas erógenas”, que caracterizam um tipo específico de excitação. A esse respeito, escreveu o autor: “Tal órgão deve ser aqui denominado de ‘zona erógena’: órgão cuja excitação confere à pulsão um caráter sexual” (p. 159). Essa caracterização conserva a concepção de que *Trieb* surge no interior do organismo somático, esta antes apresentada no *Projeto* (1895/1996e) a partir da formulação dos estímulos endógenos. A diferença do *Projeto* para os *Três ensaios* é que no primeiro o *Trieb* não aparece representado como sexual, mas é entendido com o impulso que sustenta toda atividade psíquica, do qual deriva a vontade (consciente), já no segundo, o *Trieb* adquire uma caracterização especificamente sexual.

Nos *Três ensaios*, Freud (1905/1996m) entende que o *Trieb* sexual se integra de várias partes que se diferenciam por suas fontes e alvos. O entendimento do autor da parcialidade de *Trieb* opera por uma abordagem desenvolvimentista onde há convergência e confluência genital: *Trieben* parciais representam as primeiras vias de obtenção do prazer sexual, que estão em desenvolvimento em direção à genitalidade. Essa abordagem compreende *Trieben* dirigidos ao corpo biológico. Dentre esses, o autor descreve: o *Trieb* oral, o *Trieb* anal, o *Trieb* fálico, o *Trieb* de ver e o *Trieb* sádico. A respeito destas e sua relação com as zonas erógenas, conceituou Freud (1905/1996m):

... Na neurose obsessiva, o que mais se destaca é a significação dos impulsos que criam novos alvos sexuais e parecem independentes das zonas erógenas. Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se trasmudou em mucosa, sendo assim a zona erógena... (Freud, 1905/1996m, p. 160).

Nessa explicitação, o autor apresenta a operação de diferentes *Trieben* parciais de acordo com as psicopatologias correspondentes. Dentre as quais se situam a escopofilia e o exibicionismo, relacionadas ao *Trieb* de ver, e o sadismo e o masoquismo, com seus componentes sexuais, dor e crueldade, que estão relacionados ao *Trieb* sádico. É importante perceber a parcialidade do *Trieb* nas diferentes psicopatologias que envolvem a excitação de determinado órgão (olho e pele), ou seja, da zona erógena correspondente. Aqui o autor também apresenta a complexidade das zonas erógenas a partir das suas relações com os alvos de *Trieb* que se estende para o corpo como um todo, sendo dependente dos fatores disposicionais e acidentais para se configurar.

No segundo ensaio, Freud (1905/1996m) discute as gêneses e a constituição da sexualidade infantil, tomando o ato de chuchar como modelo para as demais formulações. O autor parte da tese de que o *Trieb* sexual não está ausente na infância e que um estudo dos seus traços essenciais desvendaria a sua evolução, possibilitando a compreensão de que essa seria composta de várias fontes. Procura apresentar, de maneira geral, a importância das determinações acidentais da história individual, buscando ir além das concepções inatistas (hereditárias) e psicopatológicas de sua época que pairavam sobre o indivíduo adulto. Freud (1905/1996m), ao longo do segundo ensaio, procura apresentar que o *Trieb* está presente no

indivíduo desde o seu nascimento, reafirmando a tese de que esse não possui um objeto e um alvo *a priori*.

Na primeira edição dos *Três ensaios* não há referência ao termo narcisismo, esse que apareceria somente em 1910 (Amaral, 1995; Freud 1905/1996m). No entanto, em sua escrita, ao discutir o chuchar como uma manifestação sexual, Freud (1905/1996m) recorre ao autoerotismo, uma das formulações que viriam compor o conceito de narcisismo: “... Como traço mais destacado dessa prática sexual, salientamos que a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é *auto-erótica* ...” (p. 170, grifo do autor). De acordo com o autor, esse *Trieb* auto-erótico ainda não conhece o seu objeto sexual e alvo sexual, se encontrando sob o domínio de uma zona erógena. Essa que é concebida pelo autor como “uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (p. 172).

Embora, na primeira edição, não haja uma conceituação propriamente dita de apoio, uma vez que Freud (1905/1996) ainda não havia definido a dualidade de *Trieben* (de autoconservação; sexuais), o que viria a ser realizado no texto de 1915, *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004b), é possível constatar algumas noções teóricas deste no que compete à formulação de e sexualidade. As notas sobre a formulação conceitual de apoio são adicionadas na edição dos *Três ensaios* a partir de 1915 (Freud, 1905/1996j; Amaral, 1995). Como já foi discutido, o autor diferencia o processo sexual de *Trieb* do ato de alimentar, no entanto procura sempre estabelecer as devidas relações entre ambos: “... a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento...” (Freud, 1895/1996m, p 171). Para ele, por exemplo, durante o ato de alimentar ocorre o contato da boca da criança com o bico do peito da mãe que proporciona prazer oral na primeira, também em função da estimulação pelo fluxo cálido de leite materno.

Freud (1895/1996m) entende que, embora associadas (ou apoiadas) em um primeiro momento, a necessidade de repetir a satisfação sexual para obter prazer dissocia-se da necessidade de absorção de alimento. E sugere que essa separação torna-se inevitável com o nascimento dos primeiros dentes da criança, quando o alimento não é mais ingerido por sucção e passa a ser mastigado. A respeito desse momento da história da criança, escreveu Freud (1895/1996m):

A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, e porque desse modo ela se proporciona como uma segunda zona erógena, se bem que a nível inferior. A inferioridade dessa segunda região a levará, mais tarde, a buscar em outra pessoa a parte correspondente, os lábios. (“Pena eu não poder beijar a mim mesmo”, dir-se-ia subjazer a isso.) (p. 171).

Nesse exposto é possível constatar o caráter auto-erótico da sexualidade, concebido por Freud como posterior ao período de nascimento dos primeiros dentes da criança. Embora não nomeado e conceituado, constatam-se também algumas noções e formulações que viriam ser inseridas no conceito de narcisismo. O autoerotismo é concebido por Freud, na primeira edição, como efeito da separação das necessidades de absorção de alimento (ou necessidade de autoconservação) das necessidades de repetir a satisfação sexual para a obtenção de prazer. Refere-se à independência do *Trieb* sexual, antes associada (ou apoiada) na alimentação por sucção, que se volta para o próprio corpo. No entendimento freudiano, é pela separação da necessidade biológica de absorção de alimento que o *Trieb* adquire um sentido plenamente sexual, ou seja, representando a necessidade de repetir a satisfação sexual. Nessa concepção, o

autoerotismo seria um substituto da associação entre duas necessidades, o que se entende como a noção de apoio. Esse substituto surge também por efeito da experiência.

Pode-se dizer que Freud (1895/1996m), na primeira edição, trata o autoerotismo como um processo que depende de outros e do próprio desenvolvimento biológico e maturativo do indivíduo para se configurar enquanto tal. A formulação e legitimação epistêmica desse conceito estão intimamente vinculadas aos processos da experiência do indivíduo, não havendo referência aos fatores genéticos de pré-disposição. Ou seja, é a partir da investigação da experiência individual que o autor levanta os problemas e procura respondê-los. Essa premissa ajuda entender a ênfase e insistência do autor em escrever que a sexualidade infantil é desprovida de um objeto *a priori*, sendo polimorfa.

É importante dizer, tal como destaca Amaral (1995), que, na primeira edição, a sexualidade infantil não se encontra organizada em estádios sucessivos de desenvolvimento, o que seria desenvolvido nas demais edições dos *Três ensaios*. É justamente pela concepção da constituição processual do indivíduo, ainda não associada ao desenvolvimentismo posterior, que Freud (1805/1996m) formula a teoria da sexualidade infantil como essencialmente polimorfa, levando em consideração o desenvolvimento biológico e maturativo. Assim, a sexualidade na primeira edição, no primeiro e segundo ensaios, parece não ser concebida em termos genéticos e biológicos *a priori*, embora o autor não deixe de orientar por construções científicas da biologia e subáreas associadas. Ele procura conceituar os processos constitutivos experienciais, uma vez que a sexualidade adulta normal e/ou psicopatológica tende a ser formada por estes. Pode-se dizer que, na primeira edição, a sexualidade ainda não possui um caráter desenvolvimentista plenamente formado com as zonas erógenas esquematizadas e divididas em estádios.

Nos dois primeiros ensaios da primeira edição, o autor desenvolve uma crítica incisiva aos limites da compreensão científica de sexualidade de sua época, que a limitava em

formulações normativas e prescritivas (Freud, 1905/1996m). Simanke (2013) destaca que a crítica freudiana se faz, principalmente, à identificação da sexualidade com a reprodução, presente nessas formulações. O autor afirma que Freud, ciente dos limites científicos, está interessado em saber o que a sexualidade é. Daí a sua preocupação com a descrição do fenômeno. E nesse sentido ele se opõe, em larga medida, ao que essa deveria ser, ou seja, àquilo que era aceitável como prática sexual dentro de certo contexto histórico-social, com a sua moralidade específica, seus valores e entre outras especificações culturais. A própria ideia de perversão (*Abirrung*), em cujo contexto essa reflexão foi conduzida, implica a ideia de desvio em relação a um padrão estabelecido (Simanke, 2013).

E, por último, no terceiro ensaio, intitulado *As transformações da puberdade*, Freud (1895/1996m) procura discutir as mudanças na puberdade que levariam “a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva” (p. 196). É importante dizer que, neste ensaio, o autor apresenta uma nova concepção de sexualidade, não mais perversa e polimorfa, tal como apresentada no segundo ensaio, mas com um viés biologicista e desenvolvimentista, esse último embora não plenamente formulado na primeira edição em termos de esquemas em estádios/fases. De acordo com Amaral (1995), existe um hiato entre o segundo e o terceiro ensaio. E esse hiato, tal como constatado no estudo da primeira edição, se dá pela atribuição de um objeto à sexualidade humana sem, necessariamente, apresentar os motivos que levariam a transformação do autoerotismo dos *Trieben* parciais, sem um objeto *a priori*, para um objeto genital definido. Trata-se de uma nova organização da sexualidade na qual os *Trieben* parciais das zonas erógenas (oral, anal e fálico) são subordinadas à genital, colocando-se a serviço da reprodução.

Sobre esse assunto, escreveu Freud (1905/1996j):

... a pulsão parcial era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente uma das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. O do homem é o mais conseqüente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até uma espécie de involução. A normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual... ... A pulsão sexual coloca-se agora a serviço da função reprodutora; torna-se altruísta, por assim dizer. Para que essa transformação tenha êxito, é preciso contar, em seu processo, com as disposições originárias e com todas as particularidades das pulsões (p. 196).

No exposto, Freud (1905/1996j) apresenta o processo de transição dos caracteres auto-erótico, parcial e não-objetal de *Trieb* para os caracteres erótico – referido ao sexo oposto –, integral – atribuição de um sentido final e completo para o *Trieb* sexual, a reprodução, – e objetal – *Trieb* adquire um objeto. Essa apresentação é dotada de um entendimento biologicista e desenvolvimentista. A sexualidade adulta, concebida como conquista da genitalidade, aparece com uma meta exterior ao sentido apresentado no primeiro e no segundo ensaio, representando uma possível ruptura epistemológica com esses. Essa ruptura pode ser observada na introdução da noção de “disposições originárias”, que sugere uma concepção apriorística.

É importante se ater para a definição normativa, atribuída por Freud à sexualidade. De acordo com Amaral (1995) a sexualidade, por meio dessa definição normativa, aparece associada a certo finalismo organicista, o que leva a identificação de um retorno às concepções clássicas de normatividade. Essa constatação vai ao encontro das de Simanke (2013; 2014a), que levantam questionamentos sobre o fato de Freud ter expurgado, por completo, a concepção de sexualidade das considerações de ordem normativas. O autor dá o exemplo do tratamento da sexualidade feminina. Nessa linha de interpretação, Freud, na análise diferencial da sexualidade masculina e feminina, teria tomado a primeira como parâmetro para a segunda.

De acordo com Simanke (2014a), Freud claramente hesitaria entre um discurso sobre a diferença e um discurso sobre a falta. Assim, na medida em que este discurso vai se tornando predominante, Freud estaria assumindo a sexualidade masculina como norma para a abordagem da feminina, de tal maneira que uma mulher seria sempre um homem menos alguma coisa, como, por exemplo, o falo, em todas as suas dimensões simbólicas, imaginárias etc. A interpretação de Simanke (2013; 2014a) encontra respaldo na seguinte frase de Freud (1905/1996m) sobre o desenvolvimento sexual humano: “O do homem é o mais conseqüente e também o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até uma espécie de involução” (p. 196).

As contribuições de Amaral (1995) e Simanke (2013; 2014a) sobre a conservação ou retorno às concepções normativas clássicas, presentes nos *Três ensaios*, se assemelham, em certa medida, a algumas conclusões das investigações epistemológicas de Politzer (1998) da obra *A interpretação dos sonhos* (1900), estudadas no capítulo anterior. Estas que também apontam para ao retorno das teses freudianas a concepções clássicas. De acordo Politzer (1998), Freud inicialmente desenvolve uma atitude metodológica diferenciada das concepções psicológicas e filosóficas clássicas, o que permitiu encontrar novos resultados em suas

investigações; no entanto destaca que na medida em que Freud procura explicar os fatos, acaba incorrendo em uma atitude inversa àquela que leva à edificação do método psicanalítico, retornando assim às concepções clássicas. Ao processo que levaria Freud a uma nova atitude metodológica e um procedimento particular, Politzer (1998) chama de “inspiração para o concreto”, e a busca de explicação a partir das concepções clássicas de “abandono da atitude propriamente psicanalítica”.

Apesar da possível ruptura epistêmica com as formulações do primeiro e do segundo ensaio da primeira edição e do suposto retorno às concepções de normatividade clássicas na configuração do objeto sexual, Freud (1905/1996m), no terceiro ensaio, retoma a tese que sugere que o *Trieb* sexual não possui um objeto *a priori*, e que sua constituição dependeria da relação experiencial entre o bebê e a mãe. Pensando o desenvolvimento psicosexual, o autor afirma que quando a satisfação está vinculada a nutrição, o *Trieb* sexual tem um objeto fora do próprio corpo, no seio materno. Este seria o primeiro objeto do *Trieb* sexual que somente mais tarde se perderia, “talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação” (Freud, 1905/1996m, p. 210). Nesse entendimento, é possível perceber a concepção do caráter objetual e originário atribuído por Freud ao *Trieb* sexual, que surge da relação mãe-bebê e se perderia em decorrência dos processos psicobiológicos que levariam ao autoerotismo e a parcialidade de *Trieb*, nos quais esse é dirigido ao próprio corpo.

Ainda no que tange ao caráter objetual e originário do *Trieb* sexual e sua eventual transformação, escreveu Freud (1905/1996m):

Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a

criança, a amamentação no seio toma-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro (p. 210).

Aqui é possível evidenciar uma formulação de *Trieb* que sugere o processo de restabelecimento da relação originária, possivelmente por substituição. Nesta relação está explícito o entendimento de que o primeiro objeto do bebê é o seio da mãe. É possível inferir, com base no exposto, que existe uma concepção que sugere a suspensão do objeto de *Trieb* no período que sucede ao afastamento do bebê do seio, e que tende a retornar no período da puberdade. Essa tese da relação originária procura ser uma explicação para os relacionamentos posteriores, a partir do entendimento de que o objeto originário ficaria latente até o momento do reencontro, ou seja, estágio/fase genital. Trata-se de uma leitura das gêneses da sexualidade e de uma atribuição determinista ao período do estágio/fase oral. A partir dessa proposição, é importante apontar um problema: é como se as experiências do *Trieb* auto-erótico (anal; fálico) não deixassem impressões ou interferissem no processo de (re) constituição objetal e de restabelecimento da relação originária. Os relacionamentos amorosos posteriores seriam um protótipo da amamentação e do registro por essa deixada.

Em geral, no que compete ao sentido de *Trieb* nos *Três ensaios*, é importante dizer que o estudo permitiu constatar que o termo adquiriu o formato de conceito, se tornando um dos mais importantes dessa obra para a formulação da teoria freudiana da sexualidade. Freud (1905/1996m), a partir de sua experiência clínica e de pesquisa, inicia o desenvolvimento desse conceito, que seria reformulado ao longo da obra (Freud, 1915/2004b; Freud, 1920/2006a). Diferente da aparição do termo no *Projeto*, onde o mesmo se encontra relacionado ao impulso, sem ser incluído a uma teoria da sexualidade específica, o mesmo recebe designação sexual. As ideias referentes à sexualidade também evoluíram e adquiriram o estatuto de teoria. Diferente das ideias referentes à origem traumática da neurose,

desenvolvida por Freud (1986/1996m), a teoria da sedução, segundo a qual a neurose seria produto de um abuso sexual real, o autor passa a representar a sexualidade em seus aspectos perverso-polimorfos, se orientando pela concepção da fantasia e da realidade psíquica.

A análise do conceito de *Trieb* nos *Três ensaios* foi realizada considerando o texto da primeira edição em comparação com as alterações das demais e permitiu o entendimento de alguns problemas e controvérsias, principalmente, no que compete ao sentido atribuído ao conceito, ora constitutivo e experiencial, ora biologicista e finalista, esses que aparecem de forma bem expressiva no terceiro ensaio. Dentre esses problemas está a questão do primeiro objeto do *Trieb* e seu o autoerotismo. É importante ressaltar que a primeira edição mantém a tensão entre posições, por vezes contraditórias e inconclusivas, enquanto que as demais acabam trazendo formulações predominantemente endógenas e biologicistas. Tais formulações foram constatadas nas notas e adendos adicionados *a posteriori* nas edições de 1910, 1915, 1920 e 1924. E podem ser evidenciadas através de uma leitura comparativa atenta das notas e adendos em relação a essas datas. Elas são resultados das reflexões freudianas, das novas descobertas e também das novas formas de representá-las teoricamente.

Quanto ao entendimento epistêmico de Freud (1905/1996m), é possível encontrar a montagem do chamado naturalismo freudiano nos *Três ensaios*, tanto no plano ontológico quanto no plano metodológico ou epistemológico. No plano metodológico, Freud se mantém fiel à experiência clínica, utilizada para legitimar suas formulações metapsicológicas sobre a sexualidade naquele momento da obra. No plano ontológico, ele se mantém fiel a um modo de pensar marcado por uma concepção de ser naturalista onde há o estabelecimento de uma íntima relação entre homem, natureza e cultura. A sexualidade é tratada como uma síntese da natureza e da cultura humana, ou seja, apesar de ter influência genética e biológica, depende dos diversos processos maturativos e constitutivos da experiência. Ela não está ausente na infância sendo posteriormente despertada no momento da puberdade, como o próprio Freud

(1895/1996m) chegou a sustentar inclusive no *Projeto*. Ao contrário, ela se constitui a partir do nascimento percorrendo a infância, sendo assim sexualidade infantil. Esses processos levam ao questionamento sobre o que é normal e patológico. Questionamento recorrente nos *Três ensaios*.

O modo de pensar epistêmico freudiano presente nos *Três ensaios* conserva os caracteres cientificista, investigativo e problematizador. Possui o traço reflexivo, sem o objetivo de esgotar o tema, traço que caracteriza o ensaio enquanto gênero literário. A partir dos estudos, empreendidos nessa tese até aqui, incluindo os dos *Três ensaios*, concorda-se com Carvalho (2018) que o naturalismo de Freud é fenômeno-orientado, ou seja, apesar de se orientar por alguns princípios basilares das ciências naturais, está aberto à experiência e ao fenômeno que se mostra a partir desta. Trata-se de um naturalismo específico e particular que não se limita exclusivamente aos parâmetros explicativos das ciências naturais da época, cujo imperativo estava nas técnicas e vias de legitimação de laboratório. Ele vai além do naturalismo científico uma vez que recorre à conceituação metapsicológica – tais como as de *Trieb* e libido - para apreender, mesmo que parcialmente, fenômenos que não poderiam ser explicados de forma simples em uma relação direta de causa e efeito.

Para fundamentar os motivos das ditas psicopatologias da sexualidade de sua época, foi necessário a Freud (1895/1996m) pressupor a existência de um impulso de natureza sexual (*Trieb*), uma energia que se manifesta na vida psíquica (libido), um alvo e um conjunto de operações complexas que explicariam a ação externa. A metapsicologia freudiana adquire a sua existência no lugar onde a ciência encontra o seu limite demarcado. Mas é sempre na fronteira das ciências naturais que a metapsicologia freudiana vem a encontrar a sua via de legitimação. É a partir dessa fronteira entre o determinado e o indeterminado científico que Freud (1905/1996m), nos *Três ensaios*, buscou criar condições lógico-teóricas para construir e legitimar o seu novo objeto epistêmico, a sexualidade. No modo de pensar freudiano, a

metapsicologia é indissociável das ciências naturais, estas que são o ponto de partida sobre a qual a primeira pode lançar voo.

Quanto à forma de conceituar o objeto epistêmico nos *Três ensaios*, é importante estabelecer uma relação com os principais trabalhos de Freud até aqui estudados: no *Projeto*, o objeto epistêmico são os neurônios; em *A interpretação* são os sonhos; nos *Três ensaios* esse se encontra representado na sexualidade, tendo como conceito central o *Trieb* sexual. Como descrito no Capítulo 1, da passagem do *Projeto* para *A interpretação*, ocorre a substituição de uma linguagem conceitual neurofisiológica, metaneurológica ou nerodinâmica para outra metapsicológica. No entanto, na passagem de *A Interpretação* para os *Três ensaios*, ocorre não uma substituição, mas uma possível adição de uma teoria da sexualidade propriamente dita ao arcabouço psicanalítico. Essa teoria vem possivelmente para suprir algumas lacunas de *A interpretação*, que como verificado no capítulo 1, possuía apenas algumas noções, se centrado conceitualmente em *Wunsch*. Essa adição parte de problemas dos vários estudos de autores da medicina, biologia e sexologia da época.

É certo que noções e formulações sobre a sexualidade são anteriores aos *Três ensaios*. É certo ainda dizer que muitos elementos que viriam a compor a teoria da sexualidade já estavam postos em *Fragmentos de um caso de Histeria* (1905/1996), o famoso Caso Dora, que foi apresentado no Capítulo 1. No entanto, pode-se afirmar que as formulações anteriores não compunham uma teoria propriamente dita, ou seja, não possuíam um conjunto conceitual articulado em torno de núcleo comum: a sexualidade humana. Esta que, a partir dos *Três ensaios*, passa a ser concebida teoricamente como sexualidade infantil.

2.2 A primeira teoria sistemática de *Trieben*: sobre a reformulação conceitual, o conservadorismo epistêmico freudiano, as bases biológicas da sexualidade e a formulação teórica de apoio

Apesar do conceito de *Trieb* ter origem teórica anterior, é somente no texto *Pulsões e destinos da pulsão* de 1915 que Freud (1915/2004b) desenvolve, tal como evidenciou Gomes (2001), a sua primeira teoria sistemática de *Trieben*. O desenvolvimento teórico desse conceito como apresentado no tópico acima, se iniciou nos *Três ensaios*. No texto de 1915, Freud (1915/2004b) procura elaborar uma teoria que dualiza e pluraliza o sentido de *Trieb*. Para o autor não se trata mais de *Trieb* no singular, mas de *Trieben* que são categorizados em um grupo de opostos: *Trieben* de autoconservação (do Eu) e *Trieben* sexuais.

No que compete à base e à legitimação epistemológica, é importante destacar que Freud (1915/2004b), no início do texto, apresenta o seu entendimento sobre a rigidez e a definição dos conceitos científicos básicos, defendendo a necessidade de revisão e reformulação desses a partir de investigações precisas do material empírico. A esse respeito, escreveu: “o progresso do conhecimento não suporta que tais definições sejam rígidas, e como ilustra de modo admirável o exemplo da física, mesmo os “conceitos básicos” que já foram fixados em definições também sofrem uma constante modificação de conteúdo” (Freud, 1915/2004b, p. 145). Depois disso, insere nesse rol de problemas, o conceito de *Trieb*, que considerou como convencional e indispensável para a psicologia.

A partir dessas descrições, é importante destacar e problematizar certa flexibilidade epistêmica no entendimento freudiano. Essa flexibilidade, ao que se mostra, deriva de um entendimento da interpretação como explicação e da reformulação conceitual com base nas evidências científicas, e não necessariamente da orientação de método e de pesquisa. Esses permanecem rígidos e relacionados ao entendimento metodológico das ciências naturais em uma perspectiva epistemológica monista. O fundamento monista freudiano caracteriza-se pela

recusa da diferença dos métodos, pela práxis da interpretação como explicação, pela consideração de Freud da psicanálise como ciência da natureza, pelo postulado reducionista e pela recusa do dualismo metodológico entre ciências naturais e ciências do espírito/humanas (Assoun, 1983). É possível constatar a expressão do fundamento monista quando o autor se refere à física, ciência natural muito respeitada em sua época, para apresentar as modificações nas definições de seus conceitos básicos, provavelmente também considerando as descobertas da física quântica da época que levaram à reformulação de alguns conceitos básicos da física clássica. Freud (1915/2004b) refere-se à física como um modelo a se seguir, um modelo a se espelhar.

É importante para o entendimento do chamado primeiro dualismo de *Trieben*, desenvolvido no texto *Pulsões* e categorizado em *Trieben* do Eu ou de autoconservação e *Trieben* sexuais, uma diferenciação do monismo epistemológico, modo de pensar e fazer ciência e/ou produzir conhecimentos, fundado em postulados reducionistas. O monismo epistemológico reporta-se à opção de Freud pela perspectiva, metodologia e pelas vias de legitimação das ciências da natureza. Epistemologicamente, tal como formulou Assoun (1983), essa escolha não expressa relação dual de semelhança ou oposição com as ciências do espírito/humanas. O monismo epistemológico constitui-se, também, devido à formação e ao contato e a formação de Freud com anatomistas e fisiologistas, ou seja, importantes médicos e/ou biólogos naturalistas de sua época que estudavam anatomia e fisiologia.

O dualismo de *Trieb* ainda pode ser entendido como efeito do procedimento da interpretação pela explicação, aspecto constitutivo do fundamento monista. Trata-se do resultado da reformulação teórica do conceito de *Trieb* considerado básico, a partir de novas descobertas e de outras formulações. Refere-se ao modo de pensar epistêmico de Freud, ao seu processo de categorização conceitual que retoma alguns dualismos clássicos, recorrentes na formulação de filósofos alemães tais como Arthur Schopenhauer (vontade e

representação). A retomada do dualismo clássico vem a somar à tese de Politzer (1998) de que Freud, ao explicar fenômenos concretos, recorrendo a categorias clássicas, psicológicas e filosóficas, incorre em uma atitude oposta a que lhe inspirou à construção do método, este que levou às novas descobertas.

No que compete à legitimação epistêmica de seu objeto, é importante destacar que no texto *Pulsões*, Freud (1915/2004b), desde o início, procura delimitá-lo diferenciando o estímulo do *Trieb* (*Triebreize*) do estímulo (*Reiz*) da fisiologia. Sobre isso, deu o seguinte exemplo: “... uma luz forte que atinge o olho não é um estímulo pulsional, estaremos diante de um estímulo pulsional quando algo como a secura da membrana mucosa da faringe ou a irritação da membrana mucosa do estômago se fizer perceptível” (p. 146). É interessante destacar que o esforço em diferenciar os estímulos endógenos dos exógenos está presente no *Projeto* em 1895, expresso em termos de uma teoria metaneurológica dinâmica. A teoria mecânica do arco reflexo é discutida em ambos os trabalhos a partir de construções teóricas semelhantes que explicam as particularidades dos estímulos endógenos.

Como estudado, os entendimentos e relações referentes ao arco reflexo e aos estímulos endógenos, contidos no *Projeto*, são formulados a partir dos princípios da física newtoniana (ou clássica) e do materialismo científico. Assim, uma das diferenças teórico-conceituais do *Projeto* para o texto *Pulsões* é que o segundo organiza os entendimentos sobre a particularidade dos estímulos endógenos em uma teoria propriamente dita de *Trieben*. Tal teoria, como será apresentada, não é mais orientada e expressa essencialmente por conceitos e formulações metaneurológicas, mas procura se sustentar epistemologicamente na biologia. No entanto, importantes noções ulteriores, particularmente físico-químicas, são conservadas e agregadas à teoria de *Trieben*.

Uma vez comparada com as formulações do *Projeto*, é possível constatar que as do texto *Pulsões* não são novidades do ponto de vista da construção epistêmica, pois as

principais ideias foram apenas transpostas e reconfiguradas. Continuando nessa linha de análise, vale dizer que Freud (1915/2004b) trata o estímulo do *Trieb* como sinônimo de estímulo endógeno: “o estímulo pulsional não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo” (p. 146). Essa ideia justificaria a expressão diferenciada de tal estímulo no psíquico, o que requereria outras ações para eliminá-lo. O autor conserva a noção de o estímulo exógeno ou fisiológico agir em um único impacto e também poder ser neutralizado por uma única ação apropriada.

Tal como no *Projeto*, Freud (1915/2004b) trata a fuga motora como um protótipo da ação diante de uma fonte de estímulos. O que o autor se esforça em evidenciar nessa diferenciação entre o estímulo exógeno e o estímulo do *Trieb* é o processo de suspensão do estímulo. A esse respeito escreveu:

A pulsão, ao contrário, nunca age como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma força *constante*. Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo necessidade [*Bedürfnis*], e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos “*satisfação*” [*Befriedigung*]. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos (p. 146).

Nesse exposto é possível constatar o uso das formulações tais como: a noção de constância, o *Trieb* como necessidade e a satisfação enquanto experiência que suspende parcialmente tal necessidade. Todas estão presentes no *Projeto*. Tal como antes, o autor procura apresentar um entendimento da constância, não como um princípio, mas como uma noção complementar. Ao que sugere, essa formulação nocional vem acompanhada de um entendimento que apresenta a constância como modificação ou complemento do princípio da

inércia, esse que explicaria a força momentânea de impacto. Ou seja, a força constante que caracteriza o *Trieb* se difere da força momentânea de impacto por surgir no interior do organismo, o que torna a fuga do organismo improvável.

Assim, a satisfação, seria para Freud (1915/2004b), o efeito de suspender provisoriamente o estímulo de *Trieb*, ocorrência caracterizada pela alteração da fonte interna de emissão. No entanto, para que essa alteração interna ocorra, é necessário destacar que o autor, mais a frente, busca relacioná-la às atividades complexas, articuladas uma com as outras, geridas pelo sistema nervoso em função do surgimento dos estímulos do *Trieb*. Essas atividades, destaca o autor, “visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes internas de estímulos, e para tal interferem no mundo externo e o alternam” (p. 147). Tanto as ideias referentes à saciação quanto às complexas atividades que envolvem o seu processo e que alteram o mundo externo são expressas no *Projeto*. Elas derivam de um entendimento epistemológico baseado no princípio da inércia modificado ou complementado pela constância. Com isso, o autor procura, novamente, justificar a existência de um mundo interno.

Outra construção teórica similar que se conserva do *Projeto* no texto *Pulsões*, oriunda da concepção do princípio da inércia modificado ou complementado está presente na descrição de Freud (1915/2004b) sobre os progressos que levaram o sistema nervoso humano, inicialmente com suas capacidades limitadas, a seu atual desenvolvimento. Para o autor os motores de tais progressos evolucionais, não seriam os estímulos externos, mas os *Trieben*. Como já apresentado, a atribuição da evolução e da complexificação do sistema nervoso ao surgimento dos estímulos endógenos e sua íntima relação à vontade e o próprio *Trieb* foram antes expressas no *Projeto*. Dessa obra, o autor também conserva as seguintes ideias: o desprazer está relacionado com o aumento de estímulos, ou seja, se dá pelo processo de somação; o prazer está relacionado à redução de estímulos, ou seja, se dá por subtração.

É necessário dizer que existem referências à biologia e ao seu campo epistêmico no texto *Pulsões*. Essa ciência sustenta a principal conceituação de Freud (1915/2004b) sobre o *Trieb*:

Se abordarmos agora a vida psíquica do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência do trabalho do corpo imposta ao psíquico (p. 148).

Nesse entendimento, observa-se o quão importante foi o papel da biologia e seus conhecimentos para a formulação freudiana da primeira teoria sistemática de *Trieben*, uma vez que é do ponto de vista do campo epistêmico dessa ciência que é desenvolvido esse conceito-limite, que expressa a relação entre o somático (corpo biológico) com o psíquico (mente). Para essa definição, Freud (1915/2004b) se utiliza dessa ciência não somente como uma simples ancoragem a partir de uma abordagem sincrética, mas como uma base epistemológica que sustenta logicamente toda a composição teórica. Nessa está inscrito que o *Trieb* é um representante psíquico de estímulos endógenos, isto é, que surgem no interior do corpo biológico, alcançando a psique como exigência do trabalho do corpo. Ou seja, o corpo é que inicialmente impõe exigências ao psíquico. Essas exigências, antes denominadas “exigências de vida” no *Projeto*, que também encontra na biologia uma via de legitimação, são agora expressamente concebidas e sustentadas, também, pelo viés epistêmico dessa ciência, integrando uma teoria de *Trieben*.

Em outro momento, nesse trabalho, Freud (1915/2004b) novamente recorre à biologia para distinguir e classificar *Trieb*, entendendo as dificuldades de obtenção de dados e indicações decisivas na análise do material psicológico:

... A biologia ensina que a sexualidade não pode ser equiparada às outras funções do indivíduo, pois suas tendências vão além dele e têm por conteúdo a produção de novos indivíduos, portanto, a conservação da espécie. Além disso, a biologia nos mostra que duas concepções a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade coexistem lado a lado, com igual direito. Uma concepção reza que o indivíduo é o elemento principal e a sexualidade, uma de suas atividades, e que a satisfação sexual é uma das necessidades [Bedürfnisse] do indivíduo. A outra concepção afirma que o indivíduo é um apêndice temporário e transitório do plasma germinal – quase imortal – que lhe é confinado de geração a geração... (p. 151).

É importante dizer que uma suposição e uma discussão semelhante sobre essa dupla função da sexualidade aparecem, um ano antes, no texto *A guisa de introdução ao narcisismo* (1914/2004a), que já anuncia, sem, no entanto, classificar diretamente o primeiro dualismo de *Trieben*. Como observado nessa suposição, Freud, pegando emprestado o conhecimento da ciência biológica de sua época, discute a concepção da sexualidade relacionada à conservação da espécie, tratando essa como a sua finalidade última. Ele esboça duas concepções biológicas que coexistiriam, lado a lado, com igual direito, ou seja, sem gerar contradição. Ambas consideram o indivíduo. A primeira concepção valoriza o indivíduo como elemento principal, sendo a sexualidade uma das suas atividades, cuja satisfação é uma necessidade. A segunda considera o indivíduo como transição do plasma germinal, que passa de geração em geração. Nessa concepção, a sexualidade está no cerne do processo biológico, ou seja, enquanto continuidade da vida ou conservação da espécie. Além de aparecer em *A guisa de introdução ao narcisismo* de 1914 e *Pulsões e destino da pulsão* de 1915, esse entendimento se encontra presente no texto de *Além do princípio do prazer* de 1920 (Freud, 1914/2004a; Freud,

1915/2004b; Freud, 1920/2006a). O que evidencia a conservação de um entendimento naturalista e biologicista de sexualidade em sua teoria.

Apesar de destacar as dificuldades quase insuperáveis do estudo de *Trieb* a partir da esfera da consciência, apresentar a pesquisa psicanalítica como a sua principal fonte de conhecimento sobre o tema e reconhecer os limites da psicanálise por somente fornecer informações razoavelmente satisfatórias sobre os *Trieben* sexuais, Freud (1915/2004b), no que compete à sexualidade, se orienta pelo dualismo existente nas concepções biológicas representadas como satisfação das necessidades de autoconservação e as necessidades sexuais. Essa orientação pode ser constatada na classificação, realizada pelo autor, dos *Trieben* originais em dois grupos: os sexuais e os do Eu ou de autoconservação. Embora Freud (1915/2004b) utilize essa classificação, ele a trata como uma simples construção auxiliar, que será mantida em suas formulações enquanto for útil, e que decorreu da própria história do desenvolvimento da psicanálise que tomou como objeto as psiconeuroses: histeria e neurose compulsiva.

Em sua compreensão, Freud (1915/2004b) entende que os *Trieben* sexuais têm origem em múltiplas fontes orgânicas e sua meta é obter o prazer do órgão, mas tornam-se funções sexuais propriamente ditas quando entram a serviço da função da reprodução. Aqui é possível novamente sugerir um entendimento biologicista e finalista sobre a função da sexualidade. Esse entendimento, como estudado, está incluso no último ensaio da primeira edição dos *Três ensaios* que destoa, em alguns termos epistêmicos, das formulações dos ensaios anteriores. Como estudado, no primeiro e no segundo ensaio existe a representação da sexualidade com base em termos de uma teoria da perversão polimorfa, considerando esta como pertencente à própria dinâmica normal da sexualidade infantil. No entendimento presente em *Pulsões*, a função propriamente dita ou originária da sexualidade é conservada, legitimada enfaticamente a partir de concepções da ciência biológica. No esboço dessa função propriamente dita, parece

existir a tentativa de conjugar, em termos de desenvolvimento, os *Trieben* sexuais parciais para que essas se encaixem na primeira, cumprindo um papel determinado pela espécie.

Freud (195/2004b) entende que os *Trieben* do Eu têm a finalidade de autoconservação, ficando a serviço do desenvolvimento psíquico, determinado pelo princípio da realidade. Já os *Trieben* sexuais encontram-se ao domínio do princípio do prazer. Conforme o autor, esses últimos podem ter quatro destinos: a inversão, a reversão contra a própria pessoa, a sublimação e o recalque. Nesse artigo, ele aborda os dois primeiros, deixando de lado, naquele momento, a sublimação. Na sequência, Freud (2004c) escreveu outro texto sobre o tema, *O recalque* de 1915, onde coloca o conceito de recalque como uma das pedras angulares da psicanálise.

É importante situar no texto *Pulsões e destino da pulsão* que a formulação de apoio é esboçada no intuito de apresentar as relações existentes entre *Trieben* do Eu (ou de autoconservação) e *Trieben* sexuais. Ao teorizar sobre os *Trieben* sexuais, Freud (2004b, p. 151) escreveu:

Em sua primeira manifestação, ainda se veiculam apoiadas nas pulsões de autoconservação, das quais só se separam pouco a pouco. O mesmo ocorre com a busca do objeto, atividade para a qual se servem das trilhas que as pulsões do Eu lhes deixaram indicadas. Uma parte das pulsões sexuais permanece por toda vida abrigada nas pulsões do Eu, emprestando-lhes componentes *libidinais* que passam despercebidos durante o funcionamento normal das pulsões do Eu, e só revelam de modo inequívoco quando do adoecimento (p. 151, grifo do autor).

Nesse trecho, constata-se o entendimento e o esboço de apoio, um importante componente teórico freudiano, cuja fundação e possibilidade epistêmica decorrem da vinculação psicobiológica entre *Trieben* sexuais e *Trieben* do Eu ou de autoconservação.

Embora uma formulação que parta das funções vitais para conceber as zonas erógenas, tenha sido apresentada na primeira edição dos *Três ensaios* em 1905, ainda não era concebida a partir de uma teoria dualística de *Trieben*, que assume, particularmente, a biologia como um dos fundamentos epistêmico. No entendimento freudiano, a noção de apoio parte do pressuposto que, desde o nascimento, os *Trieben* sexuais se sustentam nos *Trieben* de autoconservação que fornecem a fonte orgânica e orientam na busca de um objeto e uma direção.

Os *Trieben* de autoconservação estão direcionados para as exigências de vida e, tal como destacam Santos e Fortes (2013), tem como protótipo a fome. Nesse processo, é importante pontuar que a primeira busca do ser vivo é pelo alimento materno. Impulsionado pela fome, o bebê busca o alimento materno via sucção e, paralelamente, a esse processo se desenvolve outro, a manifestação primeva da sexualidade: a excitação dos lábios, e da língua pelo seio. Processo que, inicialmente, está consubstanciado com o de alimentação (Santos e Fortes 2013; Freud, 1915/2004b).

Complexificando a ideia de uma autonomização e separação do *Trieb* sexual em relação à nutrição, ou instinto da fome, apresentada nos *Três Ensaio*s, Freud (1915/2004b), em *Pulsões*, desenvolve um entendimento de que a relação de apoio permanece por toda a vida. Um exemplo dessa relação encontra-se no ato de comer: a pessoa ingere o alimento no intuito de saciar o *Trieb* alimentar (autoconservação), no entanto essa está igualmente apoiada na *Trieb* sexual, cujo alvo é a obtenção de prazer oral. No adoecimento, ou seja, na psicopatologia, essa relação se torna mais visível. A partir da análise da primeira teoria sistemática de *Trieben*, constata-se que, na formulação metapsicológica de *Trieben*, há um entendimento de que o biológico e o psicológico são indissociáveis.

Em geral, pode-se dizer que o esboço freudiano da primeira teoria sistemática de *Trieben* representou um fato novo na organização teórica do conhecimento psicanalítico, mais

do ponto de vista da classificação conceitual. Apesar da pré-formulação do dualismo de *Trieben* aparecer antes, tal como no texto *Guisa de introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2004a), este ainda não estava organizado em uma teoria sistemática. O surgimento e o início do desenvolvimento teórico-conceitual de *Trieben*, de fato, se deram nos *Três ensaios*, no qual aparece representado como um conceito no interior de uma teoria da sexualidade. Nesse trabalho, o *Trieb* é estritamente sexual e parece não se opor à nutrição ou ao instinto da fome, um equivalente dos *Trieben* de autopreservação, mas é entendido como interligados em um primeiro momento (estádio oral), e independente em momentos posteriores.

Embora Freud (1915/2004b) discuta a reformulação de conceitos científicos básicos com base nas novas descobertas e na experiência empírica, é importante, a partir dos estudos, destacar que tal reformulação se realiza do ponto de vista de seu conservadorismo epistêmico: ele conserva alguns princípios basilares que antes foram apresentados no *Projeto* expresso nas formulações físico-químicas, que antes compunham uma teoria especulativa histológica do neurônio, o que se nomeou, nessa tese, de metaneurologia dinâmica. Uma das principais dessemelhanças epistemológicas do texto *Pulsões para o Projeto* é a introdução e a ênfase na biologia como uma importante sustentação teórica para a formulação de *Trieben*.

Como estudado, existe um entendimento sobre o papel necessário do biológico no *Projeto*, tratado, por exemplo, na formulação teórica de “exigências de vida”. No entanto, a base dessa discussão é mais orientada por princípios físico-químicos clássicos, em um procedimento especulativo que toma a estrutura e as funções do sistema nervoso como objeto. Independente desse fato, é importante dizer que Freud (1915/2004b), apesar de realizar algumas reformulações teórico-conceituais, continua se orientando por um modo de pensar, cuja base é monista e naturalista do ponto de vista epistêmico. A supervalorização da física, a eleição da biologia, ciência natural que estuda os seres vivos, como ponto de partida para a formulação do *Trieb* como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, a dualidade

entre o sexual e a autoconservação, são alguns dos elementos que permitem ilustrar essa última proposição.

E, por último, é importante dizer que é justamente a partir da episteme biológica que surge a possibilidade da formulação de apoio, um importante componente teórico que explica a relação necessária entre os *Trieben* de autoconservação ou do Eu e os sexuais. Somente no texto *Pulsões*, esse entendimento aparece consolidado, justamente porque Freud interliga os conhecimentos produzidos pela psicanálise às concepções biológicas de sua época. O apoio é justamente o laço limítrofe entre as necessidades dos *Trieben* de autopreservação e os sexuais, ambos que aparecem como uma medida de exigência do corpo somático imposta ao psíquico. Se o *Trieb* é representado como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, o apoio aparece representado como a relação de necessidade que especifica e organiza dois tipos de *Trieben* que inicialmente estão consubstanciadas, dependente uma das outras, mas que na medida em que o indivíduo se desenvolve vão se autonomizando em alguma medida. Deste aspecto teórico, depende toda a formulação da primeira teoria sistemática de *Trieben*. No próximo tópico, abordar-se sobre o segundo modelo de *Trieben* em Freud, buscando estabelecer relações epistemológicas com as suas formulações de sexualidade.

2.3 A segunda teoria sistemática de *Trieben*: sobre a imersão na episteme biológica, o modo de pensar darwiniano e a reafirmação de uma epistemologia naturalista da sexualidade aos moldes freudianos

Como constatado na primeira teoria freudiana de *Trieben*, as bases biológicas constituem um importante aspecto epistêmico de sua formulação. O *Trieb*, representado nos *Três ensaios* com um significado sexual, adquire o sentido de um conceito-limite entre o somático e o psíquico. Com esse conceito-limite, Freud mantém uma relação interdisciplinar necessária da abordagem psicanalítica com a biologia, o que reverbera em sua concepção de

sexualidade. Essa relação conserva-se em sua obra e pode ser entendida como psicobiológica. Apesar de novamente sofrer uma nova reestruturação conceitual, o legado psicobiológico freudiano permanece na segunda teoria de *Trieben*, esboçada por Freud (1920/2006a) em *Além do princípio de prazer*.

Esse trabalho, considerado por muitos autores como de difícil leitura, pode causar uma série de desentendimentos e interpretações equivocadas. O motivo está na forma como Freud apresenta seus argumentos e contra-argumentos e como muda de opinião no decorrer do texto (Freud, 1920/2006a; Gomes, 2001; Ménard & Maranhão, 2015). Ménard e Maranhão (2015) anunciam outras quatro razões que tornam difícil a leitura desse trabalho: a denominação freudiana do *Trieb* de morte que procura unificar fenômenos heterogêneos; a teoria dos traumas tumultua as relações a serem estabelecidas entre o que é considerado “interior” e “exterior” do aparelho de alma, construído no *Projeto*; a presença de paradoxos que regulam ao mesmo tempo a função do ego e as relações quase contraditórias, conforme os momentos do texto; a heterogeneidade dessas formulações em repensar a importância do sadismo e masoquismo na vida sexual.

Ainda no que compete à dificuldade de leitura de *Além do princípio do prazer*, vale citar a tese teórica do filósofo Jacques Derrida (1980), em sua famosa obra *La Carte Postale: de Socrate à Freud et Au-Delà*. Nesse trabalho, o autor apresenta as relações diferenciais entre *Trieben* de vida e de morte, desenvolvendo uma teoria original do texto freudiano que trata o aparelho psíquico como máquina de escritura. Assim apresenta o entendimento de que o texto *Além do princípio do prazer* consiste em organizar uma sequência de deslizamentos retóricos pelos quais Freud, a partir de uma modalidade performática, produz-se a si mesmo como escritor-fundador de uma instituição analítica. O autor afirma que Freud, tal como um Sócrates ilusionista, faria o leitor acreditar, por meio de seu texto, que seria ele, e não Platão, o escritor e o fundador.

Para além das múltiplas teorias e entendimentos possíveis na análise desse texto em particular, procurar-se-á, nessa etapa do estudo, descrever e analisar as semelhanças e diferenças com os demais textos, buscando apresentar como se dá o entendimento epistêmico freudiano organizado na segunda teoria sistemática de *Trieben* e em outros conceitos que permitem representar a sexualidade em termos psicanalíticos. Interessa saber como operam as bases epistêmicas que orientam as formulações do novo dualismo e quais são as ciências ou teorias científico-filosóficas que as embasam e que procuram legitimar tais formulações.

O ponto de partida de *Além do princípio do prazer* é a consideração de que os processos psíquicos são automaticamente regulados pelo princípio de prazer, entendido como um pressuposto fundamental na formulação psicanalítica. Na edificação desse princípio, Freud (1920/2006a) parte da premissa de que cada vez que uma tensão desprazerosa se acumula, desencadeia processos psíquicos que tomam um determinado curso, esse que só termina com a diminuição da tensão, aliviando o desprazer e produzindo prazer.

Na formulação desse princípio estão presentes algumas concepções. Uma delas é energética, relaciona prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica. Essa quantidade de excitação, presente no aparelho psíquico, é mantida por uma tendência, cujo objetivo é deixá-la mais baixa quanto possível, ou pelo menos constante. Dessa concepção, origina-se outra de natureza mecânica, a partir da qual o autor procura introduzir um fundamento que estaria na gênese do princípio do prazer. A esse respeito escreveu Freud (1920/2006a): “... O princípio de prazer deriva do princípio de constância, embora, na realidade o próprio princípio de constância tenha sido, ele mesmo, inferido dos fatos que nos levam a adotar a hipótese do princípio de prazer...” (p. 136).

Nessas construções teóricas é possível constatar semelhanças e também algumas diferenças com as formulações do *Projeto*. É importante analisá-las

pormenorizadamente. No *Projeto*, Freud (1895/1996e) desenvolve uma formulação sobre uma tendência do sistema nervoso que procura manter a Qn (Quantidade em geral ou da ordem de magnitude no mundo externo) no nível mais baixo possível, resguardando contra qualquer aumento da mesma e conservando-a constante. Nessa, o autor, em sua operação epistêmica, concebe o princípio da inércia modificado pela introdução dos estímulos endógenos. É justamente a partir desses, que a constância é teorizada, não como princípio, mas como uma noção no interior de um princípio mecânico legitimado a partir de postulados fisicalistas clássicos. Assim como o princípio da inércia modificado, o princípio do prazer é tratado como a redução ao mais baixo nível da quantidade da excitação, derivando-se do princípio de constância. Em *Além do princípio do prazer*, a constância é apresentada como um princípio e não mais como uma noção teórica, uma complementação de outro princípio.

Existe um problema epistêmico e lógico no entendimento freudiano que pode ser esboçado a partir da hipótese de derivação do princípio do prazer do princípio da constância. Freud (1920/2006a) trata o prazer como efeito equivalente da diminuição da excitação, e desprazer como efeito da soma ou acúmulo de excitação. Na lógica dessa premissa, a constância, enquanto manutenção da excitação, não produziria prazer e tampouco desprazer. Ou seja, existem contradições na relação teórica entre esses princípios que, do ponto de vista lógico, impossibilitam uma possível unidade epistêmica entre ambos. Essa contradição entre prazer e constância já foi antes anunciada por Figueiredo (1999) ao discutir as relações entre tais princípios. Para o autor, existe um problema em tornar estes equivalentes, uma vez que o princípio da constância é definido pela estabilidade e não por aumentos e diminuições de energia, tal como o princípio do prazer. Ao discutir tal problemática, Figueiredo (1999) chega à conclusão de que Freud já leva para bem longe do princípio do prazer, para o *Trieb* de morte quando formula o princípio da constância.

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/2006a) desenvolve uma nova hipótese teórica a respeito de *Trieben*, buscando explicar o seu funcionamento a partir das forças da natureza e levantando uma discussão sobre as origens das substâncias inorgânicas e orgânicas, das quais é composta a vida dos seres mais complexos, tais como os animais. É nessa linha genérica que o autor se propõe a discutir a relação entre *Trieb* e a compulsão à repetição, esta última cuja noção aparece pela primeira vez em 1893 na *Comunicação Preliminar* de Breuer e Freud (1893/1996), que trata sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos. É importante destacar que Freud (1920/2006a) desenvolveu esse conceito em *Além do princípio de prazer*. No entanto, de acordo com Roudinesco e Plon (1998) o autor já relaciona desde as ideias de compulsão (*Zwang*) e repetição (*Wiederholung*) anteriormente em sua obra para explicar os processos inconscientes, que são impossíveis de dominar, obrigando “o sujeito a reproduzir seqüências (atos, ideias, pensamentos ou sonhos) que, em sua origem, foram geradoras de sofrimento, que conservam esse caráter doloroso” (p. 656). De acordo com esses autores, a compulsão à repetição provém do campo de *Trieb*, possuindo um caráter conservador de insistência.

É a partir da relação entre *Trieb* e compulsão à repetição, que Freud (1920/2006a) reformula o primeiro como:

... uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica (p. 160, grifado no original).

Aqui é possível evidenciar que Freud procura generalizar o *Trieb* para além da vida psíquica humana que se encontrava representada na primeira teoria sistemática. Nesse trabalho, ele concebe o *Trieb* associado a toda vida orgânica presente nos animais, nas plantas e nos organismos unicelulares. É importante dizer que a formulação do *Trieb* como uma força interna se mantém em relação às formulações anteriores. A diferença está na ênfase da ideia de reestabelecimento de um estado anterior, uma tendência biológica que surgiria diante de forças perturbadoras externas. No entendimento de Freud, esse reestabelecimento está relacionado ao princípio da inércia e, necessariamente, à sua modificação pela complexidade orgânica do ser vivo, que pode ser relacionada à ideia de elasticidade. Como já estudado, o princípio da inércia modificado é um postulado físico-químico, esboçado por Freud no *Projeto*. Sua constituição epistemológica reporta-se principalmente à física clássica, à biologia e ao materialismo científico do século de XIX.

É importante entender ainda que Freud (1920/2006a) procura argumentar que o reestabelecimento a um estado anterior seria a manifestação do princípio da inércia na vida orgânica, uma consequência da aplicação das forças externas sobre organismo. Esse princípio mecânico que opera na natureza inorgânica, operaria também na vida orgânica através de *Trieben* que tenderiam a retornar repetida e compulsoriamente a um estado anterior, realizando assim o objetivo da vida que, tal como supõe o autor, seria a própria morte. Considerando o fato de que todo ser vivo morre e retorna ao estado inorgânico devido à razão interna escreveu Freud (1920/2006a): “O objetivo de toda vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existe antes do vivo” (p. 161,).

Nessa linha de raciocínio, Freud (1920/2006a) considera que os *Trieben* de autopreservação seriam parciais e que seu objetivo seria assegurar o próprio caminho para a morte. Esse caminho que teria sido determinado pelas influências do mundo externo sobre organismos mais antigos na ordem evolutiva, cuja repetição seria buscada pelos *Trieben*

conservadores. A leitura até esse momento da obra poderia levar ao entendimento de que todos os *Trieben* seriam de morte. No entanto, mais a frente o autor afirma: “Mas se pensarmos bem, isto não pode ser bem assim” (p. 163). Ele acrescenta um novo problema para essa hipótese, que leva em consideração os *Trieben* sexuais, às quais acredita que a teoria das neuroses atribui um lugar especial, e nesse momento desenvolve outro raciocínio que levará ao tipo que se opõe à morte: os *Trieben* de vida.

Antes da apresentação e discussão do segundo dualismo de *Trieben* é importante observar que Freud (1920/2006a), além das concepções e princípios físico-químicos, recorre também às concepções e princípios biológicos em uma perspectiva evolucionária. É a partir dessa perspectiva, citando diversos exemplos do reino animal, que o autor procura justificar, inicialmente, o oposto do que foi antes formulado sobre o *Trieb*: a ideia de que esse é manifestação da natureza conservadora do ser vivo. Essa perspectiva procura ir além dos fenômenos mecânicos, considerando também a explicação da história natural em uma perspectiva biológica. A esse respeito, escreveu Freud (1920/2006a):

[...] se todas as pulsões orgânicas são conservadoras, foram historicamente adquiridas e direcionam-se à regressão e ao reestabelecimento de um estado anterior, então é preciso pensar que a evolução orgânica se deve à ação de forças externas perturbadoras e desviantes. Afinal, mantidas as mesmas condições ambientais, os seres vivos mais elementares não teriam querido mudar, e desde o início de suas vidas estariam sempre repetindo o mesmo percurso. Assim, poderíamos supor que, em última instância, foram a história da evolução da Terra e sua relação com o Sol que efetivamente devem ter deixado suas marcas no desenvolvimento dos organismos. Portanto, as pulsões orgânicas conservadoras teriam assimilado cada uma dessas

modificações impostas no percurso de vida dos organismos e as preservados para repetição [...] (p. 161).

Aqui é possível constatar semelhanças do modo de pensar evolucionário de Freud com a teoria de Charles Darwin em *A origem das espécies*. Embora não haja referência a Darwin nesse entendimento, é importante dizer que muitos estudiosos das relações entre Freud e Darwin apontam para uma inspiração da teoria darwinista na obra freudiana (Assoun, 1983; Assoun; 1996; Ferretti & Loffredo, 2013). Ferretti & Loffredo (2013), a partir de uma análise de como aparece a temática darwiniana nas referências empreendidas por Freud ao longo de sua obra, concluem que tais referenciais fornecem sólidas indicações de que o fundador da psicanálise teria recorrido às formulações do evolucionista inglês “não apenas subsídios conceituais a respeito da dinâmica anímica do homem – desde a importância do patrimônio instintivo deste na determinação de suas ações a preceitos sobre seu funcionamento afetivo – como também um modelo de teorizar” (p. 125). A partir da amostra nocional referenciada e de outros trabalhos de Freud, em comparação com algumas teses presentes em *A origem das espécies* de Darwin (1859/2004), pode-se concordar com análises de Ferretti e Loffredo (2013) de que possivelmente exista um modelo de teorizar de inspiração darwiniana na obra freudiana.

É importante destacar, ainda considerando o último exposto, que Freud parece partir das formulações darwinianas quando relaciona às origens dos *Trieben* orgânicos, que se desenvolveram e conservaram na história natural e que tendem ao restabelecimento de um estado anterior, à ação de forças externas (ambientais), entendidas pelo autor como perturbadoras e desviantes. Nessa formulação, Freud (1920/2006a) parece recorrer à teoria da seleção natural de Darwin (1859/2004), que postula que as características favoráveis hereditárias tornam-se mais comuns em gerações sucessivas de uma população de organismos

que se reproduzem, e que as características desfavoráveis hereditárias tornam-se menos comuns. Para Darwin (1859/2004), a seleção natural age sobre o fenótipo, as características observáveis e variáveis da hereditariedade, que tendem a ser vantajosas ou desvantajosas, dependendo do ambiente natural. Os indivíduos com variações vantajosas e favoráveis às condições ambientais têm maiores chances de sobreviver e deixar descendentes. Assim, o ambiente teria um importante papel nessa perspectiva naturalista: o de selecionar indivíduos mais adaptados e conservar suas populações específicas. O entendimento da conservação do *Trieb* parece se orientar por essa perspectiva.

A suposição de Freud (1920/2006a) de que os seres vivos mais elementares não teriam querido mudar, devido ao fato de que certas condições ambientais terem sido mantidas por algum período de tempo, e de que foram a história da evolução da Terra e sua relação com o Sol que efetivamente poderiam ter deixado suas marcas no desenvolvimento dos organismos, parece partir da teoria darwiniana da seleção natural. É possivelmente a partir dessa teoria que o autor procura apresentar uma hipótese psicanalítica sobre as origens dos *Trieben* conservadores que teriam assimilado as modificações (possivelmente fenotípicas), impostas no percurso de vida dos organismos e as preservados para a repetição. Nessa construção, para além de uma influência o darwinismo, parece existir em Freud (1920/2006) um modo de pensar evolucionário, predominantemente darwiniano, que insere a teoria psicanalítica no campo do darwinismo, aceitando integralmente as suas bases epistêmicas naturalistas. A psicanálise seria, nessa hipótese, um complemento da teoria da seleção natural e de sua epistemologia naturalista, uma contribuição epistêmica por inserir o estudo e as formulações de *Trieb* a esse campo.

É nessa mesma perspectiva evolucionária, supostamente darwinista, que Freud (1920/2006) procura também apresentar o caminho que leva à edificação do conceito de *Trieb* de vida. O autor entende que nem todos os organismos estão constrangidos a um constante

desenvolvimento por meio de uma coação exterior. Ele afirma que muitos desses conseguiram se conservar até os dias atuais e que muitas formas de vida lembrariam os primeiros estágios de desenvolvimento de animais e vegetais mais complexos. No entanto, não dá exemplo desses últimos. Afirma que nem todos os organismos elementares, que fazem parte do corpo das formas superiores de vida, perfazem, de forma integrada, o curso que do desenvolvimento conduz à morte natural. Ele dá o exemplo das células germinativas, um tipo de célula que dá origem aos gametas de um organismo que se reproduz de forma sexuada. Sobre essas células, escreveu o autor:

... provavelmente, conservam a estrutura original da substância viva e, depois de algum tempo, separam-se e afastam-se do conjunto do organismo levando consigo todas as disposições e tendências pulsionais herdadas, bem como as adquiridas mais recentemente. E talvez sejam justamente essas duas propriedades que possibilitam a existência autônoma das células germinativas. Sob condições favoráveis, elas começam a se desenvolver, isto é, a repetir o esquema ao qual devem seu nascimento, de maneira que novamente uma parte de sua substância consegue completar seu desenvolvimento até o final, enquanto a outra parcela acaba formando um novo resto germinativo e recomeça o desenvolvimento a partir do início. É assim que essas células germinativas trabalham contra a morte da substância viva e conseguem assegurar o que para nós pareceria ser uma imortalidade em potencial. Mas, na verdade, talvez signifique apenas um prolongamento do caminho para a morte. Contudo, é importante também ressaltar o fato que essa capacidade da célula germinativa só pode ser reforçada ou ativada se ela se fundir com outra célula que seja ao mesmo tempo semelhante e diferente dela (Freud, 1920/2006a, p. 163).

Nesse exposto, a partir do exemplo da célula germinativa, o autor procura argumentar sobre a existência de outra tendência que, diferente da que restabelece um estado anterior, procura formar unidades maiores e produzir aproximações e unificações entre substâncias vivas, a que ele nomearia em seguida como *Trieb* de vida. Nessa argumentação citológica, ele não deixa de considerar a relação do organismo vivo com as condições favoráveis, o que permite pressupor a consideração dos determinantes ambientais, aspecto inerente ao modo de pensar darwiniano. Nessa leitura, supõe-se que Freud (1920/2006) utiliza o exemplo das células germinativas tanto no que se refere ao sentido de células germinativas primordiais, quanto ao sentido de linhagem (espermatozoide e ovulo). É possível que o autor esteja se referindo ao processo de fecundação quando argumenta sobre o processo de fusão das células germinativas.

A influência da ciência biológica e a hipótese de um modo de pensar darwiniano em Freud (1920/2006a), que podem ser reconhecidas nocionalmente em *Além do princípio de prazer* e, também, anteriormente em obras como a *Comunicação Preliminar* (Breuer & Freud, 1893/1996) e *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1996n) representam mais um importante sinal comprobatório das análises de Assoun (1987) as quais relacionam o modo freudiano de pensar e fazer ciência a um fundamento monista ou monismo epistemológico. Freud, ao longo de sua obra, não distancia desse, do fundamento fisicalista e do fundamento agnosticista. Em ambos os fundamentos está inscrito o entendimento monista, naturalista e agnóstico de ciência de Freud. Poder-se-ia inserir junto ao fundamento fisicalista (que foi ampliado nessa tese como físico-químico) e ao fundamento agnosticista, categorizados por Assoun (1983), o fundamento biologicista, e mesmo assim não seria uma novidade à hipótese de que a epistemologia freudiana procura se afirmar naturalista, ou seja, que parte unicamente da vertente científica das ciências naturais e procura seguir os seus princípios. E isso também vale para as especulações da metapsicologia, os problemas permanecem, muitas vezes, como

suposição ao longo da obra, enquanto os meios de verificação, comprovação e legitimação por uma via científica naturalista ainda não conseguiram realizar materialmente suas funções.

É importante dizer que a representação da sexualidade, principalmente no que tange a sua função reprodutiva, tratada em muitos momentos em um sentido finalista do ponto de vista biológico, é mais um elemento que endossa a hipótese de um modo de pensar darwiniano na obra de Freud. Outro elemento que aparece exclusivamente em *Além do princípio de prazer*, talvez um dos mais importantes, é a extensão da teoria de *Trieben* para além das problemáticas intra e intersíquica, anetrandando o campo da vida em si. Freud (1920/2006a) procura inserir a teoria de *Trieben* no cerne das grandes teorias científicas naturalistas para explicar o comportamento dos seres vivos dos reinos catalogados pela biologia de sua época: animal, vegetal e fungos. Ou seja, a teoria de *Trieben* deixa de ser somente uma teoria para explicar o comportamento e sexualidade dos seres humanos para ser acoplada às teorias biológicas, tal como a da seleção natural, que procuram explicar as origens da vida, partindo do inorgânico para o orgânico, considerando a interação entre organismo e ambiente.

É a partir desse raciocínio naturalista, supostamente darwiniano, que Freud (1920/2006d) insere à dualidade de *Trieben* outros dois conceitos: *Trieb* de vida e *Trieb* de morte. O autor concebe o *Trieb* de vida como a tendência à formação de unidades maiores, à aproximação e à unificação entre as partes dos seres vivos. Na linha contrária, o *Trieb* de morte é concebido como a tendência à separação, à destruição e, sinteticamente, como retorno ao estado inorgânico. A respeito do *Trieb* e sua relação com os organismos, escreveu Freud (1920/2006a):

É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida;

o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto. Então, ainda que no início da vida não tenha existido uma sexualidade e tampouco a diferença entre sexos, é possível pensarmos que essas pulsões que posteriormente podemos designar como sexuais tenham entrado em ação desde o início, em vez de só terem começado seu trabalho contra as “pulsões do Eu” em um momento mais tardio (p. 164).

Aqui o *Trieb* não é mais só a exigência de trabalho feita pelo somático ao aparelho psíquico, tal como esboçado na primeira teoria sistemática, mas representa tendências que estão presentes em todos os seres vivos. Nesse sentido, Freud (1920/2006a) concebe os *Trieben* - que anteriormente eram manifestações da vida psíquica, tal como expresso na primeira teoria - como resultado ou efeito da ação confluyente ou antagônica destas duas tendências que emanam do nível biológico. Diferente dessa primeira teoria, onde a biologia é convocada de modo a produzir os pressupostos teóricos para o esboço do conceito de *Trieb*, no qual a delimitação era o humano, na segunda teoria tal ciência parece assumir toda elaboração teórica, sendo a base integral. Nessa linha de interpretação, os *Trieben* de vida e de morte expressam a plena naturalização do conhecimento psicanalítico freudiano, o que significa uma maior imersão nas teorias biológicas (teorias da evolução; teorias citológicas) e nas ciências naturais de maneira geral. Essa imersão, em termos epistêmicos, pode ser relacionada ao conservadorismo epistemológico freudiano, atribuído por Assoun (1983).

Na segunda teoria sistemática não há mais um reducionismo à sexualidade humana, mas o reducionismo parece operar nessa, ao que tudo indica, em direção à própria natureza, sendo a sexualidade, concebida por um viés naturalista integral, constituído a partir da

consideração do papel da evolução dos seres vivos. A sexualidade é entendida a partir de uma dinâmica de criação e destruição.

A comparação entre a primeira e a segunda teoria sistemática de *Trieben* é, epistemologicamente importante, sobretudo, para apresentar a impossibilidade de aplicação integral da primeira à segunda. Um exemplo, constatado por Gomes (2001), diz respeito ao conceito de fonte que faz parte da primeira teoria, representando a exigência de trabalho feita ao aparelho psíquico pelos estímulos no interior do corpo. Esse conceito não se aplicaria ao *Trieb* de morte, entendido por Freud (1920/2006a) como tendência geral da vida orgânica, e também em um sentido estrito ao *Trieb* de vida, tratado pelo autor como tendência à unificação. Essas construções interpretativas apontam para uma importante hipótese: Freud (1915/2004b), ao desenvolver a primeira teoria sistemática de *Trieben* está pensando particularmente a complexidade do organismo humano, e não necessariamente nos demais seres vivos. Ele leva em consideração a experiência psicanalítica e parte de princípios biológicos, no entanto especifica sua definição ao organismo humano.

Na segunda teoria, Freud (1920/2006a) procura inserir a primeira teoria na segunda. Essa nova teoria, tal como constatou Gomes (2001), não representa a rejeição ou abandono da primeira. O que ocorre é uma reestruturação que desloca o *Trieb* do homem para a natureza. Como apresentado em hipótese, Freud (1915/2004b) procura apresentar na primeira uma teoria para explicar a estrutura e o funcionamento comportamental do organismo humano. E é justamente para esse que se dá a formulação dos quatro destinos de *Trieb* no texto *Pulsões*. Na segunda teoria, o *Trieb* continua representando um conceito-limite entre o psíquico e o somático. Trata-se de um representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência do trabalho do corpo imposta ao psíquico. No entanto, essa definição de *Trieb*, estritamente humana, é inserida em uma classificação naturalista, muito mais ousada e ampla do ponto de vista epistêmico, que, apesar

de ser especulativa, procura abarcar o reino da vida natural, considerando as teorias sobre as suas origens.

Outro argumento que contribui e reforça a hipótese de que a primeira teoria se aplica exclusivamente ao ser humano pode ser extraída das investigações de Simanke (2014). Para esse autor, a teoria freudiana do instinto, tratado como sinônimo de *Trieb*, poderia ser aplicada somente aos processos mentais em sua relação com o corpo, ou seja, aos processos corporais apenas na medida em que estes interessassem à estrutura e ao funcionamento da mente. Nesse sentido, o *Trieb*, na primeira teoria, representaria um conceito estritamente psicológico ou, mais precisamente, metapsicológico, um operador teórico da articulação entre o psíquico e o somático. Esse entendimento reforça a hipótese, de que é o organismo humano, ou seu aspecto estritamente psicológico e metapsicológico, o que está no cerne das formulações de *Trieb* da primeira teoria.

No que compete à segunda teoria, Simanke (2014) argumenta que Freud haveria definido o *Trieb* como um esforço orgânico para atingir determinadas metas: retorno ao estado anterior e no limite retorno ao estado inorgânico. De acordo com esse autor, esse conceito nessa teoria recebe “uma significação abertamente biológica, e sua expressão psicológica aparece como derivada de sua natureza biológica fundamental e como um caso particular de sua manifestação” (p. 76). Seguindo a lógica dessa interpretação, é importante dizer que, apesar do biológico estar presente na composição epistêmica das duas teorias, existem diferenças de meta de *Trieb*, enquanto na segunda teoria a meta seria o retorno ao estado anterior, a da primeira seria “sempre a realização, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso” (Freud, 1915/2004b, p. 148).

Apesar de haver variações quanto à meta de *Trieben*, a concepção de sexualidade, entendida no interior da segunda teoria sistemática, conserva um entendimento dual, também perpassado pela oposição entre prazer individual e conservação da espécie, essa última

principalmente que se encontra relacionada ao *Trieb* de vida “... nossa conclusão é de que há uma forte oposição entre ‘pulsões do eu’ que impelem em direção à morte, e as pulsões sexuais, que impelem para a continuidade da vida...” (Freud, 1920/2006a, p. 165). A definição de sexualidade a partir de uma teoria de *Trieb*, desde *Três ensaios* apresenta relações com a biologia e suas correntes epistêmicas.

É certo que, apesar de existir nos *Três ensaios* uma crítica à função meramente reprodutiva da sexualidade, realizada por Freud (1905/1996m) a alguns entendimentos médicos e culturais de sua época, essa crítica não se refere à função biológica, ou mesmo às formulações da ciência biológica. De acordo com Simanke (2014), essa crítica não implica em um movimento de afastamento da significação biológica de *Trieb* como instinto sexual. Esse autor destaca que a crítica de Freud se endereça mais precisamente ao uso normativo da referência à reprodução como padrão para uma regulação médica do comportamento sexual, e não tanto à ideia de que a sexualidade possua uma inequívoca base biológica e uma finalidade reprodutiva.

A partir dos estudos empreendidos até aqui, concorda-se com as análises de Simanke (2014), pois, como constatado, Freud (1905/1996m) não critica a ciência biológica, com quem mantém uma relação epistêmica fundamental em sua metapsicologia, tampouco deixa de conceber que a sexualidade possua uma base biológica instintiva relacionada à reprodução, mas critica as formulações de alguns cientistas, médicos e biólogos, consideradas por ele como equivocadas por tratarem a sexualidade somente a partir de uma perspectiva normativa.

Apesar de a relação dessa base biológica com o conceito de *Trieb* de morte, divida a opinião de estudiosos, alguns que procuraram afastá-lo dessa ciência e mesmo da epistemologia naturalista freudiana, é importante dizer que o próprio Freud (1920/2006a) só chega a esse conceito recorrendo à biologia e a seus conhecimentos da época, no intuito de também verificá-los: “... fica claro que, antes de tomarmos nossa hipótese como verdadeira,

seria adequado submetemos sua validade à ciência biológica” (p. 167). O autor não vê contradição do *Trieb* de morte com os conhecimentos biológicos de sua época. A partir de uma discussão sobre a dificuldade de demonstrar a morte natural dos protozoários, as forças de *Trieb* que conduzem a vida para a morte e a percepção de uma imortalidade dos protistas, ele chega a seguinte conclusão: “... nossa expectativa de que a biologia refutasse a existência das pulsões de morte não se realizou, e podemos continuar nos interrogando sobre a possibilidade da existência das pulsões de morte...” (p. 171).

Os estudos, empreendidos nesse trabalho, levaram a constatação de que Freud (1905/1996m; 1914/2004a; 1915/2004b; 1920/2006d), longe de afastar as suas formulações da sexualidade dos conhecimentos da biologia, da sua relação como o *Trieb* biológico instintivo, ao longo da evolução de suas teorias, buscou apoio epistêmico em tal ciência para legitimar tais teorias. Suas formulações do *Trieb* são dependentes dos saberes dessa ciência em termos de racionalidade epistêmica. Nesse sentido, torna-se necessário esclarecer que a sexualidade em Freud, a partir da segunda teoria sistemática, é concebida do ponto de vista biológico em dois eixos que se opõem: o primeiro se refere ao propósito da parcialidade dos *Trieben* do Eu, que impelem em direção à morte; o segundo se refere à continuidade da vida por via dos *Trieben* sexuais, que levariam a perpetuação da espécie. Esse segundo eixo, de acordo com Simanke (2014), garante o cumprimento de uma finalidade reprodutiva através do acasalamento de indivíduo de sexos oposto. No entanto, é importante destacar que a base biológica não aparece, no decorrer da obra, restritiva a essa finalidade. Sobre esse assunto, escreveu Freud (1920/2006a) em uma discussão sobre as psiconeuroses:

[...] o conceito de sexualidade e, por consequência, o de pulsão sexual precisaram ser ampliados e acabaram incluindo muitos aspectos que não se limitavam à função de

reprodução. Entretanto, essa ampliação casou bastante alvoroço nos círculos mais austeros, respeitáveis ou simplesmente hipócritas (p. 172).

É interessante observar nessa afirmação que Freud traz o conceito de sexualidade anterior ao de *Trieb*. Aqui ele reconhece a extensão da sexualidade para além da reprodução, mas não se refere à função biológica. A função biológica da reprodução é entendida por Freud (1920/2006a) como uma necessidade, sem a qual a vida e a perpetuação dos organismos mais complexos não seriam possíveis. E é justamente a partir de uma ótica complexa, apoiando-se na episteme biológica, que o autor desenvolve uma teoria especulativa que apresenta a estrutura e funcionamento da sexualidade como efeito do jogo de forças naturais entre seres inorgânicos e orgânicos. Nesse entendimento genealógico dos organismos, o *Trieb* precede a sexualidade, e estaria relacionado às forças geradoras da vida desde as formas mais elementares até as mais complexas. Se, na obra freudiana a sexualidade, enquanto noção, conceito e teoria, surgiu anterior ao *Trieb*, esse último adquire, no desenvolvimento da obra, um lugar central nas formulações freudianas e passa a ser principal o objeto de estudo da psicanálise: “as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica” (Freud, 1920/2006d, p. 158). A partir do desenvolvimento das duas teorias de *Trieben*, pode-se dizer que a sexualidade, enquanto conceito e teoria se reagrupa no interior dessas como uma importante atividade dos organismos complexos. No entanto, como uma espécie de subárea de tais teorias.

Em geral, pode-se afirmar que a episteme biológica é, de fato, uma das importantes bases científicas legitimadoras que sustentam as teorias sobre a sexualidade na obra freudiana, sem a qual essas não seriam possíveis de ser desenvolvidas. Apesar de tais teorias serem formuladas, especificamente, a partir de um viés darwiniano, ou seja, diretamente ligada às formulações de Charles Darwin, não se pode reduzir inteiramente as concepções biológicas

freudianas a esse viés. Tal como aponta Simanke (2014), apesar da presença da biologia evolucionária de orientação darwinista ou neodarwinista, não se pode dizer que a biologia da elaboração freudiana seja epistemologicamente compatível com esse tipo de forma integral. Esse autor afirma que Freud recorre à biologia a partir das necessidades internas de suas teorias, e não por uma adesão incondicional de uma ou outra teoria ou doutrina biológica. O autor destaca que é possível recolher evidências de outras influências, frequentemente discrepantes, sobre o pensamento biológico de Freud, como o lamarckismo, o evolucionismo spenceriano, a filosofia da natureza, o romantismo entre outras.

Apesar da qualificação de Simanke (2014) de tratar Darwin como uma inspiração, entre outras, entende-se, a partir dos estudos da obra freudiana e de autores como Assoun (1983) e Ferretti e Loffredo (2013) que exista um modo de pensar darwiniano em Freud. Esse modo de pensar sugere que, para além de uma inspiração, as ideias darwinistas compunham uma lupa teórica que Freud também utiliza para investigar especulativamente o problema da sexualidade. Nesse sentido, por mais que haja de fato a influência de outras teorias científicas, filosóficas ou estéticas nas formulações de sexualidade nos momentos em que Freud recorre à biologia, é importante destacar, com base nos estudos, que o modo de pensar darwiniano, ainda que não totalmente integrado do ponto de vista epistêmico, está inscrito na obra freudiana. Esse modo de pensar aparece de forma bem expressiva em *Além do princípio de prazer* e compõe um importante núcleo epistêmico legitimador da segunda teoria sistemática de *Trieben*.

Em geral, pode-se dizer que a segunda teoria sistemática de *Trieben* marca uma maior aproximação da teoria psicanalítica com as ciências naturais, realizada aos moldes freudianos, principalmente por via da biologia e sua vertente dominante darwiniana. E nessa operação epistemológica, a sexualidade em Freud é representada como uma atividade complexa que

ocorreria por intermédio das forças que guiam a vida em seu processo de conservação. Essa premissa vale tanto para os *Trieben* de vida quanto para os *Trieben* de morte.

No próximo capítulo, procurar-se-á realizar um estudo sobre as concepções de sexualidade a partir e posterior às formulações do *Além do princípio de prazer*. A partir dessa obra, os estudos apontam para os esforços freudianos em formular entendimentos e conceitos sobre a sexualidade feminina, uma especificidade da teoria geral da sexualidade em psicanálise. Apesar de não ser um tema novo na história da psicanálise, esse é resgatado por Freud a partir dos anos de 1920. Descrever, analisar e discutir tais formulações, eis o objetivo do próximo capítulo.

Capítulo 3

As Formulações sobre a Sexualidade Feminina: origens, desenvolvimento, problemáticas e limites

Nesse capítulo será realizado um estudo teórico e histórico-conceitual sobre a sexualidade feminina em Freud, alçando relações epistêmicas com o seu modo de pensar e legitimar incluso nas formulações correspondentes. Inicialmente, será descrito e discutidos algumas das origens nocionais da sexualidade feminina até 1920. Em um segundo momento, será realizado um estudo sobre o desenvolvimento teórico-conceitual da sexualidade feminina de 1920 até 1931, apresentando e discutindo o entendimento e as formulações freudianas. Por último, será realizado um estudo aprofundado dos considerados principais trabalhos freudianos sobre o tema: *Sexualidade feminina e Feminilidade*. Procurar-se-á, em todos os momentos do estudo discutir e analisar as problemáticas e os limites, situando contradições e controvérsias do empreendimento freudiano em seu processo de teorizar as fórmulas da sexualidade feminina.

3.1 A noção de uma sexualidade feminina na obra freudiana desde as origens até 1920

No final do século XIX, as mulheres eram apresentadas como doentes no discurso da psicopatologia médica. De acordo com Roudinesco & Plon (1998), estas eram representadas como histéricas, loucas e/ou hipnotizadas, e foram tratadas como objetos a serem observados a fim de fazer progredir o saber médico-científico.

A partir do que foi estudado até aqui, pode-se dizer que a sexualidade (referida ao par macho/fêmea; masculino/feminino) estava entre os principais interesses de pesquisa de Freud desde a formação médica, antes mesmo da fundação da psicanálise. Basta relembrar que o

primeiro artigo de Freud (1877), que descreve o resultado de uma pesquisa anatômica com enguias, tinha como objetivo identificar os testículos das enguias, expressando a preocupação com a diferenciação anatômica entre os sexos nessa espécie animal. Ou seja, o interesse científico de Freud pela sexualidade é mais antigo que a própria psicanálise, e encontra um de seus registros a partir da publicação de pesquisas realizadas em Trieste.

A partir do artigo de Freud (1877), pode-se dizer que o mesmo buscava compreender, por meio de uma perspectiva biológica, de orientação darwinista e anatômica, principalmente a sexualidade do macho das enguias. Nesse entendimento, a sexualidade da fêmea aparece diferenciada, não sendo o foco temático central. Ou seja, em seu primeiro trabalho, literalmente científico, o autor já procurava o sexual masculino, representado anatômica e biologicamente nas glândulas lombadas, o falo das enguias. Essa constatação é importante para entender que a função da sexualidade masculina é objeto de investigação em Freud, antes mesmo dos seus trabalhos clínicos sobre a histeria. No entanto, o aspecto da sexualidade que é investigado aparece relacionado ao sexo masculino, ficando o sexo feminino a mercê dessa última. Aqui é possível localizar um registro anterior que pode ser representado como a noção da centralidade no falo que, tal como será apresentado, se conserva nos interesses e no modo de pensar freudiano *a posteriori* e que parece estar associado à ideia de que a sexualidade feminina deriva da sexualidade masculina.

Defende-se a hipótese de que existe um entendimento e uma representação de sexualidade que possivelmente surge de um interesse ou de um desejo do próprio Freud. Esse interesse/desejo se expressa, por vezes, *a priori* à investigação científica e clínica, e orienta também a produção teórico-nocional antes mesmo de uma confirmação experiencial. Nas cartas de Freud a Fliess (Masson, 1986), o autor deixa claro, em pelo menos duas passagens que não teria encontrado o sexual se antes não tivesse o objetivo de achá-lo. Ou em outras palavras: o sexual já estava posto ontologicamente na intenção de Freud e isso, sem dúvida,

influencia nas investigações científicas, na prática clínica e na produção do saber: tanto do ponto de vista de como se levanta os problemas de pesquisa, como “o que se deve” investigar – o objeto epistêmico - e o “como se deve” investigar tal objeto – método e metodologia.

É importante apontar, com base nesse estudo, que é a partir das investigações de Breuer e Freud (1893/1996) sobre as afecções das histéricas que surgem os primeiros conteúdos ou materiais de análise relacionados ao sexo feminino. No entanto, como já afirmado em um momento anterior desse estudo, naquela época não havia uma teoria da sexualidade propriamente dita, tampouco um conceito de sexualidade feminina nas formulações freudianas. Naquele momento pré-psicanalítico, Freud, como bem elucidou Mezan (2011), estava empenhado na formulação do conceito de recalque. Já nos *Estudos sobre histeria*, Freud já possuía uma etiologia sexual, no entanto sem ocupar um papel explicativo e bem articulado entre o conceito de recalque, defesa e a constituição da sexualidade.

Como observado no estudo dos *Três ensaios*, Freud (1905/1996m) concebia a sexualidade feminina como uma espécie de extensão e/ou derivado da sexualidade masculina, ou seja, a primeira seria uma variação incompleta, involuída ou faltosa da segunda. Essa concepção é conservada no desenvolvimento teórico do complexo de Édipo e do complexo de castração que complementam a teoria freudiana da sexualidade após os *Três ensaios*. Tal como ponderou Simanke (2013), essa concepção freudiana toma a sexualidade masculina como modelo para a constituição da sexualidade feminina. Assim, o sexual masculino estaria presente na economia psíquica tanto de homens como de mulheres.

Essa concepção do sexual masculino encontra sua defesa na afirmação de Freud (1905/1996m) de que somente a vida sexual dos homens havia se tornado acessível à pesquisa psicanalítica naquele momento de sua obra; já a das mulheres ainda se encontrava até então mergulhada em impenetrável obscuridade. Nesse entendimento, ele procura explicar

nocionalmente a sexualidade feminina a partir da sexualidade masculina. É, particularmente, nesse trabalho que o autor apresenta alguns pressupostos que orientarão a sua concepção geral de feminilidade: trata-se da ideia do monismo sexual/libidinal nos dois sexos até o momento da puberdade. A partir dos *Três ensaios*, a libido passa a ser qualificada como masculina.

Freud (1905/1996m) entende que existe um só aparelho genital em ambos os sexos. Trata-se de uma de um importante aspecto da teoria sexual de Freud. Nessa concepção está inscrito um determinismo no que tange à sexualidade feminina: o autor entende que esta surge a partir da masculina, sendo o órgão sexual masculino o único reconhecido pela criança nos dois sexos, ou seja: o pênis no menino e seu correspondente na menina, o clitóris, uma espécie de “pequeno pênis”. No terceiro ensaio, o autor sugere a existência do complexo de castração nos dois sexos e da inveja do pênis na menina. O que teria levado Freud a tratar a sexualidade feminina como derivada da sexualidade masculina, por vezes *a priori* à investigação mais profunda, ou seja, como um pressuposto teórico-filosófico?

Para além da influência da biologia e da sexologia, categorizam-se pelo menos dois motivos. Procurar-se-á apresentá-los. O primeiro motivo refere-se aos determinantes biosocioculturais de Freud: gênero/sexo, etnia e classe social. Freud era homem, judeu, ocidental e pertencente à classe média pequeno-burguesa que, apesar de superar muitos limites científicos de sua época, reproduz em sua leitura uma concepção dominante de que o homem - e principalmente o modelo de homem de seu tempo - está no centro da sociedade, logo no centro da sexualidade. Essa concepção, diz mais respeito ao momento histórico da sociedade e de uma tendência histórica em processo de transição, do que de uma tendência universal, imutável ou mesmo natural na história dos homens.

No modo de pensar de Freud, existe a utilização de pressupostos orgânico-biológicos para também legitimar a concepção de a sexualidade feminina surgir a partir da masculina. Levanta-se a hipótese de que, nessa concepção, existe uma tendência à naturalização dos

caracteres sexuais e do desejo do homem heterossexual convencional, deslocando-os, em termos simbólicos, para o sexo/gênero feminino. O deslocamento dos caracteres sexuais e do desejo do homem convencional para mulheres faz permanecer uma tensão dialética entre as características anatômicas e psicológicas desse sexo/gênero. A solução sintética freudiana se faz pela via da subtração: a ausência de pênis/falo e seu efeito psíquico, a falta.

No que compete à etnia judaica de Freud, é importante salientar que a Bíblia judaica descreve que a primeira mulher teria surgido da costela do primeiro homem, criado por Deus. Como observado em alguns estudos históricos sobre a psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998; Anzieu, 1989), Freud foi educado em uma cultura judaica não tradicional, e aberta à filosofia do iluminismo. No entanto, observando a semelhança entre a concepção judaica sobre a origem do sexo feminino e a concepção freudiana, é possível destacar mais um indício de que Freud mantém aspectos conservadores em seu modo de pensar de uma concepção sexista dominante, porém datada àquele momento histórico no que compete à estrutura e a função do feminino na sexualidade e na sociedade. Essa hipótese mostra que apesar da preocupação de Freud com o método científico e, de seu questionamento normativo – tal como bem elucidada por Simanke (2013) – a sua formulação de sexualidade feminina reproduz aspectos estruturais do monoteísmo judaico.

O segundo motivo que teria levado Freud a tratar a sexualidade feminina a partir da masculina, refere-se à constituição psíquica e subjetiva do autor. A subjetividade de Freud teria se constituído em uma família com uma base tradicional, porém não convencional perpassada por valores iluministas e liberais (Roudinesco & Plon, 1998). Anzieu (1989) afirma que Freud possuía uma mãe jovem, 20 anos mais nova que o pai. Ele possuía também outros irmãos de outros casamentos do pai. A mãe de Freud lhe amava e lhe dava segurança. Nesse motivo, o arquétipo da família de Freud pode ser entendido como literalmente padrão para a edificação da teoria do complexo de Édipo e do complexo de castração e, em última

análise, para a ideia da sexualidade feminina surgir a partir da masculina. É possível sugerir que é a partir do seu olhar masculino que Freud apreende o amor sexual materno da jovem mãe, tratando o pai como rival, o que depois seria teorizado como complexo de Édipo. Essas experiências talvez não fossem possíveis em uma família tradicional convencional ou reacionária.

Obviamente que, no início das publicações pré-psicanalíticas, a sexualidade feminina, da fêmea ou na mulher não se tratava ainda de um conceito ou de uma teoria, mas era uma noção permeada por várias outras, e que adquiria o status de conceito e teoria conforme o avanço das investigações clínicas freudianas, principalmente no período psicanalítico. Deve-se considerar que, apesar de casos femininos estarem presente na investigação freudiana desde os *Estudos sobre histeria*, passando pelo Caso Dora, o enfoque no tema da mulher só adquire o estatuto de específico a partir dos anos de 1920, momento em que ocorre o que se pode chamar de desenvolvimento das formulações de sexualidade feminina. Esse assunto será descrito e discutido no próximo tópico.

3.2. O desenvolvimento das formulações de sexualidade feminina: uma discussão sobre a conceituação freudiana, algumas problemáticas e limites (1920-1931)

Nesse tópico, procurar-se-á realizar um estudo sobre o desenvolvimento das formulações freudianas que remetem à sexualidade feminina a partir de 1920. Mas o que se modifica no entendimento de Freud que possibilita esse desenvolvimento? Os estudos dessa tese permitiram categorizar dois motivos: uma atitude e um momento: 1. O amadurecimento no modo como Freud problematiza as questões internas à teoria psicanalítica, buscando responder críticas e a se aproximar mais das ciências naturais. 2. O momento histórico marcado pelas lutas de igualdade de sexo/gênero, pelas emergentes pesquisas e teorizações de

várias psicanalistas mulheres e associadas à sexualidade feminina entre outras temáticas da mulher, suas contribuições, problemáticas e críticas. Defende-se que a formulação da segunda teoria sistemática de *Trieben* representa um fator determinante importante para o desenvolvimento da sexualidade feminina, sobretudo por complexificar o problema da sexualidade a partir de uma perspectiva ontológica assumidamente dualística que - em oposição a subtração do monismo sexual – pressupõe a ideia de soma.

Mas o que significa essa perspectiva dualista no modo de pensar freudiano? Significa que o autor lê o ser, o homem e o mundo a partir de duplas de opostos: homem/mulher; masculino/feminino; sadismo/masoquismo; *Trieben* do Eu/*Trieben* sexuais; *Trieben* de vida/*Trieben* de morte; ativo/passivo; realidade/fantasia entre outras. Essa perspectiva é expressamente assumida em *Além do princípio de prazer*:

... nossa concepção desde o início sempre foi *dualista*, e hoje, quando os termos opostos não são mais designados como pulsões do Eu e pulsões sexuais, mas como pulsões de vida e pulsões de morte, ela é ainda mais rigorosamente dualista do que antes. Já a teoria da libido de Jung é, ao contrário, monista, e, ao dar à sua força pulsional unitária o nome de libido, ele criou uma confusão que não deve nos afetar (Freud, 1920/2006a, p. 174).

Para compreensão da perspectiva dualística explícita em *Além do princípio de prazer* e sua evidente influência sobre a concepção de sexualidade feminina, é importante destacar as principais bases epistêmicas e teórico-filosóficas que Freud utiliza para dar legitimidade a sua teoria. A primeira é uma corrente científico-filosófica que, na época do autor, encontrava reconhecimento e legitimidade por parte da comunidade científica: trata-se do darwinismo. A segunda, que Freud considera como filosofia-poesia, é referenciada no mito platônico do andrógino. É importante destacar que o dualismo ontológico freudiano possui semelhança de

forma com o modo de pensar e com a categorização teórico-conceitual de Platão. Em *Além do princípio de prazer*, Freud (1920/2006a) cita uma importante passagem desse último, enquanto discute a legitimidade da hipótese do segundo dualismo de *Trieben*:

“No início, nosso corpo não era formado como agora; era totalmente diferente. De início havia três sexos, não como agora, somente masculino e feminino, mas ainda um terceiro que unia ambos o sexo masculino-feminino...”. Porém, tudo nesses seres humanos era duplo, eles tinham, portanto, quatro mãos e quatro pés, dois rostos, dois órgãos genitais, etc. Então, Zeus decidiu dividir cada ser humano em duas partes, “como se cortam marmelos para fazer confeito... Estando agora o ser inteiro cortado em dois, a saudade impeliu [*trieb*] as duas metades a se juntarem: elas se abraçaram com as mãos, enlaçaram-se uma à outra no *desejo de fundir-se em um só ser*”... (pp. 177-178, grifado no original).

Essa citação é extraída por Freud do livro *Platon*, traduzido Wilamowitz-Moellendorff. Nele, Freud procura descrever alguns fragmentos do mito platônico sobre as origens das diferenças sexuais entre homens e mulheres. É possível, a partir da relação com a apreciação freudiana, afirmar que o mito platônico representa figurativamente a passagem de um monismo sexual (terceiro sexo) para o dualismo sexual (sexo masculino e sexo feminino). No mito platônico, o sexo feminino não é tratado como sendo uma versão faltosa do sexo masculino. Concepção essa expressa por Freud (1905/1996m) nos *Três ensaios* e conservada em muitos outros trabalhos. Ao contrário, no mito platônico existe uma concepção de que os sexos, antes de se diferenciarem, encontravam-se unidos em um terceiro sexo. Nessa concepção, a sexualidade feminina não teria a do homem como modelo ou mesmo se originado a partir desta, mas surgiria a partir de um monismo sexual indiferenciado – ao que Platão entende como “ideal” (Platão, 1995).

Ainda na concepção platônica, pode-se refletir que o desejo de se fundir é efeito da saudade e da falta de ser um. Essa falta estaria posta para ambos os sexos e por meio da saudade impulsionaria [*Trieb*] o ser dual – masculino e feminino – à unificação possível em uma relação sexual (Platão, 1995). Trata-se de um entendimento que procura explicar o sentido das diferenças sexuais, partindo do todo para as suas partes. O entendimento de Platão (1995) explica as partes como fragmentos de um ser completo, tratando a falta como um sentimento de incompletude que tenderia o ser ao retorno a um estado anterior, característica que Freud (1920/2006a) atribui ao *Trieb* de morte. A união, na concepção platônica, seria uma espécie de revivência de uma lembrança, ou seja, um registro de uma experiência passada. Algo que pode ser assemelhado à compulsão à repetição freudiana. Embora Freud (1920/2006a) não tenha feito nenhuma dessas analogias em *Além do princípio de prazer*, é importante dizer que o mesmo chega ao entendimento platônico ao final de suas especulações genealógicas e biologicistas sobre a origem da matéria e dos seres vivos. E com muito mais perguntas do que respostas:

Devemos seguir a indicação do filósofo-poeta e ousar supor que a substância viva, ao ser vivificada, foi rompida em pequenas partículas que desde então anseiam por reunir-se novamente através das pulsões sexuais? E que essas pulsões, nas quais se prolonga a afinidade química da matéria inanimada, superam lentamente, ao longo de todo o reino dos protistas, as dificuldades de um meio ambiente carregado de estímulos perigosos para vida que se opõe a esse anseio? E que esse meio obrigou as pulsões [*Trieben*] a edificarem uma camada cortical protetora? E que essas partículas dispersas de substância viva atingiram assim o estado multicelular para afinal transferir para as células germinativas a pulsão para reunificação, que estas últimas

contêm de forma altamente concentrada? Creio que é chegado o momento de interromper esta especulação (p. 178, enxerto e grifo meu).

Como observado, Freud relaciona a concepção dualista de Platão sobre as origens dos sexos e da sexualidade às suas próprias formulações e especulações, produzindo algumas problematizações. Ele complexifica a problemática dualista do filósofo, mantendo a sua estrutura formal que pode ser expressa na ideia de que o ser uno (substância viva) teria se dividido em partes duais (pequenas partículas), que objetivariam se unir por meio do amor (*Trieben* sexuais). É possível observar a semelhança da ideia platônica de se fundir a um ser só com o entendimento freudiano de *Trieb* (pulsão/instinto) para a reunificação. Mas o que, de fato, torna possível a analogia entre Freud e Platão no contexto do *Além do princípio de prazer*?

A resposta é: as novas problemáticas oriundas da formulação do segundo dualismo de *Trieben* e, também, da segunda tópica ID, Eu e Supereu. O segundo dualismo é mais especulativo e abarca reflexões e problematizações mais gerais sobre a origem dos seres. Nele, Freud deixa mais evidente a sua ontologia dualística no conteúdo, na exposição dos problemas e na criação das hipóteses e dos conceitos. Na escrita de *Além do princípio de prazer*, é possível observar uma semelhança com o modo de pensar platônico não somente nas relações e nas analogias entre *Trieben* sexuais e sexualidades masculinas e femininas nos seres humanos, mas também na forma como o autor procura legitimar um princípio geral que estaria presente em toda natureza. Platão é convocado para dar legitimidade a uma hipótese especulativa que perpassa todo esse trabalho: o retorno ao estado anterior seria uma reunificação entre dois opostos que antes estariam fundidos.

Apesar das semelhanças com o modo de pensar dualístico de Platão, é necessário pontuar que Freud inverte a equação platônica transferindo o real (mundo real) para o ideal

(mundo das ideias). Pode-se dizer que no modo de pensar freudiano, é o ideal que está subjogado ao real e não vice-versa, tal como está expresso no idealismo platônico. Essa inversão pode ser explicada pela perspectiva materialista, assumida por Freud em seu naturalismo aberto ao fenômeno natural. O autor trata o fenômeno (aquilo que aparece nas experiências do ser natural) como efeito de condições materiais que acontecem no tempo e estão situadas no espaço, obedecendo a uma ordem evolutiva do mais simples (todo; ser uno) ao mais complexo (partes; ser dual).

Mas o que da concepção da sexualidade feminina esse novo entendimento freudiano vem a modificar? Ao que parece a tese do segundo dualismo, no contexto do *Além do princípio de prazer*, ao expressar uma maior relação do saber psicanalítico com a ciência biológica e também com a formulação platônica de amor, parece tratar a sexualidade feminina não como efeito faltoso oriundo da sexualidade do homem, mas como originária do mesmo princípio geral que também teria produzido essa última. Ou seja, a sexualidade feminina seria uma parte originária de um todo que se decompõe em partes e que, futuramente, se complementariam. Nesse entendimento, observa-se a valorização da diferença sexual e da complementaridade entre os sexos para além do aspecto faltoso do feminino, atribuído por Freud, por vezes, à ausência e inveja do pênis e à castração feminina.

Quando se compara a concepção de sexualidade implícita no *Além do princípio de prazer* com o mito platônico do Andrógino, a qual Freud (1920/2006a) referencia nesse trabalho, é possível dizer que existe uma noção de falta no entendimento das diferenças sexuais. No entanto, não se trata da falta feminina do falo masculino, mas de uma falta retrógada, ou seja, falta de um estado ou momento anterior quando as diferenças sexuais ainda não existiam. Essa falta não seria somente das partes (órgãos genitais do sexo oposto), mas do todo no qual as partes antes estavam fundidas. Pode-se dizer que o entendimento nocional dessa “falta retrógada” acontece pela edificação teórica do *Trieb* de morte. Apesar de Freud

não usar esse termo (falta retrógada), defende-se a hipótese de que existe uma noção em seu entendimento.

Com base na explicação e categorização dessa falta retrógada, pode-se dizer que a fantasia do amor romântico seria, de fato, a busca por aquilo que falta ao ser que ama, no entanto o princípio que moveria esse impulso estaria relacionado com a compulsão à repetição, com o retorno ao estado anterior, características que definem o conceito freudiano de *Trieb* de morte. O estado anterior – tanto nas teorias biológicas quanto no mito platônico – se refere a uma unidade que precederia a diversidade das espécies e da sexualidade. Assim, a falta, tanto para homens e mulheres – para além da fantasia do ter ou não ter um falo, da castração ou da complementaridade – seria um dos efeitos e uma das tendências da separação operada pela passagem da matéria inanimada para a matéria animada, o germe da vida.

Mas, afinal, no entendimento freudiano, existe somente essa noção de falta retrógada, que tal como apresentado possui íntima relação com a tendência ao retorno do *Trieb* de morte? Como o próprio Freud destacou: não. Apesar de Freud (1920/2006a) explicar o processo de compulsão à repetição e a tendência ao retorno ao estado anterior, chegando a questionar se seria o *Trieb* de morte o único princípio que fundamentaria os diversos processos da natureza, ele constata que o mesmo não é único, afinal também opera na natureza o *Trieb* de vida. No entanto, ontologicamente só é possível conjecturar sobre um impulso, cujo sentido estaria relacionado às necessidades da vida, considerando que esse teria surgido como um derivado de outros processos que já estavam postos e atuantes na natureza antes mesmo do surgimento da vida. Ou seja, como já foi exposto, antes do *Trieb* de vida operavam processos materiais que Freud associa ao *Trieb* de morte. Assim a existência da sexualidade, estaria intimamente ligada ao processo de separação de partes de um todo divisível o que, a partir da concepção freudiana, se pode chamar de natureza.

Se a falta retrógada não é a única que estaria relacionada a um impulso de retorno ao estado anterior e à tendência de fusão sexual, que aparece, além do mito do Andrógino de Platão nas expressões humanas sobre o amor romântico, qual seria a outra forma de falta? A falta do vir-a-ser, ou seja, a falta daquilo de que não é ou tem. Pode-se chamar essa modalidade de falta anterógrada. A partir do entendimento nocional freudiano, pode-se dizer que essa modalidade de falta é efeito do *Trieb* de vida, e seu objetivo final seria a conservação da espécie. A falta do vir-a-ser conduz o indivíduo à morte natural, levando esse a lutar contra a sua antecipação para garantir, em última medida, a vida de um terceiro, portador do germe da vida.

Mas qual a necessidade de situar essas duas modalidades de falta para compreender e problematizar a sexualidade feminina em Freud? Como bem destacou Roudinesco e Plon (1998) é justamente também a partir das discussões sobre o papel ou função da mulher nos anos de 1920, realizadas pelas feministas e por psicanalistas femininas, que estimularam Freud a se envolver mais com os problemas da sexualidade feminina. Conjuntamente a esses determinantes sociais da época do autor, é necessário destacar a articulação interna de suas formulações: o segundo dualismo de *Trieben* e a segunda tópica exercem influência na forma como Freud reformula seu entendimento de sexualidade feminina. Assim, as modalidades de faltas possíveis a partir do segundo dualismo possibilitam um entendimento que, como se defende nesse trabalho, ampliam o enfoque no dualismo sexual das diferenças em oposição ao monismo sexual. Defende-se que esse dualismo sexual das diferenças é a condição necessária para a discussão da sexualidade feminina.

Apesar de Freud se reconhecer dualista, e, de fato, um dualismo persistir em sua ontologia, é importante ponderar que nem todas as suas formulações possuem um caráter dualístico. O entendimento freudiano de libido, por exemplo, é orientado por princípios monistas. A tese do monismo sexual – adotada pelo autor nos *Três ensaios* (1905/1996m) –

diz que a libido seria de natureza masculina, tanto no que compete à sua manifestação no homem como na mulher. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Freud, em uma conferência em 1909, no intuito de legitimar a sua teoria monista da libido teria dado o exemplo de que o demônio seria uma personalidade masculina por excelência, o que sustentaria a sua teoria do monismo sexual, que considera a manifestação da libido como essencialmente masculina. Nessa conferência, Freud ainda teria feito uma referência de que a única criatura diabólica feminina seria a avó do diabo.

O entendimento freudiano da libido a partir de uma concepção monista, apresentada nos *Três ensaios* e nessa conferência de 1909, reforçam e legitimam a tese de que a sexualidade feminina em Freud está submetida à sexualidade masculina. Essa via de legitimação segue um princípio que destoa, em termos epistêmicos, do caráter dualístico dos *Trieben* de vida e de morte. A formulação freudiana do monismo sexual, fortemente contestada pela escola inglesa (Roudinesco & Plon, 1998), não aparece relacionada às formulações do *Além do princípio de prazer*, tampouco discutida no contexto dessa obra (Freud, 1920/2006a). Uma das hipóteses dessa não relação ou não discussão poderia ser a tomada de partida de Freud por uma postura teórica radicalmente dualista. Ou seja, a discussão do monismo sexual, nesse contexto, poderia levar a seguinte problemática: se a concepção freudiana é radicalmente dualística como explicar a exceção da teoria da libido ser monista?

A concepção do monismo sexual produz condições para o enfoque na falta feminina – no complexo de castração – mais do que necessariamente nas diferenças sexuais, pensadas individualmente em cada sexo ou teleologia. É como se Freud, em seu modo de pensar, nos momentos em que concebe a libido como essencialmente masculina, entendesse que a mulher fosse inteiramente dependente do homem, e necessitasse permanecer nesse estado social. Como bem pontua Simanke (2013), por vezes, Freud chegou a tratar o feminino como

sinônimo de passividade. Ao conceber a libido como energia sexual ativa, relacionada ao masculino sob uma ótica monista, e o feminino como uma espécie de posição passiva, Freud, por vezes, naturaliza a sexualidade feminina, deslocando-a de um entendimento que considera os determinantes referentes ao contexto histórico-social, sob o qual a sua teoria monista da libido encontra seu limite.

Argumenta-se que o modo de pensar freudiano, apesar de conservar a concepção do monismo sexual, sofre um impacto epistêmico a partir da edificação do segundo dualismo de *Trieben* e da segunda tópica, o que leva ao interesse, à constatação e à formulação, mesmo que tardia, da sexualidade feminina e da feminilidade. A edificação do segundo dualismo obriga Freud a rever algumas de suas formulações e posicionamentos. Tal como a evolução conceitual do narcisismo o obrigou a formular e reformular alguns conceitos e entendimentos nos *Três ensaios* a partir de suas reedições. Isso não quer dizer que ele reformula o caráter monista de sua teoria da libido e o modelo fálico-castrado, mas que começa a abrir a sua leitura para outras possibilidades, inclusive reconhecendo alguns de seus próprios limites. Os conceitos de sexualidade feminina e de feminilidade são originários dessa abertura. No entanto, uma discussão que colocaria em xeque o monismo sexual, buscando uma nova leitura e investigação sobre as origens da sexualidade feminina só viria a ser construída pelos pós-freudianos dentre os quais podem ser citados os seguintes: Chasseguet-Smirgel, (1988); Arán (1997; 2000); Birmam (2001; 2006); Saad (2002); Schneider, (2005); Kristeva (2005); Fiorini (2009; 2014);

É necessário recapitular, a título de compreensão, que muitas das teses que seriam basilares para o desenvolvimento da psicanálise e, também, que futuramente seriam relacionadas à teoria da sexualidade, já estavam postas no *Projeto*. A partir disso, é correto reafirmar que existe um conservadorismo epistemológico (Assoun, 1983) no modo de pensar freudiano, mas além dessa forma epistêmica, existe um conservadorismo ontológico, que

remonta a uma visão de ser, de homem e mundo que, tal como sustentado nessa tese, tem o naturalismo como base. Um naturalismo que é orientado pelo fenômeno (Carvalho, 2018). O modo de pensar de Freud está intimamente relacionado aos grandes sistemas naturalistas do século XIX, com destaque especial ao de Charles Darwin. Assim, por mais que alguns problemas, tais como as críticas ao falocentrismo psicanalítico, ao monismo sexual ou a masculinização da energia sexual (libido), tenham chegado a Freud, o seu modo de pensar e de ler a realidade ainda se mantinham, na década de 1920, fieis às formulações e aos grandes sistemas científico-filosóficos do século XIX.

Defende-se a hipótese que a teoria do monismo sexual entra em contradição com algumas formulações, assumidamente, dualísticas do *Além do princípio de prazer*. Primeiramente, como o próprio nome diz, o “monismo sexual” parte de concepção monista e masculina de libido, e a segunda teoria de *Trieben* concebe a sexualidade dos seres vivos relacionada a um dualismo entre vida e morte. Na visão de mundo freudiana, as forças da natureza, que compõe esse segundo dualismo de *Trieben*, já estavam postas antes mesmo do surgimento da vida. Assim, é somente com o desenvolvimento das condições ambientais e da evolução dos seres vivos que, então, teria surgido a necessidade da sexualidade, e sua inerente diferenciação – masculino e feminino – nos organismos mais complexos. O feminino e o masculino, no texto *Além do princípio de prazer*, são pensados a partir da tendência ao reestabelecimento de um estado anterior (*Trieb* de morte), e também como efeito de outra tendência, cujo objetivo final seria a conservação da espécie (*Trieb* de vida).

Algumas considerações sobre a diferenciação sexual, noção que é expressa de maneira mais geral em *Além do princípio de prazer*, aparecem com enfoque teórico mais específico em a *Organização genital infantil*, artigo escrito em 1923. Nesse trabalho, são expressas algumas importantes considerações freudianas sobre o entendimento de sexualidade feminina. Nesse trabalho, existe um esforço de Freud em complementar a teoria da sexualidade dos *Três*

ensaios, sem necessariamente mudar suas concepções centrais: “... jamais empreendi qualquer remodelação completa dessa obra [*Três ensaios*] em suas edições posteriores, tendo, porém, mantido a disposição original e acompanhado os progressos...” (Freud, 1923/1996p, p. 159). Isso quer dizer, dentre outras leituras, que o modelo fálico-castrado, o monismo sexual e as teses dos complexos de Édipo e de castração até aquele momento persistem, orientando um entendimento de sexualidade.

O enxerto do artigo *Organização genital infantil* em relação aos *Três ensaios* paira sobre um esforço de diferenciação sexual entre adulto e crianças e também masculino e feminino, embora a diferenciação do feminino possua limites, apontados pelo autor. Ele concebe a característica central dessa organização da sexualidade infantil como fálica, tratando a sexualidade adulta como genital. De acordo com Freud (1923/1996p), essa característica “consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (p. 160).

Essa última afirmação se aplica unicamente ao processo constitutivo da sexualidade masculina. O interessante é que de passagem o próprio Freud (1923/1996p) reconhece os limites de seu empreendimento no que compete ao processo feminino: “Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos” (p. 160). Essa afirmação denota um esforço de honestidade intelectual do autor, possível em seu modo de pensar. A feminilidade do ponto de vista da edificação da teoria da sexualidade foi tratada como fundo e não como figura. A figura, nessa analogia metafórica, seria a própria sexualidade masculina. Apesar de seus estudos com as histéricas, o interesse de Freud está em compreender a estrutura e a função da sexualidade masculina. E esse interesse, também pode

vir a ser, em alguma medida, um efeito dos próprios tabus e preconceitos da sociedade ocidental monogâmica, cujo enfoque, na época de Freud, ainda estava sobre o homem.

Um exemplo do tratamento do sexo feminino como fundo do sexo masculino pode ser extraído do artigo *Organização genital infantil*:

... a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que ela se assemelha. Uma visão acidental dos órgãos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedo proporciona a ocasião para essa descoberta. Em crianças inusitadamente inteligentes, a observação de meninas urinando terá despertado, mais cedo ainda, a suspeita de que existe aqui algo diferente, e terão efetuado tentativas de repetir suas observações, de modo a conseguir esclarecimento (Freud, 1923/1996p. 160).

Nesse exposto, é possível evidenciar o tratamento do menino como figura, ou seja, protagonista fálico da cena. Enquanto que a menina é tratada como fundo, ou seja, como parte coadjuvante do contexto de atuação que é capturada pelo olhar do menino, deixando, tal como sugere, algumas importantes impressões psíquicas nesse último. Embora do ponto de vista da atividade cênica, fosse a menina a grande protagonista da cena, pelo seu ato e também pelo olhar (do menino) estar dirigido sobre ela, Freud desloca esse protagonismo para o olhar do menino. É como se mesmo na observação, tratada pelo autor como uma pesquisa/investigação, o menino fosse mais ativo do que a menina da cena. A investigação e a curiosidade sexual aparecem relacionadas unicamente à atividade masculina. Ao que parece, nessas experiências interativas complexas, interessa mais a Freud o que acontece psiquicamente com o menino, não sendo o mesmo interesse aplicado à menina. Isso pode ser um dos motivos que explicariam o desconhecimento dos processos constitutivos da

sexualidade feminina: não se conhece muito sobre o processo, pois o olhar psicanalítico, inicialmente, estava dirigido inteiramente para o menino.

É como se, nessas experiências, qualificadas como acidentais, o menino observasse a menina a certa distância suficiente e, possivelmente sem ser visto, para que outras experiências interacionais não apareçam como, por exemplo, a resposta da menina ao olhar do menino. Esses supostos acidentes parecem fornecer legitimidade para a descoberta sexual individual do menino. A fórmula freudiana da diferenciação sexual com base no falo, apesar de partir de dados extraídos da realidade, também se constituiu aprioristicamente, na medida em que Freud utiliza de formulações genéricas a partir de algumas experiências específicas (possivelmente relatos clínicos e observações culturais) para constituir um determinismo geral. O que não está posto nessas experiências genéricas é a atividade do sexo feminino tanto no que compete à ação externa, propriamente dita, quanto à ação psíquica, ou seja, como a menina olha para essas experiências e outras que permitem constatar ou não a diferença e o que fica em seu registro psíquico.

Mesmo que, em *Organização genital infantil*, de fato persista um determinismo fálico e que a mulher ocupe um personagem secundário na constituição da sexualidade masculina, é importante reconhecer que existe uma perspectiva de diferenciação sexual que começa a engatinhar rumo aos problemas da sexualidade feminina. Torna-se evidente nesse artigo o tratamento do feminino e da passividade como sinônimos. Freud (1923/1996p) entende que a questão do masculino e do feminino não existe no estágio de organização pré-genital. No entendimento freudiano é somente na fase fálica que passa a existir a masculinidade, “mas não a feminilidade” (p. 163). De acordo com o autor, a antítese que se mostra nessa fase é:

... entre possuir *um órgão genital masculino e ser castrado*. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade

sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (p. 163).

A partir desse exposto, é possível evidenciar a atribuição freudiana da masculinidade associada à atividade e passividade à feminilidade. Essa atribuição procura se fundamentar na tese de que a libido seria masculina, ou seja, na tese do monismo sexual. Aqui se observa uma compreensão bastante determinada sobre o que seria o masculino e o feminino.

No ano seguinte em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924/1996q) expõe os motivos e as modalidades do complexo de Édipo nos dois sexos enfocando pela primeira vez, ao longo de sua teorização sobre o desenvolvimento da sexualidade, em uma diferenciação que não apenas se refere à menina como pano de fundo para a teorização da sexualidade masculina. Nesse trabalho, diferente de outros, o autor se propõe a discutir a constituição da sexualidade em ambos os sexos, o que não foi realizado, de forma específica, até aquele momento. Nesse trabalho, o complexo de Édipo é concebido como “fenômeno central do período sexual da primeira infância” (p. 195). Toda a discussão sobre as diferenças sexuais em *A dissolução* se orienta pela defesa freudiana das formulações do complexo de Édipo e do complexo de castração. Nesse artigo, de início, Freud (1924/1996p) apresenta algumas diferenças entres os sexos masculino e feminino, considerando as experiências de desapontamentos penosos que, em seu entendimento, seriam efeitos dos processos dos complexos (Édipo; castração):

... A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer da parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo. O menino encara a mãe como sua

propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado... (p. 195).

Nessa diferenciação, a partir de experiências específicas, Freud procura sustentar e legitimar a tese do complexo de Édipo, agora também referenciada ao sexo feminino. Diferente do artigo *Organização genital infantil* (Freud, 1923/1996p), o autor reconhece a especificidade dos acontecimentos, no entanto destaca que a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado (por parte da mãe), devem, ao final do processo do complexo de Édipo, levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperança. Nesse sentido, “o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna” (p. 195). Observa-se nesse entendimento o enfoque dado à teoria do complexo de Édipo na constituição biopsicológica da sexualidade masculina e feminina. Isso quer dizer que o autor conjuga esse processo, considerando tanto as determinações (acidentais) referentes ao ambiente externo ao indivíduo, e o que é “determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o programa, o instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento” (p. 195). E com esse entendimento, levanta-se a hipótese de que o autor se esforça para não repetir o erro empiricista da teoria da sedução que, como já discutido nesse estudo, procurava introduzir errônea e forçosamente a causalidade do abuso sexual real na constituição da neurose.

A concepção desenvolvimentista da sexualidade, que o autor expressa em *A dissolução* a partir de uma base orgânica, permite uma adição ao entendimento da constituição da sexualidade, por vezes, representado em *Organização genital infantil*, levando em consideração a forte influência da experiência. Essa adição permite a Freud justificar que “não é de grande importância quais as ocasiões que permitem tal ocorrência ou, na verdade,

que a ocasião desse tipo possam ser de algum modo descobertas” (p. 196). Assim, o que Freud está dizendo, em outras palavras, é que os fatores acidentais e empíricos estão ontologicamente relacionados aos fatores de predisposição genética, sendo compatíveis. Com isso, acredita-se que ele procura se proteger de uma causalidade empiricista simplista, que, como abordado anteriormente, poderia levar a superestimação de algumas experiências específicas - tais como o menino que olha uma menina urinando e percebe as diferenças sexuais ou a mãe que diz ao menino que vai cortar seu pênis – como determinantes para os complexos de Édipo e castração.

No modo de pensar freudiano, o complexo de Édipo e de castração são também considerados tanto a partir de uma visão ontogenética – que considera a história de desenvolvimento do organismo/indivíduo em seu próprio tempo de vida – quanto em uma visão filogenética – que considera a história das relações evolutivas entre grupos de organismos/indivíduos, tais como espécies, populações, traços ancestrais entre outros. A esse respeito escreveu, Freud (1924/1996q):

...Há lugar para uma visão ontogenética, lado a lado com a filogenética, de conseqüências bem maiores. Também procede que, mesmo no nascimento, o indivíduo está inteiramente destinado a morrer, e talvez sua disposição orgânica já possa conter a indicação daquilo que deve morrer. Não obstante, continua a ser de interesse acompanhar como esse programa inato é executado e de que maneira nocividades acidentais exploram sua disposição (p. 196).

Nesse exposto, observa-se que Freud procura articular essas visões biológicas que partem de um entendimento inatista, ou seja, de uma concepção genética. A segunda, cuja base teórico-epistêmica é darwinista, é tratada pelo autor como mais ampla do que a primeira. No pensamento freudiano, há uma categorização não contraditória entre aquilo que define o

organismo individual e aquilo que define sua espécie. Esse entendimento permite ao autor apresentar outro que leva em consideração um programa inato, ou seja, as predisposições genéticas que já se encontram determinadas *a priori* à experiência. Nesse entendimento, as nocividades acidentais funcionariam como uma das possibilidades de exploração dentro de um programa inato já estabelecido. Isso quer dizer que existem limites onto-filogenéticos para essas possibilidades experienciais, ou seja, os acidentes nocivos da experiência apenas percorrem o que está organizado *a priori*.

Mas o que a concepção de uma epistemologia genética afetaria na formulação teórica da sexualidade, e particularmente da sexualidade feminina no contexto de *A dissolução?* Primeiramente, essa discussão surge no momento do artigo em que Freud (Freud, 1924/1996q) discute a hereditariedade do complexo de Édipo, ou seja, as determinações biológicas para a constituição da sexualidade masculina e feminina. Posterior a essa discussão, o autor aponta o que seria a contribuição psicanalítica ao localizar que o avanço no desenvolvimento sexual de uma criança vai “até determinada fase, na qual o órgão genital já assumiu o papel principal” (p. 196). E continua: “Esse órgão genital é apenas o masculino, ou, mais corretamente, o pênis; o genital permaneceu irrevelado” (p. 196). Não há de Freud uma explicação biológica ou inatista (hereditária) do motivo pelo qual o órgão genital masculino assume o papel principal, tampouco uma relação com a visão onto-filogenética evocada naquele momento. O que se pode dizer desse fato, é que o autor também se ancora nessas concepções/visões biológicas para legitimar a sua concepção do monismo sexual do falo.

A concepção desse monismo sexual que atribui o sexual masculino na economia psíquica tanto de homens e mulheres é um dos determinantes apriorísticos para o entendimento freudiano das diversas experiências entre sexos que sucedem, tais como as do complexo de Édipo e do complexo de castração, e que levam a um tipo de entendimento sobre a sexualidade feminina. Freud (1924/1996q) repete uma concepção negativa do feminino,

considerando algumas experiências de meninas, captadas pelo olhar observante do menino, que são entendidas pelo autor como participe da constituição da sexualidade desse último. É justamente a percepção da falta de um pênis na menina, reconhecido no conjunto das experiências familiares, orientada por um programa inato já determinando, que confirmaria o horror a castração, rompendo assim com o orgulho (narcísico) do menino.

Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado (p. 197).

Aqui é possível constatar o ponto de ápice da negatividade feminina freudiana. O que o autor diz é que, mesmo com os dizeres familiares envolvendo a ideia da castração não produzissem o temor ou horror à castração, o ato de olhar do menino capturaria a diferença sexual – já atribuída com o sentido de castração. Isso produziria, a partir dessa experiência, o possível registro da ameaça da castração, que, no modo de pensar freudiano, se conservaria no homem adulto. Além de ser usado para explicar a insegurança masculina frente à ameaça de ter o pênis castrado, simbolicamente deslocado para outras situações, a teoria do complexo de castração é utilizada para explicar a dissolução do complexo de Édipo do menino que introduziria um novo momento do desenvolvimento psicosexual: o período da latência. As respostas do indivíduo frente ao complexo de castração e os efeitos dele oriundo seriam responsáveis pela posterior dessexualização e sublimação da libido (que representaria a transformação das catexias de objeto em identificações), características do período de latência. No entendimento freudiano, o objetivo dessas respostas seriam justamente preservar o falo de uma ameaça.

Os processos referentes ao complexo de castração e a dissolução do complexo de Édipo, levariam à interrupção do desenvolvimento sexual da criança. Aqui cabe um questionamento. Apesar da referência a uma visão onto-filogenética no início de *A dissolução* existe no entendimento freudiano uma valorização das experiências que se referem aos complexos de Édipo e castração. Isso quer dizer que, no modo de pensar freudiano, a psicopatologia neurótica não é tratada como meramente inata, ou seja, essa não depende de um programa inato a ser executado, mas sim de processos empíricos para se constituir enquanto ser. Um exemplo está em uma passagem em que Freud (1924/1996q) discute a destruição e abolição do complexo de Édipo. O autor supõe outros destinos para tal complexo, chegando a dizer que existe uma linha fronteira entre o normal e o patológico. Ele afirma que: “Se o Ego, na realidade, não conseguiu muito mais que uma *repressão* do complexo, este persiste em estado inconsciente no Id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico” (p. 199). Isso quer dizer que Freud descreveu até então o processo psicosssexual que ele acredita ser o normal. Este formaria no indivíduo do sexo masculino o superego, possibilitando a passagem da fase fálica para a latência.

É importante dizer que a tese central de *A dissolução* está na concepção de que a destruição/dissolução do complexo de Édipo “é ocasionada pela ameaça de castração” (Freud, 1924/1996q, p. 199). Isso significa que, naquele momento, as formulações referentes à ameaça de castração e ao próprio complexo de castração são tratadas como complementos basilares da teoria do complexo de Édipo. Para além das origens fundamentais desse último, essas formulações procuram explicar o destino da sexualidade infantil após o Édipo, e também os motivos da suposta dessexualização posterior e o interesse e enfoque da criança em atividades intelectuais, culturais e artísticas, que fenomenologicamente denotam certa autonomia da criança em relação aos pais. Mas até agora, tal como em *Organização genital infantil*, o que estava em cheque era a sexualidade masculina, sendo as experiências

relacionadas ao sexo feminino mencionadas para legitimar a constituição de tal sexualidade. No entanto, após a explicação de como se dá o processo constitutivo da sexualidade masculina, Freud (1924/1996q) introduz a seguinte questão: “Como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas?” (p. 199). Novamente, quando o autor se confronta com o problema da sexualidade feminina e da feminilidade, responde que nesse “ponto do material, por alguma razão incompreensível, torna-se mais obscuro e cheio de lacunas” (p. 199).

Observa-se que Freud (1924/1996q) assume suas dificuldades em definir como se dava o processo constitutivo ou o desenvolvimento da sexualidade feminina e da feminilidade. Isso é mais indício, que se repete no discurso freudiano até *A dissolução*, e que permite sustentar a afirmação de que o interesse de Freud estava, inicialmente, direcionado para o entendimento da sexualidade masculina. Esse teria levado o autor a tratar nocionalmente a sexualidade feminina como pano de fundo para a edificação de sua teoria sexual que se centra no falo e procura se legitimar no monismo sexual da libido. Isso quer dizer que antes mesmo de conhecer e de conceituar a sexualidade feminina, sua noção foi utilizada para legitimação do complexo de Édipo, que *a posteriori* seria utilizado para o entendimento da sexualidade feminina e da feminilidade. Apesar de Freud reconhecer que o processo constitutivo da sexualidade feminina ser obscuro e cheio de lacuna, o autor já possui uma formulação que está ancorada em suas teorias e conceitos anteriores. A esse respeito:

Também o sexo feminino desenvolve um complexo de Édipo, um superego e um período de latência. Será que podemos atribuir-lhe uma organização fálica e um complexo de castração? A resposta é afirmativa, mas essas coisas não podem ser as mesmas como são nos meninos. Aqui a exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois a distinção morfológica está fadada a encontrar

expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico. A anatomia é destino' (sic), para variar um dito de Napoleão. O clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que 'se saiu mal' e sente como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade (pp. 199-200).

Nessa exposição é importante se ater para algumas caracterizações e posicionamentos do modo de pensar freudiano. A primeira delas é a forma como o autor trata a "exigência feminista de direitos" que não levaria muito longe sobre o problema da mulher na sociedade moderna/capitalista. No entendimento do autor, o problema da mulher deveria ser entendido pela morfologia anatômica, que, tal como parece, por si só explicaria as diferenças no desenvolvimento psíquico. Aqui é possível constatar um dos usos ético-políticos das concepções biologicistas no modo de pensar freudiano. Nesse exposto, as diferenças sexuais são pensadas principalmente a partir dos efeitos psíquicos da anatomia dos sexos, o que parece, por vezes, desconsiderar as formações histórico-sociais mais amplas. Observa-se uma possível resistência na afirmação a "exigência feminista de direitos iguais", como se essa exigência fosse ilegítima e o entendimento das diferenças sexuais pela via anatômico-psíquica explicasse a totalidade desse processo, levando "naturalmente" a um posicionamento ético-político conservador. Isso sugere que, apesar de questionar a normatividade e a tradição, principalmente por um viés cientificista, Freud conserva posicionamentos normativos e tradicionalistas em seu modo de pensar, o que parece interferir no seu entendimento da transformação no processo histórico. A referência a Napoleão parece reforçar essa tese.

No que tange às diferenças sexuais, pode-se dizer que a dita "exigência feminista por direitos iguais" levam a pensar a dimensão social a que estão submetidos os sexos, a ação dos homens e mulheres na transformação da sociedade, o que, em outros termos, desembocariam

no questionamento sobre a determinação da sexualidade ser meramente natural. Evidentemente, que Freud escapa de uma discussão metodológica – e talvez ético-política – qualificada na medida em que emprega possivelmente um preconceito sobre um tipo de transformação social que ocorria em sua época: a luta das mulheres por direitos equivalentes. Toda a construção do discurso freudiano, apresentado nesse último exposto, desde a deslegitimação da exigência feminista por direitos iguais, passando pela supervalorização da anatomia, “anatomia é destino”, em uma clara referência a Napoleão, um importante representante histórico do imperialismo, conservadorismo e reacionarismo francês, até o momento em que conclui que a mulher “se saiu mal” em uma comparação fálica com o companheiro masculino de brinquedo, parece se direcionar para um posicionamento ético-político conservador.

Apesar das problemáticas implicadas em um possível preconceito freudiano, oriundo do a-feminismo do autor, de maneira geral, pode-se afirmar que em *A dissolução* existe a formulação de uma teoria do complexo de Édipo feminino e, conseqüente e paralelamente, da sexualidade feminina, mesmo que essa não apareça nomeada. Evidentemente que essa formulação possui incertezas, constatadas pelo próprio Freud. A base legitimadora do complexo de Édipo feminino continua sendo o complexo de Édipo masculino, tendo com fio condutor o complexo de castração. Nesse sentido, o autor entende que a diferença essencial entre os complexos de Édipo e as respectivas sexualidades - masculina e feminina – seria que “a menina aceita a castração como fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência” (Freud, 1924/1996q, p. 200).

O autor chega ainda a simplificar o complexo Édipo feminino. Em seu entendimento, esse complexo “... é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele [complexo de Édipo] vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina com o pai” (Freud, 1924/1996q, p. 200). O autor irá frisar em cima da

tese de que a tentativa de compensação pela renúncia ao pênis culminaria no deslizamento do pênis para o bebê. Assim, o complexo de Édipo feminino culmina em um desejo, mantido por um tempo, de receber um filho do pai. No entendimento freudiano, após o complexo de Édipo a “criatura do sexo feminino” (p. 200), permanece com dois desejos fortemente catexizados em seu inconsciente: o desejo de possuir um pênis e o desejo de possuir um filho. O autor atribui às mulheres uma diferença anatômico-fisiológica em relação ao instinto sexual.

Apesar de Freud (1924/1996q), de fato, expressar uma formulação teórica sobre o complexo de Édipo feminino e conseqüentemente sobre a sexualidade feminina, ele admite, no penúltimo parágrafo de *A Dissolução* que “... a compreensão interna (*insight*) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago” (p. 201). Isso quer dizer que, apesar dos preconceitos freudianos no que tange à sexualidade feminina e ao papel social da mulher – estes que denotam uma postura ético-política conservadora a-feminista, que irá se repetir tardiamente em outros escritos, o autor reconhece alguns limites de seu empreendimento. Mesmo tendo a convicção de que as relações cronológicas e causais entre o complexo de Édipo, a intimidação (a ameaça de castração), a formação do supereu fossem de um gênero típico, Freud (1924/1996q) não quis considerar que esse tipo fosse o único possível. O autor explica que variações “de ordem cronológica e na vinculação desses eventos estão fadadas a ter um sentido muito importante no desenvolvimento do indivíduo” (p. 201).

3.3 A sexualidade feminina propriamente dita: um estudo crítico sobre as últimas concepções freudianas e seus limites

Nesse tópico, procurar-se-á apresentar um estudo crítico sobre o que se entende como a sexualidade feminina propriamente dita na obra freudiana: trata-se das últimas concepções freudianas sobre esse tema, e que se expressam na articulação de conceitos, na tentativa de

sistematizar uma teoria, apesar das lacunas e limites, alguns assumidos inclusive pelo próprio Freud. Se de 1920 até 1931, foi possível constatar uma consideração e um esforço de Freud em conceituar o processo de constituição da sexualidade feminina, por meio de temas como diferenças anatômicas entre sexos, dissolução do complexo de Édipo, complexo de Édipo feminino, complexo de castração, a partir da década de 1930 é possível observar o enfoque direto em temas referentes à sexualidade da mulher. Dois trabalhos de Freud dessa década se dedicam exclusivamente ao tema: o artigo *Sexualidade feminina* (1931/1996s) e a conferência XXXIII, intitulada Feminilidade (1933/1996t). E é com o estudo desses dois trabalhos que será realizada a finalização desse terceiro capítulo da tese.

3.3.1 *Sexualidade feminina* ou a consideração da vinculação pré-edípiana e a defesa dos complexos de Édipo e castração

Em *Sexualidade feminina*, artigo dedicado exclusivamente ao tema, Freud, (1931/1996s) procura discutir as gêneses da sexualidade feminina, apresentando suas principais diferenças em relação à sexualidade masculina e enfocando, sobretudo, na intensidade e na longa duração da vinculação pré-edípiana da menina com a mãe. Foi escrito em fevereiro de 1931 (Strachey, 1996d). A busca de uma explicação para a constituição da sexualidade feminina, situando um momento que antecede o complexo de Édipo - uma das mais conhecidas teses de Freud sobre o processo de identidade sexual/de gênero – é, de fato, uma das novidades desse trabalho. Nesse trabalho, Freud (1931/1996s) entende que o período pré-edípico na menina deixa espaço para todas as fixações e recalques que levam à gênese da neurose. Chega a comparar a pré-história da sexualidade feminina ao impacto que o descobrimento da cultura minoico-micênica por trás da cultura grega teve para a arqueologia. Com essa comparação, é possível reconhecer um esforço, mesmo que limitado, em descolar a

feminilidade de um entendimento focado no monismo sexual, no falo e que toma o complexo de Édipo como processo determinante na constituição da sexualidade feminina.

Freud (1931/1996s), nesse trabalho, procura problematizar e explicar os processos que ocorrem na constituição da sexualidade feminina tanto no que compete à substituição do objeto desejo materno pelo paterno, como na passagem do clitóris, órgão sexual fálico análogo ao pênis, para a vagina, entendida pelo autor como órgão genital feminino propriamente dito. O autor afirma categoricamente que a bissexualidade, entendida por ele como “disposição inata dos seres humanos” (p. 242), vem para o primeiro plano mais nas mulheres do que nos homens. A explicação para essa premissa vem, em seu entendimento, do fato dela possuir dois órgãos sexuais: o clitóris e a vagina. O autor acredita que, apesar de haver impulsos vaginais nos primeiros anos da mulher, essas ocorrências genitais estão relacionadas ao clitóris. Para Freud (1931/1996s), a vida sexual da mulher é dividida em duas fases:

...a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para outra, do qual nada existe de análogo no homem. Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente não é satisfatoriamente entendida. Não conhecemos, naturalmente, a base biológica dessas peculiaridades das mulheres e, menos ainda, podemos atribuir-lhes qualquer intuito teleológico (p. 242).

A partir desse exposto, é possível identificar três importantes aspectos a serem discutidos: a questão do dualismo sexual feminino e a bissexualidade; a conservação do caráter masculino/viril na sexualidade feminina; o desconhecimento das bases biológicas da

sexualidade feminina. Existe no entendimento freudiano uma concepção mais dualista em relação ao desenvolvimento da sexualidade feminina, enquanto que para o homem se aplica uma concepção desenvolvimentista mais monista. É certo que, anterior a esse dualismo sexual do feminino, existe, no modo de pensar freudiano, uma a determinação do monismo libidinal que masculiniza a libido a partir da atribuição de seu caráter ativo. No homem não ocorre uma passagem de um tipo de órgão sexual para outro, pois, nesse sexo, o pênis é tratado como órgão único desde o começo, não sofrendo transformações estruturais como o clitóris “fálico” se converte em vagina genital. Essa concepção mais dualista em relação às mulheres permite a Freud identificar mais claramente e legitimar a bissexualidade no sexo feminino, apesar dessa disposição ser entendida como inata e atribuída aos seres humanos de maneira geral independente do sexo, tal como a bissexualidade universal de Fliess.

No compete ao caráter da conservação do aspecto masculino viril na mulher, pode-se dizer que esse é uma ramificação direta de um entendimento do monismo sexual. Esse entendimento é oriundo de uma equiparação convencional de Freud entre masculino e atividade e feminino e passividade, que, tal apresentado anteriormente nesse estudo, aparece em outros trabalhos de Freud. De acordo com Simanke (2013), essas equiparações generalizam injustificadamente uma característica contingente à posição da mulher na sociedade ocidental em um determinado momento da sua história. E essa discussão sobre o papel da mulher na sociedade ocidental não é desenvolvida por Freud que o trata, por vezes, como algo já estabelecido pela anatomia (ter ou não ter pênis) e por seus efeitos simbólicos (ser ou não ser castrado) que são considerados elementos determinantes da sexualidade.

Como já apresentado, existe uma perspectiva ético-política conservadora a-feminista no modo de pensar freudiano que se mescla a aspectos epistemológicos e ontológicos de seu fazer epistêmico. Essa perspectiva representa um dos limites de Freud no que se refere à sexualidade e à feminilidade e seu impasse epistêmico parece estar relacionado a um

entendimento raso sobre os fatores histórico-sociais, macrossociais e macroeconômicos que também podem ser tratados como determinantes constitutivos da sexualidade humana. Esse limite pode ser endossado pelas análises de Mezan (2011) que situam um conhecimento não especializado em filosofia social e em ciências sociais em Freud, que pode ser identificado em seu conhecimento superficial sobre o materialismo histórico e dialético (marxismo). Esse fato pode ser explicado pela forma como Freud se posicionava no debate entre filosofia e ciência e ciências naturais e ciências do espírito ou ciências sociais. Com sua posição epistemologicamente monista, Freud se assume cientista e não filósofo; cientista natural e não do espírito e/ou social.

Passa-se agora para a discussão do terceiro item do exposto: o desconhecimento dos cientistas da época e, por consequência de Freud, sobre as bases biológicas da sexualidade feminina. Para além dos limites de um entendimento histórico-social, macrossocial e macroeconômico de Freud, existe o limite do desconhecimento das ciências biológicas sobre as bases biológicas dos processos de desenvolvimento maturativo da sexualidade feminina. Esse, reconhecido pelo próprio autor, talvez seja o limite mais caro para o mesmo, uma vez que o próprio Freud como neurologista teve uma formação biológica especializada. Os limites da episteme biológica do final do século XIX – que careciam de instrumentos metodológicos para investigar a complexa estrutura e funcionamento do sistema nervoso e dos processos neuronais – representam um dos motivos que levaram Freud a desenvolver um sistema metaneurológico, o precursor da metapsicologia, inicialmente centrado no neurônio – tal como já foi constatado no estudo do *Projeto*. Mesmo se utilizando de constructos conceituais em uma perspectiva especulativa, o autor, no decorrer de sua obra, sempre procurou se ancorar na ciência biológica, ora se utilizando dos conhecimentos existentes, tratando-os de forma legítima, ora questionando as diversas teses de biólogos sobre temas como sexualidade, conservação da espécie, vida, morte, entre outros.

Como já apresentado no Capítulo 2, Freud, como médico, neurologista e cientista natural sempre deixou claro que os constructos metapsicológicos – tais como os do primeiro dualismo de *Trieben* eram provisórios até que a ciência – e principalmente a ciência biológica – pudesse apresentar evidências que levassem a seu questionamento e assim a sua formulação ou reformulação conceitual. É justamente onde a ciência encontra o seu limite que a metapsicologia entra em ação. No entanto, no modo de pensar freudiano, a segunda está intimamente ancorada na primeira que é concebida como uma importante base legitimadora. Pode-se metaforizar que, diante dos limites da ciência biológica, Freud dá seus voos metapsicológicos, mas sempre procurando retornar a terra firme das ciências. É importante destacar que, nesse modo de pensar, uma das condições de existência da metapsicologia são os limites científicos, que podem aqui ser descritos em termos metodológicos e ontológicos.

Outro importante conteúdo presente em *Sexualidade feminina* é a forte rejeição freudiana às teorias sobre a sexualidade feminina e a constituição da feminilidade, que destoam do complexo de Édipo e do complexo de castração. Vale destacar três autores e teorias que são alvos da crítica e rejeição de Freud: o complexo de Electra de Carl Jung; as teorias com ênfase nas fases primárias de Melanie Kleine; as teorias crítico-feministas de Karen Horney. A rejeição ao complexo de Electra ocorre no contexto de uma discussão onde Freud aborda as diferenças entre os sexos masculino e feminino, alçando relações com o complexo de Édipo. A esse respeito, escreveu Freud (1931/1996s):

Temos aqui a impressão de que o que dissemos sobre o complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino, e de que temos razão ao rejeitarmos a expressão ‘complexo de Electra’, que procura dar ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos. É apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio

pelo outro, como rival. No caso dela, é a descoberta da possibilidade de castração, tal como provada pela visão dos órgãos genitais femininos, que impõe ao menino a transformação de seu complexo de Édipo e conduz a criação de seu superego, iniciando assim os processos que se destinam a fazer o indivíduo encontrar lugar na comunidade cultural (p. 243).

Nesse exposto, é possível afirmar que a rejeição ao complexo de Electra está intimamente relacionada a um entendimento freudiano de que o amor por um dos pais e o ódio pelo outro só aconteceria na criança do sexo masculino. Esse entendimento encontra o seu fundamento e derivação na teoria da libido única e masculina, ou seja, no monismo sexual. Aqui Freud claramente expõe um dos motivos porque rejeita o complexo de Electra: ele destoa dos fundamentos das teorias do complexo de Édipo masculino e do complexo de castração, elo teórico necessário entre a sexualidade masculina e a sexualidade feminina, que conserva uma íntima dependência entre as duas. É possível dizer que o complexo de Electra trata a mulher como figura e, diferentemente, do complexo de Édipo, se enfoca em um conflito entre duas mulheres: filha (Elektra) e mãe (Clitemnestra).

Algumas diferenciações entre o mito de Édipo e o mito de Electra se fazem necessárias, sobretudo para melhor compreensão dos motivos da rejeição de Freud. De acordo com Halberstadt-Freud (2006), Electra planejou por vários anos o assassinato de sua mãe, que foi executada sorrateiramente. Édipo, por sua vez, mata um estranho em um cruzamento de Delfos, em um ataque de raiva irracional. Estranho este que mais tarde se revela seu pai. Electra conserva um sentimento de rancor pela mãe ao longo da vida, justamente porque esta última, com ajuda do amante Aegisthus, matou seu pai, Agamêmnon, e a amante deste, Cassandra. Édipo é levado ao assassinato do próprio pai pelo engano, enquanto que o assassinato da mãe por Elektra ocorre por premeditação, motivada por ódio e rancor

(Halberstadt-Freud, 2006). Como observado, existe uma diferença de sentido no que tange ao motivo entre os dois mitos. No entanto, os mitos se assemelham na dimensão temática: ambos tratam da rivalidade em relação ao genitor do mesmo sexo e do amor ao genitor do sexo oposto.

Essas semelhanças e diferenças entre Édipo e Elektra, que poderiam ser relacionadas às semelhanças e diferenças entre sexualidade feminina e masculina, não são assim consideradas por Freud (1931/1996) em *Sexualidade feminina*. Freud as descarta sob o argumento da ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos. O que parece estar atrás desse argumento, teoricamente frágil, seria a ênfase ao já consolidado modelo fálico-castrado representado nas teorias do complexo de Édipo e do complexo de castração. Essa ênfase é oriunda de uma defesa freudiana de sua teoria dos complexos de Édipo e castração, do seu entendimento do monismo sexual e da masculinização da libido. Pois, nessa teoria a partir desse entendimento, a rivalidade e o amor em relação ao sexo oposto só ocorre para o menino. Mas o que de fato poderia, em termos epistêmicos, inviabilizar uma discussão sobre as diferenças sexuais considerando aspectos semânticos do mito de Édipo e Elektra? A resposta é: a aplicação, como regra geral, do complexo de castração e do modelo fálico-castrado, dele oriundo, ao sexo feminino para explicar o processo de constituição da sexualidade feminina e da feminilidade. Constata-se que a insistência de Freud nessa regra geral pode ser reconhecida em sua defesa contra formulações teóricas de outros autores e autoras, que caminham em uma direção oposta ao complexo de Édipo tradicional, e também contra as perspectivas ético-políticas feministas.

É justamente no sentido de combater teorias que podem colocar em cheque a cronologia do complexo de Édipo e a aplicação geral do complexo de castração na explicação da sexualidade, que Freud (1931/1996s), em *Sexualidade feminina*, apoia as ideias do psicanalista Otto Fenichel (1897-1946) em oposição às formulações de Jeanne Lampl-de

Groot e Melanie Klein. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Fenichel foi considerado, por autores do movimento psicanalítico, um simples técnico do tratamento e um grande freudiano. A referência a esse psicanalista aparece na penúltima página do artigo de Freud (1931/1996s):

Fenichel (1930), corretamente, dá ênfase à dificuldade de reconhecer, no material produzido na análise, quais partes dele que representam o conteúdo não modificado da fase pré-edipiana e quais as partes que foram deformadas pela regressão (ou por outros modos). Na aceitação afirmativa de Jeanne Lampl-de Groot quanto à atitude ativada da menina na fase fálica. Rejeita também o ‘deslocamento para trás’ do complexo de Édipo, proposto por Melanie Klein (1928), que situa seus primórdios já no começo do segundo ano de vida. Essa oposição de data, que necessariamente acarretaria também uma modificação de nossa opinião sobre todo o restante do desenvolvimento da criança, não corresponde, na realidade, ao que aprendemos nas análises de adultos, sendo especialmente incompatível com minhas descobertas quanto à longa duração da ligação pré-edipiana da menina à mãe... (p. 256).

É necessário ponderar, com base nesse exposto, que, de acordo com Roudinesco e Plon (1998), Fenichel, além de rejeitar as teses kleinianas, tinha preferência pelas teses de Anna Freud, filha de Freud. Esse motivo está, possivelmente, relacionado ao fato de Freud o referenciar de forma concordante. Como se sabe, na história da psicanálise infantil, Freud assumiu um posicionamento a favor das teses da filha. O interessante é que, do ponto de vista ético-político, Fenichel era socialista se opondo tanto ao conservadorismo de Ernest Jones, quanto ao biologiscismo de Wilhelm Reich de quem era amigo (Roudinesco & Plon, 1998). No entanto, no que compete à referência por Freud, é possível dizer que o uso do entendimento de Fenichel é feito mais por esse contribuir para a conservação das teorias

freudianas do que para problematizá-las. Em relação à Melanie Klein, por exemplo, Freud não apresenta os argumentos pelo qual o “deslocamento para trás” do complexo de Édipo poderiam ser desvalidados epistemicamente. Ao que parece, sua preocupação estaria no fato de que essa teoria tirasse o peso conferido aos complexos de Édipo e castração na constituição das sexualidades masculinas e femininas, levando ao questionamento e/ou reformulação dessa teoria.

A partir do exposto, é possível dizer que Freud, recorre ao entendimento de um psicanalista homem, Fenichel, considerado como “freudiano” para deslegitimar o entendimento de duas psicanalistas mulheres, Groot e Klein, sobre um assunto que envolve diretamente a sexualidade feminina, sem necessariamente apresentar argumentos que pudessem justificar lógica e legitimamente essa referência. Parece se tratar de um argumento de autoridade, centrado na posição social de poder do sexo masculino. Esse possível argumento de autoridade, que não se justifica logicamente, é seguido da seguinte passagem:

Um meio de suavizar essa contradição é proporcionado pela reflexão de que ainda não estamos capacitados a distinguir, nesse campo, entre o que é rigidamente fixado por leis biológicas e o que se acha aberto ao movimento e à mudança, sob a influência accidental. O efeito da sedução há muito tempo nos é familiar, e, exatamente da mesma maneira, outros fatores – tais como a data em que os irmãos e as irmãs da criança nasceram ou a ocasião em que ela descobre a diferença entre os sexos, ou, ainda, suas observações diretas de relações sexuais ou a conduta dos pais em incentivá-lo ou repeli-lo – podem apressar o desenvolvimento sexual da criança e conduzi-la à maturidade (Freud, 1931/1996, p. 256).

O primeiro argumento refere-se a um entendimento que, de acordo com Freud, expressa uma contradição entre sua teoria e a de Klein. Nesse entendimento, o autor trata uma

contradição não por ser errônea ou incoerente do ponto de vista lógico e/ou epistêmico, mas por ser contrária a cronologia do complexo de Édipo. Não é apresentado pelo autor um argumento lógico para a sua rejeição imediata sem uma discussão que adentrasse nos motivos desta. Essa rejeição se realiza simplesmente pelo fato da teoria de Klein ser considerada contrária à formulação do complexo de Édipo freudiano, tal como estava estruturado conceitualmente até 1931, ano quando foi publicado o artigo *Sexualidade feminina*. Ao que parece, Freud encara a teoria do “deslocamento para trás” de Klein como uma ameaça a sua teoria do Édipo, conceitualmente situado na fase fálica. A consideração da teoria de Klein convocaria a uma discussão sobre a sua antecipação, e também sobre o impacto do Édipo (fálico) na constituição da sexualidade – feminina e masculina – e, tal com sugere, Freud prefere descartar antecipadamente tal hipótese se ancorando no entendimento de Fenichel, que de fato abordou o tema com mais profundidade.

A partir do último exposto, é possível dizer que a rejeição da teoria/hipótese de Klein vem acompanhada de uma leitura dos limites da ciência biológica. Ao que sugere, a leitura desses limites não permite – em termos epistêmicos – a Freud sustentar a deslegimação das formulações referentes ao “deslocamento para trás” de Melaine Klein, pelo menos no artigo *Sexualidade feminina*. O próprio Freud afirma que não há um consenso entre o que é rigidamente fixado por leis biológicas e o que se acha aberto ao movimento e à mudança, ou seja, o que está sobre influência da experiência. Assim, a reflexão sobre desconhecimento do que é inato ou apreendido, no processo de constituição da sexualidade, não “suaviza” a contradição entre o entendimento cronológico de Édipo em Freud e em Klein, ao contrário ela a complexifica e poderia levar aos seguintes problemas: as leis biológicas e os fatores acidentais nos primeiros anos são determinantes para a constituição da sexualidade masculina e feminina? Como isso afetaria a teoria do complexo de Édipo? O complexo de Édipo freudiano seria um segundo momento de um complexo anterior? O desconhecimento dos

determinantes biológicos favorece a indeterminação das duas hipóteses sobre o complexo de Édipo. Tal como está exposto, a contradição parece dizer mais de uma discordância por parte de um argumento de autoridade de Freud em relação à teoria de Klein, uma vez que o autor apresenta poucos argumentos lógico-epistêmicos para uma deslegitimação real das formulações de Klein.

Além do recurso à biologia – em uma perspectiva inatista – Freud também recorre a alguns fatores específicos referentes à influência accidental para, ao que tudo indica, defender a sua teoria do complexo de Édipo em oposição à teoria de Melanie Klein: o efeito da sedução – por parte dos pais e pessoas próximas a criança – a data em que irmãos e irmãs nasceram, a ocasião em que ela descobre a diferença entre sexos, a experiência de observações diretas de relações sexuais ou a conduta dos pais em incentivá-lo ou repeli-lo no que tange a tais relações. O autor entende que esses fatores específicos podem acelerar o desenvolvimento sexual da criança e conduzi-la à maturidade. No que tange aos fatores accidentais, ao que parece, Freud procura apresentar motivos para a possível deslegitimação do “deslocamento para trás” do Édipo em Melanie Klein. A consideração desses motivos, no modo de pensar freudiano, procura explicar o desenvolvimento prematuro como acidente da experiência e consiste, também, em uma defesa da cronologia do complexo de Édipo situado na fase fálica. No entanto em termos argumentativos parecem não serem suficientes para deslegitimar o deslocamento para trás do Édipo, cujo enfoque estaria nos impulsos originais da criança.

É na perspectiva de criticar opositores, que buscavam desenvolver outros destinos para o entendimento da sexualidade feminina, que autor faz uma referência a Karen Horney. Se em Melanie Klein a crítica freudiana é deferida contra a supervalorização dos impulsos libidinais originais da criança, principalmente no que compete à antecipação cronológica do complexo de Édipo, quando se refere à Karen Horney sua crítica é direcionada à redução da importância de tais impulsos:

Assim, por exemplo, Karen Horney (1926) é de opinião que superestimamos grandemente a inveja do pênis primária da menina e que a intensidade da tendência masculina que mais tarde ela desenvolve deve ser atribuída a uma inveja do pênis *secundária*, utilizada para desviar seus impulsos femininos e, em particular, sua ligação feminina com o pai. Isso não concorda com minhas impressões. Certa como é a ocorrência de reforços posteriores através da regressão e da formação reativa, e por difícil que seja estimar a força relativa dos componentes libidinais confluentes, penso, não obstante, que não devemos desprezar o fato de os primeiros impulsos libidinais possuírem uma intensidade que lhes é própria, superior a qualquer outra que surja depois, e que pode ser verdadeiramente chamada de incomensurável (Freud, 1931/1996s, p. 257).

Para esclarecer a crítica de Freud às formulações de Karen Horney, é importante primeiro considerar que, de acordo com Roudinesco e Plon (1998), a autora parte de um questionamento da tese clássica de Freud da inveja do pênis. Para Karen Horney, as mulheres desejam inconscientemente serem homens, porque, na infância, tiveram inveja do pênis e desejaram ter um filho de seus pais. Com suas teorias, a autora reformulou as bases do freudismo, procurando fundamentar uma psicologia da mulher sobre identidade própria. Essa perspectiva rompe com a noção de universalismo da espécie humana, também presente nas formulações freudianas e se orienta para o culturalismo. Karen Horney chegou a afirmar, em 1926, ano do presente trabalho citado por Freud, que a sociedade masculina recalcava a inveja da maternidade dos homens. Em 1930, a autora desenvolveu a tese na qual a própria psicanálise como obra de gênio masculino não podia de forma alguma resolver a questão feminina. Horney também é lembrada por ser uma das precursoras do feminismo (Roudinesco & Plon, 1998).

A partir do último exposto, é possível observar que Freud critica a tese da inveja do pênis secundária de Horney, utilizada para desviar seus impulsos femininos e, particularmente, sua ligação feminina com o pai. Aqui Freud crítica justamente a desconsideração dos impulsos originais, o que em Melanie Klein, tal como sugere – são considerados de maneira acentuada. Mas não é a acentuação nesses impulsos que parece incomodar Freud, mas o fato da teoria kleiniana, a partir da valorização dos impulsos originais, mudar o estatuto e a cronologia da sua teoria do complexo de Édipo e, por consequência, do complexo de castração. É provável que autor, a partir da constatação e da crítica desses “extremos”, procure manter o equilíbrio necessário para a conservação da tese do complexo Édipo na fase fálica, articulado com o complexo de castração. Esse último é tratado como um processo determinante e constitutivo da sexualidade masculina e feminina. A partir do entendimento freudiano, é possível dizer que o complexo de castração representa o elo que procura unir as duas sexualidades sobre um mesmo fundamento: o fundamento fálico-castrado.

Tanto na crítica ao complexo de Elektra, quanto à teoria da antecipação do Édipo de Klein e à teoria da inveja do pênis primária ou secundária de Karen Horney, o que motiva parece ser a defesa freudiana do modelo fálico-castrado. Apesar de algumas considerações sobre os limites do empreendimento em definir a sexualidade da mulher, Freud repete essa mesma fórmula tradicional no artigo *Sexualidade feminina*. Para compreender o que dessa fórmula tradicional se conserva ou modifica, passar-se-á agora para o estudo de *Feminilidade*, o último trabalho freudiano que aborda de forma específica o tema da sexualidade da mulher.

3.3.2 *Feminilidade* ou a complexificação da atribuição ativo:masculino e passivo: feminino, a desmasculinização da libido e o conservadorismo epistêmico da falta de pênis

O estudo de *Feminilidade* é importante, sobretudo por apresentar o estado das últimas concepções freudianas sobre a sexualidade feminina. Esse trabalho é parte das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. De acordo com Strachey (1996) essas conferências foram publicadas em 6 de dezembro de 1932, no entanto em seu frontispício levava a data de 1933, fato semelhante ao que ocorreu na obra *A interpretação dos sonhos* (1900). Esse autor afirma que, ao lado das conferências *A dissecação da personalidade psíquica* (XXXI), *Ansiedade e vida e instintual* (XXXII), *Feminilidade* introduz materiais e teorias inteiramente novas (Strachey, 1996e). Embora o próprio Freud (1933/1996t) afirme que o conteúdo dessa conferência é produzido por fatos observáveis e quase sem qualquer acréscimo teórico, existe um tratamento e uma leitura teórica nova de alguns problemas já conhecidos da psicanálise sobre a sexualidade feminina, principalmente no que tange à vida adulta da mulher, o que permite concordar com Strachey (1996e). Procurar-se-á, nessa etapa do estudo, localizar possíveis teorias e concepções novas e o que se conserva no modo de pensar freudiano referente à sexualidade feminina e à feminilidade, bem como os meios epistêmicos utilizados para legitimar tais concepções e teorias.

Em *Feminilidade*, Freud (1933/1996t), em um tom de conferência direcionado a um público – que o autor trata como “senhores” e “senhoras” – aborda basicamente as características, as especificidades e os enigmas da feminilidade. O autor inicia o evento apresentando a questão da distinção sexual entre homens e mulheres, que, em seu entendimento, seria uma das primeiras distinções feitas quando um ser humano encontra o outro. Do ponto de vista da ciência anatômica, o autor ainda descreve como é tratada a distinção entre o sexo masculino e o sexo feminino: “o produto sexual masculino, o

espermatozóide, e seu veículos são masculinos; óvulo e o organismo que o abriga são femininos” (p. 122). Ele ainda cita semelhanças sexuais entre homens e mulheres: “Em ambos os sexos, formaram-se órgãos que servem exclusivamente às funções sexuais; provavelmente desenvolveram-se da mesma disposição [inata] em duas formas diferentes” (p. 122). Com essas descrições, o autor prepara o terreno para apresentar a complexidade das definições sobre o que seria a masculinidade e a feminilidade. Em seu modo de pensar estes não poderiam ser plenamente explicados pela ciência anatômica. No entanto, tal como sugere, os conhecimentos da ciência anatômica e das ciências da natureza de maneira geral produziram as condições para as novas problematizações:

... a ciência diz-lhes algo que se opõe às expectativas dos senhores e por certo haverá de confundir os seus sentimentos. Chama a atenção dos senhores para o fato de que partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Considera tais ocorrências como indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que de outro. E então se lhes pede familiarizarem-se com a idéia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas (Freud, 1933/1996t, pp. 122-123).

No trecho em evidência, observa-se que Freud utiliza o termo bissexualidade - não no sentido de um conceito psicanalítico, mas como um conceito, ao que tudo indica, da ciência biológica. O autor apresenta as próprias contribuições científicas para o entendimento da complexidade da sexualidade que iriam além de uma concepção anatômica simplista ou de uma convenção social do que seria masculinidade e feminilidade. A tese da bissexualidade biológica que está no entendimento “como se um o indivíduo não fosse homem ou mulher,

mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que de outro.” (Freud, 1933/1996t, pp. 122-123), colocaria em cheque o simplismo das definições convencionais, apontando para a complexidade dessa mistura que está sujeita a flutuações muito amplas. Para reforçar essas explicações que explicam algumas das dificuldades em definir o que seria masculinidade e feminilidade, Freud (1933/1996t) apresenta os limites da anatomia. Considerando o exemplo indireto e de exceção do hermafrodita, que seria caso muitíssimo raro e o fato de que, na maioria dos casos somente uma espécie de produto sexual – óvulos ou sêmen – está presente em uma mesma pessoa, o autor conclui que essas definições fugiriam do alcance da anatomia.

Posteriormente, Freud (1933/1996t) questiona se aquilo que constituiria a feminilidade e a masculinidade estaria nos domínios da psicologia. O autor afirma que masculino e feminino são empregados como qualidades mentais, e que a noção de bissexualidade – oriunda da biologia – tem sido transferida para a vida mental. Ele ainda exemplifica “... Assim, dizemos que uma pessoa, seja homem ou mulher, se comporta de modo masculino numa situação e de modo feminino, em outra... (p. 123). O seu objetivo com essa consideração e exemplo é demonstrar que os conhecimentos da psicologia são insuficientes para apreender os fundamentos da masculinidade e da feminilidade, e que tendem a ceder à anatomia e às convenções sociais. Dessa forma, não apresentam nenhuma conotação nova. A esse respeito:

A distinção não é distinção psicológica; quando dizem ‘masculino’, os senhores geralmente querem significar ‘ativo’, e quando dizem ‘feminino’, geralmente querem dizer passivo. ... A célula sexual masculina é ativamente móvel e sai em busca da célula feminina, e esta, o óvulo, é imóvel e espera passivamente. Essa conduta dos organismos sexuais elementares é, na verdade, um modelo da conduta sexual dos

indivíduos durante o coito. O macho persegue a fêmea com o propósito de união sexual, agarra-a e penetra nela. Com isso, os senhores justamente reduziriam as características da masculinidade ao fator agressividade, no que se refere à psicologia (Freud, 1933/1996t, p. 123).

É importante observar, nesse exposto, que Freud (1933/1996t) apresenta a origem da distinção sexual entre masculino e feminino: nos conhecimentos da própria ciência biológica. No entendimento freudiano seria, justamente, dessa ciência que teria surgido a atribuição de ativo para se referir ao masculino, e passivo para o feminino. O autor apresenta o exemplo do processo de fecundação e do coito entre o sexo masculino e o sexo feminino para justificar tal proposição. Ele entende que os conhecimentos da biologia refletiriam sobre a psicologia, levando a esta algumas analogias, tal como a relação de características da masculinidade ao fator da agressividade. Pela lógica, essa analogia poderia levar, por exemplo, a atribuição da feminilidade à necessidade de proteção ou ao amor materno. Mas é da própria natureza que Freud retira o exemplo para questionar e complexificar as atribuições ativo: masculino e passivo: feminino: “... em algumas classes de animais, as fêmeas são mais fortes e mais agressivas e o macho é ativo unicamente no ato da união sexual. Assim ocorre, por exemplo, nas aranhas...” (p. 124). O autor ainda procura demonstrar que a função de cuidar de filhote – que na espécie humana é, *par excellence* - associado ao papel feminino, não está invariavelmente ligada às fêmeas animais. Ele afirma que em alguns animais superiores existe uma divisão de tarefas entre machos e fêmeas no que tange ao cuidado dos filhotes e que, em alguns casos, seria o próprio macho que ficaria a cargo dessas tarefas. O autor não dá exemplo de quais animais seriam esses.

E é seguindo esse raciocínio que Freud (1933/1996t) desenvolve uma interessante constatação: “Até mesmo na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é

inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino com passividade” (p. 124). E continua a exemplificar:

Uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos; a própria amamentação também pode ser descrita como a mãe dando o seio para o bebê, ou ela sendo sugada por este. Quanto mais se afastarem da estreita esfera sexual, mais óbvio se lhes tornará o ‘erro de superposição’. As mulheres podem demonstrar grande atividade em diversos sentidos; os homens não conseguem viver em companhia dos de sua própria espécie, a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva. Se agora os senhores me disserem que esses fatos provam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais, no sentido psicológico, concluirei que decidiram, na sua mente, a fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas advirto-os de que não o façam. Parece-me que não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta aos nossos conhecimentos (p. 124)

O entendimento da inadequação da coincidência entre ativo e masculino e passivo e feminino, representa uma nova postura ou maneira freudiana de abordar o problema do par de opostos atividade/passividade. Como foi constatado nos estudos dessa tese, o autor, em diversos momentos de sua obra, fez equiparações entre masculinidade e atividade e feminilidade e passividade. Nesse novo entendimento, o autor não somente contradiz algumas de suas equiparações anteriores, como também apresenta motivos exemplificados para justificar que tais equiparações são simplórias e equivocadas. E é justamente da ciência biológica que surgem algumas importantes experiências que permitem o questionamento freudiano dessas equiparações. Posteriormente, como extensão das contribuições biológicas, o autor apresenta as contribuições psicanalíticas que resultariam dos esforços de compreensão dos processos psicosexuais nos seres humanos. Essas contribuições, tal como descritas no

exposto, expõem a complexidade do uso de ativo e passivo para além do erro de tomar duas coisas como uma só.

Na exposição de Freud sobre o uso sexual de ativo e passivo, há também um questionamento sobre a bissexualidade em sentido psicológico, ou seja, a bissexualidade psíquica. No modo de pensar freudiano, se na natureza animal não é possível fazer uma equiparação exata entre ‘ativo’ e ‘masculino’ e ‘passivo’ e ‘feminino’, não seria diferente na esfera psíquica humana. Assim, é possível dizer que, no entendimento freudiano, o motivo para a negação dessa tendência estaria, justamente, no esforço de evitar ou corrigir o erro da equiparação convencional e anatômica, que as pesquisas biológicas e também psicanalíticas foram capazes de demonstrar. Vale destacar que o questionamento de Freud se aplica a ele próprio, uma vez que, tal como já apresentado diversas vezes nesse estudo, o próprio autor já fez equiparações anatômicas e psicológicas entre ativo/masculino e passivo/feminino.

Em sua tentativa de elucidar o problema da feminilidade, Freud (1933/1996t) procura não se limitar a atribuição da passividade ao feminino, nem no que tange à tendência desse aos fins passivos. O autor adverte para a não subestimação da influência dos costumes sociais que, em seu entendimento, compelem as mulheres à situação passiva. Ele entende que a supressão da agressividade é uma imposição sexual e que favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Isso poderia levar ao entendimento de que o masoquismo seria verdadeiramente feminino, proposição que é também questionada pelo autor, ao destacar que essa tendência é também encontrada em homens. Com isso, o autor procura demonstrar que a psicologia seria incapaz de resolver o enigma da feminilidade.

No modo de pensar freudiano, a resolução desse enigma só poderia provir de outras fontes e, tal como escreveu “só pode vir quando houvermos apreendido de que modo, em geral, se efetuou a diferenciação dos organismos vivos em dois sexos” (Freud, 1933/1996t, p.

125). Nesse trecho é possível levantar a proposição de que Freud entende que essa apreensão aconteceria possivelmente graças aos esforços investigativos das ciências naturais, da qual a ciência biológica – por sua especificidade - ocuparia um papel de destaque, uma vez que a diferenciação entre os sexos é um dos temas de investigação do campo epistêmico dessa ciência. Essa proposição parece confirmar o que se pode chamar de “naturalismo freudiano”, ou seja, além da forma como Freud procura inserir a psicanálise no campo científico, refere-se também à forma como ele se utiliza dos conhecimentos, produzidos e legitimados pelas ciências naturais, para assumir uma determinada proposição como verdadeira. Como não há o aval das ciências naturais para explicar o como e o porquê ocorreu a diferenciação entre os sexos, cabe a ele reconhecer os limites: “Disto nada sabemos, conquanto a existência de dois sexos seja uma característica muito surpreendente da vida orgânica, que a distingue nitidamente da natureza inanimada” (p. 125).

É importante pontuar que, no modo de pensar freudiano, a explicação do enigma da feminilidade não seria uma explicação meramente psicológica, uma vez que o autor parece entender as atribuições da psicologia como reflexos das ciências naturais. O autor entende que tal explicação deveria porvir das ciências naturais e particularmente da episteme biológica. Nesse sentido, o enigma da feminilidade teria da psicanálise uma modesta, incompleta, porém importante contribuição investigativa e, posteriormente, explicativa. Freud (1933/1996t) faz questão de especificar como a psicanálise aborda o problema da mulher e da feminilidade:

... a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir –, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (p. 125).

É importante destacar que Freud apresenta um argumento epistemológico contrariando um argumento ontológico descritivo para especificar a abordagem psicanalítica. Essa

contraposição epistêmica pode ser explicada no uso do “como”, pronome utilizado em uma pergunta/questão metódica em oposição ao verbo ser, que convencionalmente é utilizado para representar o estatuto mais duradouro dos seres em geral. É possível observar a preocupação metodológica do autor em apresentar o seu entendimento sobre o objeto de estudo da “mulher”, diferenciando esse de outras formas de entendimento que apresentariam descrições anatômicas, de comportamento, de costumes sociais, entre outras. Freud demarca a preocupação metódica em indagar e explicar o como se dá o processo de constituição feminina em oposição ao “o que é” convencional e/ou anatômico. No entanto, o conceito de bissexualidade persiste na representação de um fundamento apriorístico à experiência constitutiva da sexualidade feminina/feminilidade, cujo determinante seria biológico.

Na linha de apresentar o impacto do conceito de bissexualidade sobre o entendimento da constituição da feminilidade, Freud (1933/1996t) atribui a importância da experiência de contato com as mulheres psicanalistas – colegas de análise – que começaram a estudar o tema da feminilidade. De acordo com o autor, a discussão desse aspecto adquiriu especial atenção a partir da distinção entre os sexos:

... essas senhoras, sempre que alguma comparação parecia mostrar-se desfavorável ao seu sexo, conseguiram expressar a suspeita de que nós, analistas homens, não tínhamos conseguido superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra aquilo que era o feminino, e que esse fato estava sendo responsável pela parcialidade de nossas pesquisas. Nós, por nossa vez, com base na bissexualidade, não tínhamos dificuldade em evitar a indelicadeza. Apenas tínhamos de dizer: ‘isto não se aplica às *senhoras*. As senhoras são a exceção; neste ponto, são mais masculinas que femininas (p. 125, grifos do autor).

Nesse exposto é importante se ater aos argumentos freudianos e, sobretudo, as suas fragilidades. Freud parece utilizar do argumento de resistência para justificar o possível incômodo e questionamento das psicanalistas femininas diante das suas concepções centradas na sexualidade masculina. O autor parece expressar um entendimento de que esse possível questionamento teria mais haver com essa resistência frente à comparação sexual – no qual no entendimento freudiano as mulheres estariam em desvantagem em relação aos homens – do que com a validade epistêmica do argumento ou a posição da sexualidade feminina, da qual, sem dúvidas, essas analistas teriam legitimidade em levantar tais questionamentos, justamente pelo fato das mesmas terem se constituído mulheres, analistas e pesquisadoras.

Os determinados preconceitos denunciados por essas mulheres que não são descritos pelo autor e que poderiam levar a um reconhecimento assertivo de que os analistas homens estariam atravessados pela sua posição masculina e/ou falocêntrica, é tratado por Freud como uma suspeita e não como um problema a ser considerado. Tanto é que, na descrição dessa experiência, Freud qualifica somente como uma “indelicadeza” o tratamento dos psicanalistas homens frente aos problemas da feminilidade, justificando possivelmente que partiriam do conceito apriorístico de bissexualidade. Freud parece entender que o erro dos analistas homens está na “indelicadeza” no tratamento das mulheres – uma espécie de falta de cavalheirismo.

Nesse argumento fica evidente a desconsideração da experiência e da posição feminina das “colegas analistas” e a justificativa freudiana da resistência feminina para deslegitimar o questionamento dessas últimas. O entendimento e o uso do conceito de resistência para explicar e deslegitimar argumentos ou processos argumentativos, já foram antes empregados por Freud. Mezan (2011) dá um interessante exemplo no qual Freud faz uso do argumento da resistência para deslegitimar a classe dos filósofos tratando esses como “... uma elite reduzida e sem qualquer influência sobre a maioria dos homens, embora para eles

seja fácil transformar uma resistência interna em uma contradição lógica...” (p. XII). Embora esse dizer seja genérico e não seja resultado de nenhuma análise específica de um texto de algum filósofo da dita classe, é possível constatar o uso do argumento da resistência para sugerir que a contradição lógica, uma proposição falsa que surge na reflexão e na atribuição do filósofo, seria a transformação de uma resistência interna. No discurso sobre as “colegas analistas”, Freud parece usar a mesma forma de argumentar para explicar e deslegitimar o posicionamento dessas frente às comparações sexuais que produziriam um questionamento sobre a posição masculina e a parcialidade das pesquisas realizadas por psicanalistas homens.

Seguindo a sua exposição na conferência *Feminilidade*, Freud (1933/1996t) apresenta algumas semelhanças sexuais entre homens e mulheres, procurando demonstrar, entre outras atribuições, que as meninas não podem ser classificadas como intelectualmente atrasadas em relação ao menino. A partir das referências aos estudos das analistas de crianças – das quais não menciona quais – afirma que, em matéria de quantidade e de violência, os impulsos agressivos das meninas são semelhantes aos dos meninos. O autor conserva o entendimento de que até o ingresso na fase fálica, o clitóris representa a principal zona erógena da mulher, sendo modificado com as transformações do desenvolvimento maturativo e psicosssexual. Nesse sentido, entende que com “a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina” (p. 127). O autor também conserva a concepção de que o primeiro objeto de amor da menina, tal como no caso do menino, também é a mãe, sob a qual ocorrem também as primeiras catexias em conexão com a satisfação das necessidades vitais.

Freud (1933/1996t) problematiza e procura responder a passagem da vinculação da menina com a mãe para a vinculação com o pai. Tal como em *Sexualidade feminina*, o autor procura centralizar o entendimento sobre a constituição sexual da mulher levando em consideração a fase pré-edípica: “fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as

mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edipiana à mãe” (p. 128). Na exposição, o autor recorda do erro da teoria da sedução, sua primeira teoria da sexualidade, cujo enfoque estaria no abuso real, frequentemente atribuído ao pai: “quase todas as minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai” (129). Afirma que somente depois reconheceu esses relatos como fantasia. De acordo com o autor, a fantasia de ser seduzida pelo pai é expressão do típico complexo de Édipo nas mulheres. É, sobretudo, valorizando a teoria/concepção da fantasia que o autor procura explicar a fase pré-edipiana: “encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe” (p. 129). A mãe biológica ou os cuidadores iniciais, que realizassem essa função materna através dos cuidados higiênicos, seriam responsáveis pelas primeiras sensações prazerosas nos genitais da menina.

Buscando explicar essa passagem na menina – da vinculação com a mãe para a vinculação com o pai – Freud (1933/1996t) destaca que o afastamento da menina da mãe é um passo que se acompanha de hostilidade, terminando em ódio. O autor entende que essa espécie de ódio “pode tornar-se influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dele é superada, ao passo que a outra restante persiste” (130). Ao procurar explicar essa passagem, ele acaba adentrando em um campo genérico no qual menino e menina passam pelos mesmos processos tais como as desfeitas, os desapontamentos, o ciúme e a sedução seguida da proibição em relação à mãe. No entanto, o autor reconhece que o término da vinculação das meninas com a mãe seria explicado não pelo genérico dos sexos, mas por um fator específico do sexo feminino. No entanto, é na formulação do complexo de castração que Freud (1933/1996t) apresenta o seu entendimento de qual seria esse fator específico:

... Eu disse onde esperávamos encontrá-lo, pois se situa no complexo de castração. Afinal, a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em conseqüências psíquicas. Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem. ...O complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também a sua importância. Sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem ‘ter uma coisa assim, também’, e se tornam vítimas da ‘inveja do pênis’; esta deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter, não sendo superada, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica (p. 133).

Aqui é possível observar que Freud entende o “fator específico” associado à formulação teórica do complexo de castração, reafirmado o genérico dessa para homens e mulheres. E esse fator específico seria justamente a falta de pênis nas mulheres – que como uma evidente distinção anatômica, também se expressaria em conseqüências psíquicas. É com a lupa teórica do complexo de castração que Freud procura definir o fator específico, a falta de pênis, que permitiria explicar o termino da vinculação inicial com a mãe, um processo que poderia ser verificado empiricamente. A constatação da falta de pênis na fase fálica e a responsabilização da mãe por tal falta são entendidas pelo autor como acontecimentos importantes e determinantes para a desvinculação da menina com a mãe. Aqui encontramos uma justificativa teórica freudiana mais bem argumentada – para além de um argumento de autoridade – para a rejeição das teorias que se enfocam no reconhecimento do Édipo ou de suas características fundamentais nas fases iniciais, tal como é o caso das formulações de Melanie Klein.

No modo de pensar freudiano, esse deslocamento para trás do Édipo colocaria em cheque os fundamentos epistêmicos dessa teoria, o que levaria a repensar o complexo de castração. Assim teria de se repensar também a vinculação da menina com a mãe nas fases iniciais do desenvolvimento psicosexual, cuja transição para a vinculação com o pai passa pelo reconhecimento da falta de pênis, ou seja, pelo fato da menina ser castrada e pelo conseqüente desejo inconsciente de possuir um pênis. Desejo esse que persistiria no inconsciente feminino e, em algumas mulheres, poderia ser sublimado para as atividades profissionais, por exemplo. Freud não admite uma anterioridade do complexo de Édipo tanto em homens como em mulheres. Porém, em decorrência da duradora vinculação da menina com a mãe e de suas possíveis fixações, é levado a admitir a anterioridade do complexo de castração. No processo do complexo de Édipo do menino, este deseja a mãe e gostaria de eliminar o pai e isso é entendido por Freud como natural da fase fálica, sendo a ameaça de ser castrado – oriunda do complexo de castração – um elemento que impele a continuidade do desejo edípico dessa atitude. No caso das meninas, o complexo de castração seria anterior e prepararia para o complexo de Édipo:

O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edípica como se esta fora um refúgio. Na ausência do temor de castração, falta o motivo principal que leva o menino a superar o Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. (p. 137).

Nesse exposto é possível identificar a atribuição freudiana do papel do complexo de castração como determinante para o complexo de Édipo feminino e, posteriormente, para a sexualidade feminina e para a feminilidade. Freud entende que o complexo de castração,

através da inveja do pênis e também da descoberta da inexistência (ou privação) de pênis na mãe, precede e introduz o complexo de Édipo feminino, o que o diferencia do complexo de Édipo do menino que se fundiria com o complexo de castração. Com a formulação freudiana do complexo de castração como precedente e introdutor do complexo de Édipo feminino, Freud consegue explicar o problema da passagem da vinculação da menina com a mãe para a vinculação com o pai. Nessa formulação, ocorre a conservação da cronologia do complexo de Édipo situado na fase fálica. Teoricamente, Freud resolve o problema da passagem, usando os mesmos termos empregados para explicar e representar a sexualidade do homem, com o reconhecimento de que os processos que levam a constituição dessa são diferentes.

Em seu conservadorismo no modo de pensar epistêmico, Freud (1933/1996t) reafirma a tese basilar da predisposição bissexual dos seres humanos e do monismo da libido que também passam a ter um elo teórico com o complexo de castração feminino. No entanto, diferente de outros trabalhos, o autor demonstra, em *Feminilidade*, um maior cuidado com a associação entre ativo: masculino e passivo: feminino, o que possibilita o entendimento da libido não ser masculina:

Denominamos a força motriz da vida sexual de 'libido'. A vida sexual é dominada pela polaridade masculino-feminino; assim, insinua-se a ideia de considerarmos a relação da libido com essa antítese. Não seria surpreendente se se verificasse ter cada sexualidade a sua libido especial, apropriada para si, de forma que um tipo de libido perseguiria as finalidades de uma vida sexual masculina e um outro tipo, as finalidades de uma vida sexual feminina. Mas nada disso procede. Existe apenas uma libido, que serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido com tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação 'atividade e masculinidade', nos inclinamos a qualificá-la como masculina, devemos não

esquecer que ela engloba tendências com uma finalidade passiva. Mesmo assim, a justaposição ‘libido feminina’ não tem qualquer justificação (p. 139).

Esse trecho apresenta um evidente esforço freudiano em sustentar a tese do monismo libidinal, ou seja, a tese da libido única. Se em outros momentos da obra, tal como apresentado nos estudos dessa tese, Freud tratou a libido com sendo essencialmente masculina (monismo sexual), nesse momento da obra o que se observa é outro tratamento. Aqui o autor sugere que a libido está relacionada com a antítese entre masculino e feminino, questionando a ideia de uma libido especial, seja essa masculina ou feminina. A libido única não possui sexo. Mesmo a equação convencional, onde atividade e masculinidade são equiparadas, que pode levar a uma inclinação para a libido masculina – inclinação que o próprio Freud já expressou em formulações de trabalhos anteriores – engloba tendências passivas, o que, tal como sugere o entendimento do autor, levaria ao questionamento e a complexificação dessa equação. A justaposição dessa “libido masculina” em “libido feminina” também seria incoerente, pois esbarraria nos mesmos problemas complexos. A nova equação freudiana, a partir desse novo entendimento, pode representada da seguinte forma: masculino \neq ativo; feminino \neq passivo.

Apesar dessa abertura para uma desmasculinização da libido, Freud, em *Feminilidade*, conserva a fórmula de que a sexualidade masculina seria o modelo para a sexualidade feminina. Essa fórmula é expressa teoricamente na maneira como o autor justapõe termos e articula conceitos, expressos para explicar a sexualidade masculina, para representar e explicar a sexualidade feminina. Todos esses termos justapostos e conceitos articulados tem as suas origens na concepção da influência da falta de pênis na constituição da sexualidade feminina ou da feminilidade. Se o pênis, e sua representação simbólica, o falo, determinariam os processos sexuais masculinos, a falta de pênis/falo determinaria os processos femininos.

Pode-se dizer que a base para o entendimento freudiano da feminilidade é, de fato, a falta de pênis. E o autor faz questão de destacar na conferência o quão importante essa concepção/crença é para a sua teoria: “Se os senhores rejeitarem essa idéia como fantasiosa e considerarem *idée fixe* a minha crença na influência da falta de pênis na configuração da feminilidade, estarei, naturalmente, sem apoio” (p. 140). O que Freud diz em outras palavras é que todas as formulações teóricas referentes à sexualidade feminina e a feminilidade têm como eixo central a concepção da influência da falta de pênis, ou seja, tais formulações se apoiam nessa concepção.

No decorrer da conferência, Freud (1933/1996t) dá vários exemplos de como algumas características psíquicas e sexuais da mulher estão ligadas direta ou indiretamente à influência da falta de pênis. Desde o desejo de ter um filho, como um substituto do pênis/falo, oriundo do desejo de preencher essa falta, até a busca de uma atividade substituta para essa falta, um trabalho ou função social de prestígio ou autoridade, a falta de pênis é tratada como o mais importante fator específico que determina os destinos da sexualidade da mulher. De acordo com o autor, esses destinos seriam: à inibição ou à neurose; à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade; a feminilidade normal.

Ao final da conferência, Freud (1933/1996t) reconhece que o seu entendimento e formulações estão incompletos e fragmentários, e que nem sempre parece agradável. O autor reconhece que suas análises se restringem a ideia/proposição de que a natureza das mulheres é definida por sua função sexual, destacando que não despreza o fato da mulher poder ser “uma criatura humana também em outros aspectos” (p. 143). Com isso, ele reconhece, ao seu modo, os limites de seu empreendimento no que tange às demais determinações para a constituição da mulher, para além do entendimento de sua função sexual, possível ao autor até aquele momento de sua obra. E termina com a seguinte orientação a seu público:

... Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações e mais coerentes (143).

Nessa orientação ou conselho, Freud apresenta duas das principais fontes de conhecimento de suas análises psicanalíticas: a arte e a ciência. Ele alude à necessidade de indagar a experiência, ao que tudo indica, dos senhores, dos homens, presentes na conferência. Lendo esse conselho, é possível sugerir que a mulher parece ficar de fora ou à mercê do masculino “senhores”, “poetas” e “cientistas”. Nessa perspectiva sobre o saber da feminilidade parece faltar essencial: a consideração da mulher como aquela que tem autoridade e legitimidade para falar de sua posição, lugar e ponto de vista, não como pano de fundo do homem, mas como figura de si mesma.

Como homem, Freud não poderia falar diretamente da posição e/ou do lugar feminino, mas talvez no máximo dizer algo nesse sentido: se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, ouçam o que a mulher tem a dizer; se esforcem para apreender a diferença possível, e assim poderão se aproximar mais do concreto da experiência feminina; ouçam não somente as mulheres próximas, mas também as distantes. Se o enigma da feminilidade reside na bissexualidade, é justamente porque ela pode representar essa diferença por meio da lembrança daquilo que se perdeu no processo de diferenciação e constituição sexual.

Considerações Finais:
breve síntese dos resultados, limites e perspectivas

Enfim, chega-se ao final desse trajeto, depois de aproximadamente 4 anos de pesquisas, formulações e reformulações, escrita e reescrita, foi possível colocar um ponto final. Entende-se que esse ponto final não é conclusivo, mas apenas provisório e fecha esse trabalho no tempo cronológico e na finalidade o qual foi proposto. Acredita-se que o estudo empreendido nessa tese abre possibilidades para futuras pesquisas em psicanálise, que podem ser desenvolvidas a partir de muitas problemáticas e lacunas que esse deixou.

Procurou-se desenvolver nessa tese a epistemologia da sexualidade em psicanálise, que foi definida pelo presente pesquisador como uma subárea da epistemologia da psicanálise que se ocupa das formulações, dos fundamentos, das legitimações epistêmicas e do modo de pensar a sexualidade no interior da abordagem ou da tradição psicanalítica. A epistemologia da psicanálise é uma área que tem crescido no Brasil e no Mundo, adquirindo o estatuto de um campo específico de investigação. Uma das condições de existência desse campo é, sem dúvida, a relação proximal entre filosofia e psicanálise, cada vez mais presente nas universidades, escolas de formação e instituições onde se privilegia a pesquisa. Nessa relação, também entra a história com os seus métodos e conhecimentos, principalmente quando o objeto de estudo estiver restrito ao passado. Assim, a psicanálise tratada como uma abordagem psicológica e/ou ciência da psique, pode se tornar objeto de estudo histórico e filosófico, tal como é o caso desse trabalho.

Isso quer dizer que nessa tese, além de procurar demarcar essa área de investigação da epistemologia em psicanálise, cujo enfoque está na sexualidade, suas noções, conceitos e teorias, objetivou-se desenvolver um estudo sobre a constituição histórico-conceitual e sobre a legitimação epistêmica das formulações de sexualidades em Freud. A escolha de Freud não foi meramente acidental. Ele foi o fundador dessa nova abordagem/ciência que revolucionou

o modo de pensar e fazer pesquisa no decorrer do século XX. Apesar de Freud ser um autor amplamente estudado e suas teorias serem objeto de várias dissertações, teses e artigos, partiu do princípio/entendimento de que era necessário iniciar uma investigação sobre a epistemologia da sexualidade a partir do autor que fundou a abordagem e que expressou noções, formulou conceitos e teorias que influenciaram muitos outros autores, alguns que seguiram mais próximo do seu modo de pensar, outros que se distanciaram mais.

Foi constatado nessa tese ainda que a noção e o termo sexualidade, no percurso freudiano, aparecem com diferentes sentidos e entendimentos ao longo da obra de Freud. Foi útil a categorização, desenvolvida por Roudinesco e Plon (1998) de que não é necessariamente o termo sexualidade que se mostra importante nas formulações freudianas, mas o conjunto conceitual que permite a sua representação, que esses autores reduzem à *Trieb* (pulsão/instinto), libido, bissexualidade e apoio. A investigação demonstrou que tanto o termo sexualidade, como os demais desse conjunto conceitual aparecem com diferentes atribuições de sentido ao longo da obra freudiana. Assim, na investigação das origens e do desenvolvimento das concepções de Freud sobre a sexualidade ao longo de sua obra, mostrou-se necessário o entendimento da diferença entre noção e conceito, sobretudo para demarcar historicamente as conservações e modificações teóricas, a evolução conceitual e as diferentes atribuições de sentido.

Entende-se que a noção de sexualidade, na obra freudiana, representa um entendimento ou um saber ainda não plenamente formulado ou conceituado do ponto de vista teórico. E que o conjunto conceitual representa um esforço de sistematização das formulações freudianas, principalmente a partir do momento em que a sexualidade se torna um objeto epistêmico assumido pela psicanálise freudiana. Como verificado nesse estudo, a noção de sexualidade, no modo de pensar de Freud, é anterior ao conjunto conceitual (*Trieb*; libido; bissexualidade; apoio; sexualidade feminina; complexos de Édipo e castração). No entanto só

é possível uma categorização da sexualidade como noção em uma perspectiva diacrônica que considera os acontecimentos em seu processo histórico de passagem temporal. Essa perspectiva permite ao pesquisador/historiador apreender o processo de constituição teórica na obra freudiana.

Uma noção ou um conjunto nocional pode passar ao conceito ou ao conjunto conceitual, mas isso não quer dizer que essa desapareça ou que se transforme totalmente. A noção interessa unicamente ao estudo histórico-conceitual e epistemológico, pois essa depende de uma articulação histórica entre um momento posterior e outro anterior. Sua existência dependerá sempre de um *a posteriori* que adquiriu status conceitual ou que possui relevância temática na obra do autor. Isso levará o pesquisador/historiador a identificar e categorizar, a partir de um momento posterior, o que, em um momento anterior, pode ser entendido como noção, evidenciando que essa já carrega o germe daquilo que se desenvolverá enquanto conceito e teoria. Isso, entre outras possibilidades, permite a apreensão daquilo que se conserva ou se transforma no modo de pensar, no entendimento e na teoria do autor.

Pode-se dizer que, na obra freudiana, ocorre a passagem da noção de uma sexualidade aos conceitos e esses a teoria da sexualidade, e essa última às teorias sistemáticas de *Trieben*. Essa passagem ocorre orientada por uma perspectiva monista de ciência de inspiração naturalista. Suas fontes ou material de análises principais são: as experiências científico-clínicas de Freud com pacientes neuróticos, e principalmente com as histéricas, as obras de literatura científica de sua época e as obras de literatura não científica ou artística (romances, contos, novelas, tragédias, bíblias etc). Os estudos dessa tese não se debruçaram sobre o período que poderíamos chamar de “pré-científico” da história de Freud, apesar de apontar algumas relações entre a história pessoal de Freud – anterior a sua formação como um pesquisador e clínico – com as concepções de sexualidade: tal como é o caso da posição sexual e social, ou seja, o fato de ser homem, nascido em uma família judaica de classe

média, ter uma mãe mais jovem, 20 anos mais nova do que o pai e ter acesso a uma educação qualitativa em diversas disciplinas e áreas.

Esses fatos permitem, ao menos, remontar algumas características biopsicossociais das origens históricas do complexo de Édipo, importante formulação freudiana sobre um momento considerado determinante da sexualidade humana, e sobre o interesse geral de Freud pela sexualidade. O fato de ser judeu e ter entrado em contato via cultura ao arquétipo feminino de representação judaica – Eva surgir da costela de Adão – que, tal como apontado e discutido no trabalho, pode vir a reaparecer sobre a forma teórica de monismo sexual – a representação da libido masculina, a dependência da mulher do homem e/ou fato da mulher ser tratada como involuída, incompleta e castrada. Apesar desses fatos e aspectos da história pessoal de Freud terem sido apontados e brevemente discutidos, não foram analisados profundamente, merecendo o tratamento como um dos limites dessa tese quanto a essa temática. Seria necessário o desenvolvimento de uma pesquisa específica para apreender as relações entre a história pessoal e cultural de Freud com os conteúdos que se conservam ou se transformam em seu modo de pensar e fazer epistêmico.

Levando em consideração as produções científicas de Freud, com base nos estudos dessa tese, os estudos histórico-conceituais sobre sexualidade podem ser divididos em três momentos: o momento pré-psicanalítico, o momento psicanalítico intermediário e o momento psicanalítico da teoria da sexualidade. O momento pré-psicanalítico é de fato marcado pela íntima relação de Freud com as ciências naturais – das quais merecem destaque as ciências biológicas - e pela expressiva influência do darwinismo e do fisicalismo clássico. Tanto o primeiro artigo de Freud, publicado em 1877, como o primeiro livro, publicado em 1891, possuem forte influência das ciências naturais. No primeiro artigo é possível evidenciar que as preocupações com a sexualidade dos seres vivos já configuram um interesse e/ou uma ocupação primordial freudiana, antes mesmo dos *Estudos sobre histeria*. Pode-se dizer que o

autor já procurava o falo nas enguias – o que pode ser atribuído anatomicamente às glândulas sexuais lombadas desses animais.

Apesar de *Observações sobre as glândulas lombadas* ser um trabalho rigorosamente anatômico de zoologia (ou biologia animal), constatou-se que nele já pairavam preocupações com a diferenciação sexual entre macho e fêmea, o que possivelmente teria motivado a pesquisa com esses peixes, pois o reconhecimento das glândulas lombadas permite a confirmação da diferenciação sexual entre macho e fêmea. O macho possui as glândulas lombadas e a fêmea não. As investigações das diferenças sexuais seriam complexificadas com os estudos clínicos com seres humanos e levaria a outras formulações tais como: complexo de Édipo masculino/feminino, complexo de castração, sexualidade feminina e feminilidade.

No que compete ao trabalho *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, pode-se dizer que esse não seja um trabalho sobre a sexualidade, no entanto é um trabalho que demarca um interessante aspecto do modo de pensar e da atitude epistêmica freudiana: a problematização e o questionamento do simplismo organicista, considerando as complexas relações entre estrutura biológica/inata dos seres, a influência do meio (ambiente; social/cultural) e as funções motoras e/ou de comportamento. Essa mesma atitude epistêmica está presente nos *Três ensaios*, no qual o autor entende que a sexualidade humana, para além de uma função reprodutiva inata, passa por um processo constitutivo no qual as relações com o meio e com os outros são determinantes para o seu destino ou função futura.

Ainda no período pré-psicanalítico, precisamente a partir do momento quando há no modo de pensar de Freud o entendimento e a formulação de uma etiologia sexual, ou seja, um procedimento teórico-metodológico que procura explicar a causa da neurose, relacionando-a a experiências sexuais. Essa etiologia está presente no pensamento de Freud desde o ano de 1893, antes dos *Estudos da histeria*, e evidencia o interesse e os primeiros esforços freudianos em procurar e encontrar a sexualidade. Interesse que se procurou demonstrar que,

inicialmente, está *a priori* à experiência de pesquisa e à constituição e legitimação do método psicanalítico.

Foi possível constatar no estudo dos trabalhos iniciais de Freud, o aparecimento de alguns termos que seriam integrados ao conjunto conceitual da sexualidade: *Trieb*, libido e bissexualidade. No entanto, os mesmos não aparecem articulados conceitualmente em uma teoria da sexualidade. O termo *Trieb* aparece no *Projeto* com o sentido de “mola impulsora” e de um componente do sistema psi no qual deriva o impulso que sustenta toda vida psíquica, conhecido também como vontade, não se referindo diretamente ao sexual ou a uma teoria da sexualidade, tal como a conceituação de *Trieb* dos *Três ensaios*. No *Projeto*, a sexualidade aparece representada em dois sentidos, um genérico e outro específico: no sentido genérico é concebida como uma atividade dos organismos complexos a ser inicialmente explicada pela teoria da estrutura e do funcionamento neuronal; no sentido específico está associada a uma concepção etiológica e psicopatológica do trauma neurótico/histérico – etiologia sexual do trauma - e não poderia configurar o aparelho psíquico de pessoas normais, pois era concebida como ausente na infância e manifesta somente na puberdade.

Libido também não representava, no período pré-psicanalítico e também nos primeiros anos do período psicanalítico, um conceito de uma teoria articulada da sexualidade. Se limitando, por vezes, a representar o sentido de energia sexual, na perspectiva próxima de Moll e Kraft-Ebing. Foi possível observar que o termo aparece mais nas cartas de Freud a Fliess, em discussões de casos clínicos, do que nas publicações pré-psicanalíticas. Por sua vez, o termo bissexualidade é devidamente usado por Freud no sentido sexológico, referindo à predisposição biológica da sexualidade nos seres vivos dotada de dois elementos (macho/fêmea; masculino/feminino), presente nos animais e seres humanos. Até meados de 1905, Freud parece aceitar a bissexualidade de todos os seres vivos tal como formulada por Fliess. No que compete ao apoio, sua primeira noção aparece referente à vinculação entre

necessidades instintivas e necessidades sexuais no contexto da teoria da sexualidade dos *Três ensaios*.

No período pré-psicanalítico, Freud se orienta por concepções científico-filosóficas utilitaristas, fiscalistas clássicas, físico-químicas e biologicistas. No *Projeto*, foi possível observar o uso combinado dessas concepções no intuito de edificar e legitimar uma teoria especulativa do neurônio, que foi representado nessa tese como o primeiro objeto epistêmico elencado por Freud. Nomeou-se de metaneurologia dinâmica, a disciplina desenvolvida pelo autor nesse processo especulativo. É dessa disciplina que derivam muitas das bases teórico-metodológicas da psicanálise em importantes obras tais como *A interpretação dos sonhos* e *Além do princípio de prazer*.

Foi possível constatar que algumas das concepções científico-filosóficas que Freud utiliza para especular e legitimar uma teoria do neurônio e do sistema nervosos no *Projeto* são utilizadas para tentar dar legitimidade a teoria da sedução. Essa teoria que aparece no artigo *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*, o primeiro artigo onde aparece o termo método de psicanálise, é legitimada por uma perspectiva empiricista e fiscalista que procura explicar todas as neuroses (efeito) a partir de um abuso sexual real contra uma criança, causado por um adulto ou uma criança ou adolescente antes abusado. Além do simplismo e de um reducionismo causalista dessa teoria que se foca na ideia de uma causa única, existe o problema da validade das fontes: por vezes as históricas fantasiavam a partir de acontecimentos reais. No entanto, defende-se que a teoria da sedução foi a primeira teoria da sexualidade de Freud, assumidamente psicanalítica, onde há a tentativa de explicar os fenômenos patológicos atuais a partir de eventos sexuais do passado.

Os estudos permitiram constatar que do *Projeto* para *A Interpretação* ocorre uma passagem, em termos epistêmicos, que se expressa tanto na substituição de uma linguagem teórico-conceitual neurológica (ou metaneurológica) para outra metapsicológica. Nessa

passagem, ocorre também a substituição do objeto epistêmico neurônio para os sonhos. E essa modificação se deu mais a nível metodológico, do que ontológico. Ou seja, o que se modifica estruturalmente nessa passagem é a edificação de um método para a apreensão do sentido dos sonhos, que se torna passível de ser investigado, tornando-se um objeto epistêmico. Assim, defende-se nessa tese: o que se conserva nesse processo é justamente a ontologia de Freud, ou seja, a sua visão de mundo de homem e mundo e sua concepção de ser, marcadas pelo naturalismo, o que se chamou de naturalismo freudiano. Esse naturalismo também define a posição epistemológica monista frente às demais formas de representar e demarcar o que é entendido como ciência.

Foi constatado que em *A interpretação* ainda não existia uma teoria da sexualidade sistematizada, não aparecendo referências ao seu conjunto conceitual. *Wunsch* (desejo) é um dos conceitos centrais dessa obra e, tal como a própria delimitação de seus significados em alemão, não possuía uma acepção sexual. Seu sentido remete ao imaginário, ao ideal, ao sonho e aos objetivos mais distantes, e o uso freudiano busca a aproximação entre aquilo que é alucinado, desejado e pensado, não se referindo aos conteúdos, temas e/ou conceitos que remetem à sexualidade. O estudo do Caso Dora e do contexto de sua escrita são importantes, sobretudo por mostrar um esforço em apresentar concepções de sexualidade - mesmo que ainda não sistematizadas em uma teoria - pra interpretar os sonhos (de Dora) e assim explicar e tratar a neurose histérica. No contexto da escrita e publicação do Caso Dora de 1901-1905 sustentou-se que ocorre uma passagem do *Wunsch* genérico de *A interpretação* para o *Trieb* sexual dos *Três ensaios*. Essa passagem é precedida por uma constatação de Freud da ausência de uma teoria da sexualidade no conteúdo e no método de interpretação dos sonhos.

Comparada *A interpretação* com os *Três ensaios* no contexto da obra freudiana, foi constatado que não houve a substituição de um objeto epistêmico para outro. O que ocorre é a adição da sexualidade como um novo objeto epistêmico nas investigações freudianas.

Diferente dos neurônios do *Projeto* que são substituídos pelos *sonhos*, esses últimos passam a conviver epistemicamente com a sexualidade dos *Três ensaios*. O conceito de *Trieb* sexual é o principal dessa última obra. Tanto a libido, quanto a bissexualidade aparecem em uma possível articulação teórica a esse conceito. O apoio e a sexualidade feminina, no contexto dos *Três ensaios*, não apareceram como conceito, mas sim como noções que permitem entender a sexualidade. Apoio aparece como a vinculação entre necessidades instintivas e necessidades sexuais. A bissexualidade aparece como uma predisposição inata que também exerce influência sobre o psíquico.

Nos *Três ensaios* existe uma tensão entre o aspecto polimorfo da sexualidade, representado pela parcialidade do *Trieb* em suas correspondentes zonas erógenas, e a função reprodutiva – expressa principalmente no terceiro ensaio que aborda sobre as transformações da puberdade. No terceiro ensaio dessa primeira edição, Freud, procurou conjugar os aspectos ou as tendências perverso-polimorfas da sexualidade infantil às funções reprodutivas da sexualidade puberta e adulta, procurando encaixar a primeira na segunda para assim cumprir o papel normal: a reprodução e, por consequência, a perpetuação da espécie. Esse procedimento teórico leva ao entendimento da atribuição freudiana de um sentido finalista para o complexo problema da sexualidade antes apresentado no primeiro e no segundo ensaio. Esse fato leva a considerar os *Três ensaios* da primeira edição como uma tensão permanente entre duas tendências da sexualidade humana: a poliforma – que não possui um alvo *a priori* – e a função reprodutiva – cujo alvo pode ser associado ao finalismo da reprodução.

Entende-se que o conceito de *Trieb* representa um dos mais importantes conceitos na representação da sexualidade e um dos que mais recebeu reformulações por parte de Freud, expressas na primeira e na segunda teoria sistemática. A primeira teoria pode ser entendida como extensão das problemáticas do *Projeto* e dos *Três ensaios*. Foi possível identificar que Freud se mantém fiel às ciências naturais, tanto na forma como relaciona os conhecimentos

dessas ciências com suas formulações psicanalíticas, tais como a física, quanto como utiliza os conhecimentos, as leis e as perspectivas dessas para legitimar suas formulações. O *Trieb*, por exemplo, possui em sua formulação, uma importante base biológica que se conserva desde os *Três ensaios*, se complexificando na primeira e na segunda teoria de *Trieben*. Na primeira teoria sistemática, o entendimento de sexualidade encontra-se intimamente relacionado aos *Trieben* sexuais em uma relação dualística de oposição que esse estabelece com os *Trieben* de autoconservação. A sexualidade é representada também em termos de meta e destinos.

Na segunda teoria de *Trieben*, em *Além do princípio de Prazer*, o entendimento teórico-conceitual da sexualidade é deslocado para a teoria de *Trieben* de vida e morte. Isso quer dizer que, nesse trabalho, essa ocupa um papel de um componente teórico-conceitual a ser explicada pela teoria de *Trieben*. Freud desenvolve nesse trabalho uma teoria geral que abarca as origens dos seres inanimados e animados, esses últimos às quais a sexualidade aparece associada. Defende-se, nessa tese, que a segunda teoria de *Trieben* exerce um impacto epistêmico na forma como Freud representa a sexualidade geral, o que possibilita um caminho para a teorização da sexualidade feminina. Levantou-se a hipótese de que esse impacto se dá pelo fato de Freud assumir uma postura epistêmica radicalmente dualista. As formulações de *Além do princípio de prazer* possibilitam um entendimento de duas forças antagônicas que operam sobre os seres vivos e também sobre a sexualidade.

As formulações do segundo dualismo de *Trieben*, ao expressarem uma maior relação do saber psicanalítico com a ciência biológica e também com a formulação platônica sobre o amor representada no mito do Andrógino, parecem trazer outro entendimento de sexualidade feminina, não como efeito faltoso oriundo da sexualidade do homem, mas como originária do mesmo princípio geral que também teria produzido essa. A sexualidade feminina seria uma parte originária de um todo que se decompõe em partes e que, futuramente, se

complementariam. Nesse entendimento, observa-se a valorização da diferença sexual e da complementaridade entre os sexos para além do aspecto faltoso do feminino, atribuído por Freud, por vezes, à ausência de pênis, à inveja do pênis e à castração feminina. Assim, foi possível sugerir, a partir do *Trieb* de vida e do *Trieb* de morte, dois tipos de faltas que podem avançar na direção dualista do entendimento da sexualidade: a falta retrógrada e a falta anterógrada.

Buscou-se representar no que denominou falta retrógrada, um tipo de necessidade relacionada ao *Trieb* de morte, responsável por um movimento em direção ao estado anterior. Por sua vez, a falta anterógrada ou falta de vir a ser, representa um tipo de necessidade relacionada ao *Trieb* de vida, responsável por um movimento para à frente. Ambos os movimentos estão diretamente direcionados a morte: o primeiro busca alcançá-la em um movimento de retorno, que em última medida alcançaria a morte pelo desaparecimento, ou seja, pelo retorno ao estado inanimado dos seres; o segundo busca alcançar a morte do indivíduo pela frente, escapando de sua antecipação, mas tende, nesse período de vida, a produção de um terceiro que garante o ciclo desse movimento. O entendimento dessas duas modalidades de falta, a partir das formulações do segundo dualismo de *Trieben* são importantes para se pensar e problematizar as diferenças entre sexualidades masculinas e femininas em sua relação com o retorno ao estado anterior e ao retorno da vida da espécie, movimentos que são conservadores. Mas nessa tese apenas iniciou-se essa reflexão, que pode ser desenvolvida em trabalhos vindouros.

Nessa tese, constatou-se ainda que Freud expressou, por vezes, um posicionamento ético-político conservador e a-feminista no que compete à elaboração de trabalhos de autores e principalmente autoras que destoam do seu entendimento de suas formulações do complexo de Édipo e do complexo de castração. Esse posicionamento se expressa para defender o modelo fálico-castrado da sexualidade feminina, que, como apresentado, representa também a

aplicação dos mesmos termos (falo; Édipo; castração), utilizados para definir a sexualidade masculina – embora conceituados a partir do reconhecimento de que são diferentes processos. No entanto, a diferença sexual fundamental e determinante para a sexualidade feminina reside na concepção da falta de pênis. É dela que surgem todos os conflitos e destinos da mulher. Apesar de Freud, em *Feminilidade*, se esforçar para corrigir o equívoco da equiparação ativo-masculino e passivo-feminino – que ele fez, por vezes, em sua obra e que também leva à possível desmaculinização da libido, o modelo fálico-castrado permanece central em sua concepção de sexualidade feminina. Acredita-se que as condições para a problematização da sexualidade feminina e do modelo fálico estão postas *no Além do princípio de prazer*. Mas esse é outro assunto específico a ser desenvolvido em outro trabalho.

De maneira geral, os estudos dessa tese permitiram constatar que o naturalismo freudiano, entendido como naturalismo aberto ao fenômeno natural é determinante para deslocar a sexualidade para um objeto epistêmico das investigações psicanalíticas. Tal como os sonhos, o método do relato psicanalítico também passa a apreender a sexualidade. Nessa tese, procurou-se tratar o modo de pensar e a perspectiva epistêmica de Freud, representados no naturalismo aberto ao fenômeno natural em duas dimensões: uma ontológica e a outra epistemológica.

A dimensão ontológica representa a visão de homem e mundo e a concepção de ser de Freud. É onde, de fato, reside o seu conservadorismo epistêmico que pode ser expresso na seguinte proposição: o homem é um ser natural que convive com os seus semelhantes e outros seres animados e inanimados em um mundo natureza, gerido por forças físico-químicas e biológicas. Pode-se afirmar que em Freud existe uma ontologia do ser natural desde o início de suas publicações científicas. Essa ontologia se especifica em ontologia do ser sexual e, posteriormente, se amplia em ontologia do ser pulsional/instintual (*Trieb*). Defende-se que essa ontologia é, majoritariamente, dualística, ou seja, trata os seres a partir de duplas de

opostos: homem/mulher; vida/morte; sexual/autoconservação entre outros. Mas como explicar o monismo da libido, mesmo após Freud ter supostamente operado a sua desmasculinização? A justificativa poderia vir da ideia de que a libido é a energia sexual única, ou seja, aquilo que se conserva do ser uno, de forma mais elementar, não ainda diferenciada em sexos (macho/fêmea; masculino/feminino), da qual derivaria a vida.

Diferentemente da dimensão ontológica, a dimensão epistemológica do naturalismo freudiano é monista. Isso quer dizer que o autor faz a escolha pelas ciências naturais e evita o debate epistêmico com as ciências do espírito/humanas/sociais. Com isso, não quer dizer que Freud aplique com rigor científico os métodos e procedimentos das ciências naturais de sua época. É aí que reside um aspecto interessante do pensamento freudiano: os fenômenos que Freud se atreve a investigar são novos e as teorias e métodos das ciências naturais não conseguem apreendê-los e tampouco explicá-los. Assim, Freud precisa desenvolver o seu próprio método no processo da experiência de investigação e tratamento, mas sua inspiração está *a priori* e se dá por via de uma epistemologia de inspiração naturalista, recorrendo grandes sistemas da física clássica, da biologia, e da filosofia da natureza por exemplo. Pode-se afirmar que a epistemologia freudiana, pensada aqui em termos metodológicos, não é rígida, mas flexível permitindo as diversas passagens metodológicas: do *Projeto* para *A interpretação*; da *A interpretação* para o *Caso Dora*; do *Caso Dora* para os *Três ensaios*. Isso evidencia que o conservadorismo freudiano remete mais a dimensão ontológica – remete a sua visão de homem e mundo e concepção de ser – do que à dimensão epistemológica – sua concepção, método ou modo de fazer ciência.

Ainda no que se refere à síntese dos estudos dessa tese, é importante também refletirmos sobre o a-feminismo freudiano que frequentemente aparece em discussões sobre a sexualidade feminina, principalmente no que tange à atividade das mulheres. Trata-se de um aspecto, por vezes preconceituoso, que se refere ao conservadorismo ético-político de Freud.

É expresso para deslegitimar críticas e outras construções teóricas, principalmente de mulheres e opositores de sua teoria em geral. Tal como apresentado nessa tese, às vezes, esse a-feminismo é expresso como um argumento de autoridade e se torna ainda mais frágil do ponto de vista lógico-epistêmico. Usou-se o termo a-feminismo e não anti-feminismo, porque o estudo permitiu constatar que Freud nega algumas contribuições do feminismo – por vezes para sustentar a legitimidade de suas teorias do complexo de Édipo e castração. No entanto não existe um combate fervoroso e persistente a essa forma epistêmica, caso do anti-feminismo. No entanto, entende-se que o a-feminismo é um limite do modo de pensar freudiano e seu estudo específico também é outro limite dessa tese. São necessários outros estudos históricos e epistêmicos mais aprofundados sobre a postura freudiana frente ao feminismo para elucidar as lacunas que esse trabalho deixou.

Para finalizar, vale repetir para recordar e talvez elaborar que esse trabalho não encerra esse extenso e complexo assunto, apenas finaliza o processo. Outros trabalhos serão necessários para especificar os temas mais panorâmicos e as lacunas. É certo que com os méritos e limites que lhes são próprios, foi possível demarcar a área da epistemologia da sexualidade em psicanálise, tendo como primeiro objeto de estudo, o próprio fundador da psicanálise, suas formulações e modo de pensar a sexualidade. Sem dúvida, por sua própria especificidade, essa tese se ateve mais no Freud pesquisador e pensador e menos no clínico. Que esse trabalho seja uma ponte para outros e não um fim. Que seja aberto às críticas constritivas daqueles que desejam contribuir para que saber trilhe o caminho da verificação qualificada da filosofia e da ciência. E isso é tudo, por enquanto!

Referências

- Abbagnano, N. (2014). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ades, C. (2001). Freud, as enguias e a ruptura epistemológica. *Psicologia USP*, 12(2), 125-135.
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200010
- Alizade, M. (2008). Feminilidade primária – feminilidade estrutural. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 153-159.
- Amaral, M. G. T. (1995). Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. *Psicologia USP*, 2 (6), 63-86.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771995000200004&lng=pt&tlng=pt.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise* (trad. por Francisco Franke Settineri). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Arán, M. R. (1997). A diferença como singularidade: sobre a questão da feminilidade na obra freudiana. *Série Estudos em Saúde Coletiva*, n.156.
- Arán, M. R. (2000). Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. *Physis* (Revista Saúde Coletiva), 10(1), 169-195.
- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Assoun, P. L. (1996). Freudisme et darwinisme. In P. Tort (Ed.), *Dictionnaire du Darwinisme et de l'évolution* (pp. 1741-1763). Paris: PUF.
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000100&pid=S01035665201300020000700003&lng=en
- Bass, A. (1997). The status of na analogy: psychoanalysis and physics. *American Imago*. 54 (3), 235-256.
<http://www.jstor.org/stable/26304347>.
- Bezerra Junior, B. (2013). *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. *Natureza Humana*, 8 (1), 163-18.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302006000100005&lng=pt&tlnt.

- Bissoli, S. S. P. (2005). A noção de constância no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1895 [1950]) e em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920). *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 3 (5), não paginado.
<https://docplayer.com.br/7597096-A-nocao-de-constancia-no-projeto-para-uma-psicologia-cientifica-freud-1895-1950-e-em-alem-do-principio-de-prazer-freud-1920.html>
- Bochi, J. C. & Viana M. B. (2012). Freud, as neurociências e uma teoria da memória. *Psicologia USP*, 23(3), 481-502.
<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v23n3/v23n3a04.pdf>
- Breuer, J. & Freud, S., (1996). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Volume 2, (39-56). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1893).
- Certeau, M. (2002). *A escrita da história* (M. L. Menezes, trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Carneiro, C. A. (2017). Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília.
- Carvalho, V. O. (2018). O território da ciência da natureza em Freud. [Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental]. São Paulo, São Paulo.
- Catão, A. M. L. (2018). Epistemologia e crítica na obra de Georges Politzer: dos fundamentos da psicologia clássica à psicologia concreta. *Espaço Livre*, 13 (26), 82-96.
<https://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/797/698>
- Celes, L. A. M. (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do caso Dora* (1º edição). Brasília: Editora UNB.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *A sexualidade feminina – uma abordagem psicanalítica contemporânea* (P. C. Ramos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Darwin, C. R. (1859/2004). *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret.
- Davies, & Fischer, G. ed. (2004). *Freud’s library – a comprehensive catalogue*. London, Tübingen: The Freud Museum, edition diskord.
<https://www.freud.org.uk/wp-content/uploads/2019/09/FREUDS-LIBRARY-A-COMPREHENSIVE-CATALOGUE.pdf>
- Demo, P. (1994). *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Derrida, J. (1980). *La carte postale: de Socrate à Freud et au-delà*. Flammarion: Paris.

- Dunker, C. I. L. (2011). O nascimento da clínica. In Duncker, C. I. L. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.
- Ferretti, M. G. & Loffredo, A. M. (2013). A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana. *Psic. Clin*, 25 (11), 109-130.
<https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000200007>
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *J. Psicanal.*, 39(70), 257-278.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352006000100017&lng=pt&tlng=pt.
- Fiorini, L. G. (2009). As mulheres no contexto e no texto freudianos. *Jornal de Psicanálise*, 42 (76): 121-135.
- Fiorini, L. G. (2014). Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (4), 47-57.
- Foucault, M. (1998). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13^o edição). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1877). Beobachtungen über Gestaltung und feineren Bau der als Hoden beschriebenen Lappeorgane. *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe*, 75, 419-431.
<https://www.biodiversitylibrary.org/item/35390#page/10/mode/1up>
- Freud, S. (1986a). Carta de 30 de maio de 1893. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 49-50). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986b). Carta de 30 janeiro de 1894. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 65-66). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986c). Carta de 18 de agosto de 1894. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 90-91). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986d). Carta de 06 de dezembro de 1896. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 208-216). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986e). Carta de 21 de setembro de 1897. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 265-268). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

- Freud, S. (1986f). Carta de 11 de outubro de 1899. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 380-381). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986g). Carta de 14 de outubro de 1900. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 427-429). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986h). Carta de 10 de janeiro de 1901. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (p. 433). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986i). Carta de 25 de janeiro de 1901. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 433-434). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1986j). Carta de 30 de janeiro de 1901. In J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* (pp. 435-437). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996a). Histeria (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume 1 (75-94)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1888).
- Freud, S. (1996b). Esboços para a “comunicação preliminar” de 1893 (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume 1 (189-199)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1892).
- Freud, S. (1996c). As neuropsicoses de defesa (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume 3 (50-67)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, S. (1996d). A psicoterapia da histeria (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume 2 (50-67)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996e). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (ed.) *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 1,(339-410)*, Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996f). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume 3 (165-186)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1896).

- Freud, S. (1996g). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. 3, (pp. 145-163), Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896)
- Freud, S. (1996h). A sexualidade na etiologia das neuroses. In J. Strachey (ed), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. 3, (250-272). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1898).
- Freud, S. (1996i). A Interpretação dos Sonhos (I) (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 4 (13-365). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1996j). A Interpretação dos Sonhos (II) (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 5 (371-780). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1996l). Fragmento da análise de um caso de histeria (M.A.M. Rego, trad.). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII, (163-195), Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996m). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (M.A.M. Rego, trad.). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII, (163-195), Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996n). Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIII, (13-169), Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1996o). Dois verbetes de enciclopédia (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 18 (243-268). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1996p). A organização sexual infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade) (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 19 (pp. 158-164). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1996q). A dissolução do complexo de Édipo (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 19 (pp. 192-202). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1996r). Uma breve descrição da psicanálise (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 19 (pp. 213-236). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1996s). Sexualidade feminina (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 21 (236-258). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1931).

- Freud, S. (1996t). Feminilidade (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume 22 (121-144). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (2004a). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a Psicologia do inconsciente*, vol. 1 (pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2004b). Pulsões e destinos da pulsão. In *Escritos sobre a Psicologia do inconsciente*, vol. 1, pp. 133-173, Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2004c). O recalque. In *Escritos sobre a Psicologia do inconsciente*, vol. 1, pp. 175-193, Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2006a). Além do princípio de prazer. In *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol. 2, pp. 123-198, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2013). *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. (E. B. Rossi, trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891)
- Gabbi Junior., O. F. (1987). Projeto para uma psicologia científica: máquina falante ou fala maquinal? *Discurso*, (16), 95-130.
<https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1987.37921>
- Gabbi Junior., O. F. (1998). Considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise. In: G. Politzer, *Crítica aos Fundamentos da Psicologia – a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba-SP: UNIMEP.
- Gabbi Junior., O. F. (2003). *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (1991) Introdução à metapsicologia freudiana (vol. 1). Rio de Janeiro: Zahar.
- Glymour, Clark (1992). Freud`s android. In Neu J. (Ed). *Cambridge Companion to Freud* (pp. 44-85). Cambridge University Press: Cambridge.
- Gomes, G. (2001). Os dois conceitos freudianos de Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17,(3), 249-245.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>
- Halberstadt-Freud, Hendrika (2006). Electra versus Édipo. *Psychê*, 10(17), 31-54.
- Hans, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Krafft-Ebing, R. (2012). *Psychopathia sexualis*. Londres: Forgotten Books. (Originalmente publicado em 1894).

- Jorge, M. A. C. (2007). A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). *Psychê*, 11(20), 29-46.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382007000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Jorge, M. A. C. (2017). *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan* volume 3: a prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa* (7^o ed.) São Paulo: Atlas.
- Loffredo, A. M. (2017). Um texto freudiano surpreendentemente esquecido: “sobre a concepção das afasias: um estudo crítico”. *Estilos da Clínica*, 22(1), 166-184.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p166-184>
- Lopes, A. J. (2011). Breve introdução a uma história da libido: poetas latinos, Santo Agostinho e Freud (via Foucault). *Estudos de Psicanálise*, 35, 23-40.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n35/n35a03.pdf>
- Kristeva, J. (2005). Sexualidade feminina. In: A. Mijolla, *Dicionário Internacional de Psicanálise*, (pp. 1714-1715). Rio de Janeiro: Imago.
- Masson, J. M. (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- David-Ménard, M. D., & Maranhão, B. (2015). Como ler Além do princípio do prazer? *Reverso*, 37(69), 99-112.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952015000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Mezan, R. (2011). *Freud: a trama dos conceitos* (5^o ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Newton, I. (2016). *Principia: princípios matemáticos de filosofia natural* (2^o ed., publicação original de 1687). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Platão (1995). O banquete; ou Do amor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia – a psicologia e a psicanálise*. (Trad. Marcos Marcionilo & Yvone M. T. da Silva). Piracicaba, SP: UNIMEP.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Saad, A. C. (2002). Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36 (3), 603-629.

- Safatle, V., da Silva Júnior, N., & Dunker, C. (2018). *Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica
- Santos, N. T. G. & Fortes I. Algumas considerações sobre o campo do biológico em Freud, Laplanche e Lacan. *Psi Clin*, 25 (11), pp. 131-149.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Schneider, M. (2005). Feminilidade. In: A. Mijolla, *Dicionário Internacional de Psicanálise*, (pp. 702-704). Rio de Janeiro: Imago.
- Silva, D. Q., & Folberg, M. N. (2008). De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de Psicanálise*, (31), 50-59.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372008000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Simanke, R. T. A. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, 7(2), pp. 221-35.
<https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>
- Simanke, R. T. (2013). A universalização da falta: o risco normativo da psicanálise lacaniana. *Winnicott E-prints*, 7 (1), pp. 49-79.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2012000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Simanke, R. T. A. (2014a). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, v. 12, n. 1, 73-95.
<https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000100004>
- Simanke, R. T. A. (2014b). O Trieb de Freud como instinto 2: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12 (3), 439-464.
<https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000300003>
- Simanke, R. T. A & Caropreso, F. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In Birmam, J., Cunha, E. Kuppermann, D. & Fulgencio, L. (orgs.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Strachey, J. (1996a). Introdução do editor inglês (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 4, (pp. 17-28). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Strachey, J. (1996b). Nota do tradutor inglês (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 7, (pp. 15-18). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Strachey, J. (1996c). Nota do tradutor inglês (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 7, (pp. 119-124). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Strachey, J. (1996d). Nota do editor inglês (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 21, (pp. 237-238). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Strachey, J. (1996e). Nota do editor inglês (M.A.M. Rego, trad.). In J. Strachey (ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Volume 22, (pp. 13-14). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Tupinambá, G. (2014). A psicanálise é um trabalho?: Uma profissão impossível e o conceito marxista de trabalho. *Tempo psicanalítico*, 46(1), pp. 27-43.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000100003&lng=pt.

VandeBos, G. R. (2010). *Dicionário de psicologia da APA*. Porto Alegre: Artmed.

Vieira, T. L. F. (2005). *O Projeto para uma psicologia científica de Sigmund Freud*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da Ciência – Pontifícia Universidade de São Paulo, SP, Brasil.